

ESTE CABEÇALHO PODE VALER LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
SEXTA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 1971

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 17 409 ANO 51.º PREÇO 1\$50

TAPETES
CARPETS
Carpelio
UM PRODUTO DA
CARPELIO MALHAS, S.A.R.L. - TROFA
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
ELIO AMORIM & FILHO, LDA.

Modificada a legislação sobre bilhetes de identidade registo criminal e policial

Um decreto hoje publicado no «Diário do Governo» adapta algumas normas regulamentares dos serviços de identificação às exigências de automatização, especialmente nos aspectos destinados à passagem dos bilhetes de identidade e de certificados, bem como à organização dos respectivos processos individuais e boletins cadastrais.

Os pedidos de bilhete de identidade terão de ser acompanhados de duas fotografias, certidão de nascimento, modelo especial. A validade de documentos para o efeito é de três meses. Para renovação do bilhete de identidade deve ser entregue o bilhete anterior e duas fotografias.

Os bilhetes de identidade terão os seguintes elementos: número individual, nacionalidade, nome completo, filiação, naturalidade, residência, data do nascimento, estado civil, fotografia, impressão digital, altura, assinatura.

Os nomes próprios serão escritos sempre com a ortografia oficial, independente-

mente da assinatura dos próprios, esta com liberdade ortográfica.

As novas disposições regulam também o registo criminal, o registo especial de menores e o registo policial.

JOVEM LEITORA:

uma
iniciativa
do DL

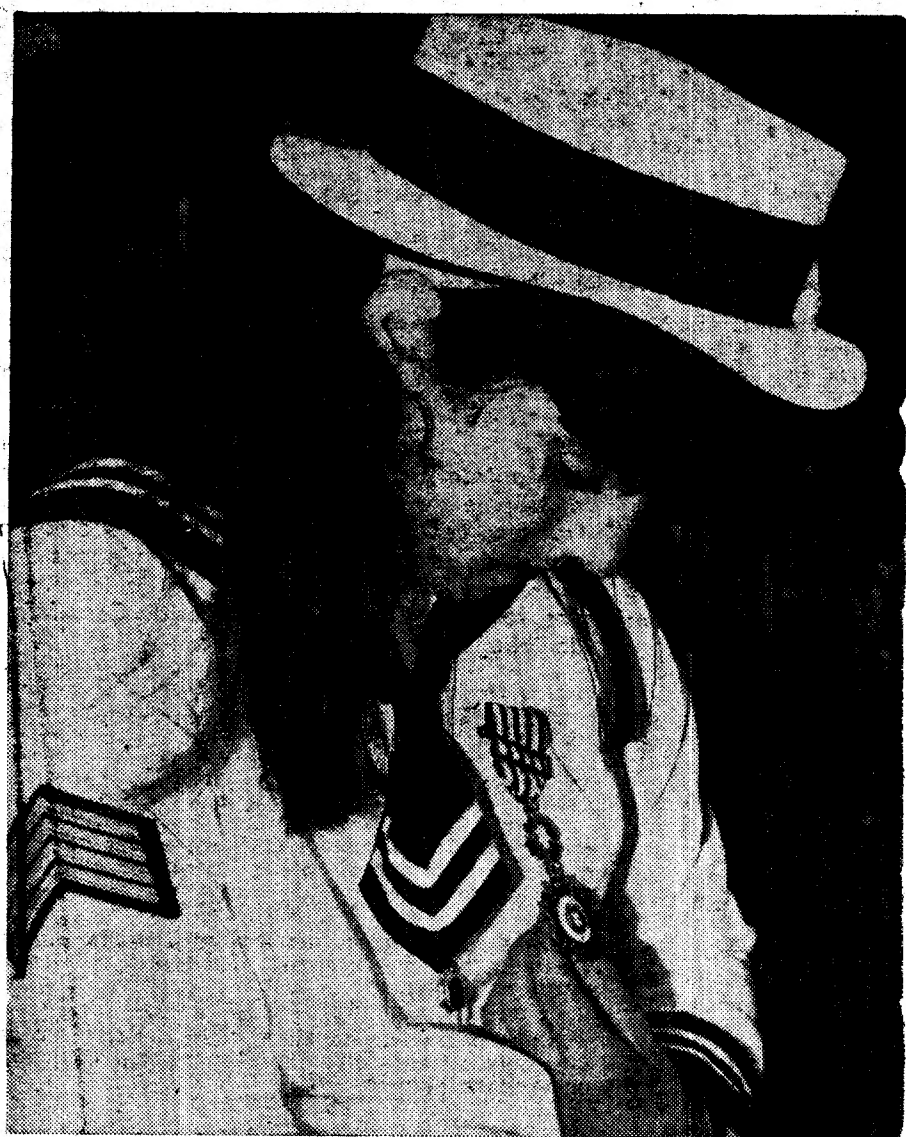
TEM
DOIS
DIAS

PARA SE CANDIDATAR

Casamento amanhã na Casa Branca

WASHINGTON, 11 (R.) — Estão em curso na Casa Branca os últimos preparativos para o casamento da filha do presidente Nixon.

Amanhã, pouco depois das 4 horas da tarde, Tricia casar-se-á com Eddie Cox.



No Terreiro do Paço, durante as cerimónias do «Dia de Portugal», Laura da Piedade Silva Borges subiu, por duas vezes, os degraus da Tribuna Central. Foi receber a Medalha de Cobre Valor Militar com Palma e a Medalha de Cobre de Serviços Distintos com Palma, condecorações concedidas a título póstumo ao 1.º sargento dos Fuzileiros Navais, Manuel Joaquim Borges. Duas recordações a perpetuar a memória do seu pai. (Ler reportagem na pág. 22)

VIAJAR PELO MUNDO [sem gastar] UM PRAZER AO SEU ALCANCE



Um dos motivos de maior interesse, razão do entusiasmo que contagiou muitos milhares de leitores participantes na nossa iniciativa, é, sem dúvida, a oportunidade posta ao seu alcance de poderem vir a conhecer grandes cidades da Europa e das Américas com que muitos so-

nham sem que, com os próprios recursos, lhes fosse possível realizar os seus desejos.

Viajar pelo mundo, passar férias agradáveis em lugares distantes, noutros hemisférios, está, porém, ao alcance dos que tomam parte na segunda fase desta iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso jornal. Com a colaboração das companhias

(Continua na pág. seguinte)

HOJE 40 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA

FAVORITISMO TOTAL DA PORSCHE PARA AS 24 HORAS DE LE MANS

LE MANS, 11 — (Do nosso enviado especial Augusto Vilela, por «telex») — Como se esperava a Porsche demonstrou novamente, nas

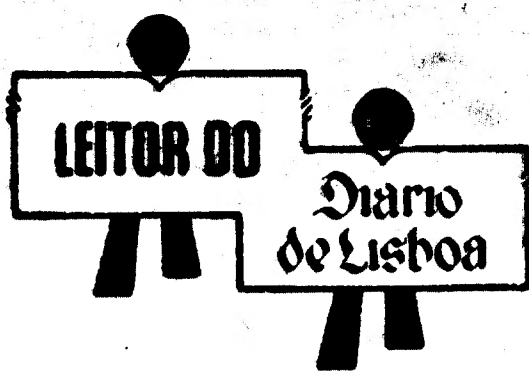
sessões de treino de ontem e anteontem, que é a grande favorita, uma vez mais, nas 24 Horas de Le Mans. Efectivamente, os «917» ba-

teram todos os máximos da pista, que estavam em 3 m e 21 s, revelando-se impres-

(Continua na 6.ª página)



Ana Bela Viegas Cirilo foi uma das finalistas do concurso das «Teen-Agers» de 1970. É estudante, tem 18 anos e volta este ano a concorrer porque achou agradável e simpático o ambiente que rodeou a eleição da «Princesa das Teen-Agers Portuguesas» no ano passado. Você, jovem leitora, pode ser também uma das candidatas. Leia as condições na 9.ª página



(Continuação da 1.ª página)

de aviação Varig, Canadian Pacific e SAS, leitores do «Diário de Lisboa» que participam nesta grande realização do nosso jornal, com um acompanhante (família ou amigo) poderão passar férias inesquecíveis (pois têm assegurada uma estadia de oito dias para duas pessoas) no Rio de Janeiro, em Toronto e Montreal (com visita às famosas Cataratas do Niagara), na Escandinávia, com escala em Copenhague, Oslo e Estocolmo, em Paris, Londres, Roma e Frankfurt. Serão, sem dúvida, férias inesquecíveis

que estão também, ainda, ao seu alcance. Se o não fez, não demore mais tempo: recorte e preencha, com letra

ASSINATURAS

Acceptam-se assinaturas do «Diário de Lisboa» pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

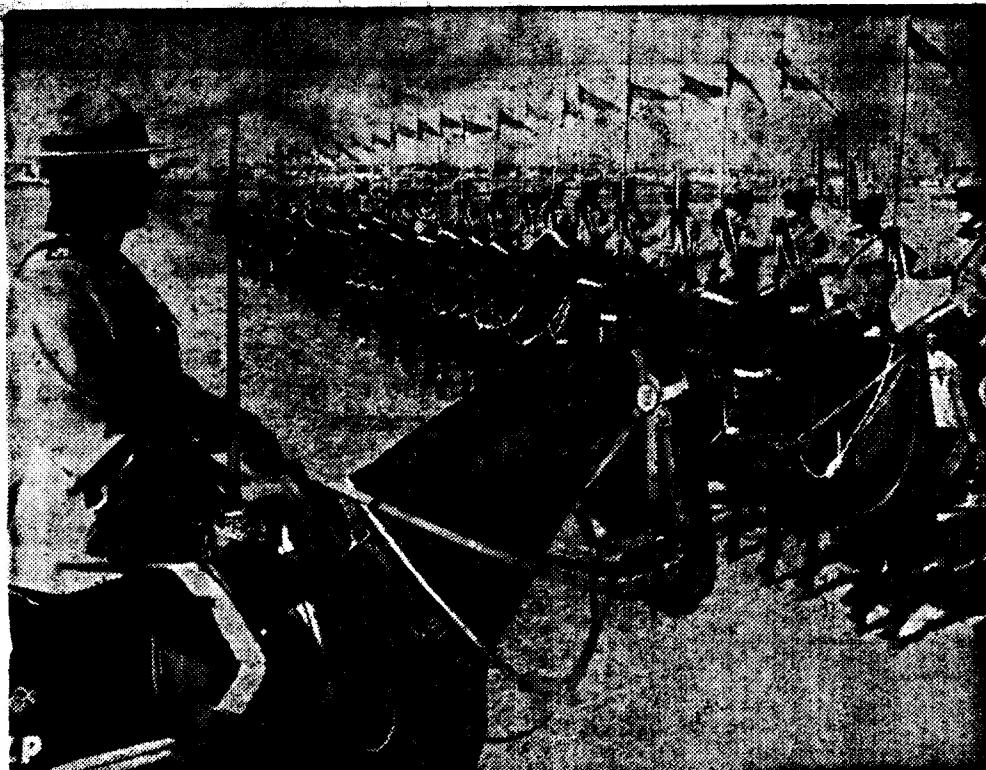
3 meses — 130\$00
6 meses — 250\$00
12 meses — 485\$00

Pagamento adiantado em cheque ou selo de correio

bem legível, o cupão-duplo de identificação que continuamos a publicar. Remeta-o, uma única vez, por os nossos serviços: Rua Castilho, 185-1.º — Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1\$00. Receberá oportunamente o cartão que o identificará como Leitor do «Diário de Lisboa» e o número que o habilitará ao sorteio. Recordamos, no entanto, que os prémios a atribuir por sorteio apenas serão entregues aos contemplados que provarem ser leitores do nosso jornal, isto é: exibindo a colecção de «cabecinhos» do nosso jornal (título e data da primeira página) publicados entre 7 de Abril e 7 de Julho.

CANADÁ PAÍS DE FÉRIAS

Já classificaram o Canadá como o país das férias inesquecíveis e talvez seja esta a principal razão da sua popularidade e da preferência que lhe é dada pelos turistas pela variedade de clima, de panorama e, até, da própria população. As estações do ano surgem nas várias regiões do país com aspectos diferentes.



A Polícia Montada canadiana é, sem dúvida, das mais célebres corporações internacionais. A vigilância e a defesa de grandes regiões do país está-lhe confiada. O apuro e a disciplina dos alistas é já tradicional, e os seus exercícios espectáculo que muitos admiram e estará ao alcance de leitores do «Diário de Lisboa» contemplados com as viagens de avião ao Canadá, instituídas com o patrocínio da CP-Air

Montreal, a grande metrópole de língua francesa e Toronto, centro de enorme complexo industrial, além das famosas Cataratas do Niagara, estão ao

alcance de dez leitores do «Diário de Lisboa», através dos cinco prémios de viagens-duplas que ali os levarão, nos aviões da Canadian Pacific.

LISTA DE PRÉMIOS

1.º PREMIO

Um apartamento em Paço de Arcos próximo da praia constituído por uma sala comum «kitchenette», quarto e casa de banho em moderno edifício construído e mobilado por J. Pimenta S. A. R. L. (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense); e um automóvel «Morris-1300» de quatro portas e cinco lugares.

2.º PREMIO

Um apartamento em Paço de Arcos próximo da praia constituído por uma sala comum «kitchenette», quarto e casa de banho em moderno edifício construído e mobilado por J. Pimenta S. A. R. L. (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

3.º PREMIO

Um apartamento em Paço de Arcos próximo da praia constituído por uma sala comum «kitchenette» e casa de banho em moderno edifício construído e mobilado por J. Pimenta S. A. R. L. (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

4.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Rio de Janeiro em aviões da VARIG e estadia durante oito dias.

5.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

6.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

7.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

8.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

9.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita às Cataratas do Niagara.

10.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Londres em avião e estadia de oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

11.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Frankfurt, em avião e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

12.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

13.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com

escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

14.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Roma, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

15.º PREMIO

Duas passagens de ida e volta a Paris, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

16.º PREMIO

Um televisor «Philips» 20T371, um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

17.º PREMIO

Um frigorífico «Philips» modelo FN-2144; um relógio «Vulcan» de pulso para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

18.º PREMIO

Um gravador «Philips» EL-3302. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela Casa Africana.

19.º PREMIO

Um conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela CASA AFRICANA. Um relógio «VULCAIN», de pulso para homem.

20.º PREMIO

Conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela Casa Africana. Um relógio «Vulcan» de pulso para homem.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(b) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa» _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(b) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa» _____

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO—O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que tomaram parte na primeira, estão automaticamente habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

RECTÂNGULOS da VIDA

PROTECÇÃO À NATUREZA

Por
MARIA
JUDITE DE CARVALHO

O amor pelos animais, de que muitos povos, entre eles o inglês, dão provas, é, na verdade, comovedor, desde que não ultrapasse, claro está, as fronteiras para além das quais fica o exagero. É que então, quando é assim, lembramo-nos de que há muitas crianças com fome por esse mundo de Deus. Será o senhor David Jones um exagerado? Vendo bem, parece-nos que não.

Todos sabem da existência (existência real ou imaginária) do famoso

e sempre invisível monstro de Loch Ness. Pois bem, uma firma produtora de whisky, de certo muito necessitada de uma boa publicidade bem gritante, resolveu oferecer um prémio de um milhão de libras a quem capturasse qualquer membro da hipotética família do monstro. Mas logo um deputado que é ao mesmo tempo director do Departamento de Investigações do Ness, o sr. David Jones, se mostrou alarmado, e perguntou a quem de direito se a legislação em vigor

protegeria suficientemente qualquer «criatura selvagem» que pudesse habitar nas águas do lago, e se, no caso contrário, essa legislação não deveria ser modificada.

Amor pelos animais levado às últimas consequências? Não, parece-nos antes vendo bem, amor pelo passado, pela história desta Terra onde vivemos, protecção, enfim, à natureza. E, claro, crença na existência do monstro.

ASSINALANDO

O DIA DO LIVRO BRASILEIRO «D. JOÃO VI E A 2.ª DESCOBERTA DO BRASIL» — tema de uma conferência do académico brasileiro Francisco de Assis Barbosa

No Grémio Literário, o académico brasileiro dr. Francisco de Assis Barbosa — que se deslocou a Portugal especialmente convidado pela União de Bancos Brasileiros — Banco Português do Atlântico, a fim de participar nas cerimónias do «Dia do Livro Brasileiro», promovido pelo Grémio Nacional dos Editores e Livradores no âmbito da Feira do Livro, — proferiu ontem uma conferência subordinada ao tema «D. João VI e a 2.ª descoberta do Brasil» a que assistiram numerosas individualidades de relevo nos meios diplomáticos, intelectuais e sociais luso-brasileiros. Presentes, dentre essas individualidades, o embaixador do Brasil, dr. Gama e Silva e Senhora; dr. Leandro Tocantins, adido cultural àquele representação diplomática, e Senhora; marqueses de Loulé, Condes de Belmonte e Condes de Mendonça, descendentes de D. João VI, Comandante Hildagário de Noronha e dr. Eduardo La combe, representantes da União de Bancos Brasileiros, e Senhoras; Marqueses de Pombal e Viscondessa de Assesca; dr. Nuno Simões, professor dr. Vitorino Nemésio, dr. Ruben Andresen Leitão, e Luís Forjaz Trigueiros e Senhora; sr. Fernando Guedes, presidente do Grémio Nacional dos Editores e Livradores e dr. Rui Diniz Neto, presidente da Comissão da Feira do Livro, e Esposas; dr. António Maria Pereira, Vice-Presidente do Grémio Literário.

A anteceder a conferência, a Administração do Banco Português do Atlântico ofereceu um jantar íntimo, em honra do dr. Francisco de Assis Barbosa e Senhora a que assistiram as individualidades acima referidas e, em representação daquela instituição de crédito, os dr. Mário Miranda Monteiro, Administrador, e Senhora; Condessa de Azaruilinha; dr. José Palla e Carme e Senhora; dr. Miguel Sacadura Santos e Senhora; e sr. António Sá da Costa e Senhora.

O dr. Leandro Tocantins, adido cultural à Embaixada do Brasil, abriu a sessão traçando o perfil literário do dr. Assis Barbosa e fazendo um

breve estudo caracteriológico da vasta obra daquele académico.

A conferência do Prof. Assis Barbosa

No uso da palavra, o dr. Francisco de Assis Barbosa começou por fazer uma referência histórica aos movimentos de emancipação registados no século XIX no continente americano afirmando a propósito e ao que se refere ao Brasil: «Com a transferência da sede da monarquia portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, ocorrida na primeira década do século XIX, em consequência das guerras napoleónicas, inicia-se de um modo singular o processo de emancipação brasileira, que se revestirá por isso mesmo de características originais, bem diversas do movimento de libertação dos países da América espanhola. A América portuguesa não se desmembraria, mantida a unidade territorial brasileira, ao contrário do que iria acontecer com a América espanhola».

O dr. Assis Barbosa traçou ainda um desenvolvido panorama do sistema social vigente no Brasil até à chegada da família real, referiu-se também ao processo das reacções verificadas em diversos pontos do território contra os métodos de administração e citou o papel que o jornalista Hipólito José da Costa desempenhou



Um aspecto da conferência ontem proferida pelo académico Assis Barbosa no Grémio Literário

na definição de todo um ideal sócio-político.

Acerca da influência que a presença de D. João VI exerceu na formação política do Brasil, disse ainda aquele académico: «O Brasil assumira a posição de metrópole, como centro das decisões régias. Deslocara-se o eixo do sistema, agora no Novo e não mais no Velho Mundo, pelo menos enquanto perdurasse o perigo da guerra. Ao príncipe regente foi-se tornando cada vez mais difícil a ambivalência: ser um rei ao mesmo tempo americano e europeu. Restabeleceu a paz e aquietadas as monarquias de qualquer surto revolucionário, depois do Congresso de Viena, com a formação da Santa Aliança. D. João não quis, porém, retornar a Lisboa, resistiu a toda a sorte de pressões de seus subditos «daquém» mar, inconformados e aflitos com a ausência do soberano que se prolongava indefinidamente. O cargo é que preferiu ficar e ser aclamado rei de Portugal e do Brasil».

O dr. Assis Barbosa descreveu ainda com larga soma de pormenores o papel que também a Grã-Bretanha desempenhou no esforço unificador do Brasil apontando nomeadamente razões da ordem económica que determinaram a parte deste país uma conduta

deliberadamente de apoio à unidade brasileira.

Mereceu ainda especial análise por parte do académico brasileiro a acção desenvolvida por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro de tendências eminentemente pombalinas e que no campo das reformas exerceu um papel decisivo.

Assis Barbosa referiu ainda, desenvolvendo, os cuidados dedicados por D. João aos problemas da imigração, ao facto de ter, por acto governamental, criado o Banco do Brasil e acentuado, a terminar a sua conferência, o paralelo entre as atitudes de Carlos IV e D. João VI: «No gigantesco duelo travado entre a Inglaterra e a França, D. João VI aceitou o facto consumado. Retirou-se para os seus domínios americanos e lá assentou as bases de uma nova nação. Deixaria de ser o príncipe regente da Portugal para se tornar gloriosamente rei do Brasil».

Entre as numerosas individualidades presentes à sessão viam-se também os General Câmara Pina; prof. dr. Gonçalves de Proença, vice-presidente do Banco Comercial de Angola; Almirante Sarmiento Rodrigues; Almirante Quintanilha de Mendonça Dias; dr. Geraldo Salles Lane, Director do Grémio Literário.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nas seguintes Zonas:

1.ª Zona — Concelho de Oeiras: LINDA A PASTORA. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — Concelho de Sintra: COLARES: S. Sebastião, Estrada Principal, Brejo, Milhões e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — Cadeias Centrais de Lisboa, Quinta de S. José e Ribeira da Penha Longa. (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — Concelho de Cascais: PAREDE: Rua Dr. Camilo Dionísio Álvares, Rua Teófilo Braga, Rua do Cato, Av. dos Príncipes, Rua José Carlos da Maia, Rua Almirante Nunes da Mata, Rua Ramalho Ortigão, Rua Cândido dos Reis, Rua 3 de Maio e imediações. (Das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — Concelho de Ma-

fra: MAFRA: Rua Dr. Mário Madeira, Rua Barros Laborão, Rua Oliveira, Rua Carlos Galvão, Rua Eng.º Frederico Ulrich, Rua Elias Garcia, Rua Domingos Dias Machado e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — Concelho de Arruda dos Vinhos: QUINTA DA MOITA. (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona — Concelho de Sobral de Monte Agraço: PONTES DE MONFALIM. (Das 8 às 14 horas).

NOTA

HORIZONTES MAIS LARGOS

HOUE FOGUETES em Sines e foi assado um boi quando chegou a notícia da decisão tomada pelo último Conselho de Ministros relativamente à localização da refinaria de petróleo que está projectado instalar no Sul do País. Do ponto de vista de Sines, dir-se-á que o caso não é para menos. A vetusta vila, com total outorgado em 1512, no reinado de D. Manuel, que chegou a perder em 1855 a categoria administrativa de sede de concelho, posteriormente recuperada, procurou fazer a sua vida entre a pesca e as indústrias dela consequentes, e pouco mais, para ganhar nos últimos anos certo favor de interesse, com o movimento turístico, já que a sua praia dispõe de magníficas condições de agrado. Como se sabe, e a comunicação oficial o confirma, a futura instalação, com a respectiva indústria petroquímica, «dará origem à criação de um importante complexo urbano-industrial».

Sines rejubila, pois. Num ângulo de visão mais largo, isto é, não ao âmbito simplesmente local mas nacional haverá de considerar-se o que a decisão significa: primeiro, como já se sabia, a capacidade das refinarias de Lisboa (Cabo Ruivo) e de Leixões, ainda que para esta tenha sido prevista a sua ampliação, não chega já para a previsão das necessidades; segundo, o projecto va fazer molhar numa região do País, relativamente modesta do ponto de vista económico, um verdadeiro pólo de desenvolvimento, com um grande porto oceânico, o conjunto previsto de grandes e variadas instalações industriais e, consequentemente, o incremento da vila de Sines a transformar-se numa área urbana que poderá porventura em poucos anos pelo menos decuplicar a sua população, isto é, saltar dos actuais dez mil talvez para os cem mil habitantes.

Naturalmente o problema não contava apenas com esta solução. É o que diz a informação divulgada sobre a reunião do Conselho de Ministros: «tendo em consideração os estudos realizados por técnicos competentes (...) deliberou optar pela área de Sines». Embora se soubesse, há muitos meses, que Sines estava no domínio das hipóteses, o despacho ministerial, de Outubro do ano passado, que mandou abrir o concurso, apenas mencionava a respectiva localização no Sul do País, quer dizer, naturalmente, ao sul de Lisboa, parecendo que alguns dos estudos feitos incidiam sobre a região de Setúbal. De qualquer modo, toda a longa faixa entre o mar e a estrada Alcácer-Grândola-Santiago de Cacém-Vila Nova de Milfontes está em condições de estremecer para novos destinos. O preço da obra, que terá de ser calculado à escala dos milhões de contos, tem de render juros que não se contam só no plano económico, mas também no social.

O novo grande porto que se pretende construir em Sines deverá contar com um movimento e instalações que só no terminal previsto para servir a refinaria (é dos termos do concurso, tal como foi dado a público) deverão estar aptas para receber navios até 300 mil toneladas de porte, do que pode fazer-se uma ideia se exemplificarmos com o porto de Leixões que serve a refinaria do Norte e cuja capacidade é limitada a barcos de 100 mil toneladas ou pouco mais. Como, ao mesmo tempo que se pretende erguer a nova refinaria do Sul, está projectado ampliar para o tratamento anual mínimo de 4 milhões de toneladas a capacidade de laboração da actual refinaria do Norte, parece fatal a correspondente ampliação do porto de Leixões. Quer dizer, está aqui por definir uma política de tonagem.

Toda a armadura económica do País tem que ver com um problema de tais dimensões, que evidentemente foi pesado e medido, visto e revisto por peritos de variadíssimas especialidades. A obra planeada é gigantesca e (para mal ou para bem!) de extraordinárias repercussões a prazo relativamente curto, pois a instalação da nova refinaria e do respectivo terminal marítimo deverá concluir-se, respectivamente, em quarenta e oito e em trinta meses a contar da concessão. Apetece simplesmente dizer que... ele é obra — e bem são de avaliar as dúvidas que foi preciso ponderar antes de ser tomada a decisão. Mas aqui merece registo a decisão do Governo no sentido de fazer publicar o relatório da comissão que estudou o problema e sobre o qual se fez a escolha de Sines. Poderá dizer-se que é justo e é. É justo e não se dirá que não seja salutar.

RECTÂNGULOS da VIDA

PROTECÇÃO À NATUREZA

Por
MARIA
JUDITE DE CARVALHO

O amor pelos animais, de que muitos povos, entre eles o inglês, dão provas, é, na verdade, comovedor, desde que não ultrapasse, claro está, as fronteiras para além das quais fica o exagero. É que então, quando é assim, lembramo-nos de que há muitas crianças com fome por esse mundo de Deus. Será o senhor David Jones um exagerado? Vendo bem, parece-nos que não.

Todos sabem da existência (existência real ou imaginária) do famoso

e sempre invisível monstro de Loch Ness. Pois bem, uma firma produtora de whisky, decerto muito necessitada de uma boa publicidade bem gritante, resolveu oferecer um prémio de um milhão de libras a quem capturasse qualquer membro da hipotética família do monstro. Mas logo um deputado que é ao mesmo tempo director do Departamento de Investigações do Ness, o sr. David Jones, se mostrou alarmado, e perguntou a quem de direito se a legislação em vigor

protegeria suficientemente qualquer «criatura invulgar» que pudesse habitar nas águas do lago, e se, no caso contrário, essa legislação não deveria ser modificada.

Amor pelos animais levado às últimas consequências? Não, parece-nos antes vendo bem, amor pelo passado, pela história desta Terra onde vivemos, protecção, enfim, à natureza. E, claro, crença na existência do monstro.



ASSINALANDO

O DIA DO LIVRO BRASILEIRO

«D. JOÃO VI E A 2.ª DESCOBERTA DO BRASIL» — tema de uma conferência do

académico brasileiro Francisco de Assis Barbosa



Um aspecto da conferência ontem proferida pelo académico Assis Barbosa no Grémio Literário

breve estudo caracteriológico da vasta obra daquele académico.

A conferência do Prof. Assis Barbosa

No Grémio Literário, o académico brasileiro dr. Francisco de Assis Barbosa — que se deslocou a Portugal especialmente convidado pela União de Bancos Brasileiros e Banco Português do Atlântico, a fim de participar nas cerimónias do «Dia do Livro Brasileiro», promovido pelo Grémio Nacional dos Editores e Livradores no âmbito da Feira do Livro, — proferiu ontem uma conferência subordinada ao tema «D. João VI e a 2.ª descoberta do Brasil» a que assistiram numerosas individualidades de relevo nos meios diplomáticos, intelectuais e sociais luso-brasileiros. Presentes, dentre essas individualidades, o embaixador do Brasil, dr. Gama e Silva e Senhora; dr. Leandro Tocantins, adido cultural àquela representação diplomática, e Senhora; marqueses de Loulé, Condes de Belmonte e Condes de Mondim, descendentes de D. João VI, Comandante Hildagário de Noronha e dr. Eduardo La combe, representantes da União de Bancos Brasileiros, e Senhoras; Marqueses de Pombal e Viscondessa de Assesca; dr. Nuno Simões, professor dr. Vitorino Nemésio, dr. Ruben Andresen Leitão e Luí. Forjaz Trigueiros e Senhora; sr. Fernando Guedes, presidente do Grémio Nacional dos Editores e Livradores e dr. Rui Diniz Neto, presidente da Comissão da Feira do Livro, e Esposas; dr. António Maria Pereira, Vice-Presidente do Grémio Literário.

A anteceder a conferência, a Administração do Banco Português do Atlântico ofereceu um jantar íntimo, em honra do dr. Francisco de Assis Barbosa e Senhora a que assistiram as individualidades acima referidas e, em representação daquela instituição de crédito, os dr. Mário Miranda Monteiro, Administrador, e Senhora; Condessa de Azaruilinha; dr. José Palla e Carmo e Senhora; dr. Miguel Sacadura Santos e Senhora; e sr. António Sá da Costa e Senhora.

O dr. Leandro Tocantins, adido cultural à Embaixada do Brasil, abriu a sessão traçando o perfil literário do dr. Assis Barbosa o fazendo um

No uso da palavra, o dr. Francisco de Assis Barbosa começou por fazer uma referência histórica aos movimentos de emancipação registados no século XIX no continente americano afirmando a propósito e no que se refere ao Brasil: «Com a transferência da sede da monarquia portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro, ocorrida na primeira década do século XIX, em consequência das guerras napoleónicas, inicia-se de um modo singular o processo de emancipação brasileira, que se revestirá por isso mesmo de características originais, bem diversas do movimento de libertação dos países da América espanhola. A América portuguesa não se desmembraria, mantida a unidade territorial brasileira, ao contrário do que iria acontecer com a América espanhola».

O dr. Assis Barbosa traçou ainda um desenvolvido panorama do sistema social vigente no Brasil até à chegada da família real, referiu-se também ao processo das reacções verificadas em diversos pontos do território contra os métodos de administração e citou o papel que o jornalista Hipólito José da Costa desempenhou

na definição de todo um ideal sócio-político.

Acerca da influência que a presença de D. João VI exerciu na formação política do Brasil, disse ainda aquele académico: «O Brasil assumira a posição de metrópole, como centro das decisões régias. Deslocara-se o eixo do sistema, agora no Novo e não mais no Velho Mundo, pelo menos enquanto perdurasse o perigo da guerra. Ao príncipe regente foi-se tornando cada vez mais difícil a ambivalência: ser um rei ao mesmo tempo americano e europeu. Restabelecida a paz e aquietadas as monarquias de qualquer surto revolucionário, depois do Congresso de Viena, com a formação da Santa Aliança, D. João não quis, porém, retornar a Lisboa. Resistiu a toda a sorte de pressões de seus subditos «daquém» mar, inconformados e aflitos com a ausência do soberano que se prolongava indefinidamente. O certo é que preferiu ficar e ser aclamado rei de Portugal e do Brasil».

O dr. Assis Barbosa descreveu ainda com larga suma os pormenores o papel que também a Grã-Bretanha desempenhou no esforço unificado do Brasil apontando nomeadamente razões da ordem económica que determinaram a parte deste país uma conduta

deliberadamente de apoio à unidade brasileira.

Mereceu ainda especial análise por parte do académico brasileiro a acção desenvolvida por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro de tendências eminentemente pombalinas e que no campo das reformas exerceu um papel decisivo.

Assis Barbosa referiu ainda, desenvolvendo, os cuidados dedicados por D. João aos problemas da imigração, ao facto de ter, por acto governamental, criado o Banco do Brasil e acentuou, a terminar a sua conferência, o paralelo entre as atitudes de Carlos IV e D. João VI: «No gigantesco duelo travado entre a Inglaterra e a França, D. João VI aceitou o facto consumado. Retirou-se para os seus domínios americanos e lá assentou as bases de uma nova nação. Deixaria de ser o príncipe regente da Portugal para se tornar gloriosamente rei do Brasil».

Entre as numerosas individualidades presentes à sessão viam-se também os Generais Câmara Pina; prof. dr. Gonçalves de Proença, vice-presidente do Banco Comercial de Angola; Almirante Sarmiento Rodrigues; Almirante Quintanilha de Mendonça Dias; dr. Geraldo Salles Lane, Director do Grémio Literário.

NOTA

HORIZONTES MAIS LARGOS

HOUE FOGUETES em Sines e foi, assado um boi quando chegou a notícia da decisão tomada pelo último Conselho de Ministros relativamente à localização da refinaria de petróleo que está projectado instalar no Sul do País. Do ponto de vista de Sines, dir-se-á que o caso não é para menos. A vetusta vila, com fidalgo outorgado em 1512, no reinado de D. Manuel, que chegou a perder em 1855 a categoria administrativa de sede de concelho, posteriormente recuperada, procurou fazer a sua vida entre a pesca e as indústrias dela conseqüentes, e pouco mais, para ganhar nos últimos anos certo favor de interesse, com o movimento turístico, já que a sua praia dispõe de magníficas condições de agrado. Como se sabe, e a comunicação oficial o confirma, a futura instalação, com a respectiva indústria petroquímica, «dará origem à criação de um importante complexo urbano-industrial».

Sines rejubila, pois. Num ângulo de visão mais largo, isto é, não ao âmbito simplesmente local mas nacional haverá de considerar-se o que a decisão significa: primeiro, como já se sabia, a capacidade das refinarias de Lisboa (Cabo Ruivo) e de Leixões, ainda que para esta tenha sido prevista a sua ampliação, não chega já para a previsão das necessidades; segundo, o projecto va fazer molhar numa região do País, relativamente modesta do ponto de vista económico, um verdadeiro pólo de desenvolvimento, com um grande porto oceânico, o conjunto previsto de grandes e variadas instalações industriais e, conseqüentemente, o incremento da vila de Sines a transformar-se numa área urbana que poderá porventura em poucos anos pelo menos decuplicar a sua população, isto é, saltar dos actuais dez mil talvez para os cem mil habitantes.

Naturalmente o problema não contava apenas com esta solução. É o que diz a informação divulgada sobre a reunião do Conselho de Ministros: «tendo em consideração os estudos realizados por técnicos competentes (...) deliberou optar pela área de Sines». Embora se soubesse, há muitos meses, que Sines estava no domínio das hipóteses, o despacho ministerial, de Outubro do ano passado, que mandou abrir o concurso, apenas mencionava a respectiva localização no Sul do País, quer dizer, naturalmente, ao sul de Lisboa, parecendo que alguns dos estudos feitos incidiam sobre a região de Setúbal. De qualquer modo, toda a longa faixa entre o mar e a estrada Alcácer-Grândola-Santiago de Cacém-Vila Nova de Milfontes está em condições de estremecer para novos destinos. O preço da obra, que terá de ser calculado à escala dos milhões de contos, tem de render juros que não se contam só no plano económico, mas também no social.

O novo grande porto que se pretende construir em Sines deverá contar com um movimento e instalações que só no terminal previsto para servir a refinaria (é dos termos do concurso, tal como foi dado a público) deverão estar aptas para receber navios até 300 mil toneladas de porte, do que pode fazer-se uma ideia se exemplificarmos com o porto de Leixões que serve a refinaria do Norte e cuja capacidade é limitada a barcos de 100 mil toneladas ou pouco mais. Como, ao mesmo tempo que se pretende erguer a nova refinaria do Sul, está projectado ampliar para o tratamento anual mínimo de 4 milhões de toneladas a capacidade de laboração da actual refinaria do Norte, parece fatal a correspondente ampliação do porto de Leixões. Quer dizer, está aqui por definir uma política de tonelagem.

Toda a armadura económica do País tem que ver com um problema de tais dimensões, que evidentemente foi pesado e medido, visto e revisto por peritos de variadíssimas especialidades. A obra planeada é gigantesca e (para mal ou para bem!) de extraordinárias repercussões a prazo relativamente curto, pois a instalação da nova refinaria e do respectivo terminal marítimo deverá concluir-se, respectivamente, em quarenta e oito e em trinta meses a contar da concessão. Apetece simplesmente dizer que... ele é obra — e bem são de avaliar as dúvidas que foi preciso ponderar antes de ser tomada a decisão. Mas aqui merece registo a decisão do Governo no sentido de fazer publicar o relatório da comissão que estudou o problema e sobre o qual se fez a escolha de Sines. Poderá dizer-se que é justo e é. É justo e não se dirá que não seja salutar.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nas seguintes Zonas:

1.ª Zona — Concelho de Oeiras: LINDA A PASTORA. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — Concelho de Sintra: COLARES: S. Sebastião, Estrada Principal, Brejo, Milhões e imediações. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — Cadeias Centrais de Lisboa, Quinta de S. José e Ribeira da Penha Longa. (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — Concelho de Cascais: PAREDE: Rua Dr. Camilo Dionísio Álvares, Rua Teófilo Braga, Rua do Cato, Av. dos Príncipes, Rua José Carlos da Maia, Rua Almirante Nunes da Mata, Rua Ramalho Ortigão, Rua Cândido dos Reis, Rua 3 de Maio e imediações. (Das 8 às 14 horas).

5.ª Zona — Concelho de Ma-

fra: MAFRA: Rua Dr. Mário Madeira, Rua Barros Laborão, Rua Oliveira, Rua Carlos Galvão, Rua Eng.º Frederico Ulrich, Rua Elias Garcia, Rua Domingos Dias Machado e imediações. (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — Concelho de Arruda dos Vinhos: QUINTA DA MOITA. (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona — Concelho de Sobral de Monte Agraço: PONTES DE MONFALIM. (Das 8 às 14 horas).

A ESPANTOSA AVENTURA JAMAIS VIVIDA POR UM RAPAZ... DIRKIE, O SEU CÃO E O DESERTO VERMELHO, ÚNICOS SOBREVIVENTES DUM ACIDENTE DE AVIAÇÃO!



A COLUMBIA Filmes apresenta

PERDIDO no DESERTO

(LOST IN THE DESERT)

Maiores de 12 anos

apresentando

DIRKIE HAYES argumento, produção e realização de JAMIE HAYES
A MIMOSA FILM/COLOR

HOJE AS 21,45 ESTREIA NO **AVIS**

2ª SEMANA

FAZAM JUNTOS OS MAIS BELOS DIAS DA SUA EXISTÊNCIA...
E TAMBÉM OS MAIS TRÁGICOS!
PODE ESTE AMOR DURAR SEMPRE...OU APENAS ALGUNS DIAS?

CHRISTOPHER JONES-DEPOIS DO ÉXITO DE
"O ESPELHO DOS ESPIÕES" e "A FILHA DE RYAN"
NOVAMENTE NUMA GRANDE HISTÓRIA DE AMOR!

PIA DEGERMARK-A CÉLEBRE INTÉRPRETE DE
"ELVIRA MADIGAN" e "O ESPELHO DOS ESPIÕES"



ADULTOS

A COLUMBIA FILMES apresenta, uma produção DINO DE LAURENTIS

com CHRISTOPHER JONES - PIA DEGERMARK

AQUELES DIAS CONTIGO...

(BRIEF SEASON)

Argum. de RENATO CASTELLANI e ADRIANO BARACCO Prod. DINO DE LAURENTIS
Real. de RENATO CASTELLANI Color

Um êxito no **SÃO LUIZ**

ANDREIEV EM TEATRO DE BOLSO

O grupo único da Companhia Nacional de Navegação repõe em cena hoje e amanhã, às 21,30, a peça de Leonild Andreiev — Jorge Semprun «O pensamento», com encenação de Ruy de Matos.

Os espetáculos são no seu teatro de bolso, podendo os bilhetes-convite ser solicitados pelo telefone 87 33 66.

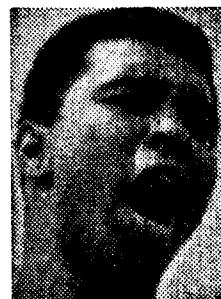
«Barca sem pescador» na Estufa Fria

Prosseguem na Estufa Fria as representações da peça «Barca sem pescador», de Alejandro Casona, integrada na programação cultural do Município. A peça (para maiores de 12 anos) é interpretada pela Companhia de Teatro Popular, sob a direcção de Augusto de Figueiredo. Os bilhetes, a preços populares podem ser adquiridos nos Restauradores, das 18 às 20 horas, e à entrada da Estufa Fria a partir das 21 horas.

A peça é traduzida por Manuel Fragoso, com direcção de ensaios a cargo de António Manuel Couto Viana e cenários de Juan Soutullo. Interpretação de Beatriz de Almeida, Alina Vaz, Fernanda Figueiredo, Leonor Poeira, Assis Pacheco, Joaquim Miranda, Andrade e Silva, Vladimiro Frankim, Alberto Inácio, Igor Sampalo.

EÇA 'GORA!...

— «EU GOSTE!
E QUEM NÃO GOSTAR LEVA UM MURRO!»



CASSIUS CLAY

A CAPITAL de EÇA DE QUEIROZ

TEATRO VILLARET

HOJE: AS 21.00 H.
E AS 23.00 H.

AMANHÃ: 16.00 / 21.00
E 23.00 H.

GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

ADULTOS

Subsidiado pelo Fundo de Teatro

A peça «A CAPITAL» está editada por «LIVROS DO BRASIL» e encontra-se à venda em todas as livrarias

BROCHADO: 60\$00

ENCADERNADO: 100\$00

CML - Estufa Fria

HOJE, AS 21.30 H.

BARCA SEM PESCADOR

de Alejandro Casona

pela COMPANHIA DE TEATRO POPULAR — empresa Augusto de Figueiredo

Direcção e ensaios de António Manuel Couto Viana com Beatriz de Almeida, Alina Vaz, Fernando Figueiredo, Leonor Poeira, Assis Pacheco, Joaquim Miranda, Andrade e Silva, Vladimiro Frankim, Alberto Inácio, Igor Sampalo e Augusto de Figueiredo

Bilhetes a 10\$00, 5\$00 e 20\$00 — Venda na P. dos Restauradores, das 8 às 20 h e na Estufa Fria à hora do espectáculo

Maiores de 12 anos

VISITE EM SANTARÉM O

Alfageme

ANTIGUIDADES - ARTESANATO
GALERIA DE ARTE
RUA SERPA PINTO, 46-47

Teatro TELEF. 717017

Lia Matos

(M. 17 anos)

IGREJAS CAEIRO apresenta

AMANHÃ
Tarde Popular
a preços reduzidos
Balcão: 10\$, 15\$ e 30\$
Plateia: 30\$ e 50\$

3.º E ÚLTIMO MÊS
HOJE E TODAS
AS NOITES, AS 21.45 H.

Jogos de Sociedade

de J.J. ALONSO MILLAN

OS JOVENS DOS 17 AOS 24 ANOS TÊM 50% DE DESCONTO

PASSAPORTES

WASTEELS EXPRESSO

Av. António Augusto de Aguiar, 88 - C - Lisboa
— Tel. 42185
Rua Caminhos de Ferro,
n.º 62 - C - Lisboa —
Tel. 868588



Complexo de RESTAURANTES

Em plena Baixa. Na rua de S. Julião

SELF-SERVICE

CAFETERIA

RESTAURANTE DE LUXO GRILL ROOM

e na rua da Prata, MINI-SNACK

Único no género no nosso País. Equipamento ultra-moderno

Facilidade de estacionamento a partir das 20 horas

Tauromaquia

À PROCURA DO BADALO

O cartaz clássico da tourada em Portugal era constituído por dois cavaleiros e dois «espadas», espanhóis ou mexicanos. Agora, que já temos «espadas» nacionais, acontece estes constituírem todo o espectáculo, até com picadores, mas também ser o cartaz exclusivamente de cavaleiros, que o reinado é da cavalaria em Portugal e em Espanha.

A de ontem não estava mal, com igualdade numérica de cavaleiros e de «espadas», em continuação da «recherche» em que andamos — e os leitores que perdoem a fraseologia nesta notícia da tauromaquia nacional.

Enfim, continuamos à procura do badalo, que foi título de uma revista do popular Baptista Dinis. Trata-se de chamar o público da festa rija, dominado pelo imperante futebol-bola. O caso é não chegarmos a outro título, o de «Quando os sinos dobram», do genial Ernesto Hemingway.

No próximo domingo, em Santarém, teremos cinco cavaleiros e dois «amadores» na lide de 14 touros, de manhã e à tarde, o dia grande da Feira do Ribatejo.

Ontem, no Campo Pequeno, apesar da insistência do mau tempo, encheram-se os lugares da sombra e muitos dos do sol, e suas galerias, para bem do Movimento Nacional Feminino.

Lidouse, em primeiro lugar, um touro dos Herdeiros do sr. conde Cabral, bravo e bem aproveitado pelo vibrante José Mestre Baptista, que dele bem usou, e abusou, com palmas e volta à arena. Depois, outro dos srs. Manuel e Mário Vinhas, que ao gentil Luís Miguel da Veiga deu trabalho, coroado também com palmas e sua volta. Para o jovem Sommer de Andrade saiu um bravo do Porto Alto, que muito bem farpeou, pelo que foi ovacionado com música e deu triunfal volta à arena com o filho do ganadero, Manuel Jorge.

Depois foram todos os novilhos do Porto Alto, ainda que dois oferecidos pelos srs. conde da Azinhaga e de Pabulho, e com o primeiro da parte a pé lutou o sabedor José Julio, também com palmas e volta. Com o penúltimo muito bem esteve José Simões, que usou bem de ambas as mãos e teve bons adornos, ao som da música, com ovações e chamada em volta à arena. E com o último luziu-se Amadeu dos Anjos, que começou com os pés bem assentes no chapéu e, com música prodigiosa, belos passes entre ovações e com merecida volta.

Bem pegaram os Amadores de Évora, de que é cabo João Nunes Patinha, até com estragos no físico, e bem bandalharam, os três novilhos Agostinho e Batissol entre outros. E bem dirigiu António Dias. — «EL T. P.»

Lupi corta orelhas

BARCELONA, 11. — (A. N. I.) — Não deu bom jogo

FLORES DA VINA «florista»

Rua Castilho, 201-D
Telef. (Loja): 683228-650955
(Residência): 972325

Informa que as decorações do Palácio de Queluz e Assembleia Nacional, para as reuniões da NATO, foram feitas pela sua casa.

o gado na corrida de rojões em que participou o cavaleiro português José Manuel Lupi, que lidou bem o quarto, muito tardio a cair com um bom rojão de morte (palmas), e o último a duo (orelhas) com Alvaro Domecq (duas orelhas no tercelro).

Completaram o cartaz os irmãos Peralta.

Cortes e Alfredo Conde SORIA, 11. — (A. N. I.) — Dois cavaleiros portugueses actuaram na corrida de rojões realizada em Soria. José Maldonado Cortes matou o segundo (aplausos) e Alfredo Conde o quarto (volta), e lidaram a duo o último (grande ovação). Alternavam com os rojoneadores espanhóis Gregório Moreno Pidal e conde de San Remy.

Chibanga ovacionado GUADALAJARA, 11. — (A. N. I.) — Com muito vento, frio e chuva, casa fraca e novilhos maus e difíceis, o novilheiro Ricardo Chibanga porfiou muito. No primeiro foi premiado com volta, depois de se expor muito, e no segundo ouviu grande ovação, ao passo que o touro era assobiado no arraste.

MARIA VITÓRIA
(M. 17 anos)



Dora Leal no «Paradise do Telhado»

HOJE, 2 SESSÕES, ÀS 20,45 e 23 HORAS
• GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO, APRESENTAM A COLOSSAL REVISTA DA GARGALHADA

• CALA-TE, BOCA!...

UM ÓPTIMO ELENCO, COM:
• JOSÉ VIANA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL
• ANGELA RIBEIRO • JÚLIA BABO

A cantora lírica
• SUZETE DINIS
e no «compère»
• OCTAVIO DE MATOS.

A FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA E DE UM ALEGRE «BALLET» INTERNACIONAL

• UM ENORME ÊXITO, COMO NÃO HÁ MEMÓRIA!

• AMANHÃ, 2 SESSÕES, ÀS 20,45 e 23 H.
• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 H.

CANAL 13

TODOS OS SÁBADOS

Às 15.30 h. no

TEATRO ABC

BILHETES A VENDA

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

CHARLES BRONSON!

Quando dois seres se fundem num amor ardente...



A Adolescente e o Quarentão

HONOR BLACKMAN • JACK HAWKINS
TREVOR HOWARD • SUSAN GEORGE em «TWINKY»

Produção de CLIVE SHARP Realização de RICHARD DONNER ADULTOS TECHNICOLOR

2ª SEMANA

4 SESSÕES DIÁRIAS

LOTAÇÕES ESGOTADAS

às 14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45



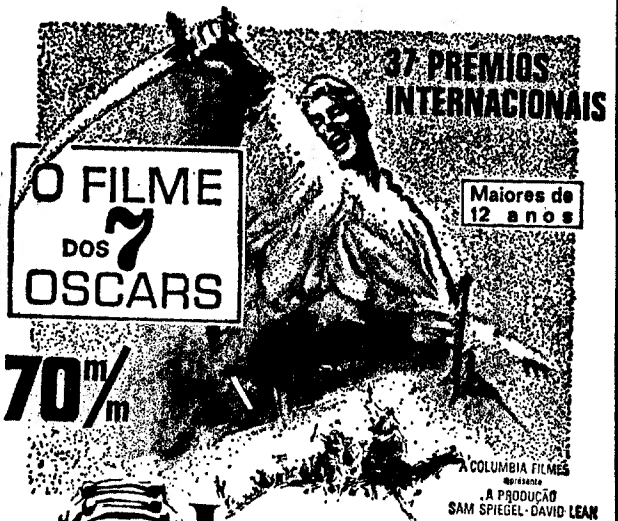
NO EUROPA ESPECTACULAR

AS 15 e 21 H

6ª SEMANA
ELE SURTIU NO DESERTO DA ARÁBIA...
COMO UMA LENDA PARA O MUNDO!

O FILME QUE LANÇOU
PETER O'TOOLE • OMAR SHARIF

UM ADMIRÁVEL ENTENDIMENTO ENTRE O COLOSSAL E O BELO!



LAWRENCE DA ARÁBIA
com ALEC GUINNESS/ANTHONY QUINN/JACK HAWKINS/JOSÉ FERRER
ANTHONY QUAYLE/CLAUDE RAINS/ARTHUR KENNEDY
com OMAR SHARIF no papel de PETER O'TOOLE
mus. de MAURICE JARRE
Adaptação cinematográfica de ROBERT BOLT
Miz en scène par DAVID LEAN
Fotografia em SUPER-PANAVISION* Um filme HORIZON em TECHNICOLOR

Teatro Academia

Telet. 83 88 37

HOJE, ÀS 21,45 h.
116.ª REPRESENTAÇÃO
(M. 12 anos)



Santa Porca
de Ariano Suassuna
Para as crianças
Amãhã e Domingo
às 16 horas
volta
«A GATA BORRALHEIRA»
(M. 4 anos)

CASA DA COMEDIA

Amãhã e Domingo
às 16.30 horas

TEATRO DE BONIFRATES

(MARIONETAS) DE FIO
Últimas representações
Maiores de 6 anos
Sub-Fundo Teatro
Marcações — T 677299

MODELO Supermercados

OFERTAS SENSACIONAIS
comemorativas da inauguração do novo Supermercado no Campo Grande Lisboa

MARS 3 FOR	15000 AGORA	10,40
CAFÉ SICAL 5 ESTRELAS	7500 AGORA	5,70
VINHO VERDE G.M.	11500 AGORA	8,90
GLEO DE CARTAMO 800g	20000 AGORA	17,30
PORTO CINTRA SECO E ROYAL	45000 AGORA	34,40
AÇÚCAR GRANULADO	8500 AGORA	7,50
SORTIDO RIVIERA 32 GRANDE	17500 AGORA	12,80
ARROZ AGULHA	13500 AGORA	9,60
OMO PACOTAO	14000 AGORA	10,90
OMO GIGANTE	9800 AGORA	6,90
Massa Spaghetti TRIUNFO 500 g. «SEMOLAS SELECIONADAS»	8870 AGORA	7,20
AZEITE EXTRA	25000 AGORA	24,50
GLEO FULA	17500 AGORA	15,70
SALSICHAS ISIDORO	10500 AGORA	7,40
PUDINS ROYAL	5000 AGORA	3,60
CALDOS FAMILIARES KNORR	9500 AGORA	6,50
ATUM TONECA (AZEITE E TOMATE)	10500 AGORA	7,90
DOCES DE FRUTA E GELÉIA CASA DE MATEUS	22500 AGORA	14,90
TOCAFÉ 90 GRS. C/ CAFEINA	24000 AGORA	14,80
TOFINA 200 GRS.	27500 AGORA	19,40
MARTINI TINTO	35000 AGORA	27,20
GIN BOSFORD	47500 AGORA	35,70
LARANJADA VIPS	5000 AGORA	3,70
GASOSA VIPS	4000 AGORA	3,20
CERA GALO 250 GRS.	10000 AGORA	7,60
SABAO CLARIM 400 GRS.	4000 AGORA	3,40
INSECTICIDA BANZÉ G.	30000 AGORA	29,80
AGUA DE COLÓNIA FRAICHE G.	37500 AGORA	27,80
ESCOVA DE DENTES ULTRA RARO (805)	14000 AGORA	9,50
ESCOVA DE FATO RARO (411)	11000 AGORA	7,30

Válidas até 30 de Junho, em todos os MODELO E INVICTOS SUPERMERCADOS

PORQUÊ PAGAR MAIS?

Necrologia

FALECIMENTOS

Doutora D. Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva de Oliveira Marques

Faleceu a sr.^a doutora D. Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva de Oliveira Marques.



Doutora D. Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva de Oliveira Marques

ques, de 40 anos, natural de Lisboa.

Nasceu em 1931, tendo-se licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa em 1953. Foi professora do Ensino Secundário de História e Filosofia desde 1954. Mais te

uma vez foi convidada para assistente da Faculdade de Letras de Lisboa e para Metodóloga de História do Ensino Liceal. Colaborou com a professora Virginia Rau, publicando ambas a obra em dois volumes «Os Manuscritos do Arquivo da Casa de Cadaval Respeitantes ao Brasil» (1955-58). Foi autora de vários artigos sobre História, publicados em revistas da especialidade, nomeadamente na «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa» e na revista «Palavras», do Liceu Pedro Nunes. Colaborou activamente no «Dicionário da História de Portugal», dirigido por Joel Serrão. Publicou, como obra mais recente, em colaboração com Maria Luísa Guerra, os três volumes de «História» destinados aos 8.º, 4.º e 5.º anos do liceus que atingiram já várias edições, e que são praticamente adoptados como livros de texto único pela grande maioria das Escolas da Metrópole e Ultramar. Ultimamente leccionava no Liceu D. Pedro V. De 1966 a 1969, residiu nos E. U. da América do Norte, onde se dedicou a um trabalho de pesquisas bibliográficas com vista à publi-

cação de um volume de textos de História Medieval destinados aos estudantes, não só de liceus, como também universitários. Este volume, que se acha no prelo, será brevemente lançado ao público.

Era casada com o professor A. H. de Oliveira Marques, Doutor em História pela Universidade de Lisboa; irmã do sr. doutor Nuno Espinosa Gomes da Silva, professor da Faculdade de Direito de Lisboa, e do sr. dr. Luis Gomes da Silva, médico, que se encontra ausente no estrangeiro.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realizou-se ontem para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

A família enlutada, e em especial ao nosso ilustre colaborador dr. A. H. de Oliveira Marques, apresentamos sentidas condolências.

SUFRAGIOS

Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima

Missa do 1.º aniversário. Sua família manda rezar missa amanhã, dia 12, às 11 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, pelo seu eterno descanso.

INAUGURADA EM NOVA LISBOA A PRIMEIRA DELEGAÇÃO EM ANGOLA DO BANCO DE FOMENTO NACIONAL

NOVA LISBOA, 11 — (L.)

A primeira delegação em Angola do Banco de Fomento Nacional foi inaugurada nesta cidade numa cerimónia presidida pelo Secretário Geral da Província, dr. Mário Governo Montez, em representação do Governador-Geral. Estavam também presentes, nomeadamente, o Secretário Provincial do Fomento Rural, Governador do Banco de Angola, directores de outros estabelecimentos bancários e muitas outras individualidades, bem como representantes dos órgãos de informação.

Usando da palavra, o Vice-Governador do B.F.N., dr. Cotta Dias, disse a determinado passo:

O início, precisamente em Nova Lisboa, do lançamento de um programa de implantação de delegações do Banco em vários pontos da Província traduz o nosso desejo de, através de uma presença des-

atenta, auxiliar a expansão económica de uma área geográfica que, como a do Huambo, importa converter, e rapidamente em verdadeira zona de atracção económica».

Mais adiante, depois de ter salientado que a agricultura é a rampa de lançamento da indústria num território em desenvolvimento, o dr. Cotta Dias frisou que a circunstância de Nova Lisboa se encontrar no vértice de uma zona com manifestas vocações agrícolas, abre, neste contexto, numa dupla frente de ataque, no combate que em Angola constitui o desenvolvimento económico.

Afirmou, ainda, o Vice-Governador do B.F.N.:

Vimos na linha que determinou a «ranharia» do B.F. e do B.N., com fundamento na necessidade de desenvolvimento do interior, em que se inspira a fundação da cidade do Huambo no planalto central de Angola, e a grande esperança nela posta por Norton de Matos, que a fundou.

O Secretário Geral de Angola, por sua vez, congratulou-se com a iniciativa do Banco de Fomento Nacional, e referiu-se, com palavras de louvor, à exposição do dr. Cot-

ta Dias sobre o programa económico da província e os motivos que determinaram a abertura da delegação em Nova Lisboa, após o que reafirmou o apoio do Governador-Geral a todas as iniciativas, terminando por felicitar o B.F.N. e o distrito do Huambo, ambos de parabéns pelo importante melhoramento inaugurado.

A HERANÇA SOMMER

Com a 136.ª sessão prosseguiu o julgamento do caso da herança Sommer. No início da audiência o dr. Manuel João da Palma Carlos, advogado do réu revel António Champalimaud fez um requerimento no sentido de o declarante Carlos Champalimaud ser imediatamente preso, na sequência da carta publicada em alguns jornais e que, segundo o causídico, comprova a falsidade de declarações feitas em tribunal pelo referido Carlos Champalimaud.

O tribunal fixou em três dias o prazo para exame do requerido.

A audiência foi preenchida, depois, com declarações da sr.^a D. Maria Isabel Braço de Sommer instada pelo dr. Palma Carlos.

DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL

OS TREINOS DE «LE MANS»

(Continuação da 1.ª página)

sionadamente rápidos na linha recta, ao mesmo tempo que o seu comportamento em estrada parece ter melhorado de considerávelmente.

Entretanto, algumas sombras negras, além daquelas provocadas pelo mau tempo que os Serviços Meteorológicos prevêem, estão a afectar a prova. A corrida mantém intacta a sua fama, mas os organizadores não escondem a existência de uma certa crise que só poderá ser eliminada quando entrar em vigor, no próximo ano, a nova regulamentação da F. I. A. limitando a 3 litros a cilindrada das viaturas concorrentes ao campeonato do mundo de construtores.

Assim, o A. S. A. C. de L'ouest, que habitualmente recusava inscrições para limitar a 55 o número máximo de carros à partida, está este ano em risco de ter pouco mais de 30, pois, se for aplicado à letra o regulamento da prova, os carros que fizerem mais de 40 por cento que a média dos três melhores tempos serão eliminados. Isto significa que há uma boa quantidade de «grandes turismos» que não poderiam alinhar.

Esta decisão será tomada ainda hoje e os organizadores, conscientes do fracasso que isso representaria perante o público, pediram o apoio da Comissão Desportiva Internacional no sentido de os ajudar a sair da grave emergência que representa, por um lado, ter que respeitar os regulamentos e, por outro, garantir ao público o espectáculo que ele deseja e paga. Neste aspecto o A. S. A. C. não deixa de estar apressivo. As perspectivas do tempo são más e,

além disso, a greve que ameaça nos caminhos-de-ferro poderá reflectir-se bastante na afluência de público dificultando o acesso a Le Mans, já que muita gente não está disposta a enfrentar os engarrafamentos do fim-de-semana.

Os melhores tempos para Elford e Pedro Rodriguez

Na primeira sessão de treinos, realizada anteontem, Vio Elford, que faz equipa com Gérard Larrousse, obteve o melhor tempo num «Porsche 917» comprido, alcançando a média de 248,786 km/h. A seguir colocaram-se Pedro Rodriguez («Porsche 917»), com 3 m 18,2 s, e Jo Siffert («Porsche 917»), com 3 m 18,2 s. Só depois se colocaram os «Ferrari» de Pescarolo, Vaccarella e Fierland, com 3 m 21,5 s e 3 m 24,8 s, respectivamente. Em Grande Turismo o «Chevrolet Corvet» de Aubriet realizou 4 m 13,6 s, seguindo-se-lhe «Porsche 911 S» de Mauroy-Lagniez (4 m 20,6 s).

Na sessão de ontem, muito dificultada pelo vento e fazendo, portanto, vir ainda mais a evidência os factos de aerodinamismo, Rodriguez aumentou o favoritismo da Porsche atingindo a média de 250,069 km/h. Seguiram-se Vio Elford (3 m 13,4 s) e Siffert (3 m 17,6 s). Em Grande Turismo dois «Chevrolet Corvettes», conduzidos por Aubriet e Cudini, obtiveram os melhores «performances» na sessão, respectivamente, com 4 m 9,5 s e 4 m 12,5 s. Após estes resultados, a expectativa parece diluir-se um pouco e o favoritismo atribuído à Porsche é total.

LISNAVE

ESTALEIROS NAVAIS DE LISBOA, S.A.R.L.

Capital Social 250 000 000\$00
Reservas em 31/12/70 199 084 000\$00



AUMENTO DE CAPITAL

Elevação do capital social para 500 000 000\$00 por emissão de 250 000 novas acções de valor nominal de 1 000\$00 cada. Desta emissão, 150 000 acções serão realizadas com a conversão de créditos e a integração de reservas, sendo as restantes 100 000 novas acções

subscritas do seguinte modo:
20 000 acções destinadas a Instituições privadas sem fins lucrativos
20 000 acções destinadas ao pessoal da empresa
60 000 acções destinadas ao público

Autorização dada por Portaria do Ministério das Finanças de 20 de Maio de 1971, publicada no Diário do Governo n.º 125, III Série de 28 de Maio de 1971

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA DE 60.000 ACCÇÕES

Valor nominal: 1 000\$00
Preço de emissão: 3 000\$00
Condições de pagamento:
1 000\$00 com a subscrição
1 000\$00 de 1 a 10 de Setembro de 1971
1 000\$00 de 1 a 10 de Janeiro de 1972

As acções desta emissão dão direito a 1/3 do dividendo que vier a ser atribuído relativamente ao exercício de 1971. As acções serão postas à cotação da Bolsa de Lisboa. As acções serão nominativas ou ao portador e representadas por títulos de 1, 5, 10, 50, 100, 200 e 1 000 acções.

A subscrição, sujeita a ratelo, no qual será dada preferência às pequenas subscrições, está aberta de 14 a 19 do corrente mês em todos os balcões das seguintes instituições de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
BANCO FOMENTO NACIONAL
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES

Necrologia

FALECIMENTOS

Doutora D. Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva de Oliveira Marques

Faleceu a sr.^a doutora D. Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva de Oliveira Marques.



Doutora D. Maria Fernanda Espinosa Gomes da Silva de Oliveira Marques

ques, de 40 anos, natural de Lisboa.

Nasceu em 1931, tendo-se licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa em 1958. Foi professora do Ensino Secundário de História e Filosofia desde 1954. Mais de

uma vez foi convidada para assistente da Faculdade de Letras de Lisboa e para Metodóloga de História do Ensino Liceal. Colaborou com a professora Virginia Rau, publicando ambas a obra em dois volumes «Os Manuscritos do Arquivo da Casa de Cadaval Respeitantes ao Brasil» (1956-58). Foi autora de vários artigos sobre História, publicados em revistas da especialidade, nomeadamente na «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa» e na revista «Palestra», do Liceu Pedro Nunes. Colaborou activamente no «Dicionário da História de Portugal», dirigido por José Serrão. Publicou, como obra mais recente, em colaboração com Maria Luísa Guerra, os três volumes de «História» destinados aos 8.º, 4.º e 5.º anos do liceus que atingiram já várias edições, e que são praticamente adoptados como livros de texto único pela grande maioria das Escolas da Metrópole e Ultramar. Ultimamente leccionava no Liceu D. Pedro V. De 1966 a 1969, residiu nos E. U. da América do Norte, onde se dedicou a um trabalho de pesquisas bibliográficas com vista à publi-

cação de um volume de textos de História Medieval destinados aos estudantes, não só liceus, como também universitários. Este volume, que se acha no prelo, será brevemente lançado a público.

Era casada com o professor A. H. de Oliveira Marques, Doutor em História pela Universidade de Lisboa; irmã do sr. doutor Nuno Espinosa Gomes da Silva, professor da Faculdade de Direito de Lisboa, e do sr. dr. Luis Gomes da Silva, médico, que se encontra ausente no estrangeiro. O funeral, a cargo da Agência Barata, realizou-se ontem para jazigo de família no cemitério dos Prazeres.

A família enlutada, e em especial ao nosso ilustre colaborador dr. A. H. de Oliveira Marques, apresentamos sentidas condolências.

SUFRAGIOS

Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima

Missa do 1.º aniversário. Sua família manda rezar missa amanhã, dia 12, às 11 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, pelo seu eterno descanso.

INAUGURADA EM NOVA LISBOA A PRIMEIRA DELEGAÇÃO EM ANGOLA DO BANCO DE FOMENTO NACIONAL

NOVA LISBOA, 11 — (L.) — A primeira delegação em Angola do Banco de Fomento Nacional foi inaugurada nesta cidade numa cerimónia presidida pelo Secretário Geral da Província, dr. Mário Governo Montez, em representação do Governador-Geral. Estavam também presentes, nomeadamente, o Secretário Provincial do Fomento Rural, Governador do Banco de Angola, directores de outros estabelecimentos bancários e muitas outras individualidades, bem como representantes dos órgãos de Informação.

Usando da palavra, o Vice-Governador do B.F.N., dr. Cotta Dias, disse a determinado passo:

O início, precisamente em Nova Lisboa, do lançamento de um programa de implantação de delegações do Banco em vários pontos da Província traduz o nosso desejo de, através de uma presença des-

atenta, auxiliar a expansão económica de uma área geográfica que, como a do Huambo, importa converter, e rapidamente em verdadeira «zona de atracção económica». Mais adiante, depois de ter salientado que a agricultura é a rampa de lançamento da indústria num território em desenvolvimento, o dr. Cotta Dias frisou que a circunstância de Nova Lisboa se encontrar no vértice de uma zona com manifestas vocações agrícolas, abre, neste contexto, numa dupla frente de ataque, no combate que em Angola constitui o desenvolvimento económico.

Afirmou, ainda, o Vice-Governador do B.F.N.:

Vimos na linha que determinou a «zanitania» do Bíd e do Bailundo, com fundamento na necessidade de desenvolvimento do interior, em que se inspira a fundação da cidade do Huambo no planalto central de Angola, e a grande esperança nela posta por Norton de Matos, que a fundou.

O Secretário Geral de Angola, por sua vez, congratulou-se com a iniciativa do Banco de Fomento Nacional, e referiu-se, com palavras de louvor, à exposição do dr. Cotta Dias sobre o panorama económico da província e os motivos que determinaram a abertura da delegação em Nova Lisboa, após o que reafirmou o apoio do Governo-Geral a todas as iniciativas, terminando por felicitar o B.F.N. e o distrito do Huambo, ambos de parabéns pelo importante melhoramento inaugurado.

A HERANÇA SOMMER

Com a 136.ª sessão prosseguiu o julgamento do caso da herança Sommer. No início da audiência o dr. Manuel João da Palma Carlos, advogado do réu, revelando António Champalimaud fez um requerimento no sentido de o declarante Carlos Champalimaud ser imediatamente preso, na sequência da carta publicada em alguns jornais e que, segundo o causídico, comprova a falsidade de declarações feitas em tribunal pelo referido Carlos Champalimaud.

O tribunal fixou em três dias o prazo para exame do requerido.

A audiência foi preenchida, depois, com declarações da sr.^a D. Maria Isabel Braço de Sommer instada pelo sr. Palma Carlos.

DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL

OS TREINOS DE «LE MANS»

(Continuação da 1.ª página)

sionamente rápidos na linha recta, ao mesmo tempo que o seu comportamento em estrada parece ter melhorado e consideravelmente.

Entretanto, algumas sombras negras, além daquelas provocadas pelo mau tempo que os Serviços Meteorológicos prevêem, estão a afectar a prova. A corrida mantém intacta a sua fama, mas os organizadores não escondem a existência de uma certa crise que só poderá ser eliminada quando entrar em vigor no próximo ano, a nova regulamentação da F. I. A. limitando a 3 litros a cilindrada das viaturas concorrentes ao campeonato do mundo de construtores.

Assim, o A. S. A. C. de L'ouest, que habitualmente recusava inscrições para limitar a 55 o número máximo de carros à partida, está este ano em risco de ter pouco mais de 30, pois, se for aplicado à letra o regulamento da prova, os carros que fizerem mais de 40 por cento que a média dos três melhores tempos serão eliminados. Isto significa que há uma boa quantidade de «grandes turismo» que não poderiam alinhar.

Esta decisão será tomada ainda hoje e os organizadores, conscientes do fracasso que isso representaria perante o público, pediram o apoio da Comissão Desportiva Internacional no sentido de os ajudar a sair da grave emergência que representa, por um lado, ter que respeitar os regulamentos e, por outro, garantir ao público o espectáculo que ele deseja e paga. Neste aspecto o A. S. A. C. não deixa de estar apressivo. As perspectivas do tempo são más e,

além disso, a greve que alastra nos caminhos-de-ferro poderá reflectir-se bastante na afluência de público dificultando o acesso a Le Mans, já que muita gente não está disposta a enfrentar os engarrafamentos do fim-de-semana.

Os melhores tempos para Elford e Pedro Rodriguez

Na primeira sessão de treinos, realizada anteontem, Vio Elford, que faz equipa com Gérard Larrousse, obteve o melhor tempo num «Porsche 917» comprado, alcançando a média de 248,786 km/h. A seguir colocaram-se Pedro Rodriguez («Porsche 917»), com 3 m 18,2 s, e Jo Siffert («Porsche 917»), com 3 m 18,2 s. Só depois se colocaram os «Ferrari» de Pescarolo, Vaccarella e Fierland, com 3 m 21,5 s e 3 m 24,8 s, respectivamente. Em Grande Turismo o «Chevrolet Corvett» de Aubriet realizou 4 m 13,6 s, seguindo-se-lhe «Porsche 911 S» de Maury-Lagniez (4 m 20,6 s).

Na sessão de ontem, muito dificultada pelo vento e fazendo, portanto, vir ainda mais à evidência os factos de aerodinamismo, Rodriguez aumentou o favoritismo da Porsche atingindo a média de 250,069 km/h. Seguiram-se Vio Elford (3 m 13,4 s) e Siffert (3 m 17,6 s). Em Grande Turismo dois «Chevrolet Corvettes», conduzidos por Aubriet e Cudini, obtiveram os melhores «performances» na sessão, respectivamente, com 4 m 9,5 s e 4 m 12,6 s. Após estes resultados, a expectativa parece diminuir um pouco e o favoritismo atribuído à Porsche é total.

LISNAVE

ESTALEIROS NAVAIS DE LISBOA, S.A.R.L.

Capital Social 250 000 000\$00
Reservas em 31/12/70 199 084 000\$00



AUMENTO DE CAPITAL

Elevação do capital social para 500 000 000\$00 por emissão de 250 000 novas acções de valor nominal de 1 000\$00 cada. Desta emissão, 150 000 acções serão realizadas com a conversão de créditos e a integração de reservas, sendo as restantes 100 000 novas acções

subscritas do seguinte modo:
20 000 acções destinadas a Instituições privadas sem fins lucrativos
20 000 acções destinadas ao pessoal da empresa
60 000 acções destinadas ao público

Autorização dada por Portaria do Ministério das Finanças de 20 de Maio de 1971, publicada no Diário do Governo n.º 125, III Série de 28 de Maio de 1971

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA DE 60.000 ACÇÕES

Valor nominal: 1 000\$00
Preço de emissão: 3 000\$00
Condições de pagamento:
1 000\$00 com a subscrição
1 000\$00 de 1 a 10 de Setembro de 1971
1 000\$00 de 1 a 10 de Janeiro de 1972

As acções desta emissão dão direito a 1/3 do dividendo que vier a ser atribuído relativamente ao exercício de 1971. As acções serão postas à cotação da Bolsa de Lisboa. As acções serão nominativas ou ao portador e representadas por títulos de 1, 5, 10, 50, 100, 200 e 1 000 acções.

A subscrição, sujeita a rateio, no qual será dada preferência às pequenas subscrições, está aberta de 14 a 16 do corrente mês em todos os balcões das seguintes instituições de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
BANCO FOMENTO NACIONAL
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES



CRÍTICA

por MARIO CASTRIM

UM CONCURSO É QUE ERA!

Antes houvera o habitual concurso das quintas-feiras «Vermejo, Amarelo e Verde», organizado pela Prevenção Rodoviária. Concurso durante o qual se apresentava Jorge Aves, deu bons conselhos e boas lições de moral que não acrescentaram nada às explicações de um elemento do júri e só contribuíram para quebrar o ritmo do concurso.

Sabe-se da importância dos concursos na programação das televisões. Sem ir mais longe, recordemos que alguns dos êxitos maiores da Televisão portuguesa foram constituídos por concursos. Recordemos que, apesar de se tratar de modalidade velha e recalcada que já dera pela Rádio, todo o vinho o concurso «Sim ou Não» era ainda o momento mais popular da «Curto-Circuitos». Ora de há uns anos a esta parte, a Tele-

visão portuguesa deixou-se disso. Concursos, concursos a sério, com prático de resistência de um sério, é coisa que não há. O que há, é um concurso de pequeno raio de acção, bem organizado na documentação do filme e a dar confiança a elaboração e divulgação dos questionários a solicitar a atenção do público para a resolução dos enigmas (universalizando, assim, o jogo) mas sem provocar a adesão emotiva que só a presença viva e actual, a expressão directa dos participantes conseguem obter. Ouvi as monótonas moralizações de Jorge Aves não compe-

Va meus senhores, organizem lá um bom concurso ponham-nos, á segunda-feira. Em televisão, se não se conquista isso, não se conquista nada.

Foi logo a seguir que veio «Convergências», a propósito de Camões. Uma aluna de Fa-

culdades, em situação de inquérito-monólogo, não sei Camões, não sei quantos o poder res.: um aluno do Liceu Camões, que os «lusitana» são a epopeia dos nossos descobrimentos...

Depois, os depoimentos. Pina Martins citou Jorge Macedo e referiu Rebelo Gonçalves, Costa Pimpão, Salgado Junior, Jorge de Sena, Hernani Cidade. Uma verdade genialmente descoberta: «O «Lusitana» são um universo». Na sua opinião, uma das melhores maneiras de celebrar o centenário do poema nacional, seria o de reproduzir anastaticamente uma das «luas» melhores edições. Se fosse a decidir, mandaria anastaticar a edição de 1839, com os comentários de Faria e Sousa.

«E sabe, ele sabe muito bem que muitos estudiosos se arrepiam só de ouvir pronunciar este nome: Manuel de Faria e Sousa.» E acrescenta:

«Efectivamente tenho de concordar com esses estudiosos que, por amor do seu poeta, cometem verdadeiras falsificações textuais. Mas o perdão anuncia-se.

— Uma falta de escrupulo porém, está de acordo com os métodos do seu tempo resgatado pelo amor arreliado do crítico ao seu poeta e sobretudo por uma vastíssima e profunda cultura revelada no estudo das fontes.

Claro que haveria de separar o trigo do joio. Assim mesmo, porém, não se enxerga a vantagem popular de uma reprodução tal qual das edições de Manuel de Faria e Sousa. Pina Martins, certamente, não contará com o alcance popular do conhecimento da obra camoniana.

«Convergências», na sua «missão» de ontem foi longa com Jorge de Macedo e Adriano de Gusmão, um tema que merecia outra vivacidade, outra acria de estar: a viagem pelo rosto de Camões polia e devia ficar na memória e no amor dos telespectadores. Perdido longo tempo nas andanças eruditas, faltou-lhe para se demorar, sobre o retrato-robot de 1581. O telespectador foi deixado à sua sorte precisamente no momento em que começava a interessar-se.

Em vão, Camões: um dos irreductíveis. Um dos que não convergem.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa metropolitano — As 6: Notícias; 6 e 35: Programa da Juventude; Convívio; 7 e 30: Voz e Tráfego; 8 e 05: Ao encontro da melodia; 8 e 30: Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da De-

Dr. João de Freitas Branco

O dr. João de Freitas Branco, director do Teatro Nacional de S. Carlos que fora convidado a proferir conferência nas delegações do Circuito de Cultura Musical em África não o poderá fazer no decorrer deste ano.

CARRO ROUBADO

Foi roubado, de uma das artérias do bairro da Ajuda, o automóvel azul da marca «Morriss» com a matrícula LA 63.99. Agradece-se qualquer informação do seu paradeiro pelo telefone 636122.

FEMSA
MATERIAL ELÉCTRICO DE ORIGEM PARA AS MARCAS:
FIAT
RENAULT - SIMCA
PEUGEOT - VAUXHALL
ALFA ROMEO - DATSUN
Revendedor Autorizado
CARLOS EDUARDO TROVÃO, Lda.
Av. João XXI, 68, A-C Telef. 77 02 65 - 77 10 14

SR. CAPITALISTA

Faça progredir o seu capital com um bom e seguro rendimento investido em valores sólidos e reais garantidos em HIPÓTECAS de propriedades

ORCOSI

Rua 1.ª Dezembro 48-2
LISBOA

Telef. 36 14 44 32 31 72

tesa Nacional: 8 e 50: Melodias de cinema; 9 e 0: Passatempos musical; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O Saxofonista; Fausto Paetzl; 20 e 30: 3.º Episódio do Folhetim «Duas Vidas — Um destino»; 21: Momento 1.º; 2 e 20: Ao sabor da fantasia; 22: Música da Europa; 23: Sina: Horário — Notícias; 24: Boletim meteorológico; 23 e 05: Miscelânea; 24: Fecho

2.º Programa metropolitano — As 6: Ciclo da barraca taliana; 8 e 48: Música de vanguarda (gravações cedidas pela Rádio Suabe da Alemanha); Festival de Donaueschingen de 1970 «Jazz dos anos setenta»; 7 e 30: Sonata n.º 4, em ré menor op. 4 para piano (Prokofiev), por Yuri Boukoff; 7 e 30: O compositor do mês: Schubert; 8 e 45: Sonata n.º 2, em fá maior k. 332 (Mozart); 9: Música e músicos portugueses, por Nuno Barreiros; 20 e 20: O violinista Wolfgang Echnederman; 20 e 30: Concerto para Grupo Voz Feminina Harmonia sob a direcção de Friedrich Wilhelm Verner, preenchido com obras de Mozart e Schubert; Colaboração da solista Dulce Cabrita e do pianista, Maria Helena Vagos; 20 e 48: A Orquestra «Musica Antiga» dirigida por Jacques Roussel — Concerto em ré maior, Jacques Loeillet; 2.º Concerto pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigido pelo maestro Lukas Foss, com a colaboração do pianista Alexis Weissenberg; 23: A Voz da Ocidente; 25: Fecho

Programa Estereofónico — MF 2 — As 2: Orquestras; 21 e 30: Canções; 22: Instrumentistas; 22 e 30: Conjuntos; 23: Ciclo Schubert; 0 e 42: Música instrumental; Fecho

RÁDIO CLUBE — 250,3 m — 034 kc/s — As 6 e 04: Programa C D C; 8: Depois do chá; 8 e 30: Lisboa à tarde; 9 e 5: Contraponto; 9 e 30: Rádio Joma; 20 e 07: 45 rotações; 20 e 30: Semaia; 7 e 20 e 45: Canções de Portugal; 21 e 03: Suplemento; 21 e 5:

Música para meditar; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Grande roda; 0 e 02: «B X»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Telenô

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 6 e 04: Programa C D C; 7 e 57: O nosso programa; 9 e 04: Em órbita; 2 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa da G6-G6; 0 e 02: Em órbita; 2 e 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 6 e 04: Programa C D C; 8: Depois do chá; 8 e 30: Ela e o seu mundo; 8 e 45: Matinée teatral; 9 e 03: Miscelânea; 9 e 17: Conjunto; 9 e 30: Estudo 64; 20 e 0: Norte do dia; 2 e 05: 50-Rádio; 2 e 40: Orquestras; 2 e 45: Mensagem do Evangelho; 22 e 02: Em destaque; 22 e 5: Novas de alegria; 22 e 30: Tirocino; 23 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 33,2 m — 286 kc/s — As 6: Radiograma; 8 e 05: Marinha Tha; 8 e 30: Terço da bênção da Basílica dos Mártires; 9 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 9 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora

Estação do Porto — 256,6 m — 69 kc/s — As 6: Radiograma; 8: Marinha Tha; 8 e 30: Terço da Basílica dos Mártires em Lisboa; 9 e 05: A vida é uma coisa maravilhosa; 9 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Variedades; 23: A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS LE LISBOA — Onda média — 88 m — 954 kc/s — 94,4 mc/s **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 das 0 às 2 e das 9 e 30 às 22 **Rádio Voz de Lisboa** — Das 7 às 9 e 30 e 30s 22 às 2 **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 2 às 4 e 30 **Rádio Graça** — Das 9 às 0 e 30s 4 e 30 às 7

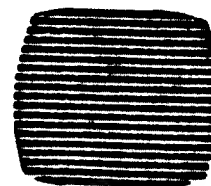
Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa

Sede: Rua Braamcamp, n.º 9-1.º e 2.º — LISBOA-1
11.ª Secção de Actividade: «INDÚSTRIA METALÚRGICA»

AVISO

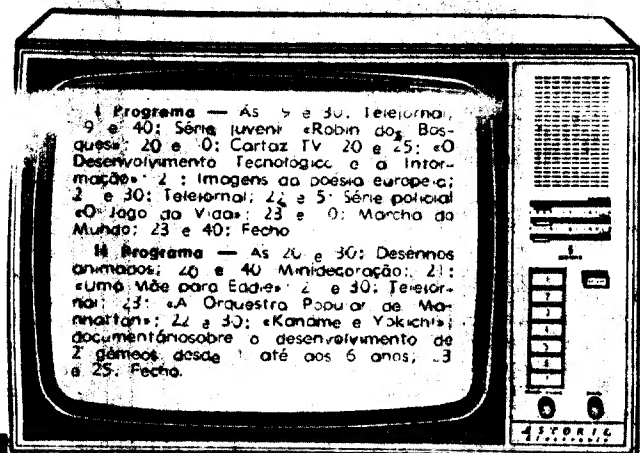
Dado estarmos a proceder à actualização dos nossos ficheiros, não nos é possível o envio da comunicação individual pelo que avisamos todos os profissionais de escritório ao serviço da **FABRICA DE CONDUTORES ELÉCTRICOS DIOGO D'AVILA, Lda.**, de que se realiza, no próximo dia 14 de Junho de 1971, às 21.30 horas, nas instalações do Sindicato, sitas na Rua do Alecrim, n.º 48-1.º, nesta cidade, uma reunião para lhes prestarmos esclarecimentos sobre problemas de contratação. Lisboa, 9 de Junho de 1971.

A COMISSÃO DIRECTIVA



TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: O caso da semana; 13 e 15: Filme de série «Viver no Campo»; 13 e 45: Telejornal; 14: Dó Lá Si; 14 e 30: Série juvenil «Daniel Boone»; 15 e 20: TV Educativa — Educação Musical (crianças); 15 e 45: Eurovisão, transmissão directa das 24 Horas de Le Mans; 16 e 30: TV infantil; 17: As flores e o seu mundo; 17 e 30: Programa feminino; 18: Estudo sem marcação; 18 e 25: Teledesperto; 18 e 55: Homens e aviões; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV juvenil «Barreiras Submersas»; 20 e 10: ...E a vida continua...; 20 e 25: Ensaio; 21 e 30: Telejornal e reportagem, via Eurovisão, da prova automobilística 24 Horas de Le Mans; 22 e 20: Variedades; 23 e 20: Eurovisão, transmissão directa da parte da prova automobilística 24 Horas de Le Mans; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 40: O caso da semana; 21: Filme de série «Viver no Campo»; 21 e 30: Telejornal; 22: Teatro lírico — Zarzuela «Cancion del Olvido», com Maria Quadra, Juan Luis Galhardo, Luchi Soto, Rosana Yanni, José Sacristán, David Abreu, Carlos Tãmares e António Martelo; 23 e 35: Fecho.

mais música
mais luz
mais movimento

TUDOR

A EDUCAÇÃO É A BATALHA DE SOBREVIVÊNCIA NACIONAL

— afirmou o Dr. Veiga Simão durante a cerimónia em que foram condecorados professores primários

O almirante Américo Thomaz presidiu ontem, ao princípio da tarde, no Liceu Camões, a cerimónia de homenagem ao professorado do Ensino Primário, acto também integrado no programa das comemorações do Dia de Portugal.

O Presidente da Republica, que chegou, cerca das 11 e 55, á entrada daquele estabelecimento de ensino, foi recebido pelo ministro da Educação Nacional, embaixador do Brasil e esposa, director-geral de Ensino Primário e pelo reitor do Liceu. Após breve troca de cumprimentos o Chefe do Estado dirigiu-se para o ginásio, por entre alas de alunos e alunas da Escola do Magistério Primário de Lisboa e do Instituto do Professorado Primário. Na mesa da presidência a ladear o Chefe do Estado, sentaram-se o ministro Veiga Simão, o embaixador do Brasil, os subsecretários de Estado da Administração Ultramarina, da Administração Escolar e da Juventude e Desportos; prof. eng.º Francisco Leite Pinto, chanceler das Ordens do Mérito Civil e o director-geral do Ensino Primário.

Aberta a sessão usou da palavra o professor Francisco José Pereira Coutinho Facedo Leite da Cunha, que, em nome dos professores primários portugueses, agradeceu a presença do Chefe do Estado e dissertou sobre o significado da cerimónia. Seguiu-se-lhe a professora brasileira D. Oneide de Sousa Tavares que, em nome dos seus colegas igualmente agradeceu a homenagem de Portugal aos mestres da Instrução Primária. Falou a seguir o dr. João Gomes Branco, director-geral do Ensino Primário. O embaixador do Brasil em Lisboa foi o quarto orador.

Vivemos a hora da reforma — afirmou o ministro da Educação

Falou depois o titular da pasta da Educação Nacional, prof. dr. Veiga Simão, que disse:

«Há momentos, foram honrados os heróis da existência

por Portugal inteiro. Agora prestamos homenagem a outros portugueses.

A batalha da sobrevivência nacional, por excelência, a da Educação, que se trava em todos os momentos, varre todos os lugares e ocupa todos os portugueses, define-se de forma cada vez mais decisiva, quer na construção de um presente digno, quer no desabrochar de um futuro promissor.

Nesta batalha combatem com armas de paz e de amor obreiros intemeratos de uma sociedade mais justa e feliz — os professores primários.

E para os homenagear a eles se junta sempre, neste Dia de Portugal, um Homem, recto e bom, que ontem era na escola aluno inteligente e distinto, na profissão, oficial de Marinha sábio e estudioso, na administração publica governante esclarecido e respeitado; e hoje é na Suprema Magistratura da Nação, um Chefe da Nação, um Chefe incontestado, generoso e firme, exemplo constante de abnegado servir, tendo como lema um indefectível amor á Pátria.

Esse Homem é o nosso Presidente da Republica que veio até nós viver aqui horas de incontida alegria.

E nesta cerimónia, em comunhão com o Ministério Nacional, irmana-se o Ministério do Ultramar, recordando os professores primários que em longínquas terras espalham a língua portuguesa, associando-se-lhes também o Brasil irmão, numa afirmação de unidade indestrutível que confere ao Dia de Camões o significado de dia do mundo lustado.

Professor primário é um símbolo de idealismo, de coragem, de fé e de sacrifício. Professor primário é um soldado que ministra pão do espírito e fortalece a própria raça da vida nacional. Por isso, homenagear o professor primário é homenagear a Nação.

E a todos nós, professores, faz bem recordar, muito especialmente, os nossos companheiros que exercem a nobre missão de educar em ideias escondidas, no mato

selvagem, ou no sertão indómito, em escolas tantas vezes pobres na construção e no equipamento didáctico, mas imensamente ricas em calor humano e em dadas de alimento espiritual.

Escolas pobres, muitas o são, mas mesmo essas são portos de seguro abrigo a recolher todas as crianças que as procuram ávidamente, na busca incessante de uma melhor preparação para a vida, que lhes permita sonhar com a sua participação activa e consciente na abertura dos caminhos do futuro.

Futuro que repudia o imobilismo a rotina paralisante, o conservadorismo interesseiro, a acomodação a todas as formas elaboradas para servir poucos; futuro que traça com vigor caminhos de educação para todos, de renovação e mais perfeita justiça social, de progresso harmónico, enfim, de dignidade humana, sob a exclusiva bandeira de amor á Pátria. Futuro que já hoje exige reformas e inovações, necessárias e urgentes, e que a honra de um povo determina que não se protelem, por muitos que sejam os sacrifícios, e mau grado as forças que na sombra trabalham para as tornar esperanças abortadas.

Vivemos a hora da Reforma, e a discussão publica de textos programáticos, cujo conteúdo essencial foi ao encontro das aspirações das nossas gentes, e que têm o cunho autêntico de sobrepor o interesse nacional ao interesse pessoal, determinou um clima de fé, de trabalho e de esperança. Podemos assim mobilizar por esse país fora inúmeras boas vontades ao serviço de uma causa que foi compreendida pela grande maioria do povo português. No entanto, Reforma e Métodos são contrariados, frontal ou capciosamente, pelos que não suportam mudanças, muito embora alguns não tenham coragem de as criticar nos seus fundamentos, ou pelos que, sempre desolados de implantar a «nova ordem», obedecem cegamente ao princípio do «quanto pior melhor».

Uns e outros, inimigos nas ideias unem-se nas críticas destrutivas das reformas, e alguns embora nada tenham

feito para prestigiar instituições, mas muitas vezes contribuindo para o seu descrédito, desejam agora apresentar-se como guardiões de valores que nunca foram postos em causa.

É doloroso observar que tantos deles, com receio de quaisquer êxitos, ou pretendem que seja feito o que humanamente se não pode exigir, já que a reforma educativa global tem de ser obra cuidadosamente pensada, reflectida e posta em operação, ou entendem não dever ser feito muito do que é possível realizar através de soluções parciais, imbuídas do espírito da Reforma.

A linguagem destrutiva desses críticos é semelhante e utiliza conceitos idênticos ou complementares acusando a reforma de tecnocrática, não exequível ou demagógica afirmando que é cópia de outras europeias, não adequada ás exigências nacionais; enfermando de tendências socializantes ou de serviço ás classes dominantes.

Não é oportuno alargar-me em considerações sobre estes pontos, mas é momento azado para vos alertar para a necessidade de defesa contra todos os que querem lançar a nossa sociedade na insegurança, na confusão e na descrença.

Teremos de ser firmes contra todos esses e temos de usar com decisão a nossa força e autoridade ao serviço do ideal de uma sociedade mais próspera, mais generosa e mais feliz.



Uma das professoras primárias condecoradas recebe a sua medalha das mãos do almirante Américo Thomaz

Temos de vencer escolhos, entre muitos outros que, aberta ou traiçoeiramente, se erguem no nosso caminho, e, por isso, mais do que nunca, temos de estar unidos. Eu sei bem que o professorado primário, o «primeiro exército» cumprirá o seu dever, ajudando o Governo, coeso em torno do nosso insigne Presidente do Conselho, professor como nós, com uma vida dedicada á Juventude e saberá arrancar á terra a inteligência portuguesa que nos guardará para um futuro melhor.

Identificados pelo mesmo espírito construiremos um Portugal renovado que, não renegando o passado, sabe construir o seu futuro. E não renegar o passado é, desde logo, honrarmos os mestres que com dedicação exemplar souberam educar as nossas crianças durante longos anos de serviço, exercido com assiduidade e competência inextinguíveis.

Destes nobres servos da Grei se pode dizer com verdade: «Vereis amor da Pátria não movido de prêmio vil, mas alto e quase eterno.»

A cerimónia da imposição de condecorações

Terminado o discurso do ministro da Educação, procedeu-se á chamada dos professores agraciados e entrega das respectivas condecorações: Benilde Adelina Gonçalves Martins e Alves, Dival dos Santos Pinto, Faustina Gonçalves Ferreira, Lúcia Gonçalves de Melo, Maria Fernanda Gomes da Costa, Maria de Lourdes Gomes Marques, Isabel Maria dos Reis Faria, Manuel Pinheiro de Magalhães, Maria da Encarnação Soares, Ana Angelina Herculano, Maria do Carmo Barreto, Fernando Mendes de Oliveira, Maria de Lourdes Pires de Sousa, Francisco

(Continua na 23.ª página)

A «FIRESTONE»

LEVOU A LE MANS UM OUVINTE DO «TEMPO ZIP»

O ouvinte do «Tempo», Manuel Lopes da Silva, aluno do 2.º ano do I. S. T. partiu para Le Mans com a equipa «Zip». Foi o terceiro classificado, mas por impedimento dos dois primeiros (Alberto Aragão e Maria do Carmo Ferreira) acabou por vir a ser o contemplado pela «FIRESTONE»: viagem, estada e

o direito a viver por dentro cada uma das 24 Horas de Le Mans. Esta foi mais uma realização da «FIRESTONE» de colaboração com o Zip — um concurso que durante dois meses ocupou duas noites por semana 5 linhas telefónicas (3 de Lisboa e 2 do Porto), interessando grande número de ouvintes do programa.



Na foto: Manuel Lopes da Silva, com dois dos «zipes» para Le Mans — Francisco Santos e João Paulo Guerra

BOM APETITE

TONI DOS BIFES

Av. Prata da Vitória, 50-E
Telef. 536080

AMANHÃ
FEIJOADA A PORTUGUESA
DOMINGO
ARROZ DE FRANGO
Diariamente SARRABULHO

PROGRESSO

Restaurante * Snack-Bar
* Pastelaria
R. Barata Salgueiro, 2-C
Telef. 40115
Aos domingos especialidades da casa
ENSOPADO DE ENGUIAS
E COELHO A CAÇADOR
SERVEM-SE LANCHES DE CASAMENTO

RESTAURANTE MONDEGO

COZINHA A PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 A 19
(ao Rossi)
TELEFONE 36 81 60

(Sala na cave)

Restaurante breque

A deliciosa cozinha Portuguesa ao seu dispor em ambiente seleccionado com música de fundo estereofónica

Domingo: PERNA DE CABRITO A PADEIRO E ENSOPADO DE ENGUIAS

Encerrado aos Sábados
Rua Buenos Aires, 28-B e 28-D — Telef. 677006 - 679993

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE

Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
C/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

PALMA DE MAIORCA — 8 DIAS DE SONHO PARA A SEGUNDA CLASSIFICADA OFERTA DE «VIAGENS APOLO»

PRINCESA DAS TEEN-AGERS PORTUGUESAS

1971

PRÉMIOS

PARA A 1.ª:

- Viagem a Londres e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de Produtos REVLO);
- Viagem a Paris e estadia de 3 dias para 2 pessoas (oferta do Centro de Estética Feminina).

PARA A 2.ª:

- Viagem a Palma de Maiorca e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de VIAGENS APOLO).

PARA TODAS AS FINALISTAS:

- Abertura de uma conta depósito à ordem no valor de 1500\$00 (mil e quinhentos escudos) no CREDITO PREDIAL PORTUGUES (oferta do Crédito Predial Português);
- Um Rádio GRUNDIG modelo «Elite-Boy 209» com alimentador Grundig modelo TM-12 (oferta da Nacional Rádio SARL);
- Hot-pants e túnica em DRALON (oferta da Bayer Portugal SARL);
- Um corte de tecido RIOPELE e 500 escudos para o fecho do vestido (oferta da Riopele);
- Um curso de manequim (oferta da Escola de Manequins JUNO);
- Produtos REVLO da linha NATURAL WONDER (oferta de Estabelecimentos Jerónimo Martins);
- Produtos LYNCEE da linha TENDRE KID (oferta de M. L. Sousa e Silva Lda);
- Produtos BRECK (oferta de Intermarca Lda. — Grupo S. N. S.);
- Perfumes e produtos ENGLISH LEATHER (oferta de Intermarca Lda. — Grupo S. N. S.).

PRÉMIO BAYER DE ELEGÂNCIA

- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em DRALON IMPRIME;

PRÉMIO RIOPELE DE ELEGÂNCIA

- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em tecido RIOPELE.

Os prémios de viagem no concurso das «Teen-Agers», e, de uma forma geral em todos os concursos, destina-se sempre às vencedoras.

O «Diário de Lisboa» decidiu no entanto este ano oferecer também uma viagem a 2.ª colocada e encontrou, da parte de «Viagens Apollo» a melhor das colaborações.

Assim, a 2.ª classificada do concurso nacional de «Teen-Agers», irá passar 8 dias com uma acompanhante, no cenário maravilhoso de Palma de Maiorca, graças a uma oferta de «Viagens Apollo».

«Viagens Apollo», uma organização que congrega diversas agências de viagem e que tem a sua sede em Lisboa, na Av. Fontes Pereira de Melo, 33, organiza viagens turísticas a vários pontos do globo prestando uma total e completa assistência aos turistas.

Oito dias em Palma de Maiorca por Esc. 2980\$00 (média estação) ou oito dias em Torremolinos por Esc. 1780\$00, (também média estação) são algumas das modalidades que «Viagens Apollo» oferecem in-

cluindo naquele preço, viagem e estadia.

O programa completo da viagem da 2.ª classificada será:

1.º DIA: — Partida em avião a pacto «Caravelle» da TAP, num voo especial sem escala, com destino a Palma de Maiorca. Chegada cerca de 1 hora e quarenta minutos depois: 16 e 40. Assistência no Aeroporto e transporte ao Hotel.

2.º ao 7.º DIA: — Pensão completa no Hotel. Dias livres para praia ou excursões pela encantadora ilha. Há excursões facultativas às Grutas de Drach e Hams, a Formentor e a Valdemosa e Soller.

8.º DIA: — Partida às 17 e 40 no jacto «Caravelle» da TAP num voo especial sem escala, chegada a Lisboa cerca das 19 e 40.

A estadia será num destes três hotéis «MIRADOR», «REINA CONSTANZA» ou «BELLVER». Qualquer deles é de 3 estrelas (1.ª classe). Hotéis modernos, todos com piscina. Todos os quartos com banho privativo e telefone.



É neste hotel maravilhoso (em Palma de Maiorca) que a 2.ª classificada do concurso nacional de «Teen-Agers», passará 8 dias graças a uma oferta de «Viagens Apollo».

Condições para concorrer à eleição da Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas

- Ter nacionalidade portuguesa
- Não ser nem ter sido casada
- Ter 14 anos feitos no dia 10 de Julho e não completar 19 anos antes do mesmo dia 10 de Julho
- Enviar o boletim de inscrição, acompanhado de uma foto de busto e outra de corpo inteiro

princesa
das
teen-
agers
portuguesas

cupão de inscrição

NOME _____

MORADA _____ TELEF. _____

LOCALIDADE _____

DIA DO NASCIMENTO _____ DE _____ DE 19 _____

PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____

Recorte este boletim, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto e branco ou a cores) e envie para «Diário de Lisboa» — Teen-Agers — Rua Castilho 185 — LISBOA.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam Sérgio Berto Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas, Elisete Cascais e Tocam: António Bessa e Fernando Reis. Consumo mínimo 60\$00. Rua das Taipas, 14. Tel. 32 72 56.

LAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo, Correia, Ana Rosmaninha, Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga. Tocam: Fontes Rocha.

José Luis Nobre Costa e Pedro Leal. Encerra aos domingos. Consumo mínimo 90\$00. Beco das Cuturnas, 10. Tel. 860816.

TIMPANAS

cantam: Tria Odemira, João Fer-

nando Amílha Reis, Luis Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros e Cons. min. 61\$50. Itaxas.

Incl. a Rua Gilberto Rolz 24. Telefones: 676655 e 672431.

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Mané Américo, Proença, Francisco Mart.

Princesa, Danças e canções por conjunto privativo. Rua «Diário de Notícias» 107. Telef. 328307. Aberto: Alameda de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Encerra aos domingos.

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telef.: 264521, 264526-264596-264621-264946.

ADAGGIO

A presença de JOSE LEITIA, cop. — Saul e Underground. Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente da Inglaterra. Estados Unidos e Brasil. Aberto todos os dias das 16 às 20 e das 22 às 3.30 h. Rua Carlos dos Reis, 51-A. Telef. 775695.

TAMILA

Morão. Conjunção. Avenida Duque de Loulé, 69. Tel. 534117. Motinés todos os dias. Encerra aos domingos.

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas. Música constante. Calçada Marquês de Abrantes 64-66. Telef. 467264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente. Rua S. Tomé, 86. A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 86 633.

D. QUIXOTE — Bar-Boite com Carlos Villaret e Tony Vieira. Aberto até às 5 da madrugada. Rua da Trindade, 9. Telef. 327109. Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa.

Música constante. Av. Marechal Carmona. Telef. 367136. Encerra às 3 horas.

MAXIME

Conjunção e Reacção e Max. Miliano. «Show» turístico. Variedades internacionais. Praça da Alegria, 58. Telef. 55366.

HIPOPPOTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A. Telef. 48384. Concl. Hélder Reis. Encerra aos domingos.

a fuma
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)
534466-561949

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunção Manuel Viegas. Ave.

Rua Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.

BATACLAM

Rua Ramalho Ortigão, 39-A. Telef. 56 04 30.

BAR: Aberto das 19.00 às 3.30 h. DISC.: Aberto das 22.00 às 3.30 h. NOITES DE PARIS EM LISBOA. ENCERRADO AOS DOMINGOS.

COMUNICADO

CAMPANHA DA HABITAÇÃO NA PRAIA

POR CONSIDERAR

o actual desejo de vida saudável, fora das cidades, sem os seus ruídos e poluições, bem como a natural robustez e saúde, que se observa nas crianças e adultos, que habitam junto a Praias.

Mas não esquecendo, no entanto, a necessidade da proximidade de Lisboa, pelas deslocações do trabalho diário;

POR CONSIDERAR

não só a crescente necessidade de viver na sua própria casa, como também que ela deva estar localizada, junto a Estabelecimentos de Ensino;

POR CONSIDERAR

as dificuldades e custo do aluguer da casa, ou de exíguos apartamentos, onde famílias inteiras se procuram acomodar, para passar parte do Verão e que cada vez se tornam mais caros, mais pequenos e distantes das Praias;

POR CONSIDERAR

que devemos ter como factores necessários e positivos de uma Praia, não só um mínimo de dimensão, para evitar os superpovoamentos, já tão sobejamente conhecidos, como também o seu afastamento do Rio Tejo, para beneficiar o mais possível, das vantagens do Oceano;

POR CONSIDERAR E AINDA

a necessidade premente de se possibilitar às Famílias, em geral e às Mães com filhos pequenos, em particular, uma breve deslocação a pé, para a sua Praia, obviando, deste modo, a todos os problemas inerentes aos transportes comuns e ainda dispensando também o uso de um automóvel, que muitas senhoras não podem utilizar.

**FOI IDEALIZADO
PROJECTADO
E EDIFICADO
UM EMPREENDIMENTO COM
AS SEGUINTE
CARACTERÍSTICAS**

LOCALIZAÇÃO - CARCAVELOS

Escolheu-se este local em virtude de:

- Se encontrar a meio do caminho da Linha Cascais - Lisboa;
- Possuir a maior praia desta zona e já considerada como Oceânica;
- Ter na localidade e imediatamente à sua volta, uma variada gama de bons Estabelecimentos de Ensino;
- E dispor de estruturas comerciais, a reforçar as do próprio Empreendimento.

CARACTERÍSTICAS HABITACIONAIS

Local desafogadíssimo em zona de Pinhal, com bom ar, longe de poluições e ruídos, desenvolvendo-se o Empreendimento em prédios de 3 a 6 andares, dispostos com a maior largueza, disfrutando de grande vista de mar e, permitindo o acesso a pé:

- à Praia, por distar cerca de 400 m. (andamento normal-5 m.)
- à Estação, por distar cerca de 700 m. (andamento normal-10 m.)

Importante - Situado na zona entre a Linha C. Ferro e a Marginal.

SITUAÇÃO

- Desenvolvimento em blocos de 3 a 6 andares;
- Boa vista de mar e serra;
- Divisão em 3, 4 e 5 assoalhadas, com boas e bonitas cozinhas;
- Áreas francamente grandes;
- Principais acabamentos: - Caixilharia exterior em alumínio anodizado, com portas para a varanda, com incrustações de mutene - Loijas e azulejos de côr - Tacos de mussibi - Sancas para cortinados, em mutene.
- Cores, madeiras e materiais escolhidos por um grupo de arquitectos e decoradores;
- Equipamento: - Frigorífico, fogão, esquentador, exaustor de fumos e máquina de lavar loiça (tudo já incluído no preço)

Não se tivesse estudado e elaborado **UM PROGRAMA FINANCEIRO**, em moldes considerados como acessíveis, à Família de médios recursos.

**PORÉM
POUCO
SE TERIA FEITO
SE**

**MAS RESTA AINDA DAR GARANTIAS,
QUANTO À QUALIDADE
DA CONSTRUÇÃO PRATICADA,
NOS BLOCOS JÁ EDIFICADOS,
E NA QUE SE PRATICARÁ, NAQUELES
QUE ESTÃO EM EDIFICAÇÃO. ASSIM**

PLANEAMENTO

Realizado pelo Eng.º Nelson Montes - Chefe de Divisão do Lab. de Engenharia Civil.

CONSTRUÇÃO

Por ORTECNICA - Organização Técnica de Construção, Lda. - Pr. de Londres, 3 - Lisboa, e CORUL - Construções e Reparações Urbanas, Lda. - R. Conde de Sabugosa, 4 - Lisboa
REFERÊNCIAS - Empreiteiros de Obras Públicas.

**E AINDA QUANTO À IDONEIDADE
PESSOAL E FINANCEIRA
DO PROPRIETÁRIO**

Que é Dr. ÂNGELO dos SANTOS - Rua da Prata, 54-2º - Lisboa
REFERÊNCIAS BANCARIAS - B. Nacional Ultramarino - B. Fonsecas & Burhay
- B. Espírito Santo e Comercial de Lisboa. E ainda - Caixa Geral de Depósitos ou Crédito Predial Português.

DADOS QUE ESTÃO ESTES ELEMENTOS

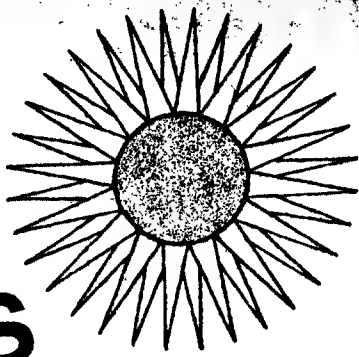
Já é altura de anunciar o início da Campanha de Vendas do nosso EMPREENDIMENTO.

EMPREENDIMENTO

Onde, todos os participantes, desde o início até agora, têm trabalhado, para que, EM VERDADE, seja simbolizado pela frase

ar, mar e família

**TAMBÉM
DURANTE
AS FÉRIAS**



**Sem encargos
Sem dificuldades
Sem cuidados**

pague:

água

gás

electricidade

telefone

taxas de rádio

taxas de televisão

prémios de seguros

rendas de casa

quotas do Automóvel Club

quotas de colectividades

assinaturas de jornais

assinaturas de revistas

contribuições da previdência

outros encargos periódicos

realize:

transferências para todo o país
transferências entre contas
operações de cobrança

através de uma conta do
SERVICO DE TRANSFERÊNCIAS

peça informações nas filiais, agências
ou delegações, existentes em todos
os concelhos do país, ou directamente
na sede do serviço, Rua Aurea 49-Lisboa

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

UM ESCULTOR MEXICANO EXPÕE NO ALGARVE

Alberto Ramirez Capmany, escultor mexicano que entre nós reside há três anos, apresenta na galeria «Cata-vento» em Albufeira, uma exposição de 19 esculturas e 20 desenhos a tinta-da-china.

Executadas todas aquelas esculturas entre nós, traduzem entretanto um mundo onírico com fundas raízes na morfologia mágica da arte arcaica asteca, sacra e majestática em sua esplêndida beleza.

Perguntámos-lhe:

— Que quadro desejarias para as tuas esculturas?

— Simplesmente um jardim, com vastos relvados. Ou então o interior de uma casa bastante nua e com paredes brancas.

— Sentes-te muito ligado à tradição mexicana na arte.

— Indiscutivelmente. A escultura asteca, toleca e maia foram a minha escola. Vi-as praticamente desde que nasci. É coisa que corre nas minhas veias.

— Quais os pintores que porventura marcaram as suas diligências plásticas?

— Por paradoxal que possa



Auto-retrato do escultor



«Cabeça», escultura de Alberto Capmany

parecer-lhe, o pintor que sempre me interessou apaixonadamente e cuja obra tenha aprofundado é Courbet artista sumamente sensorial, cujos nus

são de uma beleza a redescobrir. Além disso, pintou as suas paisagens com a mesma sensualidade e força. Também Siqueiros me ajudou muito. Fomos bons amigos, as suas críticas deram-me uma ajuda preciosa. Quando comecei a pintar, as longas conversas que tivemos foram por mim decisivas. Quanto a Moore, cuja pujança muito admiro, ele próprio foi influenciado pela arte pré-colombiana, daí partindo para investigações extremamente originais e criadoras.

— Que razão te levou a fixares-te em Portugal?

— A fascinação do mar. Vivo numa casa isolada na serra de Sintra. Há, de resto, uma curiosa similitude entre o México e Portugal, parecendo que só num ensaio, e dificilmente, eu poderia explicar: questões que se referem ao sentido da vida e da morte, a aspectos sociais, a mitos comuns, etc.

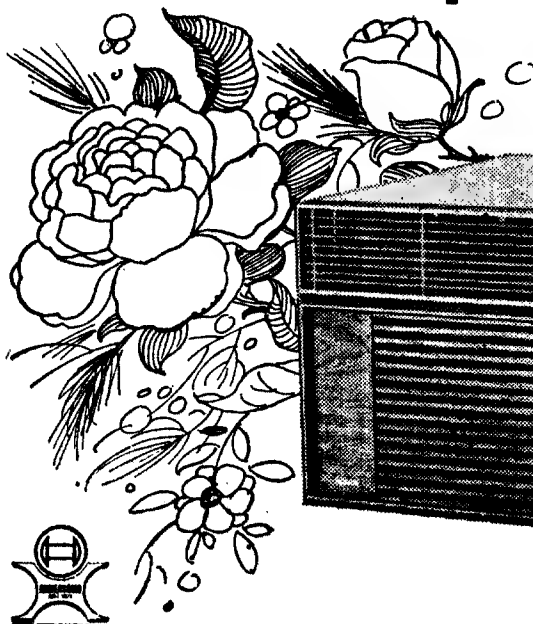
VAI SER CRIADA A CASA DE TIMOR

Todas as pessoas que de qualquer forma estejam ligadas à província portuguesa de Timor, sejam ou não de lá naturais, e queiram apoiar a criação, em Lisboa, da Casa de Timor, devem entrar em contacto com o escritor Fernando Sylvan, Avenida do Ultramar, 559-B, Cascais.

OS 21 ANOS DOS INVÁLIDOS DO VOLANTE

A Casa de Repouso dos Motoristas Portugueses (Inválidos do Volante) festeja, no dia 20, o seu 21.º aniversário. Do programa constam uma sessão so. en. às 12 e 30; um almoço de confraternização, às 14, e um jantar íntimo entre internados e membros dos corpos sociais, às 19 horas.

ar condicionado
BOSCH
a temperatura do conforto



22.º CONGRESSO MUNDIAL DA I. A. A.

O EXEMPLO DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TELAVIVE APONTADO PELO SECRETÁRIO-GERAL DO «CHAPTER» PORTUGUÊS

A poucos dias da inauguração oficial do 22.º Congresso Mundial da «International Advertising Association» que, conforme tem sido largamente anunciado nos órgãos de Informação, vai reunir no Estoril na próxima semana, está a realizar-se em Israel a «Conferência Internacional sobre a Publicidade nos Países em Vias de Desenvolvimento», que foi precedida pela 7.ª reunião do Conselho Pan-Europeu da I. A. A.

Para participar nesta reunião, na qualidade de representante de Portugal, e assistir à sessão de abertura da referida conferência, seguiu no domingo de Lisboa, aonde regressou na tarde de terça-feira, o secretário-geral do «Chapter» português e do 22.º Congresso Mundial da I. A. A.

A sua chegada ao aeroporto de Portela, respondendo a diversas perguntas, Jorge Rodrigues começou por observar:

«A primeira reflexão, após as horas passadas quase exclusivamente no hotel, onde decorreram as reuniões que decorreram a minha deslocação a Telavive, é meramente pessoal: lamento, sinceramente, haver declinado, por diversas vezes, durante a dezena de anos em que fui jornalista, os convites então recebidos para uma estadia em Israel.

Se a obra socio-económica neste país, a força de ânimo, e capacidade realizadora da sua gente sempre me mereceram admiração e respeito, o

contacto directo havido agora, embora em tão pouco espaço de tempo, radicaram as ideias formadas há muito.

Direi mesmo que me senti emocionado por quanto me foi dado observar: o imenso esforço e o alar de um povo que, a despeito dos problemas de particular acuidade que hoje enfrenta, prossegue determinada e tão aceleradamente quanto possível a sua marcha para um futuro que, entre outros apoios, assenta no desenvolvimento tecnológico... e na fé.

A mensagem do ministro dos Estrangeiros, Abba Eban, e o esclarecido discurso do ministro do Turismo, Moshe Kati — constituem testemunho de uma serena mas firme determinação de progresso — a despeito do estado de guerra que o país suporta há muito tempo.

A nota dominante deste estado de espírito — continuou Jorge Rodrigues — ressalta da atitude, da disposição mental dos israelitas... afirmação que não posso deixar de condicionar, contudo, ao escasso número de horas durante as quais convivi com mais de uma centena de habitantes... e todos eles de nível elevado no seu sector. Esta restrição não anula, porém, o realismo que ressalta de alguns dados objectivos. Note-se, assim, que no 21.º Congresso Mundial da I. A. A., reunido em Tóquio em 1969, a par de 500 delegados estrangeiros, havia não

mais de outros tantos naturais do País. Ora no caso de Israel, tratando-se embora de um «encontro» importante no âmbito profissional (que intencionalmente foi denominada «Conferência Internacional») não seria de prever um número de participantes semelhante ao de um Congresso Mundial. Registe-se, no entanto, que, a par de pouco mais de 100 estrangeiros, se inscreveram cerca de 500 israelitas — numero expressivo do interesse que estes conferem a problemas da maior actualidade, tais como são os ligados à esfera de comercialização de produtos e serviços e à difusão de ideias em geral.

Nas suas palavras de abertura, o «chairman» da reunião de Telavive, que virá trazer a Lisboa, na última sessão plenária do Congresso Mundial, uma sumula das conclusões da importante reunião, foi bem explícito ao acentuar, entre muitas outras, ideias como as que posso reproduzir do texto do seu discurso:

«Através de vastos continentes, centenas de milhares de pessoas estão a acordar os sons dos tempos modernos. Estarão o anunciante internacional totalmente consciente da magnitude deste processo lento mas gigantesco? Estará alerta perante o desenvolvimento destes mercados potenciais? Sabrá usar e aplicar as poderosas possibilidades da publicidade moderna para penetrar nestas amplas áreas de con-

sumidores em expansão, apesar das barreiras do analfabetismo, costumes tribais, preconceitos religiosos e crenças primitivas?

A conferência da I. A. A. sobre a Publicidade nos países em vias de desenvolvimento tentará encontrar respostas para estas perguntas.»

A participação nacional

A seguir, o sr. Jorge Rodrigues, na sua qualidade de secretário-geral do Congresso que vai realizar-se no Estoril, referiu-se às nossas perspectivas actuais:

«Quando nos dedicamos a uma causa, quando estamos convictos de que ela pode e deve servir os interesses do nosso País, por forma objectiva, e que os seus resultados serão, até deveras importantes para o futuro de uma actividade de largo espectro, só por excepção, num momento como este, nos poderemos considerar satisfeitos ou mesmo tranquilos — ainda quando o esforço tenha sido grande e adequados os apoios de entidades responsáveis.

De qualquer modo, poderei adiantar que, relativamente ao congresso em Tóquio, o número de estrangeiros inscritos até à minha partida de Lisboa no domingo é muito superior; conforme se previa, aliás, será mesmo o Congresso Mundial com maior participação de estrangeiros desde a origem da instituição em 1938. Isto não quer dizer, porém, que não fosse desejável e tivesse sido possível congregarmos maior participação estrangeira — e tal haveria sucedido certamente, se circunstâncias infelizes e exteriores à vontade e acção dos organizadores não houvessem contribuído para essa situação, que afecta, sem dúvida, a rentabilidade do empreendimento em todas as suas angulações.»

E quanto à participação nacional, Jorge Rodrigues respondeu, escalonando a resposta por alíneas:

a) Tal como foi amplamente ventilado na reunião do Conselho Pan Europeu, e também, com alguns colegas do Conselho de Administração da «International Advertising Association», no decorrer da magnífica recepção oferecida no «Sheraton» de Telavive, a escolha dos países aonde reunir os futuros Congressos Mundiais e até os Conselhos Mundiais, Pan Europeu e da própria Europa Continental deverá ter em conta, em primeiro lugar, o critério de preferir países onde se reconheça ser mais urgente a necessidade de despertar ou actualizar as actividades ligadas à comercialização — inclusivamente fomentar a identificação de problemas essenciais ao desenvolvimento económico e que, no entanto, são em muitos casos parcelas ou totalmente ignoradas por parte de individualidades «innomine» responsáveis por actividades com expressão na economia dos países.

Como português, acentuou Jorge Rodrigues, devo reconhecer que me senti verdadeiramente envergonhado ao tomar conhecimento de algumas respostas que instituições de nomeada no nosso País enviavam acerca de questões que lhes haviam sido presentes, conforme é norma antes de todos os congressos mundiais da I. A. A. — revelando não apenas desconhecimento da natureza e amplitude da I. A. A., o que é aceitável, mas, sobretudo, notório

desconhecimento de conceitos hoje aceites como elementos básicos de gestão de empresa — o que é grave, naturalmente.

Entre muitas outras, eis, pois, a ignorância, um tipo de ignorância perigosa por convicção das suas determinantes, como razão talvez fundamental de Portugal haver sido escolhido para local da reunião do 22.º Congresso Mundial da I. A. A.

Nenhum dos membros do Conselho de Administração ou qualquer dos portugueses que aceitaram a responsabilidade de organizar o importante conclave tinha dúvidas de que haveriam de se enfrentar dificuldades ponderosas, sobretudo de ordem material, pois era de encargar com justificada apreensão a reacção dos empresários portugueses tanto quanto à sua normal contribuição para o êxito de um empreendimento, cujo alcance, no entanto, o nosso Governo desde logo reconheceu publicamente, quanto até ao seu interesse em se inscreverem como congressistas — quanto mais não fosse para ver de que se tratava! E foi usada então uma linguagem insusceptível de não ser entendida mesmo por qualquer leitor de bagagem técnica muito reduzida na matéria.

Não havia, porém, possibilidade de alternativa... e os israelitas acabaram de demonstrar quanto vale a sua lucida e actualizada compreensão dos problemas do mundo económico actual. Fosse qual fosse o risco, havia, pois, que levar por diante uma iniciativa que tão bons frutos tem produzido noutros países e a qual circunstancialismos de diversa ordem, conferiram particular razão de ser no respeitante a Portugal.

b) A «participação nacional» pode, assim, ser encarada sob diversos ângulos. Tem sido magnífica, por parte das entidades oficiais da Metrópole e do Ultramar — e aligera-se dispensar comentários a presença do Chefe do Estado na inauguração do Congresso e a qualidade dos nomes que constituem o núcleo de entidades patrocinadoras, à frente das quais figura o Presidente do Conselho, acompanhado por sete membros do Governo; pelos governadores gerais de Angola e Moçambique, pelo governador da Guiné, pelo governador civil e presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Também foi indicador positivo a resposta de algumas entidades particulares, desde o doutor Azeredo Perdigão, que preside à Comissão Nacional de Honra, ao valioso apoio que a realização recebeu de cerca de 30 entidades (apenas 30 entre centenas consultadas!) Justo é destacar o contributo decisivo que a organização prestaram os drs. Jorge de Mello e Miguel Quina, vice-presidentes da Comissão Organizadora. A relevância da sua atitude não se reflecte apenas directamente em substancial apoio económico, mas também no facto de sendo ambas entidades simultaneamente responsáveis por grandes forças económicas nacionais, e homens novos, favorecerem junto dos nossos visitantes a imagem, infelizmente pouco veraz no respeitante à maioria das situações análogas, de dirigentes devidamente esclarecidos sobre a problemática mundial no respeitante ao avanço tecnológico, tanto

quanto à necessidade de aproximação entre os povos para conhecimento ajustado das características dos mercados externos em que havemos de concorrer.

Grande injustiça seria ainda — prosseguiu Jorge Rodrigues — esquecer a verdade expressa na recente afirmação de uma entidade altamente responsável: a Informação portuguesa (com raras excepções) deve ser encarada como um verdadeiro Conselho de Honra, pois, a sua acção informativa e promocional, ao longo de dois anos, tem sido tão saliente, ao ponto de os dirigentes da I. A. A. reconhecerem que nenhum outro congresso mundial teve divulgação sequer comparável.

c) A «participação nacional» no respeitante à inscrição de congressistas não corresponde, de modo algum, ao desejável — desejável do ponto de vista dos interesses do País e dos interesses dos próprios empresários portugueses.

«Não desespere caro amigo, dizia-me, em Telavive, Gaston Catz — professor de Sorbonne —, a quem coube a minha ingrata missão aquando do Congresso Mundial da I. A. A. em Paris. Os portugueses, tal como os espanhóis, os italianos e os franceses inscrevem-se no último instante. Oito dias antes da inauguração oficial do congresso de 1968 eu estava profundamente angustiado, até por imaginar o que ficariam a pensar os franceses todos aqueles estrangeiros qualificados que tínhamos conseguido trazer de cinco continentes como oradores ou congressistas. E o «milagre» deu-se — acrescentou Catz. De menos de cem inscrições passámos para quinhentas nos últimos dias!»

O total dos inscritos é insignificante

Acredita Jorge Rodrigues que tal venha a acontecer em Portugal? Responde:

«Sinceramente, não! Note-se, porém, que neste momento o «chapter» português da I. A. A. a primeira posição na Europa Continental no respeitante a número de associados (passou de 7 em 1968 para 156 em 1971), e sendo muito selectiva a admissão de associados, é óbvio que a nossa situação difere bastante da que refere o meu ilustre colega Gaston Catz (que virá a Lisboa na dupla qualidade de orador no Congresso e no seminário promovido de 12 a 14 pelo Clube Português dos Publicitários). Considerando ainda que foram efectuadas em Portugal milhares de diligências e que há neste momento 80 respostas positivas para além, obviamente, da posição dos associados, havermos de admitir que o total é insignificante e desolador comparado por exemplo com a reunião de Telavive (o número de associados do «chapter» israelita passou no mesmo período de três anos de 8 para 32 associados).

O caso adquire um sentido mais objectivo se houver em conta que as empresas afiliadas do Banco Borges & Irmão cabem mais de três dezenas de inscrições e que ao grupo CUP respeita também cerca de uma dúzia.

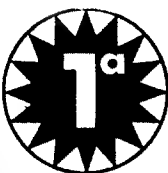
E a concluir as suas tristadas declarações, o sr. Jorge Rodrigues disse ainda:

«Note que: a) Não apenas

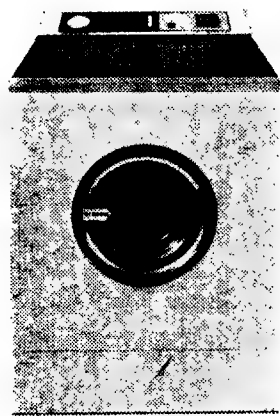
(Continua na 19.ª página)

2 NOVIDADES SINGER

OFERTA DE DETERGENTE PARA 1 ANO

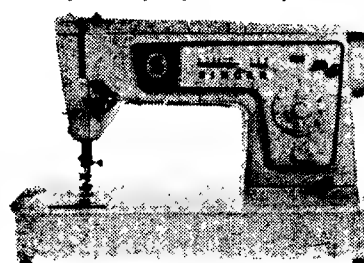


na compra de uma máquina de lavar roupa Singer! Aproveite esta oferta que se prolonga só até 4 de Agosto e beneficiará da qualidade e assistência Singer.



AGORA-MENOS 500,00

Redução de preço na máquina de costura Singer modelo 478



Caseie, faça pontos decorativos ou zigue-zague com este modelo Singer e beneficie, até 30 de Junho, do desconto de 500\$00 mas sempre com a assistência e qualidade Singer.



VISITE HOJE A LOJA SINGER MAIS PRÓXIMA

Enviar a Singer, Av. 24 de Julho, 42 - Coartaria de
obter acerca desta oferta informações ☐
Nome _____ Morada _____

22.º CONGRESSO MUNDIAL DA I. A. A.

O EXEMPLO DA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TELAVIVE APONTADO PELO SECRETÁRIO-GERAL DO «CHAPTER» PORTUGUÊS

A poucos dias da inauguração oficial do 22.º Congresso Mundial da «International Advertising Association» que, conforme tem sido largamente anunciado nos órgãos de Informação, vai reunir no Estoril na próxima semana, está a realizar-se em Israel a «Conferência Internacional sobre a Publicidade nos Países em Vias de Desenvolvimento», que foi precedida pela 7.ª reunião do Conselho Pan-Europeu da I. A. A.

A participação nesta reunião, na qualidade de representante de Portugal, e assistente à sessão de abertura da reunião conferência, seguiu no domingo de Lisboa, aonde regressou na tarde de terça-feira, o secretário-geral do «Chapter» português e do 22.º Congresso Mundial da I. A. A.

A sua chegada ao aeroporto de Portela, respondendo a diversas perguntas, Jorge Rodrigues começou por observar:

«A primeira reflexão, após horas passadas quase exclusivamente no hotel, onde decorreram as reuniões que determinaram a minha deslocação a Telavive, é meramente pessoal: lamento, sinceramente, haver declinado, por diversas vezes, durante a dezena de anos em que fui jornalista, os convites então recebidos para uma estadia em Israel.

Se a obra socio-económica neste país, a força de ânimo, e capacidade realizadora da sua gente sempre me mereceram admiração e respeito, o

contacto directo havido agora, embora em tão pouco espaço de tempo, radicaram as ideias formadas há muito.

Direi mesmo que me senti emocionado por quanto me foi dado observar: o imenso esforço e o alar de um povo que, a despeito dos problemas de particular acuidade que hoje enfrenta, prossegue determinada e tão aceleradamente quanto possível a sua marcha para um futuro que, entre outros apoios, assenta no desenvolvimento tecnológico... e na fé.

A mensagem do ministro dos Estrangeiros, Abba Eban, e o esclarecido discurso do ministro do Turismo, Mashe K... — constituem testemunho de uma serena mas firme determinação de progresso — a despeito do estado de guerra que o país suporta há muito tempo.

A nota dominante deste estado de espírito — continuou Jorge Rodrigues — ressaltava a atitude, da disposição mental dos israelitas... afirmação que não posso deixar de condicionar, contudo, ao escasso número de horas durante as quais convivi com mais de uma centena de habitantes... e todos eles de nível elevado no seu sector. Esta restrição não anula, porém, o realismo que ressaltava de alguns dados objectivos. Note-se, assim, que no 21.º Congresso Mundial da I. A. A., reunido em Tóquio em 1969, a par de 500 delegados estrangeiros, havia não

mais de outros tantos naturais do País. Ora no caso de Israel, tratando-se embora de um «encontro» importante no âmbito profissional (que intencionalmente foi denominada «Conferência Internacional») não seria de prever um número de participantes semelhante ao de um Congresso Mundial. Registe-se, no entanto, que, a par de pouco mais de 100 estrangeiros, se inscreveram cerca de 500 israelitas — numero expressivo do interesse que estes conferem a problemas da maior actualidade, tais como são os ligados à esfera de comercialização de produtos e serviços e à difusão de ideias em geral.

Nas suas palavras de abertura, o «chairman» da reunião de Telavive, que virá trazer a Lisboa, na última sessão plenária do Congresso Mundial, uma sumula das conclusões da importante reunião, foi bem explícito ao acentuar, entre muitas outras, ideias como as que posso reproduzir do texto do seu discurso:

«Através de vastos continentes, centenas de milhares de pessoas estão a acordar os sons dos tempos modernos. Estará o anunciante internacional totalmente consciente da magnitude deste processo lento mas gigantesco? Estará alerta perante o desenvolvimento destes mercados potenciais? Sabem usar e aplicar as poderosas possibilidades da publicidade moderna para penetrar nestas amplas áreas de con-

sumidores em expansão, apesar das barreiras do analfabetismo, costumes tribais, preconceitos religiosos e crenças primitivas?

A conferência da I. A. A. sobre a Publicidade nos países em vias de desenvolvimento tentará encontrar respostas para estas perguntas.»

A participação nacional

A seguir, o sr. Jorge Rodrigues, na sua qualidade de secretário-geral do Congresso que vai realizar-se no Estoril, referiu-se às nossas perspectivas actuais:

«Quando nos dedicamos a uma causa, quando estamos convictos de que ela pode e deve servir os interesses do nosso País, por forma objectiva, e que os seus resultados serão, até deveras importantes para o futuro de uma actividade de largo espectro, só por excepção, num momento como este, nos poderemos considerar satisfeitos ou mesmo tranquilos — ainda quando o esforço tenha sido grande e adequados os apoios de entidades responsáveis.

De qualquer modo, poderei adiantar que, relativamente ao congresso em Tóquio, o número de estrangeiros inscritos até à minha partida de Lisboa no domingo é muito superior; conforme se previa, aliás, será mesmo o Congresso Mundial com maior participação de estrangeiros desde a origem da instituição em 1938. Isto não quer dizer, porém, que não fosse desejável e tivesse sido possível congregarmos maior participação estrangeira — e tal haveria sucedido certamente, se circunstâncias infelizes e exteriores à vontade e acção dos organizadores não houvessem contribuído para essa situação, que afecta, sem dúvida, a rentabilidade do empreendimento em todas as suas angulações.»

E quanto à participação nacional, Jorge Rodrigues respondeu, escalonando a resposta por alíneas:

a) Tal como foi amplamente ventilado na reunião do Conselho Pan Europeu, e também, com alguns colegas do Conselho de Administração da «International Advertising Association», no decorrer da magnífica recepção oferecida no «Sheraton» de Telavive, a escolha dos países aonde reunir os futuros Congressos Mundiais e até os Conselhos Mundiais, Pan Europeu e da própria Europa Continental deverá ter em conta, em primeiro lugar, o critério de preferir países onde se reconheça ser mais urgente a necessidade de despertar ou actualizar as actividades ligadas à comercialização — inclusivamente fomentar a identificação de problemas essenciais ao desenvolvimento económico e que, no entanto, são em muitos casos parcelas ou totalmente ignoradas por parte de individualidades «innomine» responsáveis por actividades com expressão na economia dos países.

Como português, acentuou Jorge Rodrigues, devo reconhecer que me senti verdadeiramente envergonhado ao tomar conhecimento de algumas respostas que instituições de nomeada no nosso País enviavam acerca de questões que lhes haviam sido presentes, conforme é norma antes de todos os congressos mundiais da I. A. A. — revelando não apenas desconhecimento da natureza e amplitude da I. A. A., o que é aceitável, mas, sobretudo, notável

desconhecimento de conceitos hoje aceites como elementos básicos de gestão de empresa — o que é grave, naturalmente.

Entre muitas outras, eis, pois, a ignorância, um tipo de ignorância perigosa por convicção das suas determinantes, como razão talvez fundamental de Portugal haver sido escolhido para local da reunião do 22.º Congresso Mundial da I. A. A.

Nenhum dos membros do Conselho de Administração ou qualquer dos portugueses que aceitaram a responsabilidade de organizar o importante conclave tinha dúvidas de que haveriam de se enfrentar dificuldades ponderosas, sobretudo de ordem material, pois era de encargar com justificada apreensão a reacção dos empresários portugueses tanto quanto à sua normal contribuição para o êxito de um empreendimento, cujo alcance, no entanto, o nosso Governo desde logo reconheceu publicamente, quanto até ao seu interesse em se inscreverem como congressistas — quanto mais não fosse para ver de que se tratava! E foi usada então uma linguagem insusceptível de não ser entendida mesmo por qualquer leitor de bagagem técnica muito reduzida na matéria.

Não havia, porém, possibilidade de alternativa... e os israelitas acabaram de demonstrar quanto vale a sua lucidez e actualizada compreensão dos problemas do mundo económico actual. Fosse qual fosse o risco, havia, pois, que levar por diante uma iniciativa que tão bons frutos tem produzido noutros países e a qual circunstancialismos de diversa ordem, conferiram particular razão de ser no respeitante a Portugal.

b) A «participação nacional» pode, assim, ser encarada sob diversos ângulos. Tem sido magnífica, por parte das entidades oficiais da Metrópole e do Ultramar — e afigura-se dispensar comentários a presença do Chefe do Estado na inauguração do Congresso e a qualidade dos nomes que constituem o núcleo de entidades patrocinadoras. À frente das quais figura o Presidente do Conselho, acompanhado por sete membros do Governo; pelos governadores gerais de Angola e Moçambique, pelo governador da Guiné, pelo governador civil e presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Também foi indicador positivo a resposta de algumas entidades particulares, desde o doutor Azeredo Perdigão, que preside à Comissão Nacional de Honra, ao valioso apoio que a realização recebeu de cerca de 80 entidades (apenas 80 entre centenas consultadas!)

Justo é destacar o contributo decisivo que a organização prestaram os dres. Jorge de Mello e Miguel Quina, vice-presidentes da Comissão Organizadora. A relevância da sua atitude não se reflecte apenas directamente em substancial apoio económico, mas também no facto de se terem ambos entidades simultaneamente responsáveis por grandes forças económicas nacionais, e homens novos, favorecerem junto dos nossos visitantes a imagem, infelizmente pouco veraz no respeitante à maioria das situações análogas, de dirigentes devidamente esclarecidos sobre a problemática mundial no respeitante ao avanço tecnológico, tanto

quanto à necessidade de aproximação entre os povos para conhecimento ajustado das características dos mercados externos em que havemos de concorrer.

Grande injustiça seria ainda — prosseguiu Jorge Rodrigues — esquecer a verdade expressa na recente afirmação de uma entidade altamente responsável: a Informação portuguesa (com raras excepções) deve ser encarada como um verdadeiro Conselho de Honra, pois, a sua acção informativa e promocional, ao longo de dois anos, tem sido tão saliente, ao ponto de os dirigentes da I. A. A. reconhecerem que nenhum outro congresso mundial teve divulgação sequer comparável.

c) A «participação nacional» no respeitante à inscrição de congressistas, não corresponde, de modo algum, ao desejável — desejável do ponto de vista dos interesses do País e dos interesses dos próprios empresários portugueses.

«Não desespere caro amigo, dizia-me, em Telavive, Gaston Catz — professor de Sorbonne —, a quem coube a minha ingrata missão aquando do Congresso Mundial da I. A. A. em Paris. Os portugueses, tal como os espanhóis, os italianos e os franceses inscrevem-se no último instante. Oito dias antes da inauguração oficial do congresso de 1968 eu estava profundamente angustiado, até por imaginar o que ficariam a pensar os franceses todos aqueles estrangeiros qualificados que tínhamos conseguido trazer de cinco continentes como oradores ou congressistas. E o «milagre» deu-se — acrescentou Catz. De menos de cem inscrições passámos para quinhentas nos últimos dias!»

O total dos inscritos é insignificante

Acredita Jorge Rodrigues que tal venha a acontecer em Portugal? Responde:

«Sinceramente, não! Note-se, porém, que neste momento o «chapter» português da I. A. A. a primeira posição na Europa Continental no respeitante a número de associados (passou de 7 em 1968 para 156 em 1971), e sendo muito selectiva a admissão de associados, é óbvio que a nossa situação difere bastante da que refere o meu ilustre colega Gaston Catz (que virá a Lisboa na dupla qualidade de orador no Congresso e no seminário promovido de 12 a 14 pelo Clube Português dos Publicitários). Considerando ainda que foram efectuadas em Portugal milhares de diligências e que há neste momento 80 respostas positivas para além, obviamente, da posição dos associados, havermos de admitir que o total é insignificante e desolador comparado por exemplo com a reunião de Telavive (o número de associados do «chapter» israelita passou no mesmo período de três anos de 8 para 32 associados).

O caso adquire um sentido mais objectivo se houver em conta que as empresas afiliadas do Banco Borges e Irmão cabem mais de três dezenas de inscrições e que ao grupo CUP respeita também cerca de uma dúzia.

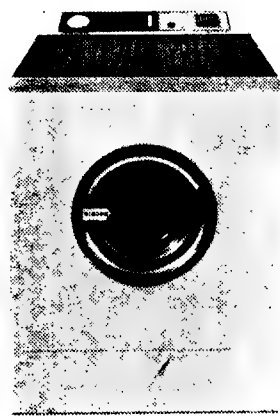
E a concluir as suas tristadas declarações, o sr. Jorge Rodrigues disse ainda:

«Note que: a) Não apenas

(Continua na 19.ª página)

2 NOVIDADES SINGER

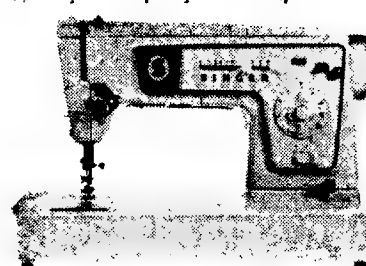
OFERTA DE DETERGENTE PARA 1 ANO



na compra de uma máquina de lavar roupa Singer! Aproveite esta oferta que se prolonga só até 4 de Agosto e beneficiará da qualidade e assistência Singer.

AGORA-MENOS 500,00

Redução de preço na máquina de costura Singer modelo 478



Caseie, faça pontos decorativos ou zigue-zague com este modelo Singer e beneficie, até 30 de Junho, do desconto de 500\$00 mas sempre com a assistência e qualidade Singer.

VISITE HOJE A LOJA SINGER MAIS PRÓXIMA

Enviar a Singer, Av. 24 de Julho 42 - Coartaria de obter acerca desta oferta informações

Morada

INVESTIR PELO SEGURO

A erosão do tempo destrói ilusões de futuro, quando não é alicerçado em bases sólidas de previdência.

Futuro

Preocupação dominante do homem de hoje, que acautela a estabilidade económica da família e prevê a sua própria segurança. É lógico procurar investimentos que garantam a valorização das economias aplicadas.

Mas, ao tomar qualquer atitude definitiva, há que avaliar vantagens e riscos.

A Mundial, consciente das necessidades sócio-económicas do mercado, apresenta agora uma modalidade de Seguro de Vida com valorização progressiva do capital seguro.

Esta valorização provém da participação do Segurado nos lucros que a Companhia realiza na exploração técnica e financeira desta modalidade.

Com o Seguro Base Valorizável, cada Segurado é "accionista" da sua própria apólice.

seguro

BASE

VALORIZÁVEL

NA BASE DO SEU FUTURO
E DA VALORIZAÇÃO DO SEU DINHEIRO

Consideramos que terá interesse em saber pormenores deste novo Seguro de Vida. Se telefonar para 35258 ou 362131 de Lisboa ou 25977/8/9 do Porto, um nosso representante estará ao seu dispor para o visitar quando achar conveniente. Em qualquer outro ponto do País, basta requerer a colaboração do Agente Mundial mais próximo.



A MUNDIAL

SEGUROS

LOURES EM ANÁLISE — 3

O MUNICÍPIO E A C. R. G. E. COLABORAM NA SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS QUE SURTIRAM NO ÚLTIMO INV

Abastecimento de água, saneamento e corrente eléctrica são três dos problemas quase comuns a todos os concelhos onde se verificou subido desenvolvimento da construção. De repente as necessidades duplicam ou triplicam e as redes existentes, quase sempre planas, sem um estudo apropriado da evolução e desenvolvimento dos locais que pretendem servir, apresentam-se não só incapazes de responderem às necessidades mais urgentes como muitas vezes sem uma estrutura básica que permita a sua ampliação. É necessário fazer de novo. Condições de água e saneamento que tem que ser substituídas porque o seu diâmetro é insuficiente, redes de distribuição eléctrica saturadas, etc.

No último Inverno, a população de Odivelas, Pontinha e alguns outros aglomerados populacionais do concelho de Loures teve faltas de corrente eléctrica além das arreliações quedas de tensão no período em que aquela não faltava. Problemas desta natureza

provocam compreensível insatisfação às populações. As críticas fizeram-se sentir nessa altura. Algumas medidas terão sido tomadas. Suficientes? Serão de receber novas perturbações no próximo Inverno? Sobre este ponto referiu-nos o presidente do Município:

— O concelho cresceu repentinamente e não houve talves a possibilidade de fazer uma cobertura com estruturas que acompanhassem esse desenvolvimento muito embora, hoje, o concelho se encontre praticamente electrificado. O desejo natural de abrir as portas do concelho ao desenvolvimento — e a construção é uma característica desse desenvolvimento — fez com que muitas situações de compromisso se tivessem criado, como seja, em urbanizações ou pequenos loteamentos, como ligações provisórias. Mas no que respeita hoje a infra-estruturas desta natureza, nomeadamente a electrificações o provisório não pode ser adoptado como sistema, porque em determinado momento as ligações provisórias vão enfraquecendo a potência a distribuir a certas áreas sobretudo em certos períodos do ano. Mas o problema que aconteceu neste Inverno, se está relacionado com este aspecto, resulta de outra natureza. Na verdade não houve avarias sérias. Haveria, apenas

necessidade de modernizar certas linhas. E estava-se de facto aqui em Loures a fazer uma ligação a Odivelas que viria reduzir as consequências, cujas causas mais profundas não interessa, agora exaustivamente explicar. Seria entrar-se em pormenores enfadonhos ou monótonos.

Trabalhos foram efectuados e hoje estamos mais capacitados para enfrentar o próximo Inverno. Entretanto, como o crescimento de Odivelas é impossível de travar, apesar de agora estarmos com o estudo do ordenamento daquela sub-região, entregue há cerca de 3 meses a uma empresa, temos hoje uma previsão de população e de construção que nos pode mais facilmente indicar ali, em poucos anos, um aumento para a ordem dos 100 mil habitantes. Não é só equipamento social que temos que recuperar e preparar para acompanhar o movimento daqui para o futuro, mas também reforçar infra-estruturas. O abastecimento de água com a construção do novo reservatório, a construção de uma nova subestação, certamente é indispensável.

Revelou em seguida estar previsto o aumento de potência da rede inscrito na lista dos assuntos que mais preocupam a administração municipal.

— Temos que enfrentar o aumento demográfico e até a explosão industrial que é natural possa convergir para a sub-região de Odivelas. Por outro lado, impõe-se, de facto, que nós olhemos — a administração não tem descurado o assunto nem os técnicos que orientam o programa — no sentido de se preparar, também, o futuro da zona industrial mais ribeirinha. Se no último Inverno foi a primeira a zona mais afectada, sem dúvida, a região de Odivelas, Canas e Pontinha. Enquanto se opera simultaneamente um desenvolvimento urbanístico, com o industrial, portanto, tem que se enfrentar este desenvolvimento, criando-lhe os meios, a semelhança da vila de Loures com uma subestação.

Os técnicos têm estudado o assunto com a minha orientação para que o problema de distribuição de energia eléctrica no concelho esteja feito de tal modo que dentro de alguns anos quase o concelho de Loures se possa bastar a si próprio, inclusive podendo, porventura, mais longe, em casos de urgência, auxiliar outras zonas limítrofes. O que é necessário é ir criando algumas subestações para que, em determinado momento, elas possam suprir as deficiências resultantes das ligações provisórias e reforçar as redes existentes. Claro que as Reunidas continuarão a ser as fornecedoras da energia em

alta tensão para depois nós a transformarmos.

A uma nova pergunta nossa no sentido de sabermos se os problemas surgidos no último Inverno seriam eliminados ou atenuados respondeu-nos:

— Sim e nesse aspecto tem havido um bom entendimento entre a Câmara e as Reunidas para, precisamente, de ambos os lados, haver uma colaboração para enfrentar o Inverno, que poderia ser mais rigoroso que o anterior.

No ponto de vista do presidente do Município parece não ser este um dos aspectos mais preocupantes na medida em que existem planos definidos para enfrentar o rápido desenvolvimento da construção, não querendo dizer que não haja carências dessa natureza.

— Para quem vem de um concelho como o de Santarém chego aqui e verifico que a resolução do problema do saneamento está, naturalmente, pela aproximação da cidade,

muito desenvolvido. Se em Santarém se poderia falar de saneamento quase só em relação à cidade, aqui, o saneamento vai-se estendendo mesmo a zonas que são nitidamente rurais mas que estão, em quilómetros, muito próximas dos centros urbanos. Evidentemente que o concelho de Loures tem uma estação de tratamento de esgotos que é considerada modelo mas carece de ampliação. Esta estação de tratamento tem que estar reforçada quer para servir aquilo que já é canalizado para ela quer para servir aquilo que irá surgir. E inclusivamente não esquecendo que obras deste vulto, como a estação de Frelas, têm que ser dimensionadas já à escala regional. Temos que receber esgotos de certa área de Lisboa e, eventualmente, também de Oeiras, não deixando de se pôr, por outro lado, o problema do tratamento de esgotos no que respeita a certas in-

dústria utiliza tipo de tratamento zonas pensave parte d mesmo particul e estr que se ções de mações, haja um tuado vezes o de cria sem se mento vamente esgotos

A téc Luis D um pou na, por lixos é uma m e o pul — Ev muitos tos de l ticos cr gos no sacos d dos e nã tem. É mas co

(Conti

JÓIAS

Modernas ou clássicas
Grande variedade

Ouivesaria Pimenta
Rua Augusta, 255 - Lisboa

Quanto valerá dentro de 6 anos o seu andar que comprou hoje em Miraflores Lux?

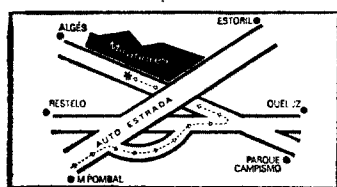
Seguramente bastante mais!

E o facto de viver em "Miraflores", com todo o seu encanto e requinte? — Isso não tem preço!

Andares de 5 a 9 grandes assoalhadas, de 720 a 1 670 contos, na zona de luxo (Norte), enriquecida com jardins, conjunto polidesportivo, piscinas, parques infantis e progressivo centro comercial.

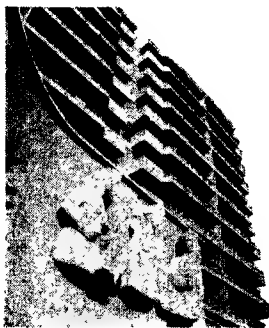
Miraflores-Lux: silêncio, ar puro, beleza e requinte.

Miraflores LUX



Perto do seu gabinete de Trabalho — Apenas a 5 minutos do Marquês de Pombal e a 6 do Terreiro do Paço. Você vai num pé e vem noutro! Visite a 1.ª fase de luxo (Norte) ao domingo ou qualquer dia da semana. Será cordialmente recebido. Departamento de vendas:

CONCIVIL CONSTRUÇÃO CIVIL, LDA.
Avenida Principal — Parque Residencial e Turístico de "Miraflores" (Norte)
Telef. 215087-215088-215089-215080



FÉRIAS 1971

VIAGENS ACOMPANHADAS EM AUTOCARROS DE LUXO OU AVIÃO

PIRINEUS - ANDORRA	7 Dias	3.330\$00
ANDORRA - LOURDES	5 Dias	1.870\$00
MARROCOS	8 Dias	5.950\$00
PARIS - TOUR	7 Dias	2.610\$00
PARIS - LONDRES	12 Dias	8.050\$00
INGLATERRA - ESCÓCIA	18 Dias	12.190\$00
CASTELHOS DO RENO	13 Dias	7.260\$00
AUSTRIA	16 Dias	7.090\$00
ITALIA-TURISTICA	11 Dias	7.540\$00
ROMA - ITALIA	16 Dias	7.880\$00
PAISES NÓRDICOS	31 Dias	24.160\$00
TRIÂNGULO EUROPEU	18 Dias	11.560\$00
5 PAISES	7 Dias	4.860\$00
CIRCUITO EUROPEU	24 Dias	14.980\$00
RÚSSIA	21 Dias	13.840\$00
RÚSSIA - ESCANDINÁVIA	21 Dias	19.800\$00
RÚSSIA	18 Dias	9.800\$00
JUGOSLÁVIA	10 Dias	9.610\$00
GRECIA CLASSICA	8 Dias	7.610\$00

MUITOS OUTROS DESTINOS
PAGAMENTOS ATÉ 12 MESES
RUA ROSA ARAÚJO, 2
TELEF. 53 69 71

Melia

NOIVOS

As alianças e prendas da
OURIVESARIA
DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

livros de bolso
europa-américa

6º volume
à venda

livros
de bolso
europa
américa

TEXTO INTEGRAL

mar morto
de JORGE AMADO

Agora eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia...

Eu as ouvi nas noites de lua

no cais do mercado,

nas feiras, nos pequenos portos...

Vinde ouvir a história de Guma e de Lúvia, que é a história da vida e do amor no mar.

E se ela não vos parecer bela,

a culpa não é dos homens que a narram.

É que a ouvistes da boca

de um homem da terra,

e dificilmente um homem da terra

entende o coração dos marinheiros...

Pois o mar é mistério

que nem os velhos marinheiros entendem.

Sempre às Terças-Feiras,
de 15 em 15 dias.
Tem tempo para ler
cada volume.

15\$

CRUZEIROS no moderníssimo
N/T "FUNCHAL"

MADEIRA e AÇORES - Partidas 21 e 30/6; 17/7; 8 e 20/8; 6 e 23/9;
11 e 30/10; 25/11; 13/12 - 8 dias. (Possibilidade de ficar no Funchal desistindo dos Açores)
MADEIRA e CANÁRIAS - Partida 3/10 - 7 dias
MADEIRA, CANÁRIAS e MARROCOS - Part. 11/6 - 9 dias

abreu DESDE 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - PORTO - Av. Aliados, 207 - COIMBRA - Rua do Soto, 2

OLUÇÃO VERNO

Indústrias. Claro que ainda se utiliza aqui um determinado tipo de fossas mas que já estão ultrapassadas. Isto em certas zonas mais rurais. É indubitável que haja também por parte do público em geral, e mesmo de certas indústrias em particular, uma compreensão e estreita colaboração para que se evitem algumas situações de que tem havido reclamações, de forma a que não haja um agravamento tão acentuado do problema. Muitas vezes o público, sem o desejo de criar embaraços, colabora sem se aperceber no agravamento da situação. Este agravamento tanto se refere aos esgotos como aos lixos.

A técnica, considera o dr. Luis Demony, poderá suprir um pouco a própria indisciplina, por ignorância. Quanto aos lixos é que se torna necessário uma maior consciencialização e o público poderá colaborar. — Evidentemente que há muitos sistemas, há tratamentos de lixo, mas hoje, os plásticos criam grandes embaraços no seu tratamento. Os sacos de plástico são atirados e não se sabe de onde partem. É uma solução cómoda mas com uma população tão

(Continua na 20.ª página)

ora diga - nos...

— Gostas de jogar à bola?

Não é sem razão que se chama ao futebol o «desporto-rei». O «vício» começa de pequenino...



● António José Ferreira dos Santos, de 11 anos, aluno da 4.ª classe, disse-nos:

— Gosto, porque gosto de brincar. E de andar de bicicleta também!

● José Eduardo Correia frequenta o 3.º ano do liceu. Respondeu-nos:

— Jogo futebol no Liceu Passos Manuel e pratico natação na piscina do Areeiro. Há um desporto que me agrada muito, mas nunca pratiquei...

— Qual é?
— O hóquei em patins. O que eu gostei de ver os últimos jogos, aqueles que a televisão deu!



● Jorge Manuel Paulo Martins Ferreira, de 9 anos, anda na 4.ª classe e não se atrapalha nada com entrevistas:

— Gosto de jogar à bola, mas só às vezes. Brinco às escondidas e à «apanhada», na escola. Bola só de vez em quando, mas gosto.

CONVERSÕES COM EXPORTADORES MOÇAMBICANOS

Por iniciativa do Fundo de Fomento de Exportação e da Direcção dos Serviços de Economia de Moçambique, deslocam-se a Lourenço Marques altos funcionários das delegações do Fundo em Itália, Estados Unidos, Inglaterra,

Dinamarca e Alemanha. Estão previstas conversações com exportadores moçambicanos de chá, café, sisal, madeiras, frutas e fibras de algodão, tendo as diversas delegações preparado já estudos de mercado daqueles

produtos nos países respectivos.

Os delegados do Fundo de Fomento serão acompanhados pelo chefe de serviços de Informação Comercial daquele organismo, dr. Sarmento Pinto.

NOVAS PERSPECTIVAS NA INDÚSTRIA DO SONO

O desenvolvimento do colchão ortopédico, introduzido em Portugal pela Epeda, abre novas perspectivas à manufactura de colchões e similares (a «indústria do sono») permanentemente desperta para as necessidades dos seus consumidores.

ORTOPÉDICO PORQUE?

O colchão ortopédico, assim chamado porque foi concebido para que o corpo possa descansar em posições sempre correctas, é um colchão de molas estudado por forma a tirar-se todo o partido das possibilidades deste tipo de colchões.

Os modelos ortopédicos Epeda caracterizam-se por serem os únicos colchões portugueses que acompanham realmente as curvas do corpo humano, dando o máximo apoio a todas as suas regiões.

Durante o descanso e principalmente no sono, quer se esteja na cama quieto ou agitado (e dizem os médicos que uma pessoa menos calma chega a mexer-se cerca de 200 vezes), o extraordinário molejo dos ortopédicos Epeda a comoda perfeitamente qualquer peso evitando mesmo, nas camas de casal, que os movimentos de quem dorme num lado se sintam no outro.

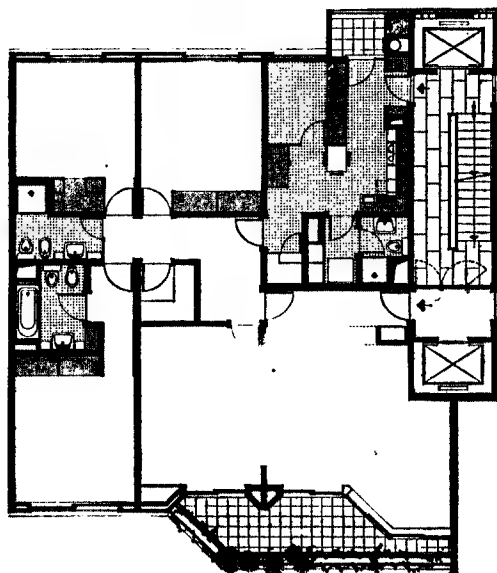
ORTOPÉDICO COMO?

Os colchões Epeda têm o seu «segredo» na quantidade de molas que possuem (cerca de 400 m2 — quatro vezes mais que o normal), no tipo de molas usado (cilíndrico) e na capacidade de resistência do fio metálico utilizado na confecção das molas. Para além disso o enchimento e revestimento é feito com materiais escolhidos, todos de acordo com a etiqueta que vai definir cada tipo de colchão.

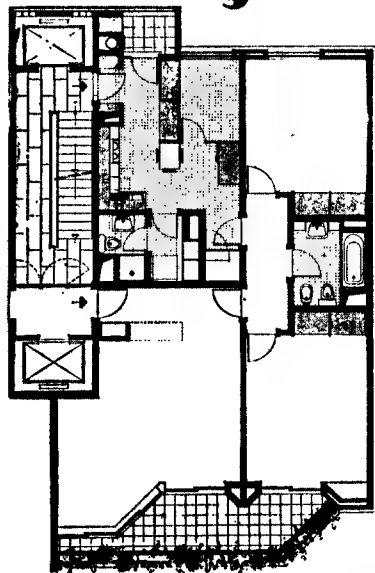
ORTOPÉDICO PARA QUE?

Com estas características, o colchão ortopédico Epeda afirma-se como uma garantia de um sono absolutamente regular dado que consegue um perfeito descanso para a coluna vertebral. Sendo o conjunto ósseo que mais peso suporta e servindo de protecção à espinal medula, a coluna vertebral necessita de estar bem apoiada em toda a sua extensão, durante o sono, a fim de poder sustentar bem o corpo ao longo do dia e não lhe transmitir a aquela importuna sensação de exaustão que é hábito sentir-se quando não se dorme em condições. O colchão ortopédico é recomendável a toda a gente.

RESERVE JA O SEU DIREITO DE HABITAÇÃO



TIPO II



TIPO I

INTEGRADA NESTES MAGNÍFICOS EDIFÍCIOS, RESULTANTES DA CONJUGAÇÃO DA ÚLTIMA PALAVRA DA TÉCNICA SUECA COM A MANEIRA DE VIVER PORTUGUESA, É A SUA CASA.

SITUADA A ESCASSOS QUILOMETROS DE LISBOA, RODEADA DE AMPLAS ZONAS VERDES E ESPAÇOS LIVRES, LOCALIZADA NUM COMPLEXO RESIDENCIAL COM CENTRO COMERCIAL, PISCINA, ANEXOS E SALÃO DE CHÁ, A SUA CASA DO ALTO DA BARRA MARCARÁ UM PONTO ALTO NA SUA VIDA.

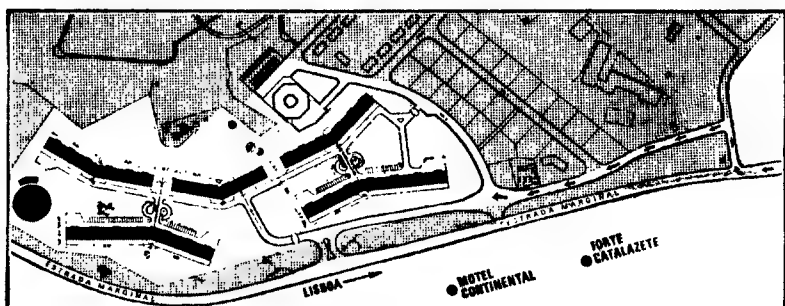
NELA ENCONTRARÁ TODAS AS VANTAGENS OBJECTIVAS: DIVISÕES AMPLAS E RACIONAIS, CONSTRUÇÃO IMPECÁVEL, GARAGEM E ARRECADADO PRIVATIVAS, ACESSOS FÁCEIS E BEM TRATADOS.

E, TAMBÉM, TODAS AS VANTAGENS SUBJECTIVAS: VISTA ADMIRÁVEL, ESPAÇO, AMBIENTE SAUDÁVEL E REQUINTADO, SOL, MAR E LIBERDADE!

PRESTAM-SE TODOS OS ESCLARECIMENTOS NO LOCAL.

DIAS ÚTEIS DAS 10 ÀS 12,30 h
DOMINGOS DAS 14,30 ÀS 20 h

VISITE O ANDAR MODELO



ALTO
DA
BARRA
para uma certa forma de vida...

MOBIL: um pres

INDÚSTRIAS TÉRMICAS NUNES CORREIA, S. A. R. L.

TIVERAM A HONRA DE INSTALAR
O AR CONDICIONADO

Carrier

E AINDA

VENTILAÇÃO, ÁGUAS, ESGOTOS E LOIÇAS SANITÁRIAS

LISBOA: Rua do Alecrim, 29 — Telef. 30901/2/3/4
PORTO: Rua da Firmeza, 482 — Telef. 0228034

Electrotécnicos Reunidos, Lda.

ADJUDICATÁRIA DA SUB-EMPREITADA
DAS INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS E
TELEFÓNICAS DO EDIFÍCIO MOBIL
COMPREENDENDO:

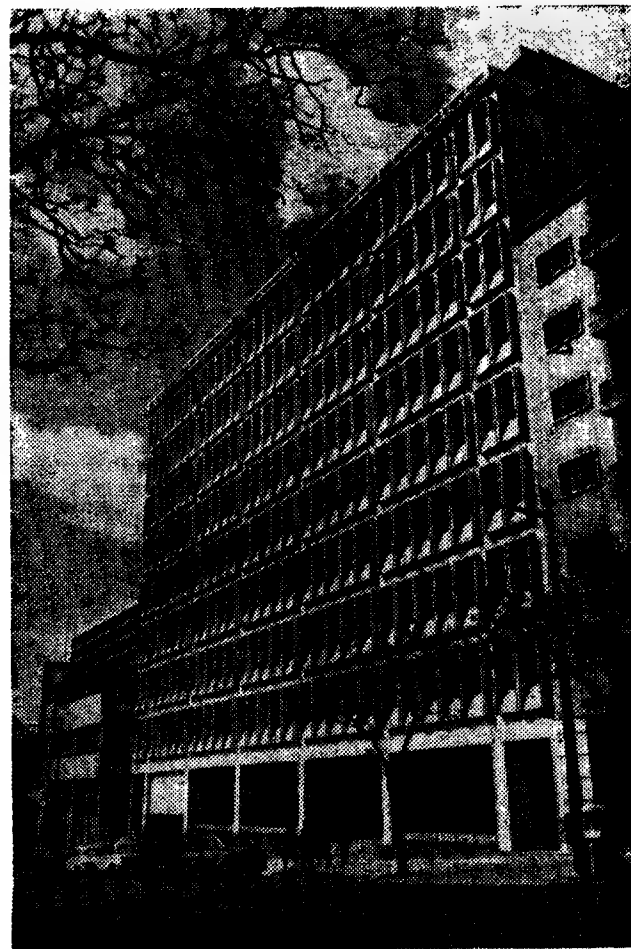
POSTO DE TRANSFORMAÇÃO 2x800 KVA
QUADRO GERAL E QUADROS DE DISTRIBUIÇÃO
INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE ILUMINAÇÃO
E FORÇA MOTRIZ

CENTRAL TELEFÓNICA DE 300 LINHAS
INSTALAÇÃO DE PROTECÇÃO CONTRA INCÊNDIOS

INSTALAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO DE SOM
PÁRA-RAIOS

ELECTROTÉCNICOS REUNIDOS, LDA.

AVENIDA DUQUE D'ÁVILA, 66, 3.º — LISBOA



A majestosa fachada do novo edifício

O NOVO EDIFÍCIO MOBIL

A nova sede da Mobil (Rua Castilho, 165) é um belo edifício de doze pisos cujo custo total foi de 97 mil contos.

É este o primeiro edifício construído em Portugal com painéis de fachada de tipo em betão pré-fabricado, o que representa, em relação às soluções adoptadas entre nós, uma verdadeira inovação estética e funcional.

Houve a preocupação de efectuar o investimento, de equipar o edifício com o conforto necessário, para se obterem boas condições de trabalho e segurança.

Com excepção das caves, que apenas têm ventilação forçada, todo o edifício dispõe de ar condicionado. A solução

adoptada, pouco comum em Portugal, é constituída por um sistema de ventilação junto das janelas e outro para as zonas intermédias. Procurou-se com esta solução um mais fácil equilíbrio térmico e, portanto, uma melhor adaptação de todos os empregados.

Todos os pisos são servidos por três elevadores, com capacidade total para 39 pessoas. Dispõe ainda para o serviço exclusivo da cozinha de um monta-cargas, que a liga às caves.

O sistema de telefones é diferente do utilizado até agora pela Mobil — o mesmo aparelho desempenha as funções de telefone externo e interno, o que permite uma mais racional utilização de comunica-

ções, quer internas, quer externas.

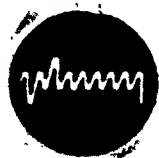
Dadas as características de ocupação do edifício, houve o cuidado de o dotar dum nível de iluminação compatível com todos os locais de trabalho e com as mais recentes recomendações técnicas.

Embora com o edifício praticamente incombustível, está tido o imóvel equipado com um sistema de detecção de incêndios, ligado directamente aos Bombeiros Municipais.

Como função complementar, a escada do lado Sul funcionará só como saída de emergência, canalizando assim o escoamento para o exterior de todos os ocupantes do edifício, segundo regras a transmitir a todos os empregados.

ente para a cidade

GRUPO



PLESSEY AUTOMÁTICA ELÉCTRICA PORTUGUESA, S.A.R.L.

FABRICOU E INSTALOU A CENTRAL TELEFÓNICA
DE 300 LINHAS, PARA O NOVO EDIFÍCIO

DA MOBIL

ADMINISTRAÇÃO, FABRICA E ESCRITÓRIOS: AV. INFANTE D. HENRIQUE, 333
LISBOA — TELEF. 313171 — TELEG. PLESSEY — APT. 1060
TELEX 1190 PAEP P

DELEGAÇÕES: PORTO, ANGOLA E MOÇAMBIQUE



INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO

COLABOROU NESTE GRANDIOSO
EMPREENHIMENTO FORNECENDO:

- MOBILIÁRIO PARA OS ESCRITÓRIOS
- MOBILIÁRIO PARA ZONAS DE RECEPÇÃO
- ESTANTES METÁLICAS



R. D. Estefânia, 177 - Lisboa — R. Bonjardim, 506 - Porto

EMPEC

EMPRESA DE ESTUDOS E CONSTRUÇÕES LDA.

EMPREENHADORES DE OBRAS PÚBLICAS E PARTICULARES

SEDE E GABINETE DE ESTUDOS
AV. DO POETA MISTRAL, 2-4 LISBOA-1
TELEF. 760107/8 771053 e 760148

INSTALAÇÕES OFICINAIS E
PARQUE DE EQUIPAMENTO
ALVERCA DO RIBATEJO
258755/6

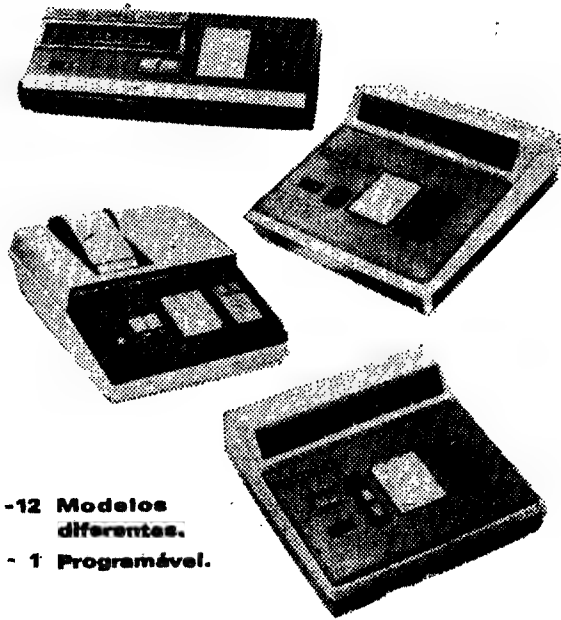
ORGULHA-SE DE TER EXECUTADO COMO EMPREENHADOR GERAL
O EDIFÍCIO DA SEDE DA MOBIL OIL PORTUGUESA EM LISBOA

Elevadores Schindler

FORAM OS PREFERIDOS NESTE GRANDE EMPREENHAMENTO

RUA DA MADALENA, 85, 2.^o
LISBOA - 2

CALCULAR...



- ... instantaneamente, silenciosamente, com economia e segurança.
 - ... programa de calculadores electrónicos de CASIO COMPUTER, Co. LTD TÓKYO JAPÃO
 - ... diversos modelos com as mais evoluídas características para toda a espécie de cálculos.
- Demonstrações sem compromisso

- 12 Modelos diferentes.
- 1 Programável.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
EFICEX KIENZLE LISBOA: Av. João XXI, 4A - tel. 727028-727019
DISTRIBUIDORES NO NORTE:
HORBE.LDA PORTO: Rua Faria Guimarães, 105 - tel. 433 46

CURSO DE OFICIAIS DA RESERVA NAVAL

Segundo informam as autoridades militares, os recrutados do recenseamento de 1970 e anteriores que pretendam ser destinados ao Curso de Formação de Oficiais da Reserva Naval (2.ª incorporação de 1971) nas classes de Marinha, Médicos Navais, Engenheiros Maquinistas Navais, Administração Naval, Fuzileiros Engenheiros Civis, Engenheiros Electrotécnicos, Ciências Físico-Químicas, Geologia, Matemática, Engenheiros Químicos, Engenheiros de Construção Naval e Biologia, cujo início está previsto para breve, devem para o efeito entregar a competente declaração, nos Distritos de Recrutamento e Mobilização a que pertencem, até ao dia 15 do mês corrente. Só serão aceites declarações dos que satisfaçam as condições expressas na circular n.º 6424-P. R. da 1.ª Repartição do Estado-Maior do Exército a qual lhes será facultada pelos Distritos de Recrutamento e Mobilização.

Esclarecem-se as autoridades militares que para o contingente de 1969 e seguintes — ou seja para os que foram inspeccionados nos referidos anos e em relação à classe de Fuzileiros — só podem oferecer-se os que tenham provado matrícula em curso superior. Os dos contingentes anteriores a 1969 podem fazê-lo para a mesma classe com o curso completo dos liceus. Nas declarações devem ser indicadas a classe para que se oferecem e as habilitações literárias que possuem. As declarações dos que constam dos editais convocatórios para o 3.º turno do Curso de Oficiais Militares do presente ano, a afixar na próxima semana, não serão consideradas.

Estudantes liceais

Concluída a residência para estudantes liceais na cidade de Bragança vai ser a mesma entregue à Direcção-Geral do Ensino Liceal.



ALTA FIDELIDADE E GRAVADORES

A TÉCNICA DO SOM ESTÁ PRÓXIMA DA PERFEIÇÃO. A DIFERENÇA ENTRE O SOM REAL E UMA BOA REPRODUÇÃO ELECTRÓNICA É MUITO POUCO SENSÍVEL. SE OUVIR ALTA FIDELIDADE-STEREO OU UM GRAVADOR SANYO, SABERÁ O QUE É A REFINADA E CONSCIENTE PERFEIÇÃO SANYO.



SANYO
O SOM QUE NÃO ESQUECE

DIST. GERAIS: J.J. GONÇALVES SUCCS. S.A.R.L.
LISBOA - PORTO - AGENTES EM TODO O PAÍS

71-SNY-04

TRÊS HORAS NO TEJO

A C. P. concretizando uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa organiza aos domingos desde 30 de Maio até 29 de Agosto passeios no Tejo numa das suas modernas embarcações PREÇO POR PASSAGEIRO 12\$00

HORARIO

Embarque na estação de Terreiro do Paço 15 h
Desembarque na mesma estação 18 h

PASSAGEIROS SEM BILHETE

Comunicamos a C. P. que, a partir de 15 de Junho de 1971 aos Srs Passageiros encontrados sem bilhete em comboios tranviários ou que façam serviço de tranvia e que tenham embarcado em estações ou apeadeiros com venda de bilhetes ser-lhes-á feita a cobrança de bilhete da Tarifa Geral com o recargo de 20 % em todo o percurso em que pretendam viajar. Esta cobrança não poderá ser inferior a 20\$00.

No próprio interesse dos Srs Passageiros que utilizam os referidos comboios, a C. P. lembra a conveniência de adquirirem sempre os seus bilhetes antes do embarque.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA ALUGAM-SE

Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Indústria, S. A. R. L. - 95, Rua Nova do Almada, 99 - LISBOA

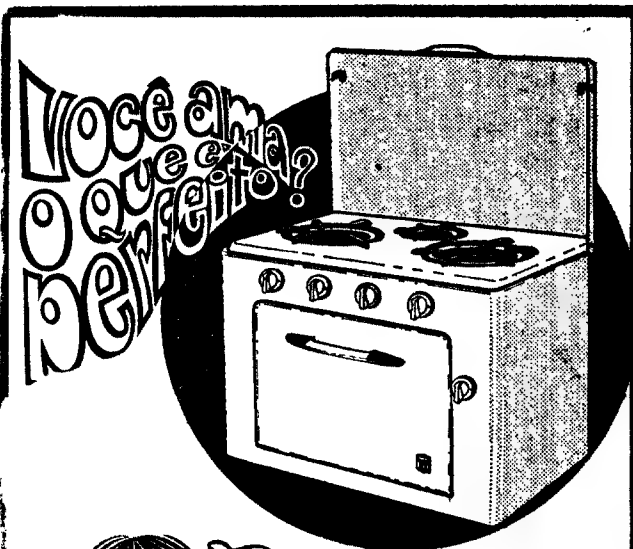
APARELHAGEM

Electro-domésticos TUDO PARA V. CASA - S/ FIADOR

CASA MAX

193-R. D. Estefânia, 193-F

Em CASTELO BRANCO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António de Sá Rodrigues, Suc., Rua Mouzinho Maro, 46.



DÉSIR-19.41



fogões

FAR

a perfeição da técnica e da forma

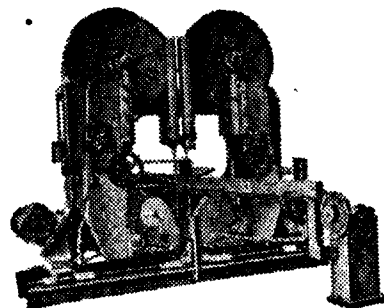
distribuidores exclusivos:

J. COSTA & SILVA, L. da

R. DOS SAPATEIROS, 79-1.º 326713 LISBOA



«MIDA»



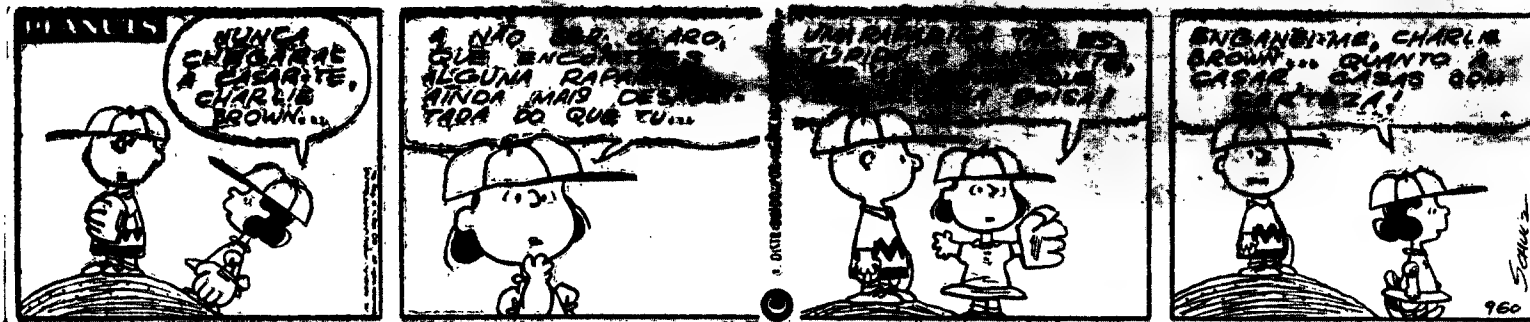
UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICADO DE MAQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

SERRA DUPLA Mod. SD-11

Fábrica: — TROFA (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)



OS PEANUTS

Comissão Instaladora do Centro Hospitalar de Coimbra

Foi nomeada a Comissão Instaladora do Centro Hospitalar de Coimbra, constituída pelos srs. prof. dr. Bissau Barreto, drs. José dos Santos Beça, Viriato Rodrigues Namora Alberto de Moura e Sá, José Pais Ribeiro e José Pinto Teles.

Maternidade

Dr. Alfredo da Costa

Foi criada a função de direcção na Maternidade Dr. Alfredo da Costa, cujo director será nomeado pelo sr. ministro da Saúde e Assistência de entre os directores de serviços de acção médica, sob proposta do conselho técnico.

O sr. dr. Elias Catarino Tavares, assistente do quadro daquela Maternidade foi nomeado, para o cargo de chefe do internato médico.

FUNCIONÁRIOS DA D. G. S. CONDECORADOS

Foram condecorados, com a medalha de prata de Serviços Distintos ou Relevantes no Ultramar, os srs. António Gonçalves Dias e Francisco Bartolomeu da Costa Lombrão, inspectores de segurança, colocados nas delegações de Moçambique, e Manuel Moreira Ferreira, chefe de brigada da Direcção-Geral de Segurança, colocado na delegação de Angola.

DO TIO CARLOS AVENTURAS



Palavras cruzadas

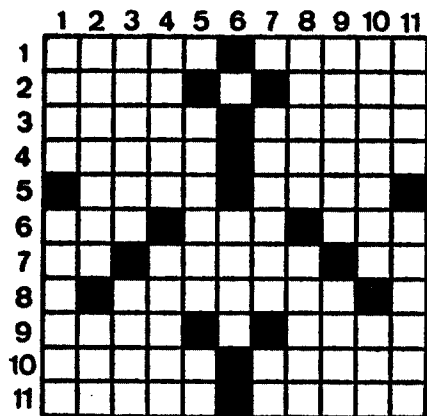
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5919

HORIZONTAIS: 1 — Nome de um enxadão usado na Guiné Portuguesa, pelos agricultores. Querido. 2 — Proposição. Um dos filhos de Jacob. 3 — Estimara. Ofício divino. 4 — Faleci. Escalroço com comentários. 5 — Vassourar o forno depois de aquecido. Respeitei. 6 — Recusa. Azáfama. Agência Telegráfica de imprensa. 7 — Amónio (s. q.). Abrenda (fig.) surfo que designa estado. 8 — Inundada. 9 — Cidade da Galileia. Aves pemaltas. 10 — Prendeis com eles. Espécie de choupo. 11 — Ceifa. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.

VERTICAIS: 1 — Prendem. Brotam. 2 — Retardam. Rio da Prússia Oriental. 3 — Gostaria muito de. Nome científico do pato. 4 — Unite. Igais. 5 — Vadia. Pronome reflexo. 6 — Evita. 7 — Tema de minas, entre os cofres. Proposição e artigo definido. 8 — Um dos estados da América do Norte. Mulher que compra e vende roupas usadas. 9 — Irrita. Governantas. 10 — Fim. O mesmo que amo. 11 — Jarro (planta). Furiosos.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5918

HORIZONTAIS: 1 — Códex. Crios. 2 — As. DINHEIRO. 3 — Mea. Iam. 4 — Ura. Lá. 5 — Amargoso. 6 — Mágua. Asais. 7 — Assassino. 8 — Rã. Ada. 9 — Ega. Via. 10 — Luisiano. 11 — Oásis. Oétia.

VERTICAIS: 1 — Cão. Amarelo. 2 — As. Uma. AGUA. 3 — Braga. Ais. 4 — Id. Aroa. Sl. 5 — Sim. Gas. Vis. 6 — Nero. Afia. 7 — Chá. Sds. Ano. 8 — Re. Vossa. As. 9 — Ill. Saide. 10 — Arai. Ina. Pl. 11 — Sornasse. Fia.

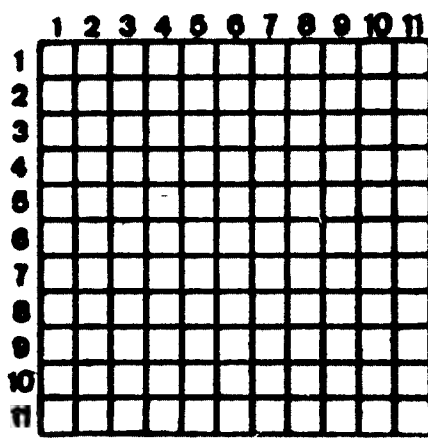
Provérbio: DINHEIRO É AGUA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9762

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. Pêlos de certos animais. 2 — Dar anjos. Gomo (prov.). 3 — Seguiu. Porção de uma curva. Grande quantidade. 4 — Fruto da azeitona. Cavaleiro russo recrutado em certas regiões do Sudoeste da Rússia. 5 — Fixou. Anara (Bras). 6 — Tempo do verbo ir. Irmão do pai. 7 — Artigo indefinido. Casca. 8 — Antigo vaso de louça. Suspiros. 9 — Passada. Bou. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 10 — Género de plantas da família das Santaláceas. Mamífero roedor também chamado lebre-das-pompas. 11 — Sulca. Comprar.

VERTICAIS: 1 — Vendem o crédito. Por cima. 2 — Prende. Acrescentar. 3 — Prefixo de negação. Ordenada. 4 — Fecha as asas para descer mais depressa. Leito. 5 — Qualquer embarcação (pl.). Batráquio. 6 — Calculou. Qualquer composição poética. 7 — Artigo definido. Inverter. 8 — Antigo vestuário de homem, longo com fraldão e abas. Donzela. de Orléans. 9 — Freguesia do concelho e distrito de Coimbra. Deusa da Lua entre os Egípcios. 10 — Da massa de um pão. 11 — Líquido que se separa do leite e do sangue depois de coagulados. Invólucro.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9761

HORIZONTAIS: 1 — Crestaram. 2 — Arearas. 3 — Im. Arrás. Mo. 4 — Mot. Ero. Vim. 5 — Arremessara. 6 — Ir. El. 7 — Repovoarias. 8 — Uta. Ann. Até. 9 — Ga. Isas. An. 10 — Catania. 11 — Demoraram.

VERTICAIS: 1 — Luma. Ruga. 2 — Mor. Eta. 3 — Ra. Tripa. Ce. 4 — Era. Eró. Iam. 5 — Serem. Vasta. 6 — Torre. Orçar. 7 — Araça. Amara. 8 — Ras. Ser. Sir. 9 — As. Valia. Aã. 10 — Mir. Ata. 11 — Sama. Sena.

CONGRESSO MUNDIAL DA I. A. A.

(Continuação da 17.ª página)

em numero de participantes estrangeiros o Congresso em Portugal é o mais representativo. A qualidade dos «peakers» excede tudo quanto até hoje se conseguiu, tratando-se na maioria dos casos de professores universitários e técnicos de fama mundial. Alguns há que nunca participaram em congressos da I. A. A.: b) A inscrição dos acompanhantes portugueses é graciosa, enquanto a dos estrangeiros importa em 100 dólares por pessoa!; c) A cobertura feita pela Informação foi de tal modo ampla que ninguém poderá alegar desconhecimento de causa; d) O Chefe do Estado e o Governo, a começar pelo sr. Prof. Marcello Caetano, deram a sua adesão, que, através das afirmações do presidente nacional do Congresso, dr. Moreira Baptista e dos governadores das Províncias Ultramarinas traduziu mais do que um aval, pois constituiu um incitamento à participação.

Destes factos terá de se extrair uma ilação realística: Não podendo ser atribuídas ao Governo, nem à ausência de informação as causas profundas da situação que se nos depara esta deve ser relacionada com causas que afectam gravemente a possibilidade de aceleração do desenvolvimento económico-social de Portugal — a falta de iniciativa, a falta de poder de resposta, de decisão; o alheamento, a situação de «ausência» que caracteriza, infelizmente, a grande massa dos empresários portugueses, seja qual for o nível em que se situem.

Resta-nos — mas não satisfaz — a consciência de que os organizadores do Congres-

so fizeram pelo sucesso do empreendimento quanto estava ao alcance dos seus recursos em toda a amplitude do termo.

Finalmente, o sr. Jorge Rodrigues acrescentou, ainda, algumas palavras sobre a sua viagem.

«Para além da forma extremamente amistosa como fui recebido pelas entidades de Telavive: da promessa de vinda de alguns membros do «chapter» israelita e, porventura, de outros participantes na conferência; da espectacular beleza do espectáculo de folclore que preencheu a segunda parte da sessão inaugural, desejaria apenas apontar, como exemplo de apoio eficiente a um congresso, a acção da EL AL — a Companhia de Transportes Israelita sobre a qual nem sei que mais louvar: se o apoio material dispensado, se a cooperação prestada à realização em todos os aspectos onde pudesse ter cabimento o seu préstimo; se finalmente, o magnífico serviço dos seus escritórios de Paris e Roma, e Telavive, que tive ocasião de apreciar com

surpresa e vivo agrado, devido a um incidente que se prestou à demonstração prática de um alto nível de responsabilidade e eficiência. Se outros factos não tivessem observado a impoem-lhe a imagem de um país voltado para o futuro e a trabalhar integrado nessa directriz comum, a EL AL bastaria para traduzir tal ideia.

Finalmente, quanto à reunião Pan Europeia, d. i. em síntese, que foram debatidos importantes pontos sobre a revisão das normas básicas que regem a Associação. Quaisquer decisões serão, todavia, somente tomadas na reunião do próximo dia 14, no Palácio Foz.

O secretariado do Congresso continuará instalado na sede do «Chapter», na Rua Pascoal de Melo, 15, 5.º, dt.º, até ao dia 12.

A partir do dia 13 estará, em funcionamento a inscrição de congressistas, a distribuição das pastas e todo o serviço de secretaria, no Palácio dos Congressos (antigo Casino Estoril).

PARA PUBLICIDADE DE PLÁSTICO DE METAL

LETRAS E LETREIROS DE ESPETAR, COLAR OU ENCAIXAR

DESDE \$30

GRAVARTE

R. Sto. António da Sé, 1 LISBOA-2



OS PEANUTS



CAROL DAY

DO TIO CARLOS
AVENTURAS

Comissão Instaladora do Centro Hospitalar de Coimbra

Foi nomeada a Comissão Instaladora do Centro Hospitalar de Coimbra, constituída pelos srs. prof. dr. Basílio Barreto, drs. José de Santos Beça, Viriato Rodrigues Namora Alberto da Moura e Sá, José Pais Ribeiro e José Pinto Teles.

Maternidade

Dr. Alfredo do Costa

Foi criada a função de direcção na Maternidade Dr. Alfredo do Costa, cujo director será nomeado pelo sr. ministro da Saúde e Assistência de entre os directores de serviços de acção médica, e a proposta do conselho médico.

O sr. dr. Elio Caldeira Tavares, assistente do quadro daquela Maternidade, foi nomeado, para o cargo, de chefe do internato médico.

FUNCIONÁRIOS DA D. G. S. CONDECORADOS

Foram condecorados, com a medalha de prata de Serviços Distintos ou Relativos no Ultramar, os srs. António Gonçalves Dias e Plácido Bartolomeu da Costa Loureiro, inspectores de segurança, colocados nas delegações de Moçambique, e Manuel Moreira Ferreira, chefe de brigada da Direcção-Geral de Segurança, colocado na delegação de Angola.

Palavras cruzadas

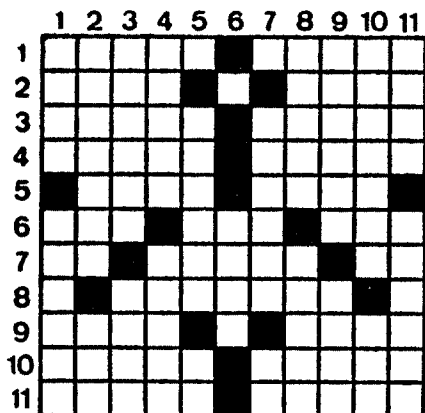
(COM PROVÉRBIOS)

PROBLEMA N.º 5919

HORIZONTAIS: 1 — Nome de um enxadado usado na Guiné Portuguesa, pelos agricultores. Querido. 2 — Proposição. Um dos filhos de Jacob. 3 — Estimara. Ofício do no. 4 — Faleci. Escalroço com comentários. 5 — Vassourar o forno depois de aquecido. Respetei. 6 — Recusa. Azáfama. Agência Telegráfica de Imprensa. 7 — Amónio (s. q.). Abundância (fig.) sufoco que designa estado. 8 — Inundada. 9 — Cidade da Galileia. Aves peraltas. 10 — Prende com eles. Espécie de choupo. 11 — Certa Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.

VERTICAIS: 1 — Prendem. Brotam. 2 — Retardam. Rio da Prússia Oriental. 3 — Gostaria muito de. Nome científico do pato. 4 — Unte. Igais. 5 — Vadia. Pronome reflexo. 6 — Evita. 7 — Terra de minas, entre os cofres. Preposição e artigo definido. 8 — Um dos estados da América do Norte. Mulher que compra e vende roupas usadas. 9 — Irrita. Governantes. 10 — Fm. O mesmo que ámo. 11 — Jarro (planta) Furiosos.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PRO-VERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5918

HORIZONTAIS: 1 — Códex. Crios. 2 — As. DINHEIRO. 3 — Mea. Iam. 4 — Ura. Lã. 5 — Amargoso. 6 — Mágua. Asais. 7 — Assassino. 8 — Rã. Ada. 9 — Ego. Via. 10 — Luisiano. 11 — Oásis. Óstia.

VERTICAIS: 1 — Cão. Amarelo. 2 — As. Uma. AGUA. 3 — Braga. Ais. 4 — Id. Arosa. Si. 5 — Sim. Gas. Vis. 6 — Nero. Afia. 7 — Chá. Sãs. Ano. 8 — Re. Vossa. As. 9 — Ill. Saide. 10 — Arai. Ina. Pi. 11 — Somasse. Fia.

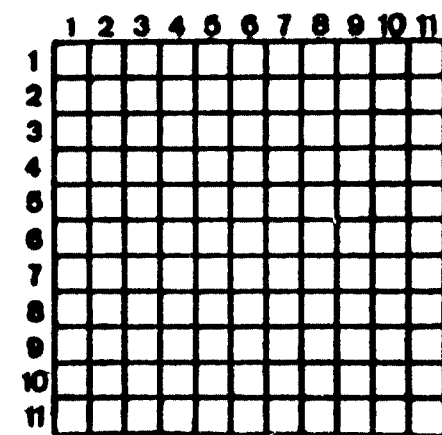
Provérbio: DINHEIRO É AGUA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9762

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. Pê-ros de certos animais. 2 — Dar-mos Gomo (prov.). 3 — Seguir. Porção de uma curva. Grande quantidade. 4 — Fruto da azeit. Cavaleiro russo recrutado em certas regiões do Sudoeste da Rússia. 5 — Fixou. Anara. (Brasil). 6 — Tempo do verbo sr. irmão do pa. 7 — Artigo indefinido. Casca. 8 — Antigo vaso de louça. Suspiros. 9 — Passada. Boa. Língua antigamente falada no sul do rio Loire. 10 — Género de plantas da família das Santaláceas. Manilero. rador também chamado 'lebre da campã'. 11 — Tula. Comprar.

VERTICAIS: 1 — Vendem a crédito. Por cima. 2 — Prendem. Acrescentar. 3 — Pretito de negação. Ordenada. 4 — Fecha as asas para descer mais depressa. Leito. 5 — Qualquer embarcação (pl.). Batráquio. 6 — Calçou. Qualquer composição poética. 7 — Artigo definido. Inverter. 8 — Antigo vestuário de homem, largo com fraldão e abas. Vozela. de Orléans. 9 — Freguesia do concelho e distrito de Coimbra. Deus da Lua entre os Egípcios. 10 — Da massagem a. Irmão do pai. 11 — Líquido que se separa do leite e do sangue depois de coagulados. Invólucro.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9761

HORIZONTAIS: 1 — Crestaram. 2 — Arearos. 3 — Im. Arrás. Mo. 4 — Mat. Ero. Vim. 5 — Arremessara. 6 — Ir. El. 7 — Repovoarias. 8 — Uta. Am. Até. 9 — Go. Iscas. An. 10 — Caratária. 11 — Demoraram.

VERTICAIS: 1 — Luma. Ruga. 2 — Mar. Eta. 3 — Ra. Tripa. Ce. 4 — Era. Eró. Iam. 5 — Serem. Vasto. 6 — Torre. Orçar. 7 — Araós. Amara. 8 — Ras. Ser. Sir. 9 — As. Valia. Aã. 10 — Mir. Ata. 11 — Soma. Sena.

CONGRESSO MUNDIAL DA I. A. A.

(Continuação da 17.ª página)

em número de participantes estrangeiros o Congresso em Portugal é o mais representativo. A qualidade dos «pepeques» excede tudo quanto até hoje se conseguiu, tratando-se na matéria dos casos de professores universitários e técnicos da fauna mundial. Alguns há que nunca participaram em congressos da I. A. A.: b) A inscrição dos acompanhantes portugueses é graciosa, enquanto a dos estrangeiros importa em 100 dólares por pessoa; c) A cobertura feita pela Informação foi de tal modo ampla que ninguém poderá alegar desconhecimento de causas; d) O Chefe do Estado e o Governo, a começar pelo sr. Prof. Marcello Caetano, deram a sua adesão, que, através das afirmações do presidente nacional do Congresso, dr. Moreira Baptista e dos governadores das Províncias Ultramarinas traduziu mais do que um aval, pois constituía um testemunho de participação.

Destes factos terá de se extrair uma lição realista: Não pode ser atribuídas ao Governo, nem à ausência de informação as causas profundas da situação que se nos depára e esta deve ser relacionada com causas que afectam gravemente a possibilidade de aceleração do desenvolvimento económico-social de Portugal — a falta de iniciativa, a falta de poder de resposta, de decisão; o alheamento, a situação de «ausência» que caracteriza, infelizmente, a grande massa dos empresários portugueses, seja qual for o nível em que se situam.

Resta-nos — mas não satisfaz — a consciência de que os organizadores do Congresso

se fizeram por isso mesmo em preendimento quanto estava ao alcance dos seus recursos em toda a amplitude do termo.

Finalmente, o sr. Jorge Rodrigues acrescentou, ainda, algumas palavras sobre a sua viagem.

«Para além da forma extremamente amigável como fui recebido pelas entidades de Telavive; da promessa de vinda de alguns membros do «Chapter» israelita e, porventura, de outros participantes na conferência; da especial beleza do espectáculo de folclore que preencheu a segunda parte da sessão inaugural, desejaria apenas apontar, como exemplo de apoio eficiente a um congresso, a acção da EL AL — a Companhia de Transportes Israelita — sobre a qual nem sei que mais louvar; se o apoio material dispensado à realização em todos os aspectos onde pudesse ter cabimento o seu préstimo; se finalmente, o magnífico serviço dos seus escritórios de Paris e Roma, e Telavive, que tive ocasião de apreciar com

surpresa e vivo agrado. Tivido a um incidente que se prestou à demonstração prática de um alto nível de responsabilidade e eficiência. Se outros factos não tivessem servido a impoerem a imagem de um país voltado para o futuro e a trabalhar em grau nessa directiva, a BL AL bastaria para tal ideia.

Finalmente, que o «Pan Europeu» e, em síntese, que foram pontos importantes pontos da revisão das normas básicas que regem a Associação. Qualquer decisão seria, todavia, somente tomada na reunião do próximo dia 14, na Praça Foz.

O secretariado do Congresso continuará instalado na sede do «Chapter», na Rua das Cal de Melo 15, 5.º, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º.

A partir do dia 14, a reunião em funcionamento a atribuição de congressistas, a distribuição das pastas e todo o serviço de secretaria, no Palácio dos Congressos (antigo Casino Estoril).

PARA PUBLICIDADE DE PLÁSTICO DE METAL

LETRAS E LETREIROS DE ESPETAR, COLAR OU ENCAIXAR

DESDE \$30

GRAVARTE

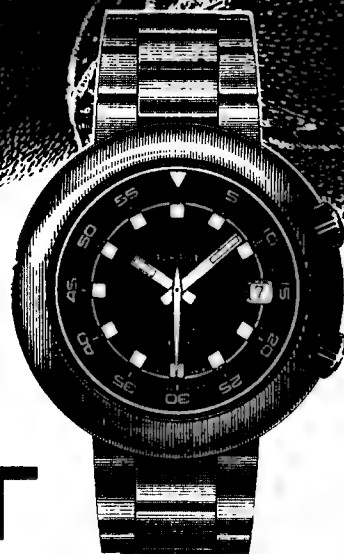
R. Sto. António da Sé, 1 LISBOA-2

TISSOT T12

ROBUSTO



Super-estanque,
automático com coroa
recolhida e pulseira
incorporada
De aço inox. 2.400\$



Relógio electrónico para
mergulhadores,
Super-estanque, Visodate
De aço inox. 3.950\$



Estanque, automático.
Visodate de plaqué com
coroia 2.300\$



Super-estanque, automático.
Visodate, calendário com
dia da semana
De aço inox. 2.000\$

TISSOT

O RELÓGIO
QUE CONQUISTOU
O MUNDO INTEIRO

COM GARANTIA INTERNACIONAL EM MAIS DE 140 PAÍSES

ALGUMAS AGENCIAS OFICIAIS EM LISBOA

DIADEMA Joalheiros
Rua do Ouro, 166
Ourivesaria da ESTEFÂNIA
Rua Pascoal de Melo, 150-D

Ourivesaria IMPÉRIO
Av. Almirante Reis, 102-C
Ourivesaria LEANDRO
Rua Francisco Metrass, 61

Ourivesaria MOURÃO
Rua da Prata, 200
Joalheria MONTIL
Rua Morais Soares, 95-B

Loures em análise

(Continuação da pág. central)

variada e tão densa, o equipamento municipal para a recolha dos lixos tem que ser realmente alargado. É isto envolve também, como é evidente, encargos muito vultuosos, quer no que respeita a pessoal, que de carros apropriados para a recolha, dentro das horas mais convenientes. Mas este lixo tem que ir para algum local: ou para lixeiras, a fim de ser queimado em condições cujos resíduos possam ter utilidade, porque têm, e, portanto, impõe-se o aparecimento de zonas onde se queimem, mas mais afastadas de aglomerados para evitar incómodos, e que dos incómodos se passe ao alarme. Por outro lado há lixo que pode ser devidamente tratado e aproveitado, industrializado. Claro que não está no pensamento da Câmara, em princípio, a construção de uma obra de tal envergadura. Há uma outra entidade que está a programar dentro do concelho uma estação de tratamento de lixos para onde certamente se encaminhará uma boa parte dos deste concelho. Dentro daquilo que me foi dado conhecer é um regime de concessão da Câmara de Lisboa, porque será para tratar os lixos da capital. Mas se for dimensionada a um determinado escalão poderá naturalmente, também servir ao próprio concelho de Loures e até a outros. Para isso é necessário possuir as viaturas próprias para o transporte dessas toneladas de lixo para a estação de tratamento e se proceda à sua selecção. De forma que o público poderá colaborar nesse sentido. Nada impede, no entanto, de que possa vir a ser aconselhável e até regular, embora sem ser propriamente de iniciativa directa da Câmara, a construção futura de uma estação idêntica daquela a que se vai dar seguimento. Estes empreendimentos são extremamente onerosos. Portanto parece que devem ser feitos em proporções que possam servir regiões.

E concluiu o dr. Luis Demony:

—O problema, de certo modo, é idêntico ao caso dos matadouros. Hoje fala-se muito de matadouros regionais. Não há dúvida que há determinado equipamento que, por ser extraordinariamente caro, se confunde para além dos limites administrativos, tem que ser visto à escala regional. Se hoje é este aspecto que tratamos amanhã poderá vir a ser naturalmente, o problema dos cemitérios porque o espaço vai faltando e não há ainda entre nós mentalização para outros recursos. Na área da região de Lisboa mais urbanizada surge o problema dos cemitérios que, para o grande público parece não constituir preocupação mas para a administração é um dos problemas que mais nos afligem.

O que pretendo dizer é que, sem quebra da autonomia dos municípios, a Federação dos concelhos limítrofes da cidade de Lisboa não ignora a afinidade dos seus problemas e a necessidade de os enfrentar, imediatamente alguns, outros a mais longo prazo, problemas que são comuns, para serem, portanto, tratados ao nível de todos os concelhos dela ou de alguns, conforme a natureza, as necessidades e até a proximidade de lugares, e nesse sentido muito contamos com a experiência e o dinamismo da Câmara Municipal de Lisboa e do seu presidente.

A seguir:
OS LOTEAMENTOS
ILEGAIS

Actualidade internacional

AMEAÇA ALASTRAR NA ÍNDIA A EPIDEMIA DA CÓLERA

CALCUTA, 11—(F. P. e R.)—A fome, a cólera ou a morte por esgotamento cercam milhões de paquistaneses orientais na Índia, que não conseguiram encontrar asilo nos campos governamentais.

Entre, aproximadamente, cinco milhões de refugiados, que fugiram para Bengala Ocidental, apenas metade foi recenseada nos 500 campos instalados ao longo da fronteira indo-paquistanesa.

Dois a três milhões deles estão sem alimento e são presa fácil para a cólera se, durante o êxodo, não morrem de esgotamento na berma da estrada.

Entretanto, a medida que as primeiras chuvas da monção começam a encharcar as regiões da costa oriental da União Indiana, aumenta o receio que a cólera que grassa entre os refugiados do Paquistão se propague aos 550 milhões de habitantes.

Nos últimos dois dias, as chuvas no Estado de Bengala Ocidental foi pouco abundante, mas basta uma batega de uma hora para que os acampamentos dos refugiados, situados nas terras baixas e pantanosas, se transformem em verdadeiros lagos.

Entretanto os refugiados continuam a atravessar a fronteira do Paquistão Oriental a razão de cerca de 100 000 por dia.

No meio de vários apelos de socorro, o Ministério da Saúde indiano emitiu o triste aviso do que, se não forem imediatamente tomadas medidas adequadas, toda a Índia pode ser assolada pela cólera.

O secretário do Ministério da Saúde, K. K. Das, declarou a noite passada em Nova Deli que, segundo os últimos dados, entre 3 milhões e meio de refugiados instalados em campos havia mais de 18 000 casos de cólera, dos quais 2 405 fatais.

Entretanto, continuam a chegar por avião medicamentos e alimentos e os trabalhos de socorro efectuam-se ininterruptamente para vacinar os vivos, tentar salvar os

moribundos e enterrar os mortos que, segundo números não oficiais, já ultrapassam os 4000.

TCHAD: 1200 MORTOS

FOR LAMY, 11—(R.)—Entidades ligadas à saúde pública anunciaram ontem que, até agora, morreram já 1200 pessoas devido ao surto de cólera que atingiu o Tchad, advertindo também que a taxa de mortalidade poderá certamente elevar-se muito mais.

Nixon pôs termo ao embargo no comércio com Pequim

WASHINGTON, 11—(R.)—

O presidente Nixon anunciou ontem uma vasta gama de produtos que os industriais americanos podem fornecer à China e ao mesmo tempo levantou as restrições à entrada de mercadorias chinesas nos Estados Unidos.

O presidente levantou também a exigência actualmente em vigor de que 50 por cento dos cereais americanos exportados para países comunistas sejam transportados em navios da marinha mercante dos Estados Unidos.

Na sua mais espectacular decisão até agora tomada para melhorar as relações com a China comunista, Nixon anunciou que uma longa lista de bens de consumo e outras mercadorias não-militares poderão ser livremente vendidas à China, necessitando apenas de uma vulgar licença de exportação.

LONDRES, 11 (R.)—O palácio de Buckingham quebrou ontem o seu silêncio a propósito da controversia sobre a fortuna particular da rainha Isabel e admitiu que ela anda à volta de dois milhões de libras (136 000 contos).

A controversia começou há duas semanas quando o antigo ministro trabalhista Richard Crossman afirmou, num artigo publicado pela revista «New Statesman», que a fortuna da rainha atingia 50 milhões de libras e recomendou que o Parlamento recusasse o aumento da lista civil. Anteontem, o director do banco que trata dos

negócios da rainha calculou a fortuna real em cerca de dois milhões de libras e hoje um informador do palácio de Buckingham declarou que essa verba está mais próxima da realidade do que as exageradas quantias de 50 a 100 milhões mencionadas nos últimos dias.

Essa elevada verba só pode ser calculada tomando também em consideração a colecção de arte, a biblioteca, a colecção de selos, o mobiliário e outros bens que pertencem à coroa mas de que a rainha não pode desfazer-se para os deixar aos seus sucessores.

PAULO VI SIMPLIFICA O PROCESSO DE ANULAÇÃO DOS CASAMENTOS

CIDADE DO VATICANO, 11 (R.)—Com uma reforma que se espera venha aliviar os encargos crescentes dos tribunais religiosos e poupar tempo precioso, angústia e dinheiro a milhares de casais católicos, Paulo VI promoveu hoje a simplificação dos processos de anulação de casamentos católicos.

Através de uma carta apostólica de «motu próprio», ou seja da sua própria iniciativa, o Papa afirma que a Igreja vê «com grande preocupação» o número cada vez maior de casos de anulação de casamentos nos tribunais religiosos.

Embora não haja estatísticas disponíveis, o tribunal da Sagrada Rota, supremo nos casos de recursos sobre o casamento sempre que haja desacordo em dois tribunais de instância inferior emitiu no ano passado 248 sentenças quando seis anos antes o número andava pelas 160.

O Papa declarou que o nu-

mero cada vez maior de casos de anulação era um indicio característico do enfraquecimento do espírito religioso da lei na qual a família cristã se baseia. A Igreja — acrescentou. O Sumo Pontífice — tenciona eliminar a demora excessiva nos processos de anulação impedindo que contribua para o agravamento da situação espiritual de grande parte dos seus filhos.

Fontes do Vaticano afirmam que uma das maiores preocupações do Papa, principalmente no que diz respeito à Itália, onde o divórcio foi recentemente legalizado, é impedir que os casais com pedidos de anulação de casamento suficientemente justificados sejam arrastados pela lentidão dos processos da Igreja e levados a procurar a solução nos tribunais comuns.

O «motu próprio», cujas cláusulas entram em vigor em 1 de Outubro, deverá reduzir em vários anos a duração de alguns processos.

Português esmagado em França

PARIS, 11—(A. N. I.)—Esmagado por duas toneladas de ferro-velho que se desprendiam do camião que ajudava a descarregar, morreu o operário português Manuel de Lima, de 22 anos. Lima emigrara para França e residia em Janvry (Essonne).

JEAN LUC GODARD OPERADO APÓS ACIDENTE

Paris, 11—(R.)—O realizador francês Jean Luc Godard voltou ontem a si depois de ter sido submetido a operações cirúrgicas para uma redução de fractura da bacia e esmagamento do peito, em consequência de um acidente de motocicleta.

Os médicos anunciaram que Godard está livre de perigo, mas terá de ficar internado durante muito tempo.

Godard seguia uma motocicleta conduzida por uma mulher quando foi de encontro a uma forqueta estacionada, indo cair debaixo de um autocarro em movimento no «Quartier Latin». A motociclista sofreu apenas fractura de um pé.

DESVALORIZAÇÃO DO CRUZEIRO

RIO DE JANEIRO, 11—(ANI)—O cruzeiro foi desvalorizado ontem à noite, em 1,7 por cento. A última variação fizera-se há 32 dias. A partir de hoje, o dólar será cotado a 5,25 cruzeiros, para compra, e 2.282 para venda.

É a quarta desvalorização do cruzeiro neste ano e soma 6,7 por cento, em relação a 1 de Janeiro de 1971.

Alcaide — Fundão



**ANA SALVADO
AMARAL SILVA**

FALECEU

Sua filha, genro, netos, irmãos e mais família cumpram o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida mãe, sogra, avó, irmã e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 12, pelas 9.30, da Igreja de São João de Deus, Capela C, para o Cemitério de Alcaide — Fundão.

Agência Domingos & Diniz
Telef. 861649

**ENG. LUÍS
MONTEIRO FORTE**

Missa do 1.º aniversário

Sua mulher e filhos participam que será celebrada missa amanhã, dia 12, pelas 8 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Este car ferry abre-lhe as portas para férias de sonho

Com o seu carro. Ou sem o seu carro



Viva horas deliciosas no mar. Desembarque feliz e repousado. É para para a descoberta dos encantos de Inglaterra. Ou do exotismo de Tanger e Marrocos. São assim as suas viagens de férias no Eagle. O car ferry que lhe proporciona todos os confortos de um navio de cruzeiros. Piscina, solário, amplos salões, restaurantes e bares. Camarotes com ar condicionado e

Remeta-nos o cupão, consulte o seu Agente de Viagens ou

E. Pinto Basto & Ca. Lda.
Praça Duque da Terceira, 20/Telef. 361581/Lisboa

Desejo receber, gratuitamente, folhetos informativos sobre o Eagle e os programas de férias em Inglaterra e Marrocos.

Nome _____
Morada _____



casas de banho privativas. Leve o seu carro. Ou utilize as visitas em "autopullman" que organizamos para si. O Eagle espera-o para férias maravilhosas ou um delicioso mini-cruzeiro. Que custam menos do que pensa. Marque hoje mesmo a sua passagem. O Eagle parte regularmente de Lisboa todas as semanas.

A partir de
2730\$

Viagem de ida e volta a Inglaterra (4, 8 e 10 dias de estadia), incluindo camarote, refeições a bordo e o transporte gratuito do carro, quando em conjunto com 4 bilhetes inteiros.

SOUTHERN FERRIES
auto-estrada flutuante para o seu carro

O Chefe do Estado e quase todos os membros do Governo assistiram à entrega de condecorações no Terreiro do Paço

Os Escuteiros homenagearam Luís de Camões e Gago Coutinho

Terreiro do Paço engalanado: Bandeiras Nacionais, Bandeira da Cidade de Lisboa, Bandeira da Cruz de Cristo, Leões. A enorme praça pejada de Forças Militares e paramilitares em parada: Exército, Marinha, Força Aérea. Alunos do Colégio Militar, Pupilos do Exército, Alunos da Escola Naval, Alunos da Academia Militar, G. N. R. (a pé e a cavalo), Guarda Fiscal, P. S. P., e Legião Portuguesa. Várias bandas de música e faixas de algumas destas forças, assim como as respectivas bandeiras, estandartes e guirlandas.

A frente da parada encontravam-se alinhados quantos iam ser condecorados e junto à Tribuna central alguns militares sentados, um homem e uma mulher de luto, todos a aguardar a cerimónia de imposição das condecorações merecidas pelos seus actos ou dos seus familiares nas lutas em terras de África.

Eram dez horas quando o sr. Presidente da República se apresentou junto àquela Tribuna. Ouviram-se, então, a salva de 21 tiros disparada por um navio da Armada, e o Hino Nacional, após o que o sr. Almirante Américo Thomaz, eum. primentou o prof. Marcello Caetano, alguns dos ministros presentes, e beijou o anel ao Cardeal Cerejeira, tomando então lugar ao centro da Tribuna. Nesta tomaram também assento além das individualidades referidas, vários secretários e subsecretários de Estado, Presidente da Assembleia Nacional, e altas entidades militares. Ao lado numa pequena Tribuna estavam várias senhoras, entre as quais se destacavam a esposa e filha do sr. Presidente da República.

Foi, então, que o Chefe do Estado Maior, coronel Imatário Egreja, anunciou a audição da alocução aos soldados em parada. Esta alocução, gravada, foi a mesma que foi transmitida nas cerimónias idênticas promovidas em todo o País.

Dois condecorações da Torre e Espada

Em seguida o sr. Almirante Américo Thomaz impôs as condecorações de Cavaleiro da Ordem Militar Torre e Espada ao 1.º sargento de Infantaria Manuel Isaias Pires e ao 2.º sargento FZE Manuel Martins Teixeira, para logo depois o sr. Presidente do Conselho condecorar o tenente-coronel de Infantaria Alberto Ferreira de M. Osório com a Medalha de Ouro Valor Militar com Palma, este a título póstumo, com a Medalha de Prata Valor Militar com Palma, o coronel parquedista Alcino Pereira da Fonseca Ribeiro e o alferes miliciano José Manuel de Araújo Gonçalves, e com a Medalha de Cobre Valor Militar com Palma o 1.º sargento FZE Manuel Joaquim Borges, e os dois últimos também a título póstumo.

Procedeu-se depois à entrega, pelo secretário do Estado do Exército e outras altas individualidades militares, das restantes 9 condecorações, quatro das quais a título póstumo, o que compreendiam: 5 Medalhas Cruz de Guerra 1.ª classe, três de 2.ª classe, 21 de 4.ª classe 7 Medalhas de Ouro de Serviços Distintos com Palma, 47 Medalhas de Prata de Serviços Distintos com

Palma e 4 Medalhas de Cobre de Serviços Distintos com Palma.

Após esta cerimónia houve o momento aos Mortos em Combate, tocando a Fanfara do Regimento de Cavalaria n.º 7 a «Silêncio», depois a «Militares Mortos em Combate» e finalmente a «Alvorada», enquanto se ouvia uma salva

comercial de Brotero, comemorativo do «Dia de Portugal» e para encerramento das actividades escolares daquele estabelecimento de ensino.

No Porto

PORTO, 11 — A cerimónia do «Dia de Portugal», promovida pela Região Militar, decorreram, em homenagem aos heróis do Ultramar,

na Praça Gonçalves Zarco, ao Castelo do Queijo, presidida pelo ministro da Defesa Nacional e do Exército, sr. general Sá Viana Rebato e com a presença de altos comandos militares e outras entidades.

As forças em parada prestaram homenagem às bandeiras e àquele membro do Governo e foi lida a mensagem patriótica. Foram a seguir, citados

os louvores e apostas as condecorações aos combatentes do Ultramar.

Depois, foi prestada a homenagem aos militares mortos em combate e feita a continência das tropas aos condecorados, seguindo-se o desfile.

Na Quinta da Conceição houve um almoço de confraternização; e, de tarde, foi inaugurada a Exposição «O Ultramar Português», no Palácio da Bolsa. Ao fim da tarde, nos Paços do Concelho houve recepção em homenagem da cidade aos heróis do Ultramar. À noite, no Teatro de S. João um concerto de gala, pela banda de música da G. N. R.



O Presidente da República e o Chefe do Governo entregando condecorações



FESTIVAL DE JUVENTUDE NO ESTÁDIO NACIONAL

O Estádio Nacional voltou a ser cenário do Festival da Juventude, promovido pela M. P. e pela M. P. F. para comemorar o «Dia da Raça». Também, mais uma vez, aquele recinto voltou a encher-se de público na grande maioria constituído por família dos participantes (algumas centenas de jovens, de ambos os sexos). Interessada em apresentar um espectáculo cheio de cor, movimento e alegria, como sempre são os que em 10 de Junho de cada ano ali se realizam.

O presidente do Chefe do Estado que esteve acompanhado dos ministros do Interior e da Educação Nacional e dos subsecretários de Estado da Juventude e Desporto, do Tesouro da Administração Escolar e da Administração Ultramarina. Num breve apontamento, pode dizer-se que nada fi-

cou a dever aos festivais dos anos anteriores. Bem pelo contrário, «o desfile» de abertura constituído por numerosas representações juvenis, a recitação do poema lusitano «Dia de Portugal» e a apresentação de uma classe feminina em exercícios de ginástica educativa, constituíram repetição de actos anteriores e o resto do programa exibido e bem cumprido teve aspectos de novidade e novidade que o público muito apreciou.

Estão neste caso a demonstração de «grãvia» de sete, de atletismo de «karatê» o momento de campismo com montagem e desmontagem de tendas e muito principalmente, os exercícios de voo sobre o Estádio Nacional, por aviação com lançamento em pára-quedas sobre o relvado donde a prova a competição de insurador can Roaiva Pinheiro.

de 17 tiros por uma bateria do R. A. L. I.

Para encerramento das cerimónias, seguiu-se o desfile das tropas que prestaram continência ao sr. Presidente da República.

Em Coimbra

COIMBRA, 11 — Revestiu-se de solenidade, também na parte civil, a celebração do «Dia de Portugal», que foi presidida pelo sr. ministro da Marinha, com a presença de altas entidades militares e civis.

As cerimónias decorreram na Praça dos Heróis do Ultramar onde formaram as forças em parada com as bandeiras regimentais, banda de música e uma bateria de artilharia que deu as salvas do estilo no momento culminante.

Foi transmitida a patriótica alocução, fazendo-se depois a entrega das condecorações, prestando-se homenagem aos mortos no Ultramar. Seguiu-se a continência e o desfile das tropas.

Depois o sr. almirante Pereira Crespo e as outras entidades assistiram nas piscinas do Estádio Municipal à exibição das escolas de natación, cujos componentes apresentaram ao ministro uma grande taça para nela inscreverem o seu nome.

Houve um almoço na sala de recepção das piscinas, excelentemente servido pelo «Café Restaurante Nipolat» e, mais tarde, depois de inaugurar uma exposição de fotografias, aquele membro do Governo presidiu, no Estádio Municipal, a um festival dos alunos da Escola Industrial e Co-

Na Praça Luís de Camões, junto ao monumento, que estava engalanado, decorreram ontem diversas cerimónias, todas com a assistência de muitos populares.

Os alunos das escolas do Ateneu Comercial de Lisboa, a exemplo dos anos anteriores, estiveram ali, pelas 9 e 30, acompanhados pelos corpos gerentes da instituição, tendo à frente os srs. Antunes Sabatão, vice-presidente da direcção e o vogal Arnaldo Boto Ribeiro e dr. Renato Santos, director da escola. Os alunos, de ambos os sexos, chegaram em autocarro à Praça Luís de Camões e colocaram uma linda palma de flores no monumento do épico. Esta cerimónia foi precedida do izar da bandeira nacional na sede do Ateneu, onde o professor sr. dr. Renato Santos proferiu uma alocução em que exaltou o significado do dia.

Dali dirigiram-se todos para o cemitério dos Prazeres em romagem de saudade aos jazigos onde repousam os restos mortais de João Pereira da Rosa e de Vasco Ribeiro que foi presidente da direcção do Ateneu Comercial de Lisboa. Seguiu-se uma romagem aos Jerónimos onde, junto do túmulo de Luís de Camões foi deposita uma palma de flores.

A Casa do Ribatejo presta homenagem ao seu patrono

Comemorando, simultaneamente, o 29.º aniversário da sua fundação, a Casa do Ribatejo promoveu a sua tradicional romagem ao túmulo do seu patrono, Luís de Camões, nos Jerónimos, e junto do monumento do épico, na Praça do mesmo nome. Perante os directores e alguns sócios foram colocados, nos referidos locais, numerosos ramos de flores.

As cerimónias promovidas pela Câmara

Como é da tradição, o Município lisbonense promoveu, também, algumas cerimónias dedicadas a Luís de Camões.

Pelas 12 horas, o eng.º Santos e Castro, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, acompanhado pelo vice-presidente, dr. Dinis Soares da Costa, os vereadores Manuel Casimiro, Mineiro Pena e dr. Antunes Branco, directores de serviço e funcionários superiores do Município, segundo comandante do B. S. B., comandante da Polícia Municipal e do Bombeiros Voluntários Lisboenses e representantes do Grupo Amigos de Lisboa, da Acção Nacional Po-

pular e da Junta de Freguesia a Encarnação, esteve junto da base do monumento e ali colocou uma grande palma de gladiolos e cravos vermelhos com fitas de seda com as cores da cidade. Nesse momento, a banda de música da Polícia de Segurança Pública — que deu ali concerto durante a tarde — tocou os hinos do Município e nacional.

A Voz do Operário

Também estiveram junto do monumento do outor dos «Lustadas» a deixar um ramo de flores os alunos das Escolas Primárias da Voz do Operário, acompanhados da inspetora escolar sr.ª D. Adriana Crisóstomo e dos membros directivos srs. Edmundo de Sousa e Manuel Saraiva.



O presidente do Município de Lisboa no momento em que colocava flores na base do monumento a Camões

O MONUMENTO A CAMÕES FICOU JUNCADO DE FLORES

O Chefe do Estado e quase todos os membros do Governo assistiram à entrega de condecorações no Terreiro do Paço

Os Escuteiros homenagearam Luís de Camões e Gago Coutinho

Terreiro do Paço engalanado: Bandeiras Nacionais, Bandeiras da Cidade de Lisboa, Bandeiras da Cruz de Cristo, Leões. A enorme praça pejada de Forças Militares e paramilitares em parada: Exército, Marinha, Força Aérea. Alunos do Colégio Militar. Pupilos do Exército. Alunos da Escola Naval. Alunos da Academia Militar. G. N. R. (a pé e a cavalo) Guarda Fiscal P. S. P., e Legião Portuguesa. Várias bandas de música e faixas de algumas destas forças, assim como as respectivas bandeiras, estandartes e guirlandas.

A frente da parada encontravam-se alinhados quantos iam ser condecorados e junto à Tribuna central alguns militares sentados, um homem e uma mulher de luto, todos a aguardar a cerimónia de imposição das condecorações merecidas pelos seus actos ou dos seus familiares nas lutas em terras de África.

Em dez horas quando o sr. Presidente da República se apresentou junto àquela Tribuna. Ouviram-se, então, a salva de 21 tiros disparada por um navio da Armada, e o Hino Nacional, após o que o sr. Almirante Américo Thomaz e o prof. Marcello Caetano, alguns dos ministros presentes, e beijou o anel ao Cardeal Cerejeira, tomando então lugar ao centro da Tribuna. Nesta tomaram também assento além das individualidades referidas, vários secretários e subsecretários de Estado. Presidente da Assembleia Nacional, e altas entidades militares. Ao lado numa pequena Tribuna estavam várias senhoras, entre as quais se destacavam a esposa e filha do sr. Presidente da República.

Foi, então, que o Chefe do Estado Maior, coronel Imagnário Egreja anunciou a audição da alocução aos soldados em parada. Esta alocução, gravada, foi a mesma que foi transmitida nas cerimónias idênticas promovidas em todo o País.

Duas condecorações da Torre e Espada

Em seguida o sr. Almirante Américo Thomaz impôs as condecorações de Cavaleiro da Ordem Militar Torre e Espada ao 1.º sargento de Infantaria Manuel Isaias Pires e ao 2.º sargento FZE Manuel Martins Teixeira, para logo depois o sr. Presidente do Conselho condecorar o tenente-coronel de Infantaria Alberto Fernal de M. Osório com a Medalha de Ouro Valor Militar com Palma, este a título póstumo, com a Medalha de Prata Valor Militar com Palma o 1.º sargento FZE Manuel Joaquim Borges, e os dois últimos também a título póstumo.

Procedeu-se depois à entrega, pelo secretário de Estado do Exército e outras altas individualidades militares, das restantes 9 condecorações, quatro das quais a título póstumo, o que compreendiam: 5 Medalhas Cruz de Guerra 1.ª classe, três de 2.ª classe, 21 de 4.ª classe 7 Medalhas de Ouro de Serviços Distintos com Palma, 47 Medalhas de Prata de Serviços Distintos com

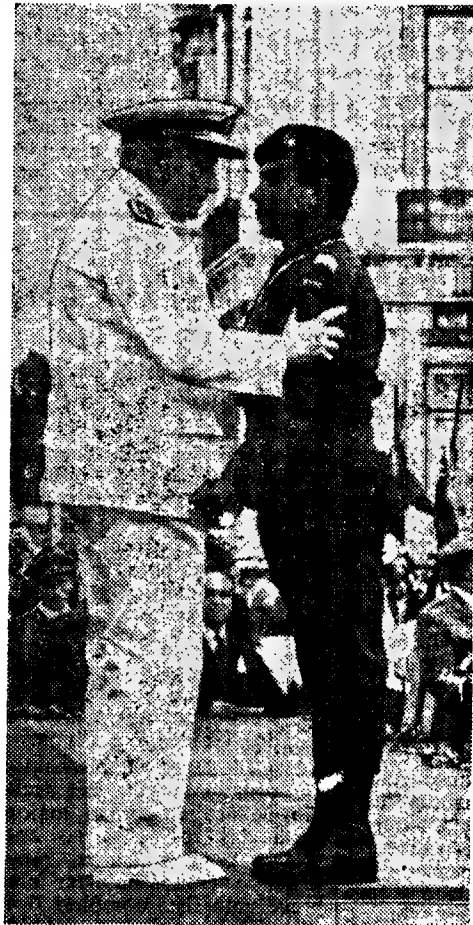
Palma e 4 Medalhas de Cobre de Serviços Distintos com Palma

Após esta cerimónia houve o momento aos Mortos em Combate, tocando a Fanfara do Regimento de Cavalaria n.º 7 a «Silêncio», depois a «Militares Mortos em Combate» e finalmente a «Alvorada», enquanto se ouvia uma salva

comercial de Brotero, comemorativo do «Dia de Portugal» e para encerramento das actividades escolares daquele estabelecimento de ensino.

No Porto

PORTO 11 — A cerimónia do «Dia de Portugal», promovida pela Região Militar, decorreram, em homenagem aos heróis do Ultramar



O Presidente da República e o Chefe do Governo entregando condecorações



de 17 tiros por uma bateria do R. A. L. 1.

Para encerramento das cerimónias, seguiu-se o desfile das tropas que prestaram continência ao sr. Presidente da República.

Em Coimbra

COIMBRA, 11 — Revestiu-se de solenidade, também na parte civil, a celebração do «Dia de Portugal», que foi presidida pelo sr. ministro da Marinha, com a presença de altas entidades militares e civis.

As cerimónias decorreram na Praça dos Heróis do Ultramar onde formaram as forças em parada com as bandeiras regimentais, banda de música e uma bateria de artilharia que deu as salvas do estilo no momento culminante.

Foi transmitida a patriótica alocução, fazendo-se depois a entrega das condecorações, prestando-se homenagem aos mortos no Ultramar. Seguiu-se a continência e o desfile das tropas.

Depois o sr. almirante Pereira Crespo e as outras entidades assistiram na pista do Estádio Municipal à exibição das escolas de natção, cujos componentes apresentaram ao ministro uma grande taça para nela inscreverem o seu nome.

Houve um almoço na sala de recepção das piscinas, excelsamente servido pelo «Café Restaurant Nicola» e, mais tarde, depois de inaugurar uma exposição de fotografias, aquele membro do Governo presidiu, no Estádio Municipal, a um festival dos alunos da Escola Industrial e Co-

mercial de Brotero, comemorativo do «Dia de Portugal» e para encerramento das actividades escolares daquele estabelecimento de ensino.

Os alunos das escolas do Ateneu Comercial de Lisboa, a exemplo dos anos anteriores, estiveram ali, pelas 9 e 30, acompanhados pelos corpos gerentes da instituição, tendo à frente os srs. Antunes Sabatão, vice-presidente da direcção e o vogal Armando Boto Ribeiro e dr. Renato Santos, director da escola. Os alunos, de ambos os sexos, chegaram em autocarro à Praça Luís de Camões e colocaram uma linda palma de flores no monumento do épico. Esta cerimónia foi precedida do ícar da bandeira nacional na sede do Ateneu, onde o professor sr. dr. Renato Santos proferiu uma alocução em que exaltou o significado do dia.

Dali dirigiram-se todos para o cemitério dos Prazeres em homenagem de saudade aos jazigos onde repousam os restos mortais de João Pereira da Rosa e de Vasco Ribeiro que foi presidente da direcção do Ateneu Comercial de Lisboa. Seguiu-se uma homenagem aos Jerónimos onde, junto do túmulo de Luís de Camões foi deposita uma palma de flores.

na Praça Gonçalves Zarco, ao Castelo do Queijo, presidida pelo ministro da Defesa Nacional e do Exército, sr. general Sá Viana Rebelo e com a presença de altos comandos militares e outras entidades.

As forças em parada prestaram homenagem às bandeiras e àquele membro do Governo e foi lida a mensagem patriótica. Foram a seguir, citados

os louvores e apostas as condecorações aos combatentes do Ultramar.

Depois, foi prestada a homenagem aos militares mortos em combate e feita a continência das tropas aos condecorados seguindo-se o desfile.

Na Quinta da Conceição houve um almoço de confraternização; e, de tarde, foi inaugurada a Exposição «O Ultramar Português» no Palácio da Bolsa. Ao fim da tarde, nos Paços do Concelho houve recepção em homenagem da cidade aos heróis do Ultramar e à noite, no Teatro de S. João um concerto de gala, pela banda de música da G. N. R.

O Nucleo de Lisboa dos Escuteiros de Portugal, através dos seus grupos e a exemplo dos anos anteriores, promoveram várias cerimónias para assinalar a data festiva.

Pelas 10 horas um grupo de escuteiros depositou uma palma de flores no túmulo de Luís de Camões nos Jerónimos. Uma hora antes o 2.º Grupo de Escuteiros em formação dirigiu-se para o cemitério da Ajuda onde depositou uma palma de flores naturais no túmulo do almirante Gago Coutinho prestando em seguida outra homenagem à saudada daquele sábio colocando uma coroa de louros na casa da Ajuda onde o almirante nasceu.

FESTIVAL DE JUVENTUDE NO ESTÁDIO NACIONAL

O Estádio Nacional voltou a ser cenário do Festival da Juventude, promovido pela M. P. e pela M. P. F. para comemorar o «Dia da Raça». Também, mais uma vez, aquele recinto voltou a encher-se de público na grande maioria constituído por famílias dos participantes, algumas centenas de jovens, de ambos os sexos, interessados em presenciar um espectáculo cheio de cor, movimento e alegria como sempre são os que em 10 de Junho de cada ano ali se realizam.

O sr. presidente do Chefe do Estado que esteve acompanhado dos ministros do Interior e da Educação Nacional, e dos subsecretários de Estado da Juventude e Desporto, do Tesouro da Administração Escolar e da Administração Ultramarina. Num breve apontamento, pode dizer-se que nada fi-

cou a dever aos festivais dos anos anteriores. Nem de o contrário. Se o desfile de abertura constituído por numerosas representações juvenis, a recitação do poema a usvo do «Dia de Portugal» e a apresentação de uma classe feminina em exercícios de ginástica educativa, constituíram reacção de ânimo anteriores o resto do programa exibido e bem cumprido teve aspectos de novidade e novidade que o público muito apreciou.

Estão neste caso a demonstração de «Judo» do sete, de atletismo de «karatê» o momento de camuflagem com montagem e desmontagem de sentas e muito nacionalmente os exercícios de voo sobre o Estádio Nacional, por acrobacias com lançamento em pára-quedas sobre o relvado donde a prova a competição de instrutor can. Raimundo Pinheiro.

O MONUMENTO A CAMÕES FICOU JUNCADO DE FLORES

A Casa do Ribatejo presta homenagem ao seu patrono

Comemorando, simultaneamente, o 29.º aniversário da sua fundação, a Casa do Ribatejo promoveu a sua tradicional romagem ao túmulo do seu patrono, Luís de Camões, nos Jerónimos, e junto do monumento do épico, na Praça do mesmo nome. Perante os directores e alguns sócios foram colocados, nos referidos locais, numerosos ramos de flores.

As cerimónias promovidas pela Câmara

Como é da tradição, o Município lisbonense promoveu, também, algumas cerimónias dedicadas a Luís de Camões.

Pelas 12 horas, o eng.º Santos e Castro, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, acompanhado pelo vice-presidente, dr. Dinis Soares da Costa, os vereadores Manuel Casimiro, Mineiro Pena e dr. Antunes Branco, directores de serviço e funcionários superiores do Município, segundo comandante do B. S. B., comandantes do Grupo Amigos de Lisboa, da Acção Nacional Po-

pular e da Junta de Freguesia a Encarnação, esteve junto da base do monumento e ali colocou uma grande palma de gladiolos e cravos vermelhos com fitas de seda com as cores da cidade. Nesse momento, a banda de música da Polícia de Segurança Pública — que deu ali concerto durante a tarde — tocou os hinos do Município e nacional.

A Voz do Operário

Também estiveram junto do monumento o cantor dos «Lustadas» a deixar um ramo de flores e alunos das Escolas Primárias da Voz do Operário, acompanhados da inspetora escolar sr.ª D. Adriana Cróstomo e dos membros directivos srs. Edmundo de Sousa e Manuel Saraiva.



O presidente do Município de Lisboa no momento em que colocava flores na base do monumento a Camões



O Chefe do Estado com as individualidades que foram condecoradas em Belém

Vinte e três individualidades agraciadas pelo Chefe do Estado que entregou no palácio de Belém dezassete dessas condecorações

O Chefe do Estado condecorou ontem, à tarde, no Palácio Nacional de Belém, diversas individualidades, durante uma breve cerimónia integrada no programa oficial das comemorações do Dia de Portugal.

Assistiram ao acto, além de todos os componentes das Ordens Honoríficas Portuguesas, os ministros da Educação, das Corporações e das Obras Públicas, os secretários de Estado da Informação e Turismo e da Indústria; os subsecretários de Estado da Administração Escolar e da Administração Ultramarina; e os chanceleres das Ordens Militar, Nacional e de Mérito Civil, respectivamente, general Santos Costa, prof. dr. Damilão Peres e prof. eng.º Francisco Leite Pinto.

Os galardoados e convidados que foram recebidos na sala Império pelos componentes da Casa Militar do Chefe do Estado, passaram depois à sala Luís XV, onde se encontrava o almirante Américo Thomaz, acompanhado dos membros do Governo e dos chanceleres.

A cerimónia iniciou-se com uma breve saudação do prof. dr. Damilão Peres ao Chefe do Estado.

Depois, usou da palavra o almirante Américo Thomaz, que após ter aludido ao significado da cerimónia, disse:

«Este ano foram distinguidas, ao todo, 23 individualidades, das quais 17 receberam directamente das mãos do Chefe do Estado as insignias das condecorações que lhes foram concedidas e 6, por ausência de Lisboa, terão de as receber de outras mãos, por delegação expressa do Chefe do Estado. Mas todas tiveram inicialmente a mesma origem e foram fruto da mesma iniciativa. E esta foi do Chefe do Estado, coadjuvado eficientemente, como sempre, pelos três chanceleres das Ordens Honoríficas Portuguesas.

Na Ordem Militar de Cristo é agraciado com a respectiva comenda o dr. António Silva de Sousa, director-geral do Serviço Meteorológico Nacional. Não é o cargo que desempenha a razão determinante da concessão, mas a chefia de delegações portuguesas, onde tem desenvolvido uma acção relevante e que lhe tem grangeado muito prestígio.

Na Ordem Militar de Santiago da Espada são agraciados o dr. João Ameal, com o grande oficialato e a professora doutora D. Maria de Lourdes Bechior Pontes, o escritor Luís Forjas Trigueiros e o jor-

nalista Luís Teixeira, com a comenda. São individualidades sobejamente conhecidas e apreciadas, cujas biografias denotam uma riqueza de predicações que muito as enobrecem e foram causa de resolução tomada pelo Chefe do Estado.

Na Ordem do Império é distinguido, com o grau de grande-oficial, o comendador José Martins Dias da Cunha, que em Moçambique tem desenvolvido uma acção empresarial de grande envergadura, revelando uma capacidade de decisão e uma orientação renovadora deveras notáveis. Também nela é distinguido o engenheiro José Indício Macarenhas, no grau de comendador, pela notável proficiência revelada em todos os trabalhos ligados à valorização económica da província de Macau.

Na Ordem do Infante D. Henrique são agraciados o professor doutor Herculano Amorim Ferreira, no grau de grã-cruz, e os professores doutores Salvador Dias Arnaut e padre Aveino de Jesus da Costa, nos graus de comendador. São três mestres distintos, tendo o primeiro leccionado durante largos anos na Faculdade de Ciências de Lisboa, continuando os outros dois a leccionar na Faculdade de Letras de Coimbra. A biografia do primeiro é muito larga e extremamente valiosa e ela o tem levado várias vezes à presidência da Academia das Ciências de Lisboa. Aos outros dois devem-se publicações históricas de muito valor.

Na Ordem da Benemerência são distinguidos a senhora dona Maria de Belém Meire, dedicada colaboradora do Movimento Nacional Feminino, eleita recentemente vice-presidente da assembleia geral e a senhora dona Maria Helena Pinto Basto Vieira de Araújo, antiga dirigente da Acção Católica Portuguesa, que generosamente trabalha na Cruz Vermelha Portuguesa há quase dez anos e é actualmente vice-presidente da Secção Auxiliar Feminina. Ambas recebem a comenda.

Na Ordem da Instrução Pública, são condecorados o dr. Diamantino Augusto da Costa Soares e o engenheiro Raul

Lima Aires, ambos no grau de comendador. O primeiro é reitor do Liceu Nacional de Passos Manuel e o segundo é director do Instituto Industrial do Porto. Um e outro têm exercido os seus cargos de forma relevante e com inteiro merecimento.

Na Ordem do Mérito Agrícola e Industrial, recebe as insignias de grande-oficial o dr. Francisco Xavier Barreto Caldeira Castel-Branco, na classe do Mérito Agrícola. Os numerosos cargos que tem ocupado e a forma como os tem desempenhado são penhor da justiça do agraciamento. Na classe do Mérito Industrial são distinguidos o comendador João Martins, com o grau de grande-oficial e o senhor Durando Rodrigues da Silva, com o grau de oficial. O primeiro tem-se revelado um industrial de brilhante iniciativa, em continuação de uma vida de grandes empreendimentos na América do Sul. O segundo tem desempenhado exemplarmente os cargos para que tem sido sucessivamente designado no Sindicato Nacional dos Educadores, Trolhas e Pintores, na direcção da União dos Sindicatos dos Aperfeiçoados da Construção Civil do Norte e no conselho geral da mesma União.

Termino as breves palavras com que antecedeo a imposição das insignias lembrando, de novo, estarmos vivendo hoje mais um Dia de Portugal, dia em que os portugueses devem concentrar os seus pensamentos, de uma forma especial, não apenas nas recordações do seu passado, cheio de esplendores feitos e toldado de algumas sombras, mas principalmente nas perspectivas do seu futuro, que nos cabe tornar risonhas, por uma permanente e conjugada acção construtiva.

Neste dia de cada ano, mais ainda do que em qualquer outro, é dever do Chefe do Estado lembrar a todos os portugueses os riscos que normalmente resultam de egocentrismos que não aglutinam vontades, nem engrandecem os homens. A cada um de nós cabe despojar-se de vaidades que, na verdade, não são mais

do que ilusões efémeras; evitar egoísmos que não prestigiam, nem criam ambientes saudáveis; arredar preconceitos, desconfianças, incompreensões, ressentimentos e obstinações, sempre inconvenientes para o estabelecimento da concordância que tem de existir entre os portugueses. Enfim, é meu dever procurar afastar do caminho nada fácil por onde temos de seguir, tudo quanto possa enfraquecer o esforço geral indispensável ao engrandecimento constante, harmónico e rápido do Espaço Português, em toda a sua imensa e sagrada dimensão.

Pouco depois, auxiliado pelos chanceleres, o Presidente da República procedeu à entrega das condecorações.

Em nome dos agraciados usou então da palavra o prof. dr. Herculano Amorim Ferreira.

Outros agraciados

Em outras localidades do País e por expressa delegação do Chefe do Estado, foram entregues mais as seguintes condecorações:

Ordem Militar de Santiago da Espada — prof. eng.º António Bonfim Barreiros — Grande-Oficial, de investidura na residência do agraciado, no Porto, presidida pelo ministro da Defesa Nacional e do Exército.

Ordem do Império — dr.ª D. Miquelina da Costa Seixas Limpo Serra — Comendador, de investidura presidida pelo governador-geral de Angola; coronel Nuno Viriato Iavares de Melo Egídio — Comendador, da mesma Ordem, investidura presidida pelo governador-geral de Moçambique; padre Carlos da Rocha Pereira — Comendador, da mesma Ordem, investidura presidida pelo governador de Timor.

Ordem da Benemerência — dr. Frederico Augusto da Cunha Freitas — Comendador, de investidura presidida pelo governador do Distrito Autónomo de Funchal.

Ordem da Instrução Pública — prof. dr. Joaquim Veríssimo Serrão — Comendador, de investidura presidida pelo embaixador de Portugal em Paris.

A HOMENAGEM AOS PROFESSORES PRIMÁRIOS

(Continuação da 2.ª página)

Joaquim Fernandes Ribom, Maria Isabel Campos, Pedro Jansénio Delgado, Maria José Rodrigues Robalo, Matilde Bracons, António Maria Silvério de Paiva, Ester dos Prazeres Barbosa, Alice de Jesus Badoio, Ana Natália Simões Charrua, Manuel Correia Abreu, Maria José de Brito, Helena Lacerda de Castro Soares, Maria das Virgens Morna Nascimento, Alberto Pires Gomes, Maria José Sá Teles de Almeida, Maria do Carmo Ávila Nunes Bettencourt de Faria, Ana da Conceição Benício, Carlos Marques Nunes dos Reis, Ana Neves de Araújo, Guilhermina Adelaide da Silva Valle Lobo Fernandes, Judite Parente da Silva Antero Correia, Custódio Marques, José Maria Andrade, Angela do Espírito Santo Isidro Alonso, António Jacinto de Melo, Emília Raimundo de Oliveira, Joaquina Sequeira Trindade, Alzira Rosa de Jesus, Arlinda Margarida Pinto Vilariño, Silvina Martins de Magalhães, Amélia da Silva Santos, Maria José Ferreira Arlete Chaves Ferreira Lages, Carolina Lopes Henriques, Francisco José Pereira Coutinho Paço, Leite da Cunha, Laurinda Rosa Bicho, Manuel Alvaro da Cruz, Celeste Adília Sá Pereira Pimentel Torres, José Miguel Martins, Leopoldina da Conceição Alves de Carvalho Campos, Lídia Gonçalves Carneiro, Celso Gomes e Maria Célia Mendes da Rocha.

Palavras do Chefe do Estado

A terminar a cerimónia usou da palavra o Chefe do Estado que disse:

«Mais uma vez o Chefe do Estado está aqui, certo que cumpre a sua obrigação de

O CENTENÁRIO DO CÔNEGO FERREIRA PINTO

PORTO, 11 — Em comemoração do primeiro centenário do nascimento do rev. cônego dr. António Ferreira Pinto, que, durante largos anos, foi reitor do Seminário Maior do Porto, haverá hoje ao fim da tarde naquele estabelecimento de ensino, uma celebração; e, às 21 e 30 sessões solene presidida pelo bispo do Porto, que, amanhã, às 15 horas, vai a Baía visitar a obra de bem-estar rural daquele concelho.

homenagear os professores primários de Portugal e do Brasil.

Homenagear os professores primários é como homenagear a própria Pátria, porque o seu futuro depende em muito do trabalho desses professores. É a 13.ª vez que presido a certimónias idênticas e faço-o sempre, na convicção de que não deixo estar ausente deste acto.

Aproveito a circunstância para agradecer a todos os oradores antecedentes as palavras amáveis que me dirigiram, e quero também aproveitar a oportunidade para oferecer à representante do Brasil o ramo de flores que me foi oferecido. Com este gesto quero homenagear o Brasil e todo o povo brasileiro, através da esposa de neste Dia de Portugal Dia seu representante em Lisboa, da Raça Dia de Camões.

Confraternização

na Ferreira Borges

Sob a presidência do dr. Fernando Carvalho Costa, director da Escola Comercial Ferreira Borges, realizou-se hoje, no refeitório daquele estabelecimento de ensino, o tradicional jantar de confraternização dos finalistas do Curso Comercial e dos alunos da Secção Preparatória de 1971, nocturnos, ao qual assistem igualmente os professores dos referidos cursos.

O 48. aniversário da Casa do ALENTEJO

Com várias comemorações, comemorou-se ontem o 48.º aniversário da fundação da Casa do Alentejo.

Pelas 12 horas, no pátio árabe da sede daquela colectividade, efectuou-se a primeira cerimónia que contou do encerramento da inscrição no quadro de honra do nome do falecido sócio benemerito dr. Ramon de La Faria, acto a que assistiram os membros directivos, muitos sócios e família do saudoso extinto. Depois realizou-se o almoço de confraternização alentejana com a presença de muitos sócios e representantes de colectividades regionais, num total de 70 convivas. No fim do repasto usaram da palavra, entre outros, os srs. dr. Vítor Marques, presidente da direcção que presidiu ao almoço dr. António Cortilheiro e Joaquim Belo de Moraes.

A noite o sr. dr. Manuel de Carvalho Moniz proferiu, na Casa do Alentejo, uma conferência intitulada «Os alentejanos em Lisboa».

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

60.000\$00 OU 180.000\$00 POR MÊS

Companhia Internacional em expansão em Portugal, procura pessoas qualificadas para assumir posições executivas com a Companhia Portuguesa. Ganhando mais de 180.000\$00 por mês. Pede-se investimento de 60.000\$00 garantidos por 120.000\$00 em produtos.

Para entrevista, telefone para 59335.
(Mr. Kash)

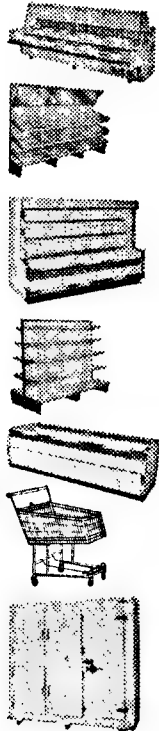
ELA NÃO CONHECE UTILMÓVEL

mas adora as vitrines
arnee

Elas não precisam de conhecer a UTILMÓVEL para adorar as vitrines e os produtos ARNEE que valorizam tanto os produtos! Mas para as que vendem esses produtos de qualidade, é importante saber que a ARNEE é representada em Portugal pela UTILMÓVEL. Visite a UTILMÓVEL e verá outros equipamentos para todo o comércio alimentar, auto-serviço, café, bar e hotelaria; uma gama com-

pleta de móveis úteis para o seu negócio, móveis e máquinas que vendem por si.

VISITE NA
FEIRA INT. NACIONAL DE LISBOA
O STAND DA UTILMÓVEL
(PAVILHÃO 1 e 2)



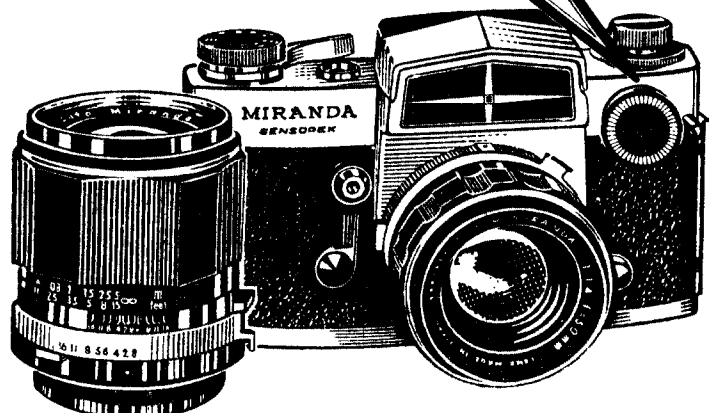
UTILMÓVEL
MÓVEIS E
EQUIPAMENTOS
ÚTEIS PARA O SEU
NEGÓCIO
uma organização
ao serviço da
hotelaria e do
comércio alimentar



MIRANDA SENSOREX fl,4 e fl,8

A mais jovem das grandes marcas Japonesas
... mas a mais distinta

Inaugura um progresso decisivo na leitura da luz através da objectiva por uma célula CdS situada no espelho e com ângulo de campo variável.



EXCLUSIVO IBEREX LISBOA

EM EXPOSIÇÃO NO STAND N.º 645/6
DA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação
para o Concurso n. 40 da 10.ª época

Açores — 1X1 11X 111 1122; Beira Baixa — 111 111 111 1121; Braços do Alentejo — 111 21X 111 1211; Comércio de Portimão — 111 111 111 1121; Correio dos Açores — 111 111 111 1121; Correio de Coimbra — 111 111 111 1121; Defesa de Espinho — 111 111 111 1121; Distrito de Setúbal — 1X1 11X 111 1121; Eco de Estremoz — 111 211 112 1122; Ecos do Desporto — 111 111 111 11X21; Estrela da Manhã — 111 111 111 112X; Eu Sei Tudo — X11 111 111 11X11; A Ilha — 111 11X 111 1121; Jornal das Aves — 111 111 111 1121; Jornal do Barreiro — 1X2 111 X11 1X21; O Jornal de Felgueiras — 121 111 X11 1X21; Jornal do Fundão — 121 11X 1X1 112X; Jornal do Sul — 1X1 11X 11X 1121; Jornal de Viseu — 111 111 111 1122; Linhas de Elvas — 111 11X 111 1121; Maria da Fonte — 1X1 111 111 1121; Notícias de Chaves — 111 111 111 1121; Notícias de Felgueiras — 1X1 111 111 1121; Passatempo JJ. — 1X1 11X 11X 1X2X; Povo Algarvio — 111 111 111 1121; A Rabeca — 111 111 111 1121; Reconquista — 1X1 111 111 1121; Renovação — 111 111 111 1121; O Telégrafo — 111 111 11X 112X; O Templário — 111 111 111 1121; Voz de Lamego — 111 111 111 1X21; Voz do Casa Pia — 111 111 111 1121; Boleim Desporto (ENR) — 111 111 111 1121; Cardeal Saraiva — 111 1X2 111 1121; Cavalcada do Rêgo — 1X1 111 111 112X; Colina Sagrada — 111 111 111 1121; O Comércio de Leixões — 111 111 111 1121; O Comércio do Porto — 111 111 111 112X; Correio do Vouga — 111 111 111 1121; De Tudo Um Pouco — 111 111 111 1122; As 10 Espere Por Nós — 1X2 X11 X11 1X2X; Diário de Coimbra — 111 111 111 1121; Ecos de Cacia — 111 111 111 1122; Folha do Domingo — 1X1 111 111 1122; Dos Fracos Não Reza a História — 111 111 X11 1121; Imagens Piedenses — 121 X12 X11 11X1; O Jornal da Graça — 111 111 211 112X; O Jornal da Lixa — 121 111 X11 1122; Jornal de Sintra — 1X1 111 111 1X21; Litoral — 111 111 111 1X2X; Momento do Totobola — 111 111 111 112X; Mundo Desportivo — 1X1 111 111 1121; O Norte Desportivo — 1X1 111 X11 1X12; Notícias d'Évora — 111 111 111 112X; Novidades — 111 21X 111 X122; A Ordem — 111 X12 111 1X21; Peça Que Não Maça — 1X1 111 111 112X; Diário do Porto (ENR) — 111 X1X 11X 1X21; Prog. Sem Nome — 111 11X 121 1X21; Rádio Amplitude — 111 111 111 1121; Rádio Clube do Norte — 111 112 11X 1221; Rádio Oceano — 111 11X 111 1121; Auto Rádio — 111 11X 111 1121; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Estúdio 64 — 1X1 111 111 1121; Placard Desportivo — 111 11X 111 1121; Campeão Português — 111 1XX 11 1121; Repórter

do Dia — 1X1 111 111 112X; Repórter do Dia (Angola) — 121 111 111 1121; República — 121 111 111 1122; Resenha Desportiva — 111 111 111 1121; Revista de Som — 111 11X 111 1121; O Sorriso da hora do almoço — 12X 111 11X 1121; Terra Alta — 111 2X1 11X 1121; A Voz Desportiva — 111 11X 111 11X1; A Voz do Domingo — 111 11X 111 1121; A Voz dos Rídiculos — 111 111 111 1121; Primeiro de Janeiro — 111 111 111 112X; Rádio Sports — 121 111 111 1121; O Porto — 111 211 1X2 112X; Mo-saico — 111 111 111 112X;

Jornal Notícias — 11X 111 111 1121; Manchete Desportiva — 111 111 111 1122; A Lição do Menino Quim — 1X1 111 11X 11X2; Penalti — 111 111 111 1121; Bondiazinho — X21 X21 121 1121; Brado Africano — 122 111 12X 1X21; Cidade 71 — 211 12X 121 1X2X; Domingo Alegre — 111 111 111 1121; Passatempo — XX1 X12 121 1121; Roteiro Sonoro — X21 X1X 221 1121; Terceiro Programa — X1X 21X 111 X12X; Vamos Jogar no Totobola — 111 111 11X 1121; Revista Desportiva — 1XX 11X 111 1XXX; O Comércio — 1X1 111 111 112X; Diário — 1X1 111 111 1121; A Nossa Chave — 1XX 111 111 1122; Notícias do Totobola — 121 111 111 1X21; Actualidade Desportiva — 121 11X 111 1122.

CONCURSO N.º 40 10.ª ÉPOCA

	RESUMO			BOLAS (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. Famalicão-Vizela	93	5	1	10	1	1
2. Varzim-Braga	63	23	13	7	3	2
3. Guimarães-Riopele	91	5	3	10	1	1
4. Espinho-Penafiel	86	7	6	10	1	1
5. U. Coimbra-Gouveia	94	3	2	10	1	1
6. Lamas-Sanjoanense	71	23	5	8	3	1
7. Académica-B. Mar	90	7	2	10	1	1
8. U. Tomar-Tramagal	91	2	6	10	1	1
9. Marinhense-L. Novas	87	10	2	10	1	1
10. Atlético-Oriental	97	2	—	11	1	1
11. Torricense-Sintrense	79	17	3	9	2	1
12. Peniche-Benfica (R.)	7	4	88	1	1	10
13. Cuf-Barreirense	66	20	13	8	2	2

E a chave lógica será: 111 111 111 1121

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

COMUNICADO

A EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO, S. A. R. L., com sede na Avenida 24 de Julho, 132, em Lisboa, comunica a todos os seus estimados clientes e público em geral, que o seu número telefónico foi alterado para

67 71 81

COMUNICADO

NAVEX — EMPRESA PORTUGUESA DE NAVEGAÇÃO, S. A. R. L., com sede no Largo do Corpo Santo, 28-2.º, comunica aos Exmos. clientes que foi nomeada Agente em Lisboa da

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO, S. A. R. L., para a linha de África, desde o passado dia 1 de Junho.

COMUNICADO

A EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO, S. A. R. L., comunica aos estimados clientes que nomeou Agentes em Lisboa a firma

NAVEX — EMPRESA PORTUGUESA DE NAVEGAÇÃO, S. A. R. L., com sede no Largo do Corpo Santo, 28-2.º, LISBOA, para os seus serviços da Linha de África desde o passado dia 1 de Junho.

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO

CONSULTE JA A

ORCOSI

Telefs. 367444/323172

Rua 1.ª de Dezembro, 45

GABINETE DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE

Execução de todas as tarefas de Contabilidade dos Grupos A/B, incluindo salários, facturação e controlo de stocks, processados por organização e equipamento ultra-modernos.

Planos de Contabilidade, Peritagens e Revisão de Contas, por Contabilista ICL Técnico de Contas.

Consulte-nos. Teremos muito prazer em apreciar o seu caso e propor-lhe a solução adequada.

R. Pinheiro Chagas, 70-1.º, dt. — Telef. 53 39 30 — LISBOA-1

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

EM SANTO TIRSO, PARA A «TAÇA DE PORTUGAL» TIRSENSE, 1 - BENFICA, 2

BENFICA COM OS PÉS NO JAMOR

Tudo quanto se pode dizer, em estilo telegráfico, da sùmula do jogo de S. Tirso é isto: o Benfica esteve longe de merecer a vantagem que conseguiu.

Acima de tudo (e antes do mais) foi uma equipa afortunada: quando o Tirsense tinha um golo de avanço, Ernesto perdeu na barra da baliza de José Henrique uma jogada sensacional. Ora, se a equipa de Mário Wilson conseguisse 2-0, naturalmente seria muito mais ingrata a recuperação benfiquista, até porque os visitantes estavam a

jogar bem, ao contrário dos visitantes que pareciam muito lentos e desconexos.

Em dois lances que retrataram fielmente o que deve ser um «ponta-de-lança» — olho de linco, para não deixar escapar a menor distração de quem o «marca» — Artur Jorge colocou o Benfica na mó de cima. Mas, só no marcador, porque em jogo-jogado a vantagem continuou a ser do Tirsense, mais coeso, mais dinâmico, mas menos eficiente: porque quem tem um Eusébio e um Artur Jorge tem tudo... Os tirsenses estavam a ba-

ter-se com desdouro, quando contra a chamada corrente do jogo, Nenê alcançou o terceiro golo. Naturalmente, o Benfica (que já estava a jogar à vontade) mais à vontade — e mais descuidado — continuou.

A turma de Santo Tirso não baixou os braços, lutou para provar a sua categoria: mas o factor «sorte do jogo», mais uma vez, foi-lhe adverso, quando Manuel mandou ao poste o que poderia ter sido um golo espectacular.

Temos, assim, que não custa chegar à conclusão de que o Tirsense não merecia tão severa punição. A sua derrota não lhe deixa margem para mais sonhos, mas se imprimir maior dinamismo ao seu futebol de contra-ataque pode chegar à Luz e concor-

rer para um bom espectáculo.

Além disso, a defesa benfiquista levantou muito a bola. A equipa viveu aos repêlões, como que partida em duas metades: defesa a afastar a bola da sua baliza de qualquer maneira e ataque perdido, sem apoio. Mas, Eusébio e Artur Jorge são dois jogadores invulgaes e bastou a sua dinâmica e a sua real «classe» para desequilibrar os pratos da balança do jogo.

Arbitragem deficiente: na segunda parte, deixou por assinalar um «penalty» para cada equipa. J. CARVALHO

Portugal nos «Europeus» de Boxe: uma derrota antes do começo!

O inacreditável aconteceu. A equipa de pugilismo de Portugal que se deslocou a Espanha para participar nos campeonatos europeus, não actuou completa: na hora da pesagem oficial, João Gato foi eliminado porque acusou 750 gramas a mais do que deveria!

— Não sabíamos que havia este rigor e pensamos que era possível fazê-lo baixar de peso depois da pesagem. Afinal, não deixaram...

Isto nos declarou, esta manhã o federativo Patrício Alvares, naturalmente contristado com o sucedido.

Entretanto, foi feito o sorteio para todos os concorrentes: Diamantino Rodrigues enfrenta, no dia 13, pelas 17 horas, o espanhol Alfonso Fernandez, cabendo a António Augusto combater com o romeno Horst Stump, pelas 21 horas dia 14 do corrente.

Em Alvalade: triunfo ao «sprint»

MENDES VENCEU (sobre o risco da meta) O PORTO-LISBOA

Trinta e cinco de trinta e nove corredores que alinharam à partida na Praça da Batalha cumpriram, «rotineiramente», a 41.ª edição da «clássica» maior do nosso calendário velocipedico: o Porto-Lisboa. E, no entanto, tudo começou de maneira que deixava prever as coisas bem diferentes. E, bem cedo: com uma fuga e logo de Joaquim Agostinho!

Um tanto por força da força de Agostinho, muito por passividade (calculada?) dos restantes, o poderoso ciclista do Sporting lançou-se numa aventura que poderia ter feito história. Uma aventura que o levou a um contra-relógio de 93 kms, chegando a usufruir duma vantagem de 5 m e 15 s. ao pelotão: tal era o seu avanço em Albergaria-a-Velha.

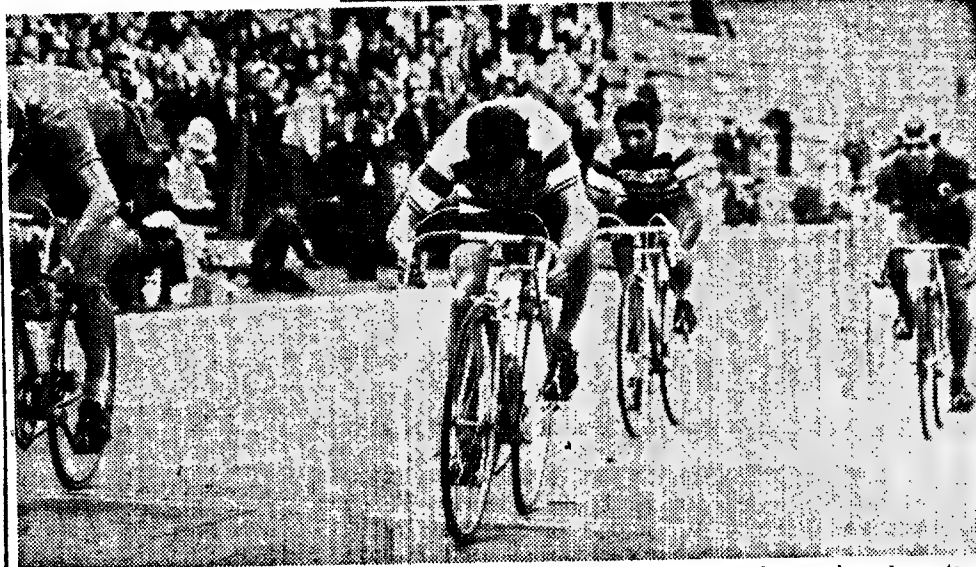
Mas, o Benfica, em maioria de ciclistas, sentiu o perigo e saiu da passividade. Veio para a cabeça do pelotão e a luta tornou-se desigual, a um tempo que Agostinho se tornou realista... E, a 17 kms. de Coimbra, foi alcançado.

Dal para a frente, rotina absoluta, embora uma fuga de 9 ciclistas que chegaram a ter um avanço de quase 9 minutos ao pelotão. Mas, em Leiria, já estava tudo junto.

Depois, até à Calçada de Carriche um «passeio», ape-

nas «interrompidos», aqui e além, por uma ou outra tentativa — mas nenhuma com convicção...

Na Calçada de Carriche, Leonel Miranda «esticou», Fernando Mendes respondeu e mais cinco vieram na roda. Foram eles que entraram à frente em Alvalade, para discutir o triunfo, que, após 335 kms, se decidiu por centímetros, em cima do risco: Mendes bateu Emiliano Dionísio, logo seguido a curta distância (mesmo tempo) de Joaquim Agostinho, Celestino Oliveira, Fulgêncio Sanchez, Fernando Vieira e Leonel Miranda. 9 h. 36 m. 07 s. foi o tempo — longe 9 minutos e 8 segundos do «record» de José Pacheco, estabelecido em 1965. A média foi de 24,999 kms/hora.



A roda traseira da bicicleta de Fernando Mendes (à esquerda) já está sobre o risco da meta: a de Emiliano tem centímetros de distância

NACIONAL DE JUNIORES

Sorteados, esta manhã, na sede da F. P. F. os jogos dos quartos-de-final do Campeonato Nacional de Juniores. Teremos: Porto-Varzim, Covilhã-Boavista, Benfica-Académica e Sporting-Setúbal. Primeira mão, no domingo, às 10.30, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.



A equipa do Beira-Mar, campeã da II Divisão



Gaspar não evita o primeiro golo de Nélinho

Em Leiria: Beira-Mar, 3-Atlético, 1

Para o Beira-Mar o título da Segunda Divisão

Com relativa facilidade, o Beira-Mar bateu o Atlético e obteve — em Leiria — o seu quarto título de campeão nacional da II Divisão.

O jogo não foi um tratado de futebol: a falta de Leitão perturbou a estrutura alcançatense e o moral da equipa, roubando-lhe o poder de réplica.

A primeira parte da partida

Jogo no Estádio Municipal de Leiria arbitrado pelo juiz local, António Garrido. As equipas:

BEIRA-MAR — César; Jerónimo, Marçal, Soares e Almeida; Abdul e Cleo; Eduardo, Nélinho, Colorado (Candido) e Lázaro (Alfredo).

ATLÉTICO — Gaspar; Esmeris, Durand, Candéas e Baltazar; João Gaspar (Nogueira) e Orlando; Armando, Alvaro (Raul), Semedo e Raimundo.

Golos de Nélinho (10 e 14 m), Eduardo (37 e Orlando (72).

foi disputada com muita lentidão, embora os aveirenses (mais certos no toque de bola) dominassem rapidamente os antagonistas. Dez minutos bastaram para um estudo das suas possibilidades: depois, só a segurança de Gaspar (a salvar sucessivos falhanços da sua defesa) impediu um exagerado volume no marcador.

Com três tentos à maior, o Beira-Mar fez repousar Lázaro (que tinha sido um quebra-cabeças para o Atlético) e baixou de rendimento. Peres Bandeira refrescou, então, a sua equipa: mas não conse-

guiaria mais que um golo, e mesmo esse na sequência de um «livre», já que as avançadas do Atlético (sistematicamente conduzidas pelo corredor central) «morriam» na linha média do Beira-Mar.

Mesmo assim, Soares emendou (in-extremis) um «falhanço» de Marçal que Raimundo estava prestes a converter em golo. Perante uma arbitragem aceitável, salientaram-se Nélinho, Eduardo, Soares, Marçal, Colorado e Lázaro e os lisboetas Baltazar e Raimundo.

MANUEL J. PASCOAL

agigante

**o seu armazém
escritório ou
estabelecimento**

UTILIZE **EDFIDAL**

A ESTRUTURA METÁLICA
PRÉ-FABRICADA, QUE FAZ
...«CRESCER O ESPAÇO!»

IRAL
INDÚSTRIAS REUNIDAS AMARINO LOUZADA
LISBOA
AV. SANTO DOMINGO, 47-A
MATEIRA DE LUSITANIA
TELEFONE 72

AMBAR
ARQUIVADORES
PARA ESCRITÓRIO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

EM SANTO TIRSO, PARA A «TAÇA DE PORTUGAL»: TIRSENSE, 1 - BENFICA, 3

BENFICA COM OS PÉS NO JAMOR

Tudo quanto se pode dizer, em estilo telegráfico, da sùmula do jogo de S. Tirso é isto: o Benfica esteve longe de merecer a vantagem que conseguiu.

Acima de tudo (e antes do mais) foi uma equipa afortunada: quando o Tirsense tinha um gol de avanço, Ernesto perdeu na barra da baliza de José Henrique uma jogada sensacional. Ora, se a equipa de Mário Wilson conseguisse 2-0, naturalmente seria muito mais ingrata a recuperação benfiquista, até porque os visitantes estavam a

jogar bem, ao contrário dos visitantes que pareciam muito lentos e desconexos.

Em dois lances que retrataram fielmente o que deve ser um «ponta-de-lança» — olho de linco, para não deixar escapar a menor distração de quem o «marca» — Artur Jorge colocou o Benfica no mó de cima. Mas, só no marcador, porque em jogo-jogado a vantagem continuou a ser do Tirsense, mais coeso, mais dinâmico, mas menos eficiente: porque quem tem um Eusébio e um Artur Jorge tem tudo... Os tirsenses estavam a ba-

ter-se com desdouro, quando contra a chamada corrente do jogo, Nenê alcançou o terceiro gol. Naturalmente, o Benfica (que já estava a jogar á vontade) mais á vontade — e mais descurado — continuou.

A turma de Santo Tirso não baixou os braços, lutou para provar a sua categoria: mas o factor «sorte do jogo», mais uma vez, foi-lhe adverso, quando Manuel mandou ao poste o que poderia ter sido um gol espectacular.

Temos assim, que não custa chegar á conclusão de que o Tirsense não merecia tão severa punição. A sua derrota não lhe deixa margem para mais sonhos, mas se imprimir maior dinamismo ao seu futebol de contra-ataque pode chegar á Luz e concor-

rer para um bom espectáculo.

Além disso, a defesa benfiquista levantou muito a bola. A equipa viveu aos repêlidos, como que partida em duas metades: defesa á afastar a bola da sua baliza de qualquer maneira e ataque perdido, sem apoio. Mas, Eusébio e Artur Jorge são dois jogadores invulgaros e bastou a sua dinâmica e a sua real «classe» para desequilibrar os pratos da balança do jogo.

Arbitragem deficiente: na segunda parte, deixou por assinalar um «penalty» para cada equipa. J. CARVALHO

Portugal nos «Europeus» de Boxe: uma derrota antes do começo!

O inacreditável aconteceu. A equipa de pugilismo de Portugal que se deslocou a Espanha para participar nos campeonatos europeus, não actuará compete: na hora da pesagem oficial, João Gato foi eliminado porque acusou 750 gramas a mais do que deveria!

— Não sabemos que havia este rigor e pensamos que era possível fazer-lo baixar de peso depois da pesagem. Afinal, não deixaram...

Isto nos declarou, esta manhã o federativo Patrício Alvares, naturalmente contristado com o sucedido.

Entretanto, foi feito o sorteio para todos os concorrentes: Diamantino Rodrigues enfrenta, no dia 13, pelas 17 horas, o espanhol Alfonso Fernandez, cabendo a António Augusto combater com o romeno Horst Stump, pelas 21 horas dia 14 do corrente.

Em Alvalade: triunfo ao «sprint»

MENDES VENCEU (sobre o risco da meta) O PORTO-LISBOA

Trinta e cinco de trinta e nove corredores que alinharam á partida na Praça da Batalha cumpriram, «rotineiramente», a 41.ª edição da «clássica» maior do nosso calendário velocipédico: o Porto-Lisboa. E, no entanto, tudo começou de maneira que deixava prever as coisas bem diferentes. E, bem cedo: com uma fuga e logo de Joaquim Agostinho!

Um tanto por força da força de Agostinho, muito por passividade (calculada?) dos restantes, o poderoso ciclista do Sporting lançou-se numa aventura que poderia ter feito história. Uma aventura que o levou a um contra-relógio de 93 kms, chegando a usufruir duma vantagem de 5 m e 15 s. no pelotão: tal era o seu avanço em Albergaria-a-Velha.

Mas, o Benfica, em maioria de ciclistas, sentiu o perigo e saiu da passividade. Veio para a cabeça do pelotão e a luta tornou-se desigual, a um tempo que Agostinho se tornou realista... E, a 17 kms. de Coimbra, foi alcançado.

Dai para a frente, rotina absoluta, embora uma fuga de 9 ciclistas que chegaram a ter um avanço de quase 9 minutos ao pelotão. Mas, em Leiria, já estava tudo junto.

Depois, até á Calçada de Carriço um «nasebo», apo-

nas «interrompidos», aqui e além, por uma ou outra tentativa — mas nenhuma com convicção...

Na Calçada de Carriço, Leonel Miranda «esticou», Fernando Mendes respondeu e mais cinco vieram na roda. Foram eles que entraram á frente em Alvalade, para disputar o triunfo, que, após 335 kms, se decidiu por centímetros, em cima do risco: Mendes bateu Emiliano Dionísio, logo seguido a curta distância (mesmo tempo) de Joaquim Agostinho, Celestino Oliveira, Eulécio Sanchez, Fernando Vieira e Leonel Miranda. 9 h. 36 m. 07 s. foi o tempo — longe 9 minutos e 8 segundos do «record» de José Pacheco, estabelecido em 1965. A média foi de 40,44 kms/hora.



A roda traseira da bicicleta de Fernando Mendes (á esquerda) já está sobre o risco da meta: a de Emiliano tem centímetros de distância

Acontecimentos DE ONTEM

VOLTA À ITÁLIA

O sueco Gösta Peterson, o mais velho de quatro irmãos (31 anos) venceu a Volta á Itália em bicicleta.

ATLETISMO

Em Ystad (Suécia), o norueguês, Jay Silvester, estabeleceu novo «record» mundial do lançamento do disco com 70,4 metros.

CASTIGOS NO FUTEBOL

Estêvão e Mário Campos (6 jogos), Gervásio (3 jogos) e outros futebolistas menos conhecidos figuram numa extensa lista de castigados pela Federação da modalidade.

HÓQUEI EM PATINS

Campeonato metropolitano de hóquei em patins (2.ª Divisão): Estremoz, 10-Que Luz, 1.

NACIONAL DE JUNIORES

Sorteado, esta manhã, na sede da F. P. F. os jogos dos quartos-de-final do Campeonato Nacional de Juniores. Teremos: Porto Varzim, Covilhã-Boavista, Benfica Académica e Sporting-Setúbal. Primeira mão, no domingo, ás 10.30, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar



A equipa do Beira-Mar, campeã da II Divisão



Gaspar não evita o primeiro gol de Nelinho

Em Leiria: Beira-Mar, 3-Atlético, 1

Para o Beira-Mar o título da Segunda Divisão

Com relativa facilidade, o Beira-Mar bateu o Atlético e obteve — em Leiria — o seu quarto título de campeão nacional da II Divisão.

O jogo não foi um tratado de futebol: a falta de Leitão perturbou a estrutura alcançarente e o moral da equipa, roubando-lhe o poder de réplica.

A primeira parte da partida

Jogo no Estádio Municipal de Leiria arbitrado pelo juiz local, António Garrido. As equipas:

BEIRA-MAR — César; Jerónimo, Marçal, Soares e Almeida; Abdul e Cleo; Eduardo, Nelinho, Colorado (Candido) e Lázaro (Alfredo).

ATLÉTICO — Gaspar; Esmeriz, Durand, Candeias e Baltazar; João Gaspar (Nogueira) e Orlando; Armando, Alvaro (Raul), Semedo e Raimundo.

Golos de Nelinho (10 e 14 m), Eduardo (37 e Orlando (72).

foi disputada com muita lentidão, embora os aveirenses (mais certos no toque de bola) dominassem rapidamente os antagonistas. Dez minutos bastaram para um estudo das suas possibilidades: depois, só a segurança de Gaspar (a salvar sucessivos falhanços da sua defesa) impediu um exagerado volume no marcador.

Com três tentos á maior, o Beira-Mar fez repousar Lázaro (que tinha sido um quebra-cabeças para o Atlético) e baixou de rendimento. Peres Bandeira refrescou, então, a sua equipa: mas não conse-

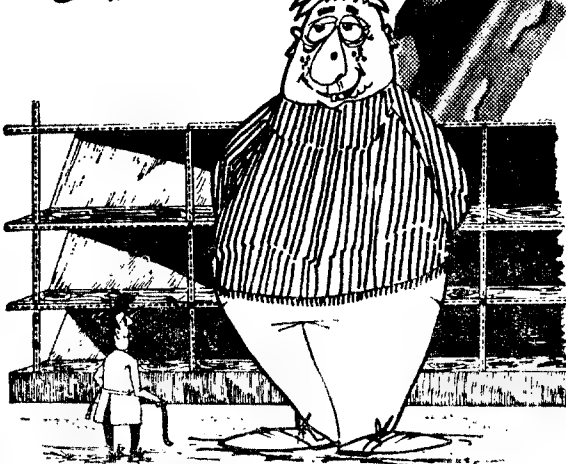
guir mais que um gol, e mesmo esse na sequência de um «livre», já que as avançadas do Atlético (sistematicamente conduzidas pelo corredor central) «morriam» na linha média do Beira-Mar.

Mesmo assim, Soares emendou (in-extremis) um «falso» de Marçal que Raimundo estava prestes a converter em gol.

Perante numa arbitragem aceitável, salientaram-se Nelinho, Eduardo, Soares, Marçal, Colorado e Lázaro e os lisboetas Baltazar e Raimundo.

MANUEL J. PASCOAL

agigante



o seu armazem
escritório ou
estabelecimento

UTILIZE **EDFIDAL**
A ESTRUTURA METÁLICA
PRÉ-FABRICADA QUE FAZ
«CRESCER O ESPAÇO!»



ITRAL
INDÚSTRIAS REUNIDAS ARMANDO LOUZADA
LISBOA
AV. SANTOS DUMONT, 45-A
TELÉFONO 79

AMBAR
ARQUIVADORES
PARA ESCRITÓRIO

Maria do Carmo Pereira de Lacerda Pinto de Lima Dias Costa, seu marido António Francisco Rodrigues Nogueira Dias Costa, e filhos, Joaquim Pereira de Lacerda Pinto de Lima, sua mulher Maria Clara Sotto Mayor Infante de Lacerda Pinto de Lima e filhos, Maria Doroteia de Lacerda Silva Pereira (Fornellos), participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã dia 12, pelas 11 horas na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, agradecendo já a todos os que se dignarem assistir a este pedroso acto

EDITAL

Comissão Regional de turismo do Algarve

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMAÇÃO DA EM- PREIDA DE «SANEAMENTO DA SENHORA DA LUZ (LA- GOS) — FORNECIMENTO E MONTAGEM DO EQUIPA- MENTO ELECTROME- CANICO»

Faz-se publico que no Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve, localizado na Rua Rebelo da Silva, 69 em Faro, se procederá á abertura das propostas para arrematação da empreitada acima referida, pelas 15 horas do primeiro dia útil após decorridos 40 dias a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário do Governo».

Para ser admitido ao concurso é necessário:

a) Que o concorrente tenha efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações o depósito provisório de 4.000\$00 mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes, segundo o modelo que figura no processo do concurso;

b) Que o concorrente esteja inscrito como empreiteiro de obras públicas nas 5.ª ou 8.ª subcategoria, respectivamente das V e VI categoria e na 1.ª classe ou superior, estabelecida pelo regulamento do Decreto-Lei n.º 40.623, de 30 de Maio de 1956.

O depósito definitivo será de 5% do valor da adjudicação.

As propostas deverão ser enviadas pelo correio sob registo ao Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve por forma a serem recebidas até às 17.30 horas do dia anterior ao da abertura das propostas e devem ser acompanhadas dos demais elementos legalmente exigidos.

As condições e mais elementos para esta empreitada encontram-se patentes no Plano de Obras da Comissão Regional de Turismo do Algarve e na Direcção dos Serviços de Salubridade da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização (Rua Conde do Redondo, 8 — Lisboa), todos os dias úteis durante a hora do expediente.

FARO E COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE, EM 3 DE JUNHO DE 1971.

O PRESIDENTE,

a) JOSÉ MANUEL TEIXEIRA
GOMES PEARCE
DE AZEVEDO

O ADMINISTRADOR-
-DELEGADO,

a) JOÃO LUIS OLIAS
MALDONADO



ao aplicar os seus capitais
em J. PIMENTA. SARL

Compre também propriedades
e o seu capital valorizar-se-á
ao mesmo tempo que lhe pro-
porciona um óptimo rendimento

Informações:

Lisboa: Pr. Marquês de Pombal, 15
Tel. 45843-47843

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO CARREGADORES AÇOREANOS, S.A.R.L.

LINHA DOS E. U. A.

N/M «SEAHAWK»

SAI DE LISBOA NO DIA 15 DE JUNHO
para

N. YORK
BOSTON (se convier)
FILADÉLFIA
BALTIMORE
NORFOLK (se convier)

PRÓXIMA SAÍDA A 2 DE JULHO

N/M «JOHANNES BOS»

Novo serviço de contentores porta a porta

Recobemos também contentores em regime Cais/Cais
Para todos os esclarecimentos contacte com os
n.º agentes

LISBOA — Avenida D. Carlos I, 42-4.º
Tel. 690151/2/3/4

AGENTES EM LISBOA E PORTO
NAVEX — Empresa Portuguesa de Navegação, S.A.R.L.
Largo do Corpo Santo, 28-2.º — Tel. 33123/5. LISBOA-2
e R. Infante D. Henrique, 87-1.º — Tel. 28611/29101

PORTIMAO — Alberto Cardoso Ribeiro Azevedo
R. Serpa Pinto, 19 — Tel. 43

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Etec.	Compra	Venda	Ultramarinos	Etec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4% ..	472\$	472\$	—	Ag. 3.ª Lome e Príncipe	—	195\$	200\$
Consolidado 3% ..	477\$	—	477\$	Boror	—	121\$	—
Consolidado 3 1/2% ..	—	—	596\$	Buz	68\$	67\$	68\$
Centenário 4% ..	—	—	1.400\$	Labanda	—	95\$	210\$
Domin. Tesour. 5% ..	—	—	—	Domin. Angola	2.000\$	2.090\$	2.120\$
Externo Série C	—	590\$	—	H. E. Rente	6.5\$	610\$	620\$
Externo 3.ª Série C	610\$	607\$	610\$	Ind. de Príncipe	—	—	—
Externo 3.ª Série C	—	—	120\$	Moçambique	186\$	85\$	86\$
Externo 3.ª Série C	—	—	—	Sonete n	—	—	—
Cauteias 3.ª Série	—	160\$	—	Sonete p	—	415\$	420\$
				Zambézia	—	—	68\$
OBRIGAÇÕES				Diversas			
Agua. Lisboa 5%	—	—	—	Cidra	—	6.800\$	7.000\$
A. P. I 5% 56	—	885\$	—	Cim. Leiria	—	4.450\$	4.500\$
A. P. I 5% 58	—	885\$	895\$	Cim. Tejo	—	—	—
C. P. 4 1/2% 65	810\$	810\$	—	Co. Navegação	1.505\$	1.500\$	5.0\$
C. P. 5 1/2% 61	—	—	930\$	C. U	—	1.360\$	—
C. U. F 6% 68	935\$	930\$	940\$	Ind. Alentejo	—	—	—
Gás Elect. 4% 48	—	—	—	Nac. Navegação	—	3.800\$	3.950\$
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	—	—	Petroquímico	1.200\$	1.185\$	1.220\$
Gás Elect. 5% 52	—	855\$	—	Port. e Colónias	—	—	1.000\$
Gás Elect. 5% 53	840\$	800\$	845\$	Port. Ceilão	3.900\$	3.880\$	3.910\$
Gás Elect. 5% 59	—	800\$	845\$	Port. Pesca	—	—	—
Gás Elect. 5% 54	—	950\$	—	Port. Tabacos	530\$	590\$	595\$
Gás Elect. 5% 53	—	950\$	—	Sacaz	3.750\$	3.740\$	3.760\$
Gás Elect. 5% 55	—	970\$	980\$	Sacaz Nac	—	—	2.350\$
Gás Elect. 5% 61	—	—	—	Soc.	3.300\$	3.300\$	3.320\$
H. E. A. Alentejo 5% ..	—	—	—	Tabacos de Portugal ..	—	1.490\$	580\$
H. E. Cávado 5%	—	790\$	—	Tabacaria	—	6.100\$	6.170\$
H. E. Cávado 6%	—	950\$	—	J. F. Azoto	640\$	640\$	645\$
H. E. Douro 5%	—	760\$	775\$				
H. E. Douro 6%	955\$	955\$	960\$				
H. E. Norte Port 5% ..	—	—	—				
H. E. 3.ª Estrela 5% ..	—	940\$	—				
H. E. Zêzere 5% 55 ..	—	—	—				
H. E. Zêzere 5% 57 ..	—	—	—				
Lisboa 6%	950\$	—	960\$				
Metropolitano 4% ..	—	—	—				
Metropolitano 5 3/4% ..	—	—	—				
Moçambique 5%	650\$	650\$	660\$				
Nac. Elect. 5%	755\$	750\$	760\$				
Nitrato 5%	—	—	—				
Nitrato 5% 60	—	—	—				
Petroquímico 5%	—	—	—				
Port. Ceil. 5%	—	—	—				
Sacaz 5% 54	—	—	—				
Sacaz 5% 60	—	—	—				
Sacaz 5% 2.ª	—	720\$	—				
Sacaz 5% 3.ª	—	720\$	—				
Sacaz 5% 4.ª	—	720\$	—				
Sonete 5%	—	810\$	900\$				
T. A. P. 4%	—	—	—				
Termoelect. Port 5% ..	770\$	765\$	—				
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—				
U. E. P. 4%	—	—	—				
U. E. P. 4 1/2%	—	—	—				
U. E. P. 5%	—	73\$	—				
U. E. P. 5% 60	—	—	—				
U. E. P. 5% 63	—	—	—				

**ALMEIDA, BASTO
& PIOMBINO & C.ª**
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS
Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7
Telex ALMEIRO — Telex 47: ALAPI P

ACCÕES			
Bancos			
Agricultura	2.290\$	2.280\$	2.295\$
Alentejo	1.135\$	1.130\$	1.140\$
Angola	4.250\$	4.250\$	4.270\$
Burmas	—	—	—
Crea. Predial	7.300\$	7.250\$	7.350\$
E. Santo	6.570\$	6.565\$	6.575\$
E. Santo n	—	—	—
Fonseca & P	—	26.900\$	27.500\$
Fomento	2.820\$	2.800\$	2.840\$
L. & Açores p	—	—	—
L. & Açores n	—	—	—
P. Atlântico p	—	6.370\$	6.490\$
Portugal n	—	3.550\$	3.560\$
Portugal p	—	4.000\$	4.130\$
Totta. Açores	6.760\$	6.770\$	6.780\$
Ultramarino n	4.180\$	4.180\$	4.200\$
Ultramarino p	4.510\$	4.505\$	4.540\$
Seguros			
Alentejo	140\$	140\$	140\$5
Douro	—	2.450\$	—
Mundial	—	990\$	1.015\$
Sagres	3.600\$	3.500\$	3.700\$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	760\$	755\$	765\$
Ag. Casseque	670\$	668\$	—
Ag. Incomat	—	—	1.900\$
Ag. Neves	—	—	320\$

INDICE BORGES & IRMÃO			
COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base Dez. 65-100)			
	4/6/71	9/6/71	11/6/71
GERAL	153,6	150,7	150,6
METROPOL.	149,3	146,5	146,6
ULTRAM.	184,9	181,5	180,2

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35\$00	37\$50
Alemanha — Marco ..	7\$85	8\$20
América		
— Dollars de 1.ª 2.ª ..	27\$80	28\$30
— " de 5.ª a 20.ª ..	28\$ 0	28\$60
— " de 50.ª a 100.ª ..	28\$20	28\$70
Argentina — Peso Novo	4\$50	6\$00
Austria — Schilling	4\$ 4	5\$ 9
Bélgica — Franco	5\$6	5\$9
Brasil — Cruzeiro	4530	5\$60
Canadá — Dólar	27\$80	28\$30
Dinamarca — Coroa	3370	4\$00
Espanha — Peseta	340,5	342
Francia — Franco	5\$00	5\$30
Holanda — Florim	7\$85	8\$20
Inglaterra — Libra	68\$00	10\$00
Itália — Lira	504,4	504,7
Marrucos — Dirhan	5\$00	5\$60
Noruega — Coroa	3\$85	4\$15
Suécia — Coroa	5\$35	5\$65
Suiza — Franco	6\$85	7\$10
Ouro		
Inglaterra — Libra isabel	300\$00	320\$00
Inglaterra — 7/2 Libra	305\$00	325\$00
Ouro fino — Barro	37\$50	39\$50

J. BURNAY, L.ª Papéis de crédito
Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Tel. 231278

Dr. António Pereira Pinto Ribeiro

MISSA DO 7.º DIA

Sua mulher, filhos, mãe, irmãos, sobrinhos e restante família vêm participar ás pessoas das suas relações e amizade que a missa pelo eterno descanso da sua alma se celebra no próximo sábado, às 12 horas e 30, na Igreja da Santíssima Trindade, agradecendo antecipadamente aos que assistirem a esta cerimónia.

Ligia Lira Fernandes Freire de Oliveira de Albuquerque Pinto Ribeiro; Eduardo Artur de Albuquerque Pinto Ribeiro; António Carlos de Albuquerque Pinto Ribeiro; Margarida Maria Pereira Pinto Ribeiro; Maria Margarida Pinto Ribeiro Carvalho Cruz, casada com Raul Carvalho Cruz; Branca Pinto Ribeiro de Almeida Policarpo, casada com o Eng.º Aureliano Cordeiro de Almeida Policarpo; Dr. Artur Pereira Pinto Ribeiro; Dr. Jorge Arthur Pinto Ribeiro de Almeida Policarpo; Carlos António Pinto Ribeiro Carvalho Cruz; Rui Manuel Pinto Ribeiro Carvalho Cruz.

Porto, 11 de Junho de 1971.

CASA ALBERTO PEREIRA



FERNANDA PEREIRA DE LACERDA PINTO DE LIMA

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

PINTO DE LIMA, LDA., A POMPADOUR, LDA., AYRES DE CARVALHO, LDA., ARMAZENS DA CAPELA ANTIGUA, LDA., INTERLASTEX, SARL, CAMPOLIDE CINEMA, LDA., participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso amanhã dia 12 às 11 horas na Igreja de Nossa Senhora de Fátima



FERNANDA PEREIRA DE LACERDA PINTO DE LIMA

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Maria do Carmo Pereira de Lacerda Pinto de Lima Dias Costa, seu marido António Francisco Rodrigues Nogueira Dias Costa, e filhos, Joaquim Pereira de Lacerda Pinto de Lima, sua mulher Maria Clara Sotto Mayor Infante de Lacerda Pinto de Lima e filhos, Maria Doroteia de Lacerda Silva Pereira (Fornellos), participam que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã dia 12, pelas 11 horas na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, agradecendo já a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto

CARTAZ DOS CINEMAS



SÃO JUIZ

(Adultos) Tel. 327172
2.ª SEMANA
As 15.15, 18.30 e 21.30
Poderá um amor durar para sempre ou ao um momento?
Christopher Jones e Pia Degermark em

AQUELES DIAS CONTIGO

(Brief season) Colorido

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
Os três «maiores» dos filmes de terror
Christopher Lee, Boris Karloff e Barbara Steele

A MALDIÇÃO DO ALTAR VERMELHO

Colorido

SABADO E DOMINGO
As 18.30 — (M. 6 anos)
Matinée Infantil com os célebres heróis da TV, divertimento para crianças e adultos
«FLINTSTONE»
AGENTE 777 1/2

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538713
2.ª SEMANA TRIUNFAL
As 18.30 e 21.45
George Peppard, Carroll Baker, Alan Ladd e Carol Hopper na vibrante história de um homem demasiado cobicioso

OS INSACIAVEIS

Um filme de Edward Dmytryk
Cinemascope — Technicolor
Metro Estação Piconas

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Aventura e espetáculo

O TESOURO DE EL CONDOR

com Jim Brown, Lee Van Cleef, Marina Hill e Patrick O'Neal
N.º 1 em vendas de bilhete

CHIAVO TERRASSE

Tel. 320417
Hoje não há espetáculos nesta sala, por cedência da sala para sessões particulares

ROMA

(Adultos) Tel. 78778
As 15.30 e 21.45
3.ª SEMANA
Marcello Mastroianni e Claudia Cardinale em
O BELO ANTONIO
Grande Premio do Festival de Locarno

CONDES

(Adultos) Tel. 322523-326710
2.ª SEMANA
4.ª SEMANA
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Charles Bronson em
A ADOLESCENTE E O QUARENTÃO
com Honor Blackman, Jack Hawkins, Trevor Howard e Susan George
Technicolor

ESTUDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095
5.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O maravilhoso filme de
d. François Truffaut
O MENINO SELVAGEM

ROYAL

(M. 17 anos) Tel. 865037
As 15 e 21 h.
Ray Danton e Pamela Tudor
JAMAICA
LOUCA JUVENTUDE
com Joselito

BERNA

(Adultos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
8.ª e Última Semanal
Candice Bergen e Peter Strauss
no empolgante e inesquecível filme de Ralph Wilson, rodado nas praias do México

SOLDADO AZUL (TRAGICA VITÓRIA)

Em Panavision e Technicolor (4.ª Av. Marquês de Tomar)

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 281681
As 17 e 21.30 h.
A CHAMADA
com Catherine Deneuve, Michel Piccoli e Roger Van Hool
SABADO — Matinée Infantil
As 15.30 (M. 6 anos)
O LIVRO DA SELVA

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 17163
ESTREIA — As 21.45
PERDIDO NO DESERTO
com Dirkly Hayes e Jamie Hayes
Technicolor

IMPERIO

(Adultos) Tel. 555134
4.ª SEMANA
As 15.15 e 21.30
Um filme de Jean-Luc Godard
O ESTRANHO CASO DO INSPECTOR MAX
Mas... os terríveis com Romy Schneider, Michel Piccoli e François Perrier
Panmancolor

ESTUDIO

(Adultos) Tel. 555134
4.ª SEMANA
As 15.30, 18.30 e 21.45
O filme de Jean-Luc Godard
ALPHAVILLE
com Anna Karina e Eddie Constantine — Anim. Lantini

APOLLO 70

CINEMA ESTUDIO
Rua João Duro
(M. 12 anos) Tel. 763314
2.ª SEMANA
As 14.30, 16.45 e 21.45
Uma obra-prima do cinema americano

O VALE DO FUGITIVO

com Robert Redford e Katharine Ross
(Scope-Technicolor)

As 19 h.: FILMES

EM RETROSPECTIVA

Ciclo Don Siegel

(Adultos)

A PELE DE UM MALANDRO

com Clint Eastwood e Susan Clark

ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
3.ª SEMANA DE EXITO
SEMPRE SENSACIONAL

ROSAS BRANCAS PARA MINHA IRMÃ NEGRA

com Libertad Lamarque

Eusebia Cosme e Roberto Eastmancolor

ATENÇÃO: Em todas as sessões serão oferecidas rosas às senhoras, por gentileza de «Gunnar Granstrom» — Obidos.

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.30
Os três maiores dos filmes de terror
Christopher Lee, Boris Karloff e Barbara Steele
A MALDIÇÃO DO ALTAR VERMELHO
Colorido

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
As 16 e 21 horas
No espectacular ecrã de 70 mm
LAWRENCE DA ARABIA
Um filme de David Lean
com Peter O'Toole e Omar Sharif
Colorido
Atenção ao horário das sessões

LUMIAR

HOJE
NAO HA ESPECTACULO
(Descanso do pessoal)
Amanhã — As 21 horas
NEM SEMPRE SE PODE GANHAR
e
ANJOS REBELDES
(Maiores de 12 anos)

VOX

(Adultos) Tel. 720800
As 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA DE EXITO!
Um filme onde a crítica, a análise, o quotidiano e a malandrice, andam à solta... e de que maneira!
UM MARIDO INFIEL
Atrevida comédia colorida
com Françoise Fabian e Jean YVES
(Junto à Av. de Roma)

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 126305
As 15.15, 18.15 e 21.45
2.ª SEMANA — ÚLTIMOS DIAS DO VIBRANTE EXITO:
JOHNNY HAMLET
com Andrea Giordana, Gilbert Roland e Horst Frank
Technicolor — Techniscopio

DOMINGO — AS 11 HORAS

Sessão Infantil, com o filme de desenhos coloridos «VIAGENS DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA» e BRINDES (M. 6 anos)

AVISO — Por motivo de obras de beneficiação e férias do pessoal, este cinema estará encerrado desde o dia 14 a 24 deste mês

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 147632
As 15.30, 18.30 e 21.45
16.ª SEMANA
Um filme de Claude Rostou
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Mamy Vanelder
Situado no edifício do Monumental

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560
As 21 horas
Em continuação de estreia
PAIXÃO

RESTE

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
A CARTA DO KREMLIN

SÃO JORGE

(Adultos) Tel. 54388
As 15.15, 18.15 e 21.30
No Cicle Tony Richardson
EXITO PARA TOM JONES
2.ª SEMANA
com Albert Finney e Susannah York
4 «Oscars»
20 Prémios Internacionais
DOMINGO DE MANHA
AS 11
CINEMA COM CRITÉRIO
A obra fundamental de Joseph Losey
«O CRIADO»
com Dirk Bogard, Sara Miles
Patrocínio do Cineclub Católico
Bilhetes à venda, 15000 (adultos)

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50500
As 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
filme colorido em 70 mm de Quirino Simões
ANGOLA NA GUERRA E NO PROGRESSO
Prod. S. I. P. F. A.

LIDO

(M. 12 anos) Tel. 937698
As 21.30
O grande artista John Wayne num bom western
RIO LOBO

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45923
As 21 horas
QUERO MATAR-TE DE FRENTE
VAO CHAMAR PAI A OUTRO

* outros espectáculos *

LISBOA

TEATROS
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Calote-Boca» (17 anos)
VILLARET — As 2 e às 23 h.: «A Capital» (17 anos)
VASCO SANTANA — As 2 e 45: «A Cozinha» (17 anos)
LAURA ALVES — As 2 e 45: «56 as borboletas são livres»
MARIA MATOS — As 21 e 45: «Jogos de Sociedade» (17 anos)
CINEMAS
OLIMPIA — As 9 h.: «O último fício vivo» (17 anos)
JARDIM — CINEMA — As 21: «O Justiciero de Rugosa» (12 anos)

CINEARTE — As 21: «Tepeco»
PARIS — As 2: «Um tiro pelo culatra» (17 anos)
ARCO-IRIS — As 21 h.: «Adeus, Gringo» (12 anos)
IDEAL — As 2 e 45: «Chicago, Chicago» (17 anos)

Linha de Cascais

ALGES — STADIUM — As 21 e 30: «Requiem por um desconhecido» (17 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «Velha raposa» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — As 7 e às 2 e 30: «A chamada» (17 anos)
PALACIO — As 2 e 30: «Cromwell» (12 anos)
NADA — As 2 e 30: «Clô

dos homens violentos» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «O jogo do crime» (12 anos)

Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 30: «A Parte de Remagem» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «A piscina» (17 anos)

Outro Bando

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 30: «John e Mary» (17 anos)
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — As 21 e 30: «O discípulo do Diabo» (17 anos)

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — Lopes, Rua do Cruzeiro, 17 (Telefone 633288) * Boa Hora, Rua do Quatrilho 25 (Telefone 637777)

ALFAMA — Arnal, R. das Escolas Gerais 88-A (Tel. 863940)

ALTO DO PINA — Zonal, Rua Morais Soares, 56-C (Tel. 847708)

ALTO DE S. JOÃO — Nave, Rua Domingos Jardo, 28-A (Av. Afonso III) (Tel. 843439)

ALVALADE — Alvalade, Avenida da Igreja, 8-A (Tel. 717070) * Neoterapia, Campa Grande 38 (Tel. 774682) * Paris, R. Rainaldos Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 710131)

ALVALADE — Alvalade, Avenida da Igreja, 8-A (Tel. 717070) * Neoterapia, Campa Grande 38 (Tel. 774682) * Paris, R. Rainaldos Ferreira, 5-A (ao Pote de Água) (Tel. 710131)

ANJOS — S. José, Rua das Anjos 41-A (Telefone 50730)

AREÍRO — Vero Cruz, Praça Afonso Peixoto, 2-B (Tel. 724991)

ARRIOLOS — Oriental de Lisboa, R. de Arnos, 25 (Tel. 450791)

AVENIDAS NOVAS — Cosme, Avenida João Cosme, 44-C (Tel. 405921)

Miranda, Campo Pequeno

36-B (Tel. 770776) * Cardena, Avenida Duque de Aveia, 32-C (à esquerda da Avenida da República) (Tel. 43495) * Universal, Rua Actor Taborda 7 (Telefone 44 58)

BAIRRO ACTORES — Nobel, Rua Actor Vaz, 53 (à Fonte Monumental) (Tel. 842152)

BAIRRO AMERICA — Martins, Rua Fernão Magalhães, 33 (Tel. 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, Rua Forno do Tolo 40 (Tel. 841221)

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310 72)

BAIXA — Centro Farmacêutico, Rua das Portas de Santo Antão, 88 (Tel. 32121) * Unifra, Rua da Vitória 2 (Tel. 323793)

BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel. 102532) * Sousa, Estrada de Benfica 429 (Tel. 740077)

CAMPOLIDE — Central, Rua General Taborda 7 (Tel. 680304)

CAMPO PEQUENO — Miranda, Campo Pequeno 36-B (Av. Sacoaria Camarões) (Tel. 770776)

CAMPO DE OURIQUE — Ivens, Rua Silva Carvalho 234-C (Tel. 650760) * Pereira, Rua Francisco

Metrass, 59 (Tel. 668349)

CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa 33 (Tel. 780 81) * Benfica, Estrada de Benfica 678 (Tel. 102532)

CONDE REDONDO — Setúbal, Rua Conde Redondo 9-A (a Gomes Freire) (Tel. 53341)

ESTRELA — Paiva, R. Parente, Rua de Santo António 36 (Tel. 665 96)

LAPA — Silva, Rua S. João da Silva 74 (Telefone 66 010)

LUMIAR — Alameda, Alameda das Linhas de Torres 20-B (Tel. 790942)

S. Tomé — Estrada do Desvao, lote 12-C (Telefone 790704)

MARVILA — Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel. 38 62)

OLIVAS — S. Paulo, Rua 2, lote 823 (Olivais Sul) (Tel. 31071)

NIQUELA — Niquele, Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (Tel. 310026)

PICHELEIRA — Mariz, C. doado da Picheleira, 40-B (Tel. 120703-728395)

Rua Rodrigues Reis, 3-A

(Tel. 6 84)

SANTO AMARO — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira 2-B (Tel. 637020)

S. BENTO — S. Bento, Rua dos Passos de S. Bento, 13 (Tel. 679673)

S. MAMEDE — S. Mamede, Rua da Escola Politécnica 82-B (Tel. 660280)

S. SEBASTIÃO DA PEDEIRA — Segres, Avenida de Luis Bivar 69 (Telefone 472 3)

SOCORRO — Taveiras, R. da Palma 94 (Telefone 863350)

XABREGAS — Romana, Rua B 7 (a Rua Marquês de Olinda) (Tel. 383800)

Linha de Cascais

ALGES — Miraflores, R. António Granjo 2 (Tel. 213 6)

CAXIAS — Nova, R. Bernardino Ribeiro 1-A (Tel. 4 334)

ESTORIL — S. João, 5

João do Estoril — (Tel. 26 86)

MONTE ESTORIL — Lopes, Rua Hangar 3 (Telefone 260008)

CASCAIS — Misericórdia, R. do Regimento 9 4 (Tel. 280141) * Cascais, Rua Conde de Monte Real, Bairro Carxas (Tel. 282407)

Linha de Sintra

AMADORA — Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel. 934589) * Campos, R. Elias Garcia, 185 (Tel. 930072) * Cláudio, R. António Sardinha, 23 (Tel. 938551)

BAMAIA — Centeança, Estr. Militar Lote D (Telefone 97 023)

QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 18 (Telefone 950 1) * Simões, Lopes, Av. Elias Garcia 5 (Tel. 950123)

CACÉM — Central, Rua Elias Garcia 55 (Telefone 294304)

MEM MARTINS — Quilma, Estr. Mem Martins 25 (Tel. 29 00 21)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, R. 284561

COLARES — Colares

Alcochete — Nunes, L. Corone, Rua da Colate, 0 (Tel. 234 371)

ALMOZEDA — Gama, Rua do Candeio das Res 30 (Tel. 240201)

ALMADA — Nuno Alvares, Av. D. Nuno Alvares, Pareira 39 (Telefone 70504)

BAIXA DA BANHEIRA — Alentejo, 5ª Nacional, 74 (Tel. 224302)

BARREIRO — Higilénia, Rua D. Manuel I, 78 (Tel. 2273017)

COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro 8 (Tel. 270254)

MOITA — Silva Rocha, P. da República 6 (Tel. 237019)

MONTIJO — Giraldo, R. Amante Res. 45 (Tel. 23508)

SESTIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)

SETUBAL — Lisboa, R. Dr. Paulo Bordo, Telefone 2248 * Saúde, Av. Portela (Tel. 22709)

PORCO

Amor, Rua do Amor, 44 (Tel. 43550) * Sintra, P. da Liberdade 25 (Telefone 20463) * Costa Lusa, Av. da Boavista 855 (Tel. 60606) * Faleiro, R. Santo Ildefonso 6 (Telefone 2566) * Invicta, R. do Bomfim 330 (Tel. 5 2 21)

Lapa, R. Antero de Quental 21 (Tel. 40697) * Martins, R. Marquês de Pombal 22 (Tel. 40747)

* Ordem da Trindade, R. M. e Mort. de Ang (Telefone 21420) * Ramos, P. do Exército Libertador 9 (Tel. 64935) * Santa Teresa, P. G. Gomes Fernandes 100 (Tel. 357 3)

Torre, R. do Reboreira, 2 (Tel. 35761) * Vaz Teixeira, Sucr., Rua do Heroísmo 56 (Tel. 5851)

* Vilarinho, Rua da Vitória 6 (Tel. 68204) * Nacional, Rua Senhora do Luz, 56-Fos (Tel. 680833)

COIMBRA

M. Nazare, Avenida João das Regras (R. 23093)

* Figueiredo, Rua do Sofia (Tel. 22837) * Correio, Rua Visconde da Luz (tel. 22834)

Diário de Lisboa Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS E EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Tavira, 22,6; mínima, Penhas da Saúde, 0,5.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 15; Penhas Douradas, 2; Coimbra, 14; Portalegre, 10; Lisboa, 15; Faro, 16; e Funchal, 19.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — No atmosférico: 16; na água do mar, 15,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado de Noroeste; aguaceiros dispersos nas regiões do Norte e Centro.

Amãhã
Nascer às 6 e 11
Ocaso às 21 e 2

MARÉS:
PREIA-MAR: Hoje — 5 e 52 (3,6 m); 18 e 12 (3,9 m).
Dia 12 — 6 e 38 (3,6 m); 18 e 53 (3,9 m). Dia 13 — 7 e 29 (3,6 m); 19 e 45 (3,8 m).

BAIXA-MAR: Hoje — 11 e 07 (1,0 m); 23 e 40 (0,9 m).
Dia 12 — 11 e 53 (1,1 m).
Dia 13 — 0 e 31 (1,0 m); 12 e 38 (1,2 m).

O B.N.U. NA INAUGURAÇÃO DA DEPENDÊNCIA EM LONDRES DO BANCO DO BRASIL

LONDRES, 10 — O Ministro da Fazenda brasileiro presidiu ontem a inauguração de uma dependência do Banco do Brasil na capital inglesa.

Ao almoço comemorativo do facto, estiveram presentes o Dr. José Manuel Passeiro, administrador do Banco Nacional Ultramarino, e o Eng. Miguel Jardim, director do escritório da representação do Banco, nesta cidade.

O Dr. J. M. Passeiro encontrou-se em Londres com o grupo de exportadores portugueses de artigos «não tradicionais» que se deslocou à Grã Bretanha por iniciativa do B. N. U. Parte desse grupo partiu para Birmingham onde contactarão com importadores locais.

Em Birmingham foram obsequiados, com um almoço, oferecido pelo Presidente da Câmara de Comércio, estando presentes os directores dos principais Bancos. — (BN).

CAIU À RUA E FOI MORRER AO HOSPITAL

Morreu no Hospital de S. José, horas depois de ali ter dado entrada, Vera Rute Vieira, de 3 anos, filha de Marília Cardoso Vieira. A pequena caiu da janela da residência, à Rua Domingos Sequeira, 52-4.

A «TALUDA» DE SANTO ANTÓNIO FOI VENDIDA NO PORTO E NA RÉGUA

Perante numerosa assistência, efectuou-se esta manhã, na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, o sorteio da «taluda» do Santo António, 18 milhões de escudos, que couberam ao n.º 24 154, conforme anunciou o pregoeiro sr. Augusto Valente. O segundo e terceiro prémios, respectivamente, nos valores de 1600 e 240 contos, foram para os números 2735 e 2312.

A primeira bola a sair «valeu» 40 contos (n.º 2616).

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

24154 — 16 000 000\$
2735 — 1 600 000\$
2312 — 240 000\$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

24153 — 25 000\$
24155 — 25 000\$

PRÉMIOS DE 40 CONTOS

2616 3498 5192 6223 7560
7757 8004 8105 10330 12116
14359 15174 16861 16874 18059
19904 20719 21001 21257 24047
24286 24760

PRÉMIOS DE 3000\$00 (centenas)

2301 a 2400; 2701 a 2800 e 24101 a 24200.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 384 e 524, são premiados com 6000\$00, no bilhete; os terminados em 003, 155, 203, 273, 387, 415, 465 e 607, são premiados com 4000\$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 54, são premiados com 5000\$00, e os terminados em 12 ou 35, com 3000\$00. Por ultimo, todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 4, têm direito ao prémio de 2000\$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

O primeiro prémio foi vendido pela Casa da Sorte (filial do Porto), nos arredores da capital do Norte e ao balcão; 10 «cautelos» seguiram

para a Régua. O segundo prémio foi vendido pela Casa da Sorte (30 das 40 «cautelos»), nos balcões do Rossio, e pela Casa Testa.

PARA VISITAR A F.I.L. CHEGOU A LISBOA O DIRECTOR-GERAL DA AEG-TELEFUNKEN



A fim de visitar a exposição do grupo A.E.G. — Telefunken, patente na Feira Internacional de Lisboa, encontra-se no nosso País o Sr. Dr. Wolfgang Bühler, director da aquela importante organização internacional.

No aeroporto da Portela, o Sr. Dr. Bühler era aguardado por diversos altos funcionários da empresa no nosso País, entre os quais o respectivo director para Portugal, Sr. Dr. Wolfgang Guckes.

A exposição da A.E.G., na edição deste ano do prestigioso certame que é a Feira Internacional de Lisboa, inclui, além de vasta gama de electrodomésticos que gozam de justa preferência junto do público, uma notável variedade de ferramentas eléctricas, material técnico de iluminação, electrónico e material eléctrico para fins industriais, etc.

Trata-se de uma exposição que ocupa apreciável área dentro do certame, tendo sido organizada com excelente critério.

rio, numa disposição muito harmoniosa dos artigos que despertam a curiosidade do público visitante.

De vez em quando

Dizem-me que as donas de casa das bandas do Campo Grande estão de parabéns. Em meia dúzia de dias, desde que existem naquela zona dois grandes supermercados, já pouparam alguns tostões — exactamente aqueles que as duas casas comerciais, à compita, vão alternadamente abatendo ao preço dos produtos comuns vendidos ao público. Prova-se, assim, que a bolsa do consumidor só tem a lucrar com a livre concorrência dos fornecedores. Estou a pensar em quanto economizariamos se, por exemplo, as empresas distribuidoras de gás butano engarrafado pudessem livremente estabelecer o preço de venda do seu produto, ou outro tanto acontecesse com a gasolina, à semelhança do que se passa em França, onde o automobilista é atraído pelos postos onde ela se vende mais barata ou onde atribuem mais ou melhores brindes pela sua compra. Fico a pensar.

V. D.

TURISMO DE LEIRIA

LEIRIA, 9 — Vai ser desafectada do domínio público uma parcela de terreno no Largo de Goa, Damão e Diu, a fim de ser construída a chamada sede da Comissão Regional de Turismo.

Conta Infantil BANCO DO ALENTEJO

PELA TERCEIRA VEZ CONSECUTIVA!

1969, 1970 e 1971

SORTE GRANDE DE ST.º ANTÓNIO NA

CASA DA SORTE

Que distribuiu nos seus balcões os 16.000 contos — 24154

e ainda

2.º PRÉMIO - 1.600 contos - 2.735

Na próxima quinta-feira:

6.000 CONTOS DO S. JOÃO A VENDA NA

CASA DA SORTE

A CASA AFORTUNADA ONDE HÁ SORTE E PRÉMIOS PARA TODOS

MAIS UM PRÉMIO GRANDE

2.º PRÉMIO — 2735 — 1600 CONTOS

VENDIDO PELO FELIZ

CAMBISTA TESTA

Habilite-se á Lotaria de S. João Taluda: 6000 contos

Bilhetes a 480\$00 Duodécimos a 40\$00

e pelo correio mais 3\$50 para registo

Jogue no TESTA e terá festa

74, R. DO ARSENAL, 78 — LISBOA 2

N. B. — Parte do bilhete do 2.º prémio foi enviado á nossa colega CASA DA SORTE.



FIL

MATERIAL ELÉCTRICO E ELECTRÓNICO

Eleva-se a cerca de centena e meia o numero de firmas que fabricam, em Portugal, material eléctrico, empregando perto de 15 mil pessoas, constituindo um dos mais destacados sectores da economia portuguesa que se encontra presente na XII Feira Internacional de Lisboa.

O dinamismo desta industria depreende-se do facto de a produção de transformadores ter sexuplicado entre 1954 e 1965, e a de motores ter quintuplicado em 1969, ao

passo que a exportação metropolitana atingiu quase um milhão de contos — contra pouco mais de 100 mil contos em 1960. O ramo de fabricação de cabos eléctricos produziu em 1969 a importancia de 710 mil contos de material. Em 1970, exportou 78 mil contos de artigos. No referente á electrónica, sublinham-se as virtualidades de expansão deste sector cuja representação na XII Feira Internacional de Lisboa é um testemunho de larga projecção.

HORÁRIO

Hoje — das 17 às 24 horas
Amãhã — das 15 às 24 horas

ENTRADA: 5\$00

GRANDE OPORTUNIDADE FÉRIAS NO BRASIL

VISITE O STAND

Firestone

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal



O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco ou moderado de Noroeste.

TEMPERATURAS E XTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima, Tavira, 22,6; mínima, Penhas da Saúde, 0,5.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 15; Penhas Douradas, 2; Coimbra, 4; Portalegre, 10; Lisboa, 15; Faro, 16; e Funchal, 19.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 16; na água do mar, 15,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado de Noroeste; aguaceiros dispersos nas regiões do Norte e Centro.



Amãhã
Nascer às 6 e 11
Ocaso às 21 e 12



Dia 16 Dia 22 Dia 30 Dia 8

MARÉS:

PREIA-MAR: Hoje — 5 e 52 (3,6 m); 18 e 12 (3,9 m); Dia 12 — 6 e 38 (3,6 m); 18 e 53 (3,9 m); Dia 13 — 7 e 29 (3,6 m); 19 e 45 (3,8 m).

BAIXA-MAR: Hoje — 11 e 07 (1,0 m); 23 e 40 (0,9 m); Dia 12 — 11 e 53 (1,1 m); Dia 13 — 0 e 31 (1,0 m); 12 e 38 (1,2 m).

O B.N.U. NA INAUGURAÇÃO DA DEPENDÊNCIA EM LONDRES DO BANCO DO BRASIL

LONDRES, 10 — O Ministro da Fazenda brasileiro presidiu ontem a inauguração de uma dependência do Banco do Brasil na capital inglesa.

Ao almoço comemorativo do facto, estiveram presentes o Dr. José Manuel Passeiro, administrador do Banco Nacional Ultramarino, e o Eng. Miguel Jardim, director do escritório da representação do Banco, nesta cidade.

O Dr. J. M. Passeiro encontrou-se em Londres com o grupo de exportadores portugueses de artigos «não tradicionais» que se deslocou à Grã Bretanha por iniciativa do B. N. U. Parte desse grupo partiu para Birmingham onde contactarão com importadores locais.

Em Birmingham foram observados, com um almoço, oferecido pelo Presidente da Câmara de Comércio, estando presentes os directores dos principais Bancos. — (BN).

CAIU À RUA E FOI MORRER AO HOSPITAL

Morreu no Hospital de S. José, horas depois de ali ter dado entrada, Vera Rute Vieira, de 3 anos, filha de Marília Cardoso Vieira. A pequena caiu da janela da residência, à Rua Domingos Sequeira, 52-4.

A «TALUDA» DE SANTO ANTÓNIO FOI VENDIDA NO PORTO E NA RÉGUA

Perante numerosa assistência, efectuou-se esta manhã, na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, o sorteio da «taluda» do Santo António. 18 milhões de escudos, que couberam ao n.º 24 154, conforme anunciou o pregoeiro sr. Augusto Valente. O segundo e terceiro prémios, respectivamente, nos valores de 1600 e 240 contos, foram para os números 2735 e 2312.

A primeira bola a sair «valeu» 40 contos (n.º 2616).

A LOTARIA DE HOJE

NÚMEROS PREMIADOS

24154 — 16 000 000\$
2735 — 1 600 000\$
2312 — 240 000\$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PREMIO

24153 — 25 000\$
24155 — 25 000\$

PRÉMIOS DE 40 CONTOS

2616 3498 5192 6223 7560
7757 8004 8105 10330 12116
14359 15174 16861 16874 18059
19904 20719 21001 21257 24047
24286 24760

PRÉMIOS DE 3000\$00 (centenas)

2301 a 2400; 2701 a 2800 e 24101 a 24200.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 384 e 524, são premiados com 6000\$00, no bilhete; os terminados em 003, 155, 203, 273, 387, 415, 465 e 607, são premiados com 4000\$00. Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 54, são premiados com 5000\$00, e os terminados em 12 ou 35, com 3000\$00. Por ultimo, todos os restantes números cujo algarismo final — terminação — seja 4, têm direito ao prémio de 2000\$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

O primeiro prémio foi vendido pela Casa da Sorte (filial do Porto), nos arredores da capital do Norte e ao balcão; 10 «cautelos» seguiram

para a Régua. O segundo prémio foi vendido pela Casa da Sorte (30 das 40 «cautelos»), nos balcões do Rossio, e pela Casa Testa.

PARA VISITAR A F.I.L. CHEGOU A LISBOA O DIRECTOR-GERAL DA AEG-TELEFUNKEN



A fim de visitar a exposição do grupo A.E.G. — Telefunken, patente na Feira Internacional de Lisboa, encontra-se no nosso País o Sr. Dr. Wolfgang Bühler, director da aquela importante organização internacional.

No aeroporto da Portela, o Sr. Dr. Bühler era aguardado por diversos altos funcionários da empresa no nosso País, entre os quais o respectivo director para Portugal, Sr. Dr. Wolfgang Gueckes.

A exposição da A.E.G., na edição deste ano do prestigioso certame que é a Feira Internacional de Lisboa, inclui, além de vasta gama de electrodomésticos que gozam de justa preferência junto do público, uma notável variedade de ferramentas eléctricas, material técnico de iluminação, electrónico e material eléctrico para fins industriais, etc.

Trata-se de uma exposição que ocupa apreciável área dentro do certame, tendo sido organizada com excelente crité-

rio, numa disposição muito harmoniosa dos artigos que despertam a curiosidade do público visitante.

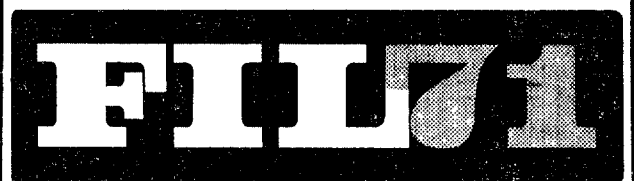
De vez em quando

Dizem-me que as donas de casa das bandas do Campo Grande estão de parabéns. Em meia dúzia de dias, desde que existem naquela zona dois grandes supermercados, já pouparam alguns tostões — exactamente aqueles que as duas casas comerciais, à compita, vão alternadamente abatendo ao preço dos produtos comuns vendidos ao público. Provavelmente, assim, que a bolsa do consumidor só tem a lucrar com a livre concorrência dos fornecedores. Estou a pensar em quanto economizariamos se, por exemplo, as empresas distribuidoras de gás butano engarrafado pudessem livremente estabelecer o preço de venda do seu produto, ou outro tanto acontecesse com a gasolina, à semelhança do que se passa em França, onde o automobilista é atraído pelos postos onde ela se vende mais barata ou onde atribuem mais ou melhores brindes pela sua compra. Fico a pensar.

V. D.

TURISMO DE LEIRIA

LEIRIA, 9 — Vai ser desafectada do domínio público uma parcela de terreno no Largo de Goa, Damão e Diu, a fim de ser construída a denominada sede da Comissão Regional de Turismo.



MATERIAL ELÉCTRICO E ELECTRÓNICO

Eleva-se a cerca de centena e meia o numero de firmas que fabricam, em Portugal, material eléctrico, empregando perto de 15 mil pessoas, constituindo um dos mais destacados sectores da economia portuguesa que se encontra presente na XII Feira Internacional de Lisboa.

O dinamismo desta industria depreende-se do facto de a produção de transformadores ter sexuplicado entre 1954 e 1965, e a de motores ter quintuplicado em 1969, ao

passo que a exportação metropolitana atingiu quase um milhão de contos — contra pouco mais de 100 mil contos em 1960. O ramo de fabricação de cabos eléctricos produziu em 1969 a importância de 710 mil contos de material. Em 1970, exportou 78 mil contos de artigos. No referente á electrónica, sublinham-se as virtualidades de expansão deste sector cuja representação na XII Feira Internacional de Lisboa é um testemunho de larga projecção.

HORÁRIO

Hoje — das 17 às 24 horas
Amãhã — das 15 às 24 horas

ENTRADA: 5\$00

GRANDE OPORTUNIDADE FÉRIAS NO BRASIL

VISITE O STAND

Firestone

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

PELA TERCEIRA VEZ CONSECUTIVA!

1969, 1970 e 1971

SORTE GRANDE DE ST.º ANTÓNIO
NA

CASA DA SORTE

Que distribuiu nos seus balcões os
16.000 contos — 24154

e ainda

2.º PRÉMIO - 1.600 contos - 2.735

Na próxima quinta-feira:

6.000 CONTOS DO S. JOÃO
À VENDA NA

CASA DA SORTE

A CASA AFORTUNADA ONDE HÁ SORTE E PRÉMIOS PARA TODOS

MAIS UM PRÉMIO GRANDE

2.º PRÉMIO — 2735 — 1600 CONTOS

VENDIDO PELO FELIZ

CAMBISTA TESTA

Habilite-se á Lotaria de S. João
Taluda: 6000 contos

Bilhetes a 480\$00
Duodécimos a 40\$00

e pelo correio mais 3\$50 para registo

Jogue no TESTA e terá festa

74, R. DO ARSENAL, 78 — LISBOA 2

N. B. — Parte do bilhete do 2.º prémio foi enviado á nossa colega CASA DA SORTE.



MESA REDONDA

O Povo de Talhadas do Vouga responde aos Serviços Florestais

A população de Talhadas do Vouga reafirma numa exposição recente, as posições assumidas em 31 de Dezembro de 1970, mantendo inteiramente todas as afirmações, «factos concretos que estamos prontos a provar perante uma comissão de inquérito que julgamos imparcial» e conclui exactamente como na exposição enviada ao Conselho de Ministros, pedindo que sejam restituídos aos seus legítimos donos os bens particulares anexados pelos Serviços Florestais.

Publicámos em Janeiro uma exposição de 31 de Dezembro de 1970, assinada por 766 pessoas residentes na freguesia de Talhadas do Vouga. Mais tarde, no mês de Março, na «Mesa-Redonda», divulgámos um ofício da Secretaria de Estado da Agricultura e a renovação de pedidos de inquérito por parte da população implícitos numa reportagem realizada por José João Louro, no local. Estes pontos de vista surgem agora expressos numa resposta assinada por todos os chefes de família da freguesia e que divulgamos em primeira «mão»:

«Recebemos o vosso ofício de 16 de Fevereiro de 1971 assinado pelo sr. chefe do Gabinete e que tem o número 463 Proc. 5.01.125 o qual veio dirigido a António Afonso de Pinho, morador em Talhadas.

O conteúdo do referido ofício foi comunicado a todo o povo da freguesia, o qual deliberou dar a seguinte resposta que vai assinada por todos os pais de família desta freguesia:

1. Estranha V. Ex.^a que os Serviços Florestais tenham sido acusados das muitas irregularidades que cometeram e da opressão que exerceram sobre este povo. E o tom geral do ofício mostra que V. Ex.^a não acredita que a reclamação enviada em 23 de Novembro de 1970 ao Governo corresponda à verdade.

Chamamos porém a atenção de V. Ex.^a para o facto de a exposição não conter

meras generalidades, mas a afirmação de casos concretos acontecidos com pessoas devidamente identificadas e que podem ser provados, e ainda para o facto de essa exposição ter sido feita por 766 pessoas de uma freguesia que em 31 de Dezembro de 1970 tinha 1408 habitantes, (incluindo crianças e ausentes temporários, que naturalmente não a assinaram). Perante uma exposição como esta julgamos não

se poder tomar a simples atitude de não acreditar. Não é impensadamente que uma freguesia inteira se ergue, se une, e reclama. Alguma causa real e suficientemente forte a impulsionou e decidiu. Além do mais, não é justo que se minimize.

2. Procuraremos a seguir focar parágrafo por parágrafo o ofício referido:

2.1. Não contestamos a utilidade ou validade dos Serviços Florestais a nível nacional, porque infelizmente não tivemos possibilidade de adquirir conhecimentos suficientes para isso. Mas sabemos que para esta freguesia são maus. Nada fizeram que nós próprios não tivéssemos feito melhor. E impediram que 800 famílias (tantas são as desta freguesia) continuassem a benefi-

Cont. na pág. 8



QUE FUTURO PARA O ALENTEJO?

Quase concluída a parte monumental do Plano de Rega do Alentejo, constituída pelas barragens, procede-se agora, através de um organismo especializado, ao estudo científico das possibilidades do regadio. Com um atraso considerável. Esse organismo é o C. E. A. T. A. — Centro de Experimentação e de Assistência Técnica à Agricultura — nascido de um acordo de cooperação assinado em Junho de 1968 entre os Governos de Portugal e da Alemanha de Bonn. Herdeiro de uma situação de penúria no que a estudos científicos, de rentabilidade e comercialização diz respeito, o C. E. A. T. A., no seu restrito campo de manobra, deparou ainda com a ausência de estudos técnicos, sociais e económicos que deve-

riam ter acompanhado — ou antecedido — a execução do Plano de Rega. O seu tipo de actuação específico é promover maior rentabilidade do regadio, em especial na produção animal e forragens, expansão de culturas hortícolas e frutícolas, considerando sempre os aspectos da comercialização respectivos. O seu campo de acção abrange já uma área de 37 000 hectares, divididos pelos perímetros de rega do Mira, Campilhas, Roxo, e brevemente do Caia e do Alto Sado. Um redactor do nosso jornal visitou a sede do organismo, em Lisboa, e a herdade do Monte dos Alhos, no Alentejo, onde funciona o campo de experimentação do C. E. A. T. A. As suas impressões são publicadas, hoje, na página central.



Alimentação infantil

Subalimentação, mal-nutrição, mortalidade infantil: questões importantes que se interligam para a definição de um dos problemas candentes, ainda no mundo de hoje. Porque nos dizem, também, respeito, ouvimos um pediatra que ao assunto dedica particular atenção. (Entrevista de Helena Neves com o dr. Abílio Mendes, gravura ao alto — na pág. 12).

Plano de urbanização de Coimbra

O urbanismo diz respeito a todos, porque se trata de uma arte iminentemente humana, no sentido em que condiciona e é condicionado pela vida social das populações. Na altura em que se discute — ou, pelo menos, deveria discutir-se o plano de urbanização do concelho de Coimbra, realizámos nesta cidade uma mesa-redonda com arquitectos e urbanistas. Começamos hoje a publicação desse debate, e incluímos (pág. 3) um texto bem significativo do arq.^o Carlos Almeida (gravura de baixo) sobre conceitos de arquitectura regional.



ASSIM VAI O MUNDO

Ameaça

Segundo um correspondente do «The Los Angeles Times», as actividades, por vezes temerárias, da marinha soviética nas águas territoriais norueguesas fazem parte de um vasto movimento naval de cerco de afeita o Norte da Europa e modificou completamente o equilíbrio estratégico das forças da NATO tais como estas subsistem desde há vinte anos. «No Mediterrâneo, notou um oficial superior do Estado Maior norueguês, a presença de 40 ou 60 vasos soviéticos merece grandes títulos nos jornais. Nas nossas regiões do norte temos 1600 — sim, digo bem 1600 — unidades navais do Pacto de Varsóvia que operam a partir de Mourmansk e no Báltico. Mourmansk é de facto a maior base naval do mundo. 160 submarinos russos estacionam ali e deslocam-se constantemente no Atlântico Norte e ao longo da costa norueguesa».

Razões

De resto, os soviéticos não escondem as suas intenções, como o demonstra um extracto do discurso pronunciado no princípio do ano pelo marechal Sakharov, vice-ministro da Defesa da URSS:

«O esforço russo com vista a criar uma frota de alto mar é uma resposta aos imperativos da guerra nuclear. As operações principais numa futura guerra no mar não terão lugar, provavelmente, nas regiões próximas das costas mas no alto mar, muito longe das bases. A nova frota soviética deve pois estar á altura de esmagar as forças inimigas a partir daí»

Perspectivas

De acordo com esta concepção aliás comprovada pelo tipo de manobras recentemente levadas a cabo pelas Forças do Pacto de Varsóvia, as perspectivas são, portanto, as de uma guerra estratégica que teria lugar no meio do Atlântico entre a marinha americana e a frota soviética — batalha travada com armas nucleares algures entre a Islândia e a Grã-Bretanha, onde os comboios da segunda guerra mundial tentavam evitar os submarinos nazis.

44 horas

Em 1969 o horário médio semanal de trabalho manteve-se em 45,9 horas para a França, 44,9 para a Holanda e Suíça, 44,7 horas para a Inglaterra, 44,1 horas para a Alemanha Federal e 43 horas para a Bélgica, levando, todavia, em consideração a duração anual de trabalho é na Alemanha Federal que o número de horas de trabalho é inferior (2.029 horas por ano). França, Holanda, Inglaterra.

ra e Suíça situam-se entre 2.112 (França) e 2.155 (Suíça) horas de trabalho anual.

Oportunidade...

William Magruder, director do defuncto programa americano de transporte supersónico declarou que uma companhia comercial japonesa fizera uma nova oferta para financiar o acabamento dos dois protótipos do SST. Segundo Magruder, um representante da companhia Ataka contactou com ele e ofereceu-se para tentar arranjar os 500 milhões de dólares ou mais que são necessários para fazer reviver o programa que o congresso se recusa a financiar. Esta companhia agiria como, corretora, reunindo os fundos através de contactos com gigantes japoneses tais como o Mitsubishi.

O trabalho continuaria com os protótipos na companhia Boeing, principal empresa e a General Electric, que produz o motor para o avião. Quando o programa atingisse o estágio da produção, certas peças poderiam ser fabricadas no Japão, precisou Magruder.

Pouco depois da rejeição do programa SST pelo Congresso, em Março, Ataka ofereceu-se para enviar uma missão comercial a Washington a fim de discutir o financiamento. Mas o ministro japonês do comércio opôs-se. «Parece que o Governo japonês reexaminou a questão» — disse Magruder, perante a nova oferta de Ataka. Esta é uma das dez mais poderosas companhias japonesas, elevando-se os seus haveres a 1500 milhões de dólares. Outros dois grupos — um alemão e outro americano — ter-se-iam também oferecido para o financiamento do programa SST, mas não mantiveram a oferta.

Estados Unidos

No decurso dos últimos dez anos, os Estados Unidos conheceram o aumento mais rápido dos custos salariais desde 1951: 5,2% em 1969, 15% em 1970. A alta de salários foi acrescida ao declínio dos progressos da produtividade (1,2% em 1969 e 6,5% em 1970). Por outro lado os preços no consumo aumentaram 5,9% em 1970.

Salários

Em Abril de 1970, na C. E. E., os salários/hora brutos dos operários na indústria, elevaram-se em média a 7,65 francos suíços no Luxemburgo, 6,80 na Alemanha Federal, 6,46 na Bélgica, 5,44 nos Países Baixos, 4,40 em França e 3,55 em Itália.

Mercado Comum

Em Abril de 1970 os salários médios brutos dos operários da indústria, elevaram-se em média a 7,65 francos suíços por hora em Luxemburgo, 6,80 na Alemanha Federal, 6,46 na Bélgica, 5,44 na Holanda, 4,40 em França e 3,55 na Itália. Esta informação provém dos bancos suíços.

Desemprego

Assim vai o nível de emprego em alguns países: a taxa de desemprego no Canadá, no início de Março, situava-se em 8,1% (675 000 pessoas), ascendendo a 10,4% no Quebec; nos Estados Unidos, no mesmo período a taxa de desemprego desceu a 5,8% (era de 6% em Janeiro e 8,2% em Dezembro). Na Europa a taxa de desemprego parece ter baixado apenas na Holanda, (1,8 para os homens) onde no entanto se observou nos jornais uma baixa espectacular dos pequenos anúncios com ofertas de emprego (13% menos em Janeiro e Fevereiro de 1971 do que durante os mesmos meses em 1970).

Na Grã-Bretanha, perto de 800 000 desempregados foram detectados em Março — 3,3% de população activa. Na Alemanha, a baixa do desemprego não beneficia as mulheres: em Fevereiro, a taxa de desemprego era 1,2% (254 800 pessoas) contra 1,3% em Janeiro. Mas enquanto existem menos 30 600 homens desempregados mulheres há apenas 900.

Em França foram recenseados em Fevereiro 320 000 desempregados, contra 323 000 em Janeiro de 1971 e 230 200 em Fevereiro de 1970. Onde se conclui que existem mais 100 000 desempregados do que há um ano.

Reforma

Os sindicatos franceses da C. G. T. e da C. F. D. T. exigem a possibilidade de os homens se reformarem a partir dos 60 anos se o desejarem, e as mulheres a partir dos 55 anos. Reivindicam a supressão dos abatimentos de liquidação relativamente á idade normal que é de 65 anos, no momento actual em todos os regimes e exigem igualmente uma subida substancial das pensões de reforma de modo a que o conjunto destas represente 75 a 80% do salário de actividade após trinta anos de quotizações e não mais os 60%, nível alcançado actualmente nas melhores condições.

Uma tal reivindicação, a ser atendida, representará sob o ponto de vista de encargos financeiros, cerca do dobro das taxas das quotizações actuais. Esta taxa situa-se, em geral entre 12 e 16% do montante dos salários brutos, segundo as empresas e os ramos de remuneração.

Japão

Durante os dez últimos anos, o Japão foi o país que conheceu as mais fortes altas de salários mas também de produtividade (de 12 a 15% por ano) entre os países industrializados. No entanto, a partir de 1969, a mecânica modificou-se: em 1970 alta de salários (17,1%) foi acompanhada paralelamente por uma alta dos preços dos produtos manufacturados da ordem de 3% e os preços de consumo subiram á taxa «record» de 8%. Em 1971, os sindicatos prepararam-se para exigir pelo menos uma alta de salários de 20%.

Suécia

Prevê-se que, na Suécia, o investimento bruto, em 1971, registre um aumento de 5,8% e 6,3% nos sectores privado e publico, respectivamente. Em relação ao consumo, esperam-se aumentos de 2% para o sector privado, e 3,8% para o sector publico.

Por outro lado, projecta-se que a balança comercial sueca registre, neste ano, um «superavit» de cerca de 200 milhões de coroas, apesar de em 1970, se ter verificado um «deficit» de mais de mil milhões de coroas. Esta alteração no saldo da balança comercial baseia-se na previsão de que as exportações devem aumentar 9% em relação a 1970 enquanto as importações aumentarão, apenas, cerca de 5%.

Contribuição

Contribuição para a compreensão dos últimos acontecimentos do Egipto: as teses de Mohammed Heykal, o conselheiro de Sadate.

«Israel não aceitará nunca, voluntariamente, abandonar os territórios ocupados, mesmo em troca da paz. O recomeço das hostilidades é pois inevitável, e o Egipto arrisca-se a grandes perdas, dada a superioridade técnica do adversário e a passividade dos países árabes. A única maneira é a intervenção das grandes potências impondo a Israel o respeito da resolução do Conselho de Segurança de 22 de Novembro de 1967, e os Estados Unidos são a única potência que tem possibilidades de exercer pressão sobre o Estado judeico. O Governo egípcio deveria pois esforçar-se por neutralizar o lobby sionista americano e por levar Washington, se não a apoiar os árabes, pelo menos a adoptar uma atitude objectiva e imparcial». Estas são as teses que Eric Rouleau atribui a Heykal.

ASSIM VAMOS NÓS

Abertura

A propósito do novo acordo com a Bulgária, lembra-se, em Espanha, que existem, praticamente, acordos com todos os países socialistas da Europa de Leste e U. R. S. S. Em Portugal, na ultima conferência de Imprensa do dr. Ruy Particio, levantou-se o problema. Mas mesmo sem acordos, em Portugal, vejam-se as últimas estatísticas de comércio da E. F. T. A. com o Leste: começam a entrar produtos socialistas (Portugal quadruplicou em cinco anos o seu comércio com a Europa de Leste) e no Leste Europeu, surgem algumas das matérias-primas portuguesas.

Orçamento

O orçamento do Fundo de Exportação para este ano, traduz um alargamento de verbas relativamente ás exportações de «produtos bem definidos (46 000 contos, 33,2% do total), verificando-se uma forte dotação para a organização ou participação em feiras sectoriais no estrangeiro (3500 contos), para a comparticipação das despesas dos exportadores em feiras (4500 contos), campanhas de propaganda de certos produtos (20 000 contos), semanas portuguesas (2500 contos), estudos de mercado (3000 contos), realizações de filmes (1500 contos), etc. No total, o orçamento do Fundo de Fomento de Exportação atinge 128 500 contos a despende inte-

gralmente na promoção do produto português no estrangeiro» (da Revista Industria do Norte).

Comércio

Informa a revista Fundexport: «conforme os dados provisórios publicados pelo I. N. E., o movimento comercial metropolitano registou, em 1970, um valor global de importação de 44 725 milhares de contos (m. c.) enquanto o da exportação foi de 27 191 m. c., pelo que o «deficit» da balança comercial atingiu 17 534 m. c. Em relação aos valores homólogos de 1969, reconhece-se que a um aumento de 20,0% da importação correspondeu um aumento de 10,9% da exportação, donde resultou um acréscimo de 37,7% do «deficit».

ASSIM VAI MUNDU

Ameaça

Segundo um correspondente do «The Los Angeles Times», as actividades, por vezes temerárias, da marinha soviética nas águas territoriais norueguesas fazem parte de um vasto movimento naval de cerco de afeita o Norte da Europa e modificou completamente o equilíbrio estratégico das forças da NATO tais como estas subsistem desde há vinte anos. «No Mediterrâneo, notou um oficial superior do Estado Maior norueguês, a presença de 40 ou 60 vasos soviéticos merece grandes títulos nos jornais. Nas nossas regiões do norte temos 1600 — sim, digo bem 1600 — unidades navais do Pacto de Varsóvia que operam a partir de Mourmansk e no Báltico. Mourmansk é de facto a maior base naval do mundo. 160 submarinos russos estacionam ali e deslocam-se constantemente no Atlântico Norte e ao longo da costa norueguesa».

Razões

De resto, os soviéticos não escondem as suas intenções, como o demonstra um extracto do discurso pronunciado no princípio do ano pelo marechal Sakharov, vice-ministro da Defesa da URSS:

«O esforço russo com vista a criar uma frota de alto mar é uma resposta aos imperativos da guerra nuclear. As operações principais numa futura guerra no mar não terão lugar, provavelmente, nas regiões próximas das costas mas no alto mar, muito longe das bases. A nova frota soviética deve pois estar à altura de esmagar as forças inimigas a partir daí»

Perspectivas

De acordo com esta concepção aliás comprovada pelo tipo de manobras recentemente levadas a cabo pelas Forças do Pacto de Varsóvia, as perspectivas são, portanto, as de uma guerra estratégica que teria lugar no meio do Atlântico entre a marinha americana e a frota soviética — batalha travada com armas nucleares algures entre a Islândia e a Grã-Bretanha, onde os comboios da segunda guerra mundial tentavam evitar os submarinos nazis.

44 horas

Em 1969 o horário médio semanal de trabalho manteve-se em 45,9 horas para a França, 44,9 para a Holanda e Suíça, 44,7 horas para a Inglaterra, 44,1 horas para a Alemanha Federal e 43 horas para a Bélgica, levando, todavia, em consideração a duração anual de trabalho é na Alemanha Federal que o número de horas de trabalho é inferior (2.029 horas por ano). França, Holanda, Inglaterra.

ra e Suíça situam-se entre 2.112 (França) e 2.155 (Suíça) horas de trabalho anual.

Oportunidade...

William Magruder, director do defuncto programa americano de transporte supersónico declarou que uma companhia comercial japonesa fizera uma nova oferta para financiar o acabamento dos dois protótipos do SST. Segundo Magruder, um representante da companhia Ataka contactou com ele e ofereceu-se para tentar arranjar os 500 milhões de dólares ou mais que são necessários para fazer reviver o programa que o congresso se recusa a financiar. Esta companhia agiria como, corretora, reunindo os fundos através de contactos com gigantes japoneses tais como o Mitsubishi.

O trabalho continuaria com os protótipos na companhia Boeing, principal empresa e a General Electric, que produz o motor para o avião. Quando o programa atingisse o estágio da produção, certas peças poderiam ser fabricadas no Japão, precisou Magruder.

Pouco depois da rejeição do programa SST pelo Congresso, em Março, Ataka ofereceu-se para enviar uma missão comercial a Washington a fim de discutir o financiamento. Mas o ministro japonês do comércio opôs-se. «Parece que o Governo japonês reexaminou a questão» — disse Magruder, perante a nova oferta de Ataka. Esta é uma das dez mais poderosas companhias japonesas, elevando-se os seus haveres a 1500 milhões de dólares. Outros dois grupos — um alemão e outro americano — ter-se-iam também oferecido para o financiamento do programa SST, mas não mantiveram a oferta.

Estados Unidos

No decurso dos últimos dez anos, os Estados Unidos conheceram o aumento mais rápido dos custos salariais desde 1951: 5,2% em 1969, 15% em 1970. A alta de salários foi acrescida ao declínio dos progressos da produtividade (1,2% em 1969 e 6,5% em 1970). Por outro lado os preços no consumo aumentaram 5,9% em 1970.

Salários

Em Abril de 1970, na C. E. E., os salários/hora brutos dos operários na indústria, elevaram-se em média a 7,65 francos suíços no Luxemburgo, 6,80 na Alemanha Federal, 6,46 na Bélgica, 5,44 nos Países Baixos, 4,40 em França e 3,55 em Itália.

Mercado Comum

Em Abril de 1970 os salários médios brutos dos operários da indústria elevaram-se em média a 7,65 francos suíços por hora em Luxemburgo, 6,80 na Alemanha Federal, 6,46 na Bélgica, 5,44 na Holanda, 4,40 em França e 3,55 na Itália. Esta informação provém dos bancos suíços.

Desemprego

Assim val o nível de emprego em alguns países: a taxa de desemprego no Canadá, no início de Março, situava-se em 8,1% (675 000 pessoas), ascendendo a 10,4% no Quebec; nos Estados Unidos, no mesmo período a taxa de desemprego desceu a 5,8% (era de 6% em Janeiro e 8,2% em Dezembro). Na Europa, a taxa de desemprego parece ter baixado apenas na Holanda, (1,8 para os homens) onde no entanto se observou nos jornais uma baixa espectacular dos pequenos anúncios com ofertas de emprego (13% menos em Janeiro e Fevereiro de 1971 do que durante os mesmos meses em 1970).

Na Grã-Bretanha, perto de 800 000 desempregados foram detectados em Março — 3,3% de população activa. Na Alemanha, a baixa do desemprego não beneficia as mulheres: em Fevereiro, a taxa de desemprego era 1,2% (254 800 pessoas) contra 1,3% em Janeiro. Mas enquanto existem menos 30 600 homens desempregados, mulheres há apenas 900.

Em França foram recenseados em Fevereiro 320 000 desempregados, contra 323 000 em Janeiro de 1971 e 230 200 em Fevereiro de 1970. Onde se conclui que existem mais 100 000 desempregados do que há um ano.

Reforma

Os sindicatos franceses da C. G. T. e da C. F. D. T. exigem a possibilidade de os homens se reformarem a partir dos 60 anos se o desejarem, e as mulheres a partir dos 55 anos. Reivindicam a supressão dos abatimentos de liquidação relativamente à idade normal que é de 65 anos, no momento actual em todos os regimes e exigem igualmente uma subida substancial das pensões de reforma de modo a que o conjunto destas represente 75 a 80% do salário de actividade após trinta anos de quotizações e não mais os 60%, nível alcançado actualmente nas melhores condições.

Uma tal reivindicação, a ser atendida, representará sob o ponto de vista de encargos financeiros cerca do dobro das taxas das quotizações actuais. Esta taxa situa-se, em geral entre 12 e 16% do montante dos salários brutos, segundo as empresas e os ramos de remuneração.

Japão

Durante os dez últimos anos, o Japão foi o país que conheceu as mais fortes altas de salários mas também de produtividade (de 12 a 15% por ano) entre os países industrializados. No entanto, a partir de 1969, a mecânica modificou-se: em 1970 alta de salários (17,1%) foi acompanhada paralelamente por uma alta dos preços dos produtos manufacturados da ordem de 3% e os preços de consumo subiram à taxa «record» de 8%. Em 1971, os sindicatos prepararam-se para exigir pelo menos uma alta de salários de 20%.

Suécia

Prevê-se que, na Suécia, o investimento bruto, em 1971, registre um aumento de 5,8% e 6,3% nos sectores privado e publico, respectivamente. Em relação ao consumo, esperam-se aumentos de 2% para o sector privado e 3,8% para o sector publico.

Por outro lado, projecta-se que a balança comercial sueca registre, neste ano, um «superavit» de cerca de 200 milhões de coroas, apesar de em 1970, se ter verificado um «deficit» de mais de mil milhões de coroas. Esta alteração no saldo da balança comercial baseia-se na previsão de que as exportações devem aumentar 9% em relação a 1970 enquanto as importações aumentarão, apenas, cerca de 5%.

Contribuição

Contribuição para a compreensão dos últimos acontecimentos do Egipto: as teses de Mohammed Heykal, o conselheiro de Sadate.

«Israel não aceitará nunca, voluntariamente, abandonar os territórios ocupados mesmo em troca da paz. O recomeço das hostilidades é pois inevitável, e o Egipto arrisca-se a grandes perdas, dada a superioridade técnica do adversário e a passividade dos países árabes. A única maneira é a intervenção das grandes potências impondo a Israel o respeito da resolução do Conselho de Segurança de 22 de Novembro de 1967, e os Estados Unidos são a única potência que tem possibilidades de exercer pressão sobre o Estado judeu. O Governo egípcio deveria pois esforçar-se por neutralizar o lobby sionista americano e por levar Washington, se não a apoiar os árabes, pelo menos a adoptar uma atitude objectiva e imparcial». Estas são as teses que Eric Rouleau atribui a Heykal.

ASSIM VAMOS NÓS

Abertura

A propósito do novo acordo com a Bulgária, lembra-se, em Espanha, que existem, praticamente, acordos com todos os países socialistas da Europa de Leste e U. R. S. S. Em Portugal, na última conferência de Imprensa do dr. Ruy Partício, levantou-se o problema. Mas mesmo sem acordos, em Portugal, vejam-se as últimas estatísticas de comércio da E. F. T. A. com o Leste: começou a entrar produtos socialistas (Portugal quadruplicou em cinco anos o seu comércio com a Europa de Leste) e no Leste Europeu, surgem algumas das matérias-primas portuguesas.

Orçamento

O orçamento do Fundo de Exportação para este ano, traduz um alargamento de verbas relativamente às exportações de «produtos bem definidos (46 000 contos, 33,2% do total), verificando-se uma forte dotação para a organização ou participação em feiras sectoriais no estrangeiro (3500 contos), para a comparticipação das despesas dos exportadores em feiras (4500 contos), campanhas de propaganda de certos produtos (20 000 contos), semanas portuguesas (2500 contos), estudos de mercado (3000 contos), realizações de filmes (1500 contos), etc. No total, o orçamento do Fundo de Fomento de Exportação atinge 128 500 contos a despendar inte-

gralmente na promoção do produto português no estrangeiro» (da Revista Industria do Norte).

Comércio

Informa a revista Fundexport: «conforme os dados provisórios publicados pelo I. N. E., o movimento comercial metropolitano registou, em 1970, um valor global de importação de 44 725 milhares de contos (m. c.) enquanto o da exportação foi de 27 191 m. c., pelo que o «deficit» da balança comercial atingiu 17 534 m. c. Em relação aos valores homólogos de 1969, reconhece-se que a um aumento de 20,0% da importação correspondeu um aumento de 10,9% da exportação, donde resultou um acréscimo de 37,7% do «deficit».

O Plano de Urbanização do Concelho de Coimbra e a participação das populações

O Plano de Urbanização do Concelho de Coimbra foi entregue, há ano e meio, ao prof. catedrático Costa Lobo. O plano tem criado larga controvérsia, quer entre os técnicos da região, quer a nível nacional. Realizámos em Coimbra uma mesa-redonda, moderada por José João Louro, na qual intervieram, além do prof. Costa Lobo, os arquitectos Carlos Almeida e Vasco Cunha e os engenheiros António Moreira e Boaventura Tavares, todos técnicos com a sua actividade predominante em Coimbra. Iniciamos hoje a sua publicação.

JOSÉ JOÃO LOURO (moderador) — Existe uma proposta de quatro pontos, que convém ser debatida. Nessa proposta, o primeiro ponto é prévio: A participação das populações na discussão dos planos de urbanização. O papel das comissões de habitantes. Após este ponto, os restantes incidiriam sobre as implicações à escala da cidade, do concelho, da Região Centro e Nacional, que poderia ficar expressa sob a forma duma interrogação ampla: em que medida o método do actual plano de Coimbra pode contribuir para um melhor esclarecimento da forma como actualmente se realizam planos de urbanização no nosso País?

ARQ. CARLOS ALMEIDA

— Como arquitecto e cidadão de Coimbra sempre me interessei pela urbanização da cidade. Tenho consciência de que esta questão não é estanque e reflecte problemas mais vastos, portanto à escala nacional. Quanto às propostas concordo com elas, mas propugna, porque todos nós estamos apanhados de surpresa, que se fizesse um resumo dos antecedentes do plano.

ENG. ANTÓNIO MOREIRA — Eu também concordo. Mas necessitávamos ter tido um conhecimento prévio, mais profundo do plano de urbanização. Por outro lado, as implicações do plano com a cidade são hoje tão urgentes, que penso ser de interesse imediato, e era

neste ponto que eu achava que devia incidir todo o debate. Quando digo à escala nacional penso à escala de



José João Louro

rua, de praça, à escala de escola local.

MODERADOR — Então, se todos estivéssemos de acordo, o arquitecto Carlos Almeida faria um apanhado dos antecedentes do plano e logo a seguir entraríamos no primeiro ponto de debate — a participação das populações na discussão dos planos.

CARLOS ALMEIDA — Julguei importante este bosquejo histórico, porque poderíamos tirar conclusões e ensinamentos e até possivelmente verificar até que ponto é que esses possíveis ensinamentos são levados em consideração. Também me parece que os antecedentes do problema urbanístico de Coimbra não são tão conhecidos como nós julgamos.

São conhecidos por nós, mas como a «Mesa-Redonda» transcende o nosso âmbito, parece que não podemos dispensar esta infor-

mação, quanto ao ante plano de Dérout, tenho a impressão de que não passou de planificação arbitrária duma cidade-jardim com absoluto desprezo pelas realidades sociais, económicas e geográficas do meio.

É visível, neste estudo, o desprezo pela prévia informação, não só no inquérito a essas realidades, mas também à opinião e às aspirações das populações, mesmo na arbitrariedade dos pretensos índices demográficos e económicos sobre os quais se ergueu toda a estrutura do plano. Todas estas razões têm causas e consequências deploáveis, todos nós temos conhecimento dos problemas urbanísticos de Coimbra. Houve um longo período em que o plano e o ante-plano, contra a vontade da cidade, contra a vontade dos seus técnicos, contra os interesses de toda a cidade, esteve em vigor; decorreram

muitos anos, salvo erro 10 ou 20, em que se verificaram situações incríveis. Toda a gente que construía em Coimbra não podia construir pelo plano. A Câmara, as próprias repartições camarárias, sabiam que aquele plano não era exequível e portanto fazia-se isto que era absolutamente degradante para os técnicos, para a cidade, para toda a gente: o plano para um projecto de construção que se fazia em Coimbra — isto durante vários anos — entrava na Câmara absolutamente sofismado, porque, tratando-se, por exemplo, de uma construção de 6 fogos, entrava na Câmara simulando um único fogo. Os técnicos da Câmara riem-se e entretinham-se até a verificar onde é que estava a fraude. Os proprietários diziam: a fraude está aqui: a gente fecha esta porta abre ali

(Cont. na pág. seguinte)

O conceito da «Arquitectura Regional»

Do livro «A Cidade e o Homem» (é urgente reeditá-lo!) do arquitecto Carlos Almeida interveniente na «Mesa-Redonda» que realizámos em Coimbra; extraímos uma crítica bem actual ao muito divulgado «conceito» de arquitectura regional.

«Tem, por aí, feito fortuna uma espécie de oul-nária arquitectónica a que chamam de regional; o marchante endinheirado que resolve mandar construir o seu solar ou uma opipara casa de férias no alto da Lousã, numa aldeola minhota quando não no litoral algarvio, logo recomenda ao arquitecto que lho trace com «sabor regional». É um pseudo-não-estilo em que entroncam a decoração e o mobiliário ditos rústicos, de gosto suspeito, saliências estranhas, recortes, malmequeres, coraçõezinhos, tremeliques e requieiros langorosos. Das lanternas de carroças fazem candeeiros; as mangedouras das bestas servem de esorivaninha e barris envernizados fingem tamboretes ou mesas de cabeceira.

Mas, para quem não souber o que é, a designação arquitectura regional, tomada à letra, é pelo menos pleonástica. Toda a arquitectura é regional. Na exacta medida em que se submete aos factores condicionantes do meio, da região onde se exerce. Sobre todos esses factores sobrelevam-se, além da função especificamente local (lavoura, pastorícia, artesanato, indústria, etc) um incontrolável, o geográfico (geomórfico, climático, etc) e outro optativo e técnico (materiais da região e métodos construtivos). Ora, em especial no âmbito técnico, por força do progresso têm-se atenuado as diferenças formais entre construções equivalentes dos grandes e dos pequenos meios e das regiões entre si. São a existência e a difusão de novos materiais e as economias de toda a ordem colhidas do seu emprego as responsáveis por essa uniformização lógica e inelutável.

Na verdade, quando se insiste no tal qualificativo — regional — é para deixar clara uma oposição pretensamente estética e patriótica à arquitectura de hoje considerada degradante. A Arte do nosso Povo, a autêntica Arquitectura Popular, não a fabri-

cada pelos ateliers privativos ou oficiais, espelha simplicidade e verdade porque traduz o engenho superador das limitações de toda a ordem da penúria de materiais e de sistemas, uma adaptação perfeita, correcta, inteligente e sábia, ao modo de vida primitivo e inadmissível de quem a cria e faz. Já vimos e não iremos repetir as autênticas razões económicas e sociais de ideologia bizarra que se alimentam desse modo de vida. Mas a mentira tem o seu preço e, como penitência eviterna, as classes favorecidas estão condenadas a arrastar por toda a vida o seu passado e o alheio, tal como o escaravelho. Quando do realismo económico medieval a bola de trampa era a Cavalaria que o humanismo renascentista substituiu pelo aristocracismo helénico e quando do advento maquinista foi o ideário romântico. Agora, ante o pavor da revolução social, é o exorcismo liberalismo do século XIX que empurram à sua frente: *la noblesse oblige!*

Regional! Ouço o moimho de vento e pergunto o que é. Dão-me atabalhoada definição que preciso: assim à saloia, à pacóvia, à moda antiga... Que não dizem-me. Que eu deturpo tudo; que é precisamente a exaltação da vida sã do povo o escopo da arquitectura regional. Que não estou a ver bem quando afirmo que se macaqueia — mistificando, sem lhe apreender o significado — quanto nela é natural e espontâneo, quanto está conforme uma cultura e um nível de vida e uma tradição que é forçoso dignificar. Que estou em erro se digo que se comete uma falta sem classificação enguendo em falso ideal a inequidade a que está condenada toda essa gente. E trava-se um diálogo inverosímil:

— «Não diga que não compreende. Regional, está mesmo a dizer: *à maneira da região*».

— «Qual região?» — inquiri...

— «Ora! Ora! Da região em que se constrói!».

— «Mas se afirmam que há um tipo, como é possível que esse tipo seja regional em Lisboa ou em Olhão, em Peniche, em Freixo de Espada à Cinta ou em Moimenta da Beira? Qual o estilo regional de Lisboa? Será o de Bucelas ou o do Cartaxo? O de paleolítico superior, do árabe ou o românico?»

— «Moita, carrascol!».

Mistério! Ou talvez não; os artistas do regional têm talento e descobriram esta coisa espantosa: duas empenas, um telhado com duas águas, uma porta e uma janela abertas numa parede mebra e outras tantas portas e janelas na parede oposta, dá regional para Aveiro, regional para Tavira, regional para Carregas e regional para Chaves ou Odemira. A arquitectura regional parece a da canção lamecha:

«Uma porta e uma janela
É quanto basta para ela»...

Claro que, por vezes, meto o seu alpendre, engravata-se com uns torcidos de cantaria nas ombreiras e nos lintéis dos vãos, apapara-se com mais uma janela ou um postigo género olho de vaca, uns corrinhos nos topos do rinceão e nos cumbeis, como aqui vejo nesta fotografia de um bairro económico em Viana do Castelo, de casas todas iguaizinhas, cada qual virada para o seu quadrante. Desprezo-me a implantação conveniente? Que importa? Estas viradas porque o vira é regional!

Não creio — repito — que aos olhos dos que se vangloriam disso, os autênticos valores do nosso património, se deparam com toda a sua pureza e na plenitude do seu contexto. Para eles, os tabiques e entrançados de palha ou de varas (de Rio de Onor), as varandas alpendradas, as belas alvenarias e as grandes lanchas de granito de duas micras (de Moreira do Rei, Malhada Sorda, Paúl, Pedrogão e Canas de Senhorim), os eugenhosos pavimentos de barro vermelho e de bosta, ou o pródigo uso da cal (no Sudoeste Beirão, no Ribatejo e na Estremadura), as chaminés, as açoteias e os pátios algarvios e de uma maneira geral a sinceridade e a felicidade de todas as construções agrícolas genuinamente populares, surgirão como testemunho apenas de um extinto engenho. Mas esse engenho não morreu; foi amoldado, preso e quase estrangulado pela mingu, por um sujo e abstruso e estético conceito de tradição, embalsamado em vida nas vitrinas de exposição e nas pousadas e nas vivendas e ricos solares regionais.

O Plano de Urbanização do Concelho de Coimbra e a participação das populações

O Plano de Urbanização do Concelho de Coimbra foi entregue, há ano e meio, ao prof. catedrático Costa Lobo. O plano tem criado larga controvérsia, quer entre os técnicos da região, quer a nível nacional. Realizámos em Coimbra uma mesa-redonda, moderada por José João Louro, na qual intervieram, além do prof. Costa Lobo, os arquitectos Carlos Almeida e Vasco Cunha e os engenheiros António Moreira e Boaventura Tavares, todos técnicos com a sua actividade predominante em Coimbra. Iniciamos hoje a sua publicação.

JOSÉ JOÃO LOURO (moderador) — Existe uma proposta de quatro pontos, que convém ser debatida. Nessa proposta, o primeiro ponto é prévio: A participação das populações na discussão dos planos de urbanização. O papel das comissões de habitantes. Após este ponto, os restantes incidiriam sobre as implicações à escala da cidade, do concelho, da Região Centro e Nacional, que poderia ficar expressa sob a forma duma interrogação ampla: em que medida o método do actual plano de Coimbra pode contribuir para um melhor esclarecimento da forma como actualmente se realizam planos de urbanização no nosso País?

ARQ. CARLOS ALMEIDA

— Como arquitecto e cidadão de Coimbra sempre me interessei pela urbanização da cidade. Tenho consciência de que esta questão não é estanque e reflecte problemas mais vastos, portanto à escala nacional. Quanto às propostas concordo com elas, mas propugna, porque todos nós estamos apanhados de surpresa, que se fizesse um resumo dos antecedentes do plano.

ENG. ANTÓNIO MOREIRA — Eu também concordo. Mas necessitávamos ter tido um conhecimento prévio, mais profundo do plano de urbanização. Por outro lado, as implicações do plano com a cidade são hoje tão urgentes, que penso ser de interesse imediato, e era

neste ponto que eu achava que devia incidir todo o debate. Quando digo à escala nacional penso à escala de



José João Louro

rua, de praça, à escala de escola local.

MODERADOR — Então, se todos estivéssemos de acordo, o arquitecto Carlos Almeida faria um apanhado dos antecedentes do plano e logo a seguir entraríamos no primeiro ponto de debate — a participação das populações na discussão dos planos.

CARLOS ALMEIDA — Julguei importante este bosquejo histórico, porque poderíamos tirar conclusões e ensinamentos e até possivelmente verificar até que ponto é que esses possíveis ensinamentos são levados em consideração. Também me parece que os antecedentes do problema urbanístico de Coimbra não são tão conhecidos como nós julgamos.

São conhecidos por nós, mas como a «Mesa-Redonda» transcende o nosso âmbito, parece que não podemos dispensar esta infor-

mação, quanto ao ante plano de Dérout, tenho a impressão de que não passou de planificação arbitrária duma cidade-jardim com absoluto desprezo pelas realidades sociais, económicas e geográficas do meio.

É visível, neste estudo, o desprezo pela prévia informação, não só no inquérito a essas realidades, mas também à opinião e às aspirações das populações, mesmo na arbitrariedade dos pretensos índices demográficos e económicos sobre os quais se ergueu toda a estrutura do plano. Todas estas razões têm causas e consequências deploáveis, todos nós temos conhecimento dos problemas urbanísticos de Coimbra. Houve um longo período em que o plano e o ante-plano, contra a vontade da cidade, contra a vontade dos seus técnicos, contra os interesses de toda a cidade, esteve em vigor; decorreram

muitos anos, salvo erro 10 ou 20, em que se verificaram situações incriáveis. Toda a gente que construía em Coimbra não podia construir pelo plano. A Câmara, as próprias repartições camarárias, sabiam que aquele plano não era exequível e portanto fazia-se isto que era absolutamente degradante para os técnicos, para a cidade, para toda a gente o plano para um projecto de construção que se fazia em Coimbra — isto durante vários anos — entrava na Câmara absolutamente sofrido, porque, quando se, por exemplo, de uma construção de 6 fogos entrava na Câmara a ser tido um único fogos. O Conselho da Câmara nunca se reuniu para verificar onde é que estava a fraude. Os proprietários diziam a fraude está aqui a gente fecha esta porta, abre ali

(Continuação na página 4)

O conceito da «Arquitectura Regional»

Do livro «A Cidade e o Homem» (é urgente reeditá-lo!) do arquitecto Carlos Almeida interveniente na «Mesa-Redonda» que realizámos em Coimbra; extraímos uma crítica bem actual ao muito divulgado «conceito» de arquitectura regional.

«Tem, por aí, feito fortuna uma espécie de culinária arquitectónica a que chamam de regional; o marchante endinheirado que resolve mandar construir o seu solar ou uma opiparosa casa de férias no alto da Lousã, numa aldeiazinha minhoto quando não no litoral algarvio, logo recomenda ao arquitecto que lhes trace com «sabor regional». É um pseudo-estilo em que entroncam a decoração e o mobiliário ditos rústicos, de gosto suspeito, saliências estranhas, recortes, malmequeres, coraçõesinhos, tremeliques e requieiros langorosos. Das lanternas de carroça fazem candeeiros; as mangedouras das bestas servem de escurinhas e barris envernizados fingem tamboretes ou mesas de cabeceira.

Mas, para quem não souber o que é, a designação arquitectura regional, tomada à letra é pelo menos pleonástica. Toda a arquitectura é regional. Na exacta medida em que se submete aos factores condicionantes do meio, da região onde se exerce. Sobre todos esses factores sobrepõem-se, além da função especificamente local (lavoura, pastoreio, artesanato, indústria, etc) um incontrolável, o geográfico (geomórfico, climático, etc) e outro optativo e técnico (materiais da região e métodos construtivos). Ora, em especial no âmbito técnico, por força do progresso têm-se atenuado as diferenças formais entre construções equivalentes dos grandes e dos pequenos meios e das regiões entre si. São a existência e a difusão de novos materiais e as economias de toda a ordem colhidas do seu emprego as responsáveis por essa uniformização lógica e inevitável.

Na verdade, quando se insiste no tal qualificativo — regional — é para deixar clara uma oposição pretensamente estética e patriótica à arquitectura de hoje considerada degradante. A Arte do nosso Povo, a autêntica Arquitectura Popular, não a fabri-

cada pelos utensílios primitivos ou oficiais, espelha simplicidade e verdade porque traduz o engenho superador das limitações de toda a ordem da penúria de materiais e de sistemas, uma adaptação perfeita, correcta, inteligente e sábia, ao modo de vida primitivo e inadaptável de quem a cria e faz. Já vimos e não iremos repetir as autênticas razões económicas e sociais da ideologia bizarra que se alimenta desse modo de vida. Mas a mentira tem o seu preço e, como penitência eterna, as classes favorecidas estão condenadas a arrastar por toda a vida o seu passado e o alheio, tal como o escravidão. Quando do realismo económico medieval a bola de trapo era a Cavalaria que o humanismo renascentista substituiu pelo aristocracismo helénico e quando do advento maquinista foi o ideário romântico. Agora, ante o pavor da revolução social, é o exorcismo liberalismo do século XIX que empurram à sua frente: *la noblesse oblige!*

Regional! Ouço o moimho do vento e pergunto o que é. Dão-me atabalhoada definição que preciso: assim à salaia, à pacóvia, à moda antiga... Que não dizem-me. Que eu deturpo tudo; que é precisamente a exaltação da vida sã do povo o escopo da arquitectura regional. Que não estou a ver bem quando afirmo que se macaquiceia — mistificando, sem lhe apreender o significado — quanto nele é natural e espontâneo, quanto está conforme uma cultura e um nível de vida e uma tradição que é forçoso dignificar. Que estou em erro se digo que se comete uma falta sem classificação erguendo em falso ideal a iniquidade a que está condenada toda essa gente. E travase um diálogo inverosímil:

— «Não diga que não compreende. Regional, está mesmo a dizer: à maneira da região».

— «Qual região?» — inquiri...

— «Ora! Ora! Da região em que se constrói!».

— «Mas se afirmam que há um tipo, como é possível que esse tipo seja regional em Lisboa ou em Olhão, em Peniche, em Freixo de Espada à Cinta ou em Moimenta da Beira? Qual o estilo regional de Lisboa? Será o de Bucelas ou o do Cartaxo? O de paleolítico superior, do árabe ou o românico?»

— «Moita, carrascos!».

Mistério! Ou talvez não! Os artistas de regional têm talento e descobriram esta coisa espantosa: duas empenas, um telhado com duas águas, uma porta e uma janela abertas numa parede mostra o outras tantas portas e janelas na parede oposta, dá regional para Aveiro, regional para Tavira, regional para Camagosa e regional para Chaves ou Odemira. A arquitectura regional parece a da caração lambeira:

«Uma porta e uma janela
É quanto basta para ela»...

Claro que, por vezes, meto o seu alpendre, engravata-se com uns torcidos de cantaria nas ombreiras e nos lintéis dos vãos, apaparece-se com mais uma janela ou um postigo género olho de vaca, uns corrimãos nos topos do rinceão e nos cumbrais, como aqui vejo nesta fotografia de um bairro económico em Viana do Castelo, de casas todas iguizinhas, cada qual virada para o seu quadrante. Desprezo-me a implantação conveniente? Que importa? Estão viradas porque o mira é regional!

Não creio — repito — que aos olhos dos que se vangloriam disso, os autênticos valores do nosso património, se depaem com toda a sua pureza e a plenitude do seu contexto. Para eles, os tabiques e entrançados de palha ou de varas (de Rio de Onor) as varandas alpendradas, as belas alvenarias e as grandes lanchas de granito de duas micas (de Moreira do Rei, Malhada Sorda, Paúl, Pedregão e Camas de Senhorim), os engenhosos pavimentos de barro vermelho e de bosta, ou o pródigo uso da cal (no Sudoeste Beirão, no Ribatejo e na Estremadura), as chaminés, as agoteiras e os pátios algarvios e de uma maneira geral a sinceridade e a felicidade de todas as construções agrícolas genuinamente populares, surgirão como testemunho apenas de um extinto engenho. Mas esse engenho não morreu; foi amoldado, preso e quase estrangulado pela mingueta, por um sujo e abstruso e estético conceito de tradição, embalsamado em vida nas vitrinas de exposição e nas pousadas e nas vivendas e ricos solares regionais.

CONCURSO LETRAS E ARTES

Fósforo Ferrero



PREMIADOS

Encontram-se a pagamento
nos LABORATÓRIOS MEDICAMENTA
os prémios referentes ao último
concurso FÓSFORO FERRERO
nas várias modalidades,
cujos premiados foram os seguintes:

Conto

José Jorge Letria
Vasco Manuel Goulão Câmara Pestana
Fernando d'Assunção Sousa
Luís Vasco Jorge
José Pedro Pereira Gomes
Manuel Ribeiro Santos

Poesia

Agostinho Chaves Gonçalves
José Agostinho Baptista
e Mário Contumélias
Abel José de Sousa Costa Vieira
Mário Rui Cordeiro
e Francisco José Craveiro
Carlos António Bandeira Pinheiro
Armando Leal

Ensaio e Reportagem

Fernando Almeida Ribeiro
Nuno Jorge dos Santos Sebastião
Luís Vasco Goucha Jorge
João Teotónio Pereira Judice Pargana
Serafim Manuel Lima
Gilberto Rua
Raúl Simões Pinto
Tito Lívio

Fotografia e Artes Plásticas

Eduardo Xavier Sousa Oliveira
Ana Paula da Fonseca Camacho Rodrigues
Vitor Manuel Ferro Malha
António Maria Maia de Lima
João Batel
Bernardo Alves Santana
António Sena
Alice
Guilherme Paulo Castro
Filipe Arriaga de Castro
Mário Ferreira e Silva
Fernando Manuel Costa Santos

Plano de urbanização de Coimbra

(Cont. da pág. anterior)

um fogo, transforma-se esta casa de banho numa cozinha, pronto, toda a gente sabia o que se fazia, e foram anos assim. Os prejuízos económicos, morais e técnicos que acarretou à cidade de Coimbra são incalculáveis. Todos nós fomos vítimas, não só as pessoas que construíram, mas também a cidade. Seguiu-se depois uma alteração do Eng.º Alberto Almeida Garrett. Em minha opinião, os companheiros de mesa dirão depois: tratou-se, na realidade, duma apressada tentativa de adaptação ao ante plano de Dérouet às anomalias, às fraudes verificadas. Legalizando-as, portanto.

Por isso e porque destruiu por completo as raras virtudes que o antepiano anterior ainda possuía, acho que este estudo não merece maior atenção.

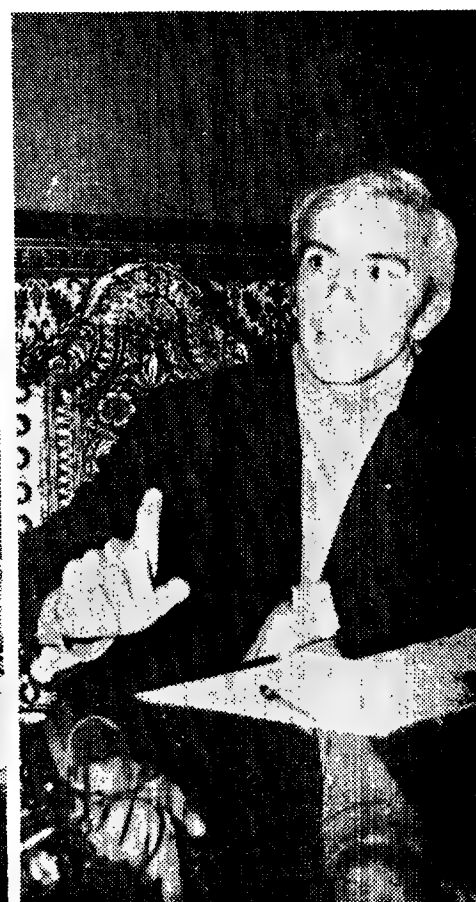
MODERADOR — O arquitecto Carlos Almeida fez uma análise aos antecedentes do actual plano, conforme foi sugerido. Mas uma análise polémica (e ainda bem) e que é capaz de levar a uma certa discussão, ao contrário do que nós tínhamos inicialmente, realizado.

Sintetizando-a podemos afirmar que o Arquitecto Carlos Almeida considerou que o antepiano de Dérouet foi totalmente arbitrário. Depois achou que a alteração posterior do Eng.º Almeida Garrett era uma tentativa «apressada» de resolver os problemas. Mas há de certo quem discorda?

ENG. BOAVENTURA TAVARES — Eu estou... Discordo do Carlos Almeida, no seguinte: É hábito discordar sobre o arquitecto Etlénne Dérouet, atribuir-lhe todas as culpas do fracasso do seu plano. Quanto a nós, isso não corresponde à realidade. O arquitecto Dérouet tinha vindo de países ricos, nomeadamente da América do Norte e apresentou um programa, que era economicamente inviável. Mas apresentou-o de modo que as responsabilidades do fracasso têm de



Eng. Boaventura Tavares



Arq.º Vasco Cunha

ser divididas, pelo menos entre o proponente e os indivíduos que aprovaram o seu projecto.

MODERADOR — O Eng.º Boaventura Tavares não discorda, de facto, do Arquitecto Carlos Almeida, alargando a base das responsabilidades a quem aceitou o plano.

Esta intervenção está na mesma linha. Logo, se ninguém discordar, passamos ao ponto seguinte...

PROF. COSTA LOBO — Não, eu discordo. Sou urbanista da cidade de Coimbra há um ano e meio. Queria apenas acrescentar que nessa altura, quando foi lançado o plano, foi logo a seguir à promulgação do Decreto-Lei 33921, isto é quando começou uma nova fase na concepção administrativa nacional relativa ao planeamento urbanístico.

Todas as estruturas, nessa altura, foram alteradas. A forma de encarar o planeamento pode dizer-se que se iniciou nesta nova fase e, assim, tanto do ponto de vista profissional dos próprios urbanistas, como sob o ponto de vista da administração encarregada de tirar o melhor partido desses planos, houve insipiência notória. O plano foi aceite por uma administração camarária certamente com dificuldade de ser melhor avisada; foi sancionado superiormente pela Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, Conselho Superior das Obras Públicas desejosos de ciliarem o bom desenvolvimento da cidade mas sem conhecerem as implicações e consequências desse plano.

As principais pessoas que colaboraram no estudo e o informaram eram técnicos sob a faceta física do pla-

neamento. Os aspectos sócio-económicos não lhes eram dados a conhecer com profundidade. Esse sector da nossa administração não apoiou o planeamento físico.

A minha intervenção era no sentido de situar melhor o problema no momento histórico em que se verificou e lembrar que o planeamento físico estava desligado de toda uma consciência socio-económica e da toda uma noção de planeamento (a noção de planeamento económico é muito mais recente, é muito posterior) e que não houve de parte dos técnicos do planeamento físico qualquer apoio, podendo, de certo modo explicar-se porque é que se caminhou para tais situações de insucesso.

MODERADOR — Chamo apenas a atenção para o facto de esta intervenção não contestar a do Arquitecto Carlos Almeida. Vem apenas recordar que a responsabilidade não se podia só atribuir à Câmara e que as estruturas existentes na altura, não estavam adaptadas ao plano que se pretendia criar. Poderíamos entrar na verdadeira questão...

ARQUITECTO VASCO CUNHA — O que eu queria dizer era o seguinte: no princípio da discussão do plano houve uma reunião de todos os técnicos interessados, a fim de estabelecermos uma linha de rumo. E recordo que houve por parte dos técnicos responsáveis a promessa dum perfeito circuito entre os técnicos que fizessem e os que apreciassem. É agora a primeira vez, que sem grande conhecimento do plano, o tenho perante mim. Durante o inquérito à população na minha freguesia, não conheço ninguém que tenha sido ouvido. Nem eu nem ninguém meu conhecido. Daí que eu pergunte, como foram feitos os inquéritos à população ou como os técnicos interessados apreciaram os planos...



Eng. António Moreira



Prof. Costa Lobo

(Cont. no próximo número)

CONCURSO LETRAS E ARTES

Fósforo Ferrero



PREMIADOS

Encontram-se a pagamento
nos LABORATÓRIOS MEDICAMENTA
os prémios referentes ao último
concurso FÓSFORO FERRERO
nas várias modalidades,
cujos premiados foram os seguintes:

Conto

José Jorge Letria
Vasco Manuel Goulão Câmara Pestana
Fernando d'Assunção Sousa
Luís Vasco Jorge
José Pedro Pereira Gomes
Manuel Ribeiro Santos

Poesia

Agostinho Chaves Gonçalves
José Agostinho Baptista
e Mário Contumélias
Abel José de Sousa Costa Vieira
Mário Rui Cordeiro
e Francisco José Craveiro
Carlos António Bandeira Pinheiro
Armando Leal

Ensaio e Reportagem

Fernando Almeida Ribeiro
Nuno Jorge dos Santos Sebastião
Luís Vasco Goucha Jorge
João Teotónio Pereira Judice Pargana
Serafim Manuel Lima
Gilberto Rua
Raúl Simões Pinto
Tito Lívio

Fotografia e Artes Plásticas

Eduardo Xavier Sousa Oliveira
Ana Paula da Fonseca Camacho Rodrigues
Vitor Manuel Ferro Malha
António Maria Maia de Lima
João Batel
Bernardo Alves Santana
António Sena
Alice
Guilherme Paulo Castro
Filipe Arriaga de Castro
Mário Ferreira e Silva
Fernando Manuel Costa Santos

Plano de urbanização de Coimbra

(Cont. da pág. anterior)

um fogo, transforma-se esta casa de banho numa cozinha, pronto, toda a gente sabia o que se fazia, e foram anos assim. Os prejuízos económicos, morais e técnicos que acarretou à cidade de Coimbra são incalculáveis. Todos nós fomos vítimas, não só as pessoas que construíram, mas também a cidade. Seguiu-se depois uma alteração do Eng.º Alberto Almeida Garrett. Em minha opinião, os companheiros de mesa dirão depois: tratou-se, na realidade, duma apressada tentativa de adaptação ao ante plano de Dérouet às anomalias, às fraudes verificadas. Legalizando-as, portanto.

Por isso e porque destruiu por completo as raras virtudes que o antepiano anterior ainda possuía, acho que este estudo não merece maior atenção.

MODERADOR — O arquitecto Carlos Almeida fez uma análise aos antecedentes do actual plano, conforme foi sugerido. Mas uma análise polémica (e ainda bem) e que é capaz de levar a uma certa discussão, ao contrário do que nós tínhamos inicialmente, realizado.

Sintetizando-a podemos afirmar que o Arquitecto Carlos Almeida considerou que o antepiano de Dérouet foi totalmente arbitrário. Depois achou que a alteração posterior do Eng.º Almeida Garrett era uma tentativa «apressada» de resolver os problemas. Mas há de certo quem discorda?

ENG. BOAVENTURA TAVARES — Eu estou... Discordo do Carlos Almeida, no seguinte: É hábito discordar sobre o arquitecto Étienne Dérouet, atribuir-lhe todas as culpas do fracasso do seu plano. Quanto a nós, isso não corresponde à realidade. O arquitecto Dérouet tinha vindo de países ricos, nomeadamente da América do Norte e apresentou um programa, que era economicamente inviável. Mas apresentou-o de modo que as responsabilidades do fracasso têm de



Eng. Boaventura Tavares



Arq.º Vasco Cunha

ser divididas, pelo menos entre o proponente e os indivíduos que aprovaram o seu projecto.

MODERADOR — O Eng.º Boaventura Tavares não discorda, de facto, do Arquitecto Carlos Almeida, alarga é a base das responsabilidades a quem aceitou o plano.

Esta intervenção está na mesma linha. Logo, se ninguém discordar, passamos ao ponto seguinte...

PROF. COSTA LOBO — Não, eu discordo. Sou urbanista da cidade de Coimbra há um ano e meio. Queria apenas acrescentar que nessa altura, quando foi lançado o plano, foi logo a seguir à promulgação do Decreto-Lei 33921, isto é quando começou uma nova fase na concepção administrativa nacional relativa ao planeamento urbanístico.

Todas as estruturas, nessa altura, foram alteradas. A forma de encarar o planeamento pode dizer-se que se iniciou nesta nova fase e, assim, tanto do ponto de vista profissional dos próprios urbanistas, como sob o ponto de vista da administração encarregada de tirar o melhor partido desses planos, houve insipiência notória. O plano foi aceite por uma administração camarária certamente com dificuldade de ser melhor avisada; foi sancionado superiormente pela Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, Conselho Superior das Obras Públicas desejosos de ciliarem o bom desenvolvimento da cidade mas sem conhecerem as implicações e consequências desse plano.

As principais pessoas que colaboraram no estudo e o informaram eram técnicos sob a faceta física do pla-

neamento. Os aspectos sócio-económicos não lhes eram dados a conhecer com profundidade. Esse sector da nossa administração não apoiou o planeamento físico.

A minha intervenção era no sentido de situar melhor o problema no momento histórico em que se verificou e lembrar que o planeamento físico estava desligado de toda uma consciência socio-económica e de toda uma noção de planeamento (a noção de planeamento económico é muito mais recente, é muito posterior) e que não houve de parte dos técnicos do planeamento físico qualquer apoio, podendo, de certo modo explicar-se porque é que se caminhou para tais situações de insucesso.

MODERADOR — Chamo apenas a atenção para o facto de esta intervenção não contestar a do Arquitecto Carlos Almeida. Vem apenas recordar que a responsabilidade não se podia só atribuir à Câmara e que as estruturas existentes na altura, não estavam adaptadas ao plano que se pretendia criar. Poderíamos entrar na verdadeira questão...

ARQUITECTO VASCO CUNHA — O que eu queria dizer era o seguinte: no princípio da discussão do plano houve uma reunião de todos os técnicos interessados, a fim de estabelecermos uma linha de rumo. E recordo que houve por parte dos técnicos responsáveis a promessa dum perfeito circuito entre os técnicos que fizessem e os que apreciassem. É agora a primeira vez, que sem grande conhecimento do plano, o tenho perante mim. Durante o inquérito à população na minha freguesia, não conheço ninguém que tenha sido ouvido. Nem eu nem ninguém meu conhecido. Daí que eu pergunte, como foram feitos os inquéritos à população ou como os técnicos interessados apreciaram os planos...



Eng. António Moreira



Prof. Costa Lobo

(Cont. no próximo número)

José vai embora

Os olhos de José derramam medo e desconfiança por cima de nós. José, miúdo de bairro de lata, mora ali na Picheleira, mais 7000 pessoas. As fossas ao ar livre, a lama, o lixo amontoado são terreno das brincadeiras de José e das outras crianças. José salta de pedra em pedra, rodeia poças de água. O silêncio é a sua defesa.

Logo mais abaixo, na Quinta do Pinheiro, a recordação das inundações de Novembro de 67 permanece na gente que continua sem eira nem beira, nos escombros e restos de animais mortos, foco activo de epidemias.

Aqui as crianças aparecem com febre subita sem causa aparente.

Aqui, como em todos os bairros do género em Lisboa, muitas crianças viram anjinhos na primeira infância. É uma boca a menos, quase um alívio. Mas a miséria fertiliza a fome e o ventre das mulheres. O universo de lata se tem gente morrendo, gente tem também nascendo em ritmo de compensação.

Todos os inquéritos realizados revelam a localização da mortalidade infantil nas aldeias e subúrbios das cidades, isto é, numa população económica e culturalmente desfavorecida. Por outro lado, o tipo de doenças motivadoras de altos índices de mortalidade têm a sua origem em estados de desnutrição e subalimentação crónicas. A correlação entre o ambiente habitacional e as carências alimentares é evidente.

O Brasil, que conserva taxas altas de mortalidade, é exemplificativo. No Rio, a desnutrição localiza-se em 600 000 favelados, no Recife, 50 por cento da população da cidade habita nos mangues: 350 000 ta nos mangues: 350 000 mocambeiros dos morros e das palafitas: «homens plantados na lama, de casa de lama, plantados em ilhas, coaguladas na lama, paisagem de anfíbios de lama na lama». Informa o Boletim Oficial do Estado de Pernambuco: 85 por cento das casas são de terra batida, 10 por cento têm água corrente, 40 por cento electricidade, 1 em cada 950 casas tem retrete, 40 por cento têm fossa. Ainda no Recife, em 1960, 800 000 habitantes «debatiem-se nas convulsões da fome», 60 por cento vivendo em «buraco ou farras de terreno a descoberto na maré baixa...»

Não espanta, portanto, que «dois terços, pelo menos, vivem num estado de subalimentação crónica e um terço em verdadeira inacção crónica. Eles já nem têm estômago». E Josué de Castro auscultando as estatísticas de produção e consumo, acrescenta: «o seu regime alimentar, aproxima-se dos campos de concentração».

Os nordestinos são os grandes flagelados: 18 milhões não bebem jamais leite, 23 milhões ignoram os ovos. Extinguem-se aos 33-34 anos, gastos, de ventre roído. A causa principal de morte é a tuberculose. Os parasitas intestinais concorrem também em elevada escala. Seguem-se doenças infecciosas de todo o tipo, tracoma, malária e lepra.

Mais perto, ombro com Portugal, em terras de Espanha, se os inquéritos não revelaram casos de desnutrição grave, detectaram desnutrição latente e carências de vitamina A e riboflavina, faltas agudas de cálcio e de proteínas válidas, nas aldeias e bairros marginais das grandes cidades. Lá como cá, o consumo de leite, lactícios, legumes e frutos frescos é dos mais baixos. O dr. F. Vivanco Bergamin, professor de nutrição na Escola Nacional de Saúde Pública de Madrid, relata num dos seus trabalhos: «Numa pequena aldeia produtora de queijos toda a população era vendida e a população não comia queijo nenhum... Na Galiza, uma das regiões mais pobres de Espanha, todos os camponeses têm em geral uma vaca e um porco; mas o leite é vendido e quando se mata o porco tudo se vende, excepto o toucinho que se consome, por se pensar que é carne, quando não passa de gordura».

José quase não conhece o leite. Bebeu-o em catraiozinho, mas esqueceu-lhe o sabor. Teve há pouco, oportunidade de relembrar, quando a mãe amamentava o irmão mais novo:

— Eu pedi para provar só um bocadinho. Mas o leite era escasso

e em breve secou. Em José, vivo o desejo adiou-se para quando vier outro irmão. Dessa vez, ele jura, que vai provar mesmo. No entanto, digolhe que não tenho inveja do meu irmão, porque ele vai crescer e não guardará lembrança do leite que bebeu. Tal como José. Tal como milhares de crianças dos países subdesenvolvidos onde 60 por cento da população tem menos de 15 anos (nos países industrializados, a média é de 20 por cento).

Mas José não quer saber dele?

— Qualquer dia os meus pais vão-se embora e lá eu já bebo leite.

E a esperança entra de mansinho nos olhos de José.

José vive em Lisboa. Picheleira, bairro de lata. 7 mil pessoas.

José não quer saber dos outros mas José é como a maioria dos outros. No seu corpo as carências crescem com ele. Em 1960, mais de metade da população portuguesa (4,7 milhões de habitantes) consumia 10 gramas de proteínas animais por dia, numa capitação média de 2500 calorias (2270 no distrito de Braga). Segundo um estudo de G. Ferreira, para se atingir o mínimo razoável de 36 gramas de proteínas animais, ter-se-ia de consumir em relação ao

que se consome actualmente, mais 80 por cento de peixe (640 000 toneladas anuais) 246 por cento de leite (1264 litros anuais), 154 por cento de carne (411 730 toneladas).

Se é certo, que na Revue Agricole de l'OCDE de 1968, Portugal aparecia com um consumo diário de proteínas por habitantes de 31,0 gr (o 3.º consumo mais baixo dos países da OCDE), esta média é enganadora. Citamos Hugo B. Fernandes: «um exemplo bastante elucidativo deste facto foi recentemente colhido e estudado na aldeia alentejana de Vale de S. Tiago onde se verificou que, numa esmagadora maioria da sua população, o consumo diário por pessoa é de 2100 calorias e de 14 gr de proteínas animais aproximadamente». Na população desta aldeia, estudou-se o consumo de alimentos, por indivíduo, segundo o grupo socio-económico: Grupo I abrangendo 94 por cento das famílias de receita anual de 3715\$00 (por indivíduo) e Grupo II, incluindo 6 por cento do total das famílias.

No primeiro grupo, o consumo diário por pessoa, em gramas, era de 20 (leite e derivados), 58 (carne, peixe, ovos, etc.), 64 (gorduras e óleos), 557 (cereais e derivados), 366 (produtos hortícolas), sen-

do os valores no segundo grupo, respectivamente de 321, 199, 92, 493 e 713 gramas. E de norte a sul, as diferenças entre as dietas segundo os grupos económicos são uma constante, representando as dietas pobres, o pão nosso de cada dia, da maioria da população. Muito pão e poucos alimentos de outro tipo. Em 1968-69, o consumo anual do conjunto de cereais panificáveis era de 96,6 kg sendo o global destes cereais e de cereais secundários de 138,0 kg, enquanto em França, os valores eram de 79,4 kg (cereais panificáveis) e 83,0 (todos os cereais). Comparem-se os quantitativos de alguns alimentos entre estes dois países:

	CONSUMO ANUAL POR CABEÇA EM KG.	
	Port	Fr
Ovos	3.9	12.7
Leite	41.3	110.5
Queijo	2.8	13.1
Manteiga	0.6	7.5
Carnes	56.2	85.4

O leite é considerado alimento tão importante na infância que por disposição legal, na Argentina, por exemplo, as cantinas escolares são obrigadas a fornecer diariamente 700 gr às crianças dos 6 aos 10 anos e 800-1000 gr às crianças de 10 a 13 anos. Também na vizinha Es-

Cont. na pág. 10



PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

aura

Carlos Fuentes

Leitor: costumamos anunciar os nossos livros em tom informativo. Mas abrimos uma excepção para AURA: LEIA ESTA NOVELA ADMIRAVEL de um dos mais importantes autores da jovem ficção latino-americana. Cadernos de Literatura n.º 8 Preço 25\$00

Índia sem nehru

CADERNOS DOM QUIXOTE n.º 36

Uma colecção de textos sobre a Índia de hoje: os «impasses» e os resultados de uma específica via de desenvolvimento. Preço 30\$00

paquistão

DOCUMENTOS DOM QUIXOTE n.º 5

Tentar esclarecer as razões de um conflito que se apresenta extremamente confuso. Para isso se reuniu um amplo material informativo: desde elementos da história e formação do Paquistão até à focagem das atitudes — significativas aliadas —, face ao conflito, de potências como a U.R.S.S., os E.U.A., a China e a Índia. Preço 7\$50

POSSIBILIDADE DE NÃO VOLTAR A PERDER OBRAS NOTÁVEIS

LIRA DE BOLSO

David Mourão-Ferreira

Cadernos de Poesia n.º 8 Preço 30\$00

INTRODUÇÃO À POLÍTICA

Jean-Pierre Lassale

Universidade Moderna n.º 1 Preço 45\$00

primavera
dom quixote



C. E. A. T. A. — UM CENTRO ACTIVO DE EXPERIMENTAÇÃO AGRÍCOLA

Estudar cientificamente as possibilidades do

Dezoito técnicos agrícolas, incluindo oito alemães e quatro estagiários. Oito funcionários de secretaria. Dez assalariados permanentes. Três agentes rurais exercendo as funções de capatazes. Tal é o pessoal que, ao serviço do C. E. A. T. A. (Centro de Experimentação e de Assistência Técnica à Agricultura) garante a exploração, em condições-piloto, de 60 hectares de regadio alentejano e presta assistência a mais 37 000 hectares. Trata-se de um grupo de trabalho luso-alemão que, não muito conhecido, procura obter conclusões para o mais racional aproveitamento de obras vultosas — Plano de Rega do Alentejo — vítimas de graves lacunas e cuja rentabilidade a todos nós interessa. Porque todos nós as pagamos.

A missão do C.E.A.T.A. é cumprida a favor (e por vezes em luta de carácter técnico) de determinadas estruturas que lhe não compete, necessariamente, alterar. Organismo misto, foi criado em 1968 atra-

vés de um acordo de cooperação técnica entre os governos de Portugal e da Alemanha Federal, na sequência dos empréstimos concedidos pela República de Bonn para os importantes investimentos

no Alentejo. Organismo independente, embora integrado na Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e Pecuários, goza de possibilidades dinâmicas que a burocracia do corporativismo e de organismos como as Juntas Nacionais das Frutas e Produtos Pecuários não permitem. Como organismo novo e moderno, tem sido vítima do peso burocrático de uma máquina administrativa (sobretudo no que às alfândegas diz respeito) não preparada para a rapidez de decisões que o inspirou.

O alcance da actividade do C. E. A. T. A. incide sobre três aspectos distintos mas interdependentes: experimentação científica e apoio técnico à agricultura, comercialização de produtos da terra e divulgação. No primeiro caso, o seu quartel-general encontra-se instalado numa herdade alente-

jana, Monte dos Alhos, propriedade da Junta de Colónização Interna e, em princípio, destinada às experiências de colonização (de resultados pouco conseguidos) daquela Junta. Dali parte uma rede de apoio directo — solicitado ou não — aos agricultores de, praticamente, toda a área de regadio em fase de aproveitamento. Ali se prepara, também, uma das fases da divulgação, a partir de cursos de aperfeiçoamento a grupos de técnicos, palestras, projecções, cartazes informativos distribuídos pelos cafés e locais de convívio das cidades e vilas alentejanas.

Os estudos de comercialização centralizam-se na sede do organismo, em Lisboa, e abrangem os mercados interno e externo. Têm um carácter de prospecção e servem de indicador comercial aos prováveis exportadores. Incidem, sobretudo, sobre os produtos de reconhecida rentabilidade destinados, no primeiro caso, à satisfação de necessidades reais no mercado interno e, no segundo caso, à concorrência em mercados externos naturalmente receptivos às diversas espécies de produções estudadas. Estes estudos, bem como as informações semestrais sobre as variações de preços de custo e de venda de produtos pecuários e horto-frutícolas, nos diversos centros do País e estrangeiro, são distribuídos a perto de um milhão de interessados e aos órgãos de informação. Resultam, fundamentalmente, de informações muito perto da correcção e actualizadas, preenchendo, neste último aspecto, as lacunas evidentes das informações oficiais.

Dois homens na casa dos quarenta anos, dr. Hubertus Von Pogrell e eng. António Jorge Pais de Carvalho, o primeiro doutorado em agronomia pela Universidade de Bonn e o segundo com uma longa experiência como engenheiro civil ao serviço da Força Aérea, dirigem este organismo dinâmico cujo destino deverá ser traçado no decurso do mês corrente: de facto, o período do primeiro contrato expira agora, quando os primeiros frutos começam a ver-se. Todavia, espera-se que a renovação seja automática, ou quase.

Centralizado como está o sector de estudos de comercialização em Lisboa, funciona na herdade do Monte dos Alhos, na planície alentejana de Campilhas, ao largo de Alvalade. Sado, os serviços de Pecuária, Forragem, Divulgação e Horticultura. Todos em regime de experimentação pura, todos eles, também, com direcção mista de um técnico português ao lado de um especialista alemão. A maquinaria adequada, as sementes, os adubos e animais reprodutores deste campo experimental são fornecidos pela República Federal, embora os técnicos estudem paralelamente as possibilidades das culturas tradicionais, nomeadamente o aproveitamento dos animais (ovinos e bovinos) de raças alentejanas de criação tradicional extensiva.

«O tipo de actuação específica do C.E.A.T.A. é promover a descoberta das culturas mais rentáveis no regime de regadio, para di-

A. PEREIRA DA SILVA

vulgação, que o mesmo é dizer procurar a rentabilidade máxima em especial na produção animal e forragens, expansão de culturas hortícolas e frutícolas, considerando sempre os aspectos da comercialização respectivos» — disse-nos o técnico alemão dr. Von Pogrell.

Porquê um acordo luso-alemão? Responde-nos, ainda o dr. Von Pogrell: «Ora vejamos: o Plano de Rega do Alentejo, levado a cabo, em boa parte, merced de vultosos empréstimos da Alemanha, permitiu, de repente, a existência de 30 000 hectares de regadio para explorar. Para lá dos planos de auxílio ao desenvolvimento, é importante salientar que o meu país é um grande importador de produtos hortícolas e... um grande exportador de máquinas para a agricultura.»

O REGADIO QUE TEMOS

Muitas críticas, justificadas, têm sido feitas ao Plano de Rega do Alentejo. A quem serve? Que benefícios reais, compensadores de um endividamento público inequívoco, trouxe ele à colectividade? Qual o grau de aproveitamento que permitirá? Onde está o peralho hortoícola e forrageiro prometido?

«A horticultura alentejana não pode ser o jardim salvador» — diz-nos um dos técnicos portugueses do C.E.A.T.A. — *Pode sim, produzir para a indústria tomate, pimentão, cebola, pepino para conserva, espargo.*

Quanto às forragens, decorrem experiências — as melhores — com milho híbrido, sorgo híbrido, girasol, colza. As experiências levarão anos, até se encontrar o ritmo mais ou menos constante das condições climáticas, de modo a adequar-lhes a terra e as produções mais rentáveis.

«Os resultados do Plano não são famosos, por enquanto. Mas é este o regadio que temos, aquele que nos deram para nele trabalharmos. Vamos tentar aproveitá-lo o melhor possível» — disse-nos o eng. Pais de Carvalho.

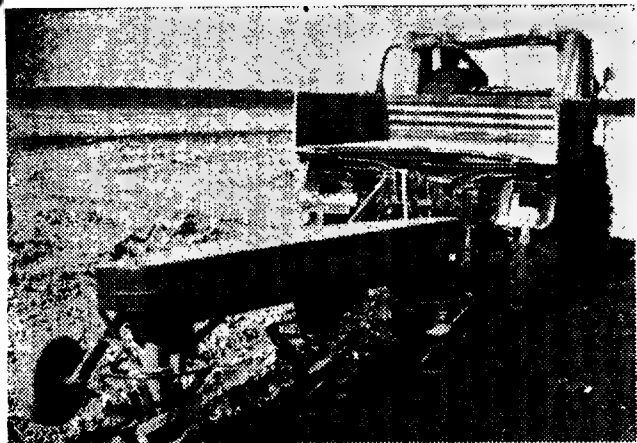
O regadio que deram a um certo Alentejo: regadio sem estruturas de apoio, sem drenagens de rios, barragens regularizadoras que evitem as inundações, sem

estradas, sem drenagem de solos. Regadio que está longe de um dos proclamados objectivos a fixação das populações (vide resultados do último censo).

A PECUÁRIA

Esperanças no regadio alentejano para solução de um dos problemas mais graves da economia nacional: o da pecuária. É na herdade

genética caso dos sitamos 120 an engorda obtinicos a de forrag para o grupos cas difer técnico dos res forem b etuas re tejo. As



Maquinaria moderna: uma necessidade e um problema (económico)



Milho de característica única — o regadio do regadio alentejano, segundo um alemão e um português que tra-

o cabelo conserva-se DIAaDIA

PERSONAL DIURNO OU NOCTURNO
O MELHOR TRATAMENTO DE TODOS OS DIAS

Para evitar e tratar a queda do cabelo, é necessário dar-se ao couro cabeludo um tratamento dietético com base em amino-ácidos, hormonas, vitaminas e outras substâncias essenciais. Porém, para que este tratamento possa actuar eficientemente, há que desenvolver também uma acção desinfetante, anti-bacteriana, anti-micótica e vaso-dilatadora, capaz de tornar o couro cabeludo receptivo à acção electiva e activa dos referidos elementos dietéticos.

Personal é a única loção capilar cientificamente estudada para obter resultados positivos neste campo.

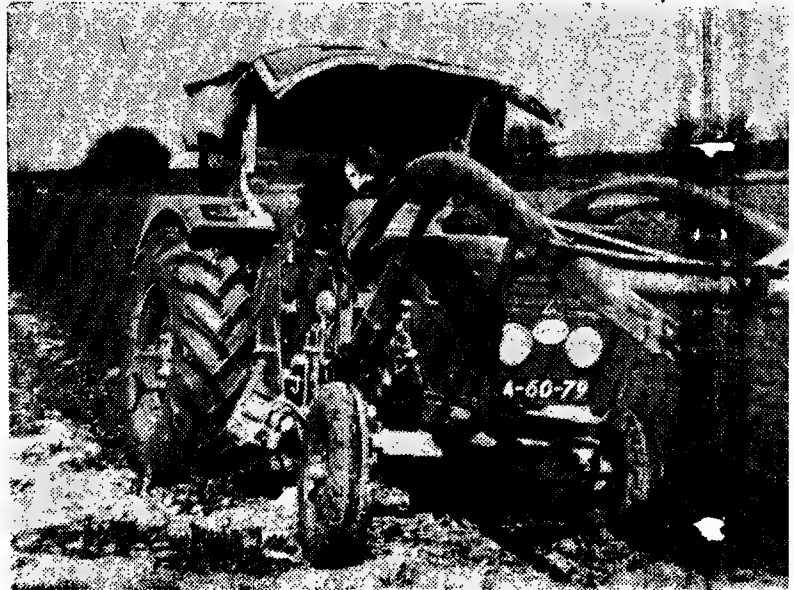


PERSONAL
DIURNO — NOCTURNO



REPRESENTANTES: AYMAMI PEIG, LDA. AV. GRÃO VASCO, 45, R C - ESQ. LISBOA

DISTRIBUIDOR CENTRO E SUL - J. C. CRESPO, LDA. RUA DA MADALENA, 197, R C - LISBOA



Um agrónomo (jovem) português trabalhando com máquinas no Monte dos Alhos

C. E. A. T. A. — UM CENTRO ACTIVO DE EXPERIMENTAÇÃO AGRÍCOLA

Estudar cientificamente as possibilidades do

Dezoito técnicos agrícolas, incluindo oito alemães e quatro estagiários. Oito funcionários de secretaria. Dez assalariados permanentes. Três agentes rurais exercendo as funções de capatazes. Tal é o pessoal que, ao serviço do C. E. A. T. A. (Centro de Experimentação e de Assistência Técnica à Agricultura) garante a exploração, em condições-piloto, de 60 hectares de regadio alentejano e presta assistência a mais 37 000 hectares. Trata-se de um grupo de trabalho luso-alemão que, não muito conhecido, procura obter conclusões para o mais racional aproveitamento de obras vultosas — Plano de Rega do Alentejo — vítimas de graves lacunas e cuja rentabilidade a todos nós interessa. Porque todos nós as pagamos.

A missão do C.E.A.T.A. é cumprida a favor (e por vezes em luta de carácter técnico) de determinadas estruturas que lhe não compete, necessariamente, alterar. Organismo misto, foi criado em 1968 atra-

vés de um acordo de cooperação técnica entre os governos de Portugal e da Alemanha Federal, na sequência dos empréstimos concedidos pela República de Bonn para os importantes investimentos

no Alentejo. Organismo independente, embora integrado na Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e Pecuários, goza de possibilidades dinâmicas que a burocracia do corporativismo e de organismos como as Juntas Nacionais das Frutas e Produtos Pecuários não, permitem. Como organismo novo e moderno, tem sido vítima do peso burocrático de uma máquina administrativa (sobretudo no que às alfândegas diz respeito) não preparada para a rapidez de decisões que o inspirou.

O alcance da actividade do C. E. A. T. A. incide sobre três aspectos distintos mas interdependentes: experimentação científica e apoio técnico à agricultura, comercialização de produtos da terra e divulgação. No primeiro caso, o seu quartel-general encontra-se instalado numa herdade alente-

jana, Monte dos Alhos, propriedade da Junta de Colonização Interna e, em princípio, destinada às experiências de colonização (de resultados pouco conseguidos) daquela Junta. Dali parte uma rede de apoio directo — solicitado ou não — aos agricultores de, praticamente, toda a área de regadio em fase de aproveitamento. Ali se prepara, também, uma das fases da divulgação, a partir de cursos de aperfeiçoamento a grupos de técnicos, palestras, projecções, cartazes informativos distribuídos pelos cafés e locais de convívio das cidades e vilas alentejanas.

Os estudos de comercialização centralizam-se na sede do organismo, em Lisboa, e abrangem os mercados interno e externo. Têm um carácter de prospecção e servem de indicador comercial aos prováveis exportadores. Incidem, sobretudo, sobre os produtos de reconhecida rentabilidade destinados, no primeiro caso, à satisfação de necessidades reais no mercado interno e, no segundo caso, à concorrência em mercados externos naturalmente receptivos às diversas espécies de produções estudadas. Estes estudos, bem como as informações semestrais sobre as variações de preços de custo e de venda de produtos pecuários e horto-frutícolas, nos diversos centros do País e estrangeiro, são distribuídos a perto de um milhão de interessados e aos órgãos de informação. Resultam, fundamentalmente, de informações muito perto da correção e actualizadas, preenchendo, neste último aspecto, as lacunas evidentes das informações oficiais.

Dois homens na casa dos quarenta anos, dr. Habertus Von Pogrell e eng. António Jorge Pais de Carvalho, o primeiro doutorado em agronomia pela Universidade de Bonn e o segundo com uma larga experiência como engenheiro civil ao serviço da Força Aérea, dirigem este organismo dinâmico cujo destino deverá ser traçado no decurso do mês corrente: de facto, o período do primeiro contrato expira agora, quando os primeiros frutos começam a ver-se. Todavia, espera-se que a renovação seja automática, ou quase.

Centralizado como está o sector de estudos de comercialização em Lisboa, funcionam na herdade do Monte dos Alhos, na planície alentejana de Campilhas, ao largo de Alvalade-Sado, os serviços de Pecuária, Forragem, Divulgação e Horticultura. Todos em regime de experimentação pura, todos eles, também, com direcção mista de um técnico português ao lado de um especialista alemão. A maquinaria adequada, as sementes, os adubos e animais reprodutores deste campo experimental são fornecidos pela República Federal, embora os técnicos estudem paralelamente as possibilidades das culturas tradicionais, nomeadamente o aproveitamento dos animais (ovinos e bovinos) de raças alentejanas de criação tradicional extensiva.

«O tipo de actualização específica do C.E.A.T.A. é promover a descoberta das culturas mais rentáveis no regime de regadio, para di-

vulgarão, que o mesmo é dizer procurar a rentabilidade máxima em especial na produção animal e forrageira, expansão de culturas hortícolas e frutícolas, considerando sempre os aspectos da comercialização respectivos» — disse-nos o técnico alemão dr. Von Pogrell.

Porquê um acordo luso-alemão? Responde-nos, ainda o dr. Von Pogrell: «Ora vejamos: o Plano de Rega do Alentejo, levado a cabo, em boa parte, mercê de cultos empréstimos da Alemanha, permitiu, de repente, a existência de 30 000 hectares de regadio para explorar. Para lá dos planos de auxílio ao desenvolvimento, é importante salientar que o meu país é um grande importador de produtos hortícolas e... um grande exportador de máquinas para a agricultura.»

O REGADIO QUE TEMOS

Muitas críticas, justificadas, têm sido feitas ao Plano de Rega do Alentejo. A quem serve? Que benefícios reais, compensadores de um endividamento público inequívoco, trouxe ele à colectividade? Qual o grau de aproveitamento que permitiu? Onde está o paralisado hortícola e forrageiro prometido?

«A horticultura alentejana não pode ser o jardim salgado» — diz-nos um dos técnicos portugueses do C.E.A.T.A. — *Pode sim, produzir para a indústria tomate, pimentão, cebola, pepino para conserva, espinago.*

Quanto às forragens, decorrem experiências — as melhores — com milho híbrido, sorgo híbrido, girasol, colza. As experiências levarão anos, até se encontrar o ritmo mais ou menos constante das condições climáticas, de modo a adequar-lhes a terra e as produções mais rentáveis.

«Os resultados do Plano não são famosos, por enquanto. Mas é este o regadio que temos, aquele que nos deram para nele trabalharmos. Vamos tentar aproveitá-lo o melhor possível» — disse-nos o eng. Pais de Carvalho.

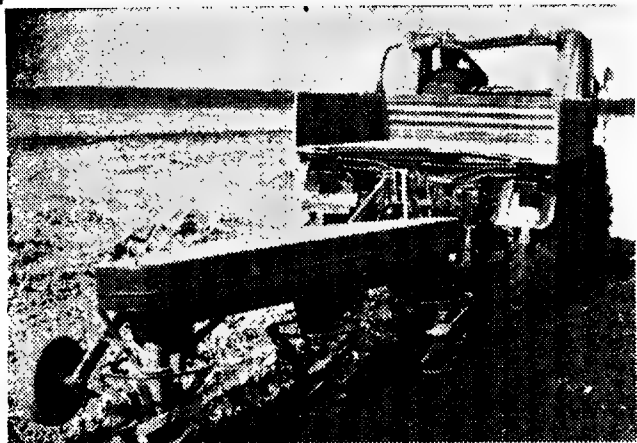
O regadio que deram a um certo Alentejo: regadio sem estruturas de apoio, sem drenagens de rios, barragens regularizadoras que evitem as inundações, sem

estradas, sem drenagem de solos. Regadio que está longe de um dos proclamados objectivos, a fixação das populações (vide resultados do último censo).

A PECUÁRIA

Esperanças no regadio alentejano para solução de um dos problemas mais graves da economia nacional: o da pecuária. É na herdade

genética caso dos sítamos-120 ani obti- nicos a de forra- parar o grupos cas dife técnico dos res forem b etulas re tejo. As



Maquinaria moderna: uma necessidade e um problema (económico)

o cabelo conserva-se DIAaDIA

PERSONAL DIURNO OU NOCTURNO
O MELHOR TRATAMENTO DE TODOS OS DIAS

Para evitar e tratar a queda do cabelo, é necessário dar-se ao couro cabeludo um tratamento dietético com base em amino-ácidos, hormonas, vitaminas e outras substâncias essenciais. Porém, para que este tratamento possa actuar eficientemente, há que desenvolver também uma acção desinfectante, anti-bacteriana, anti-micótica e vaso-dilatadora, capaz de tornar o couro cabeludo receptivo à acção electiva e activa dos referidos elementos dietéticos.

Personal é a única loção capilar cientificamente estudada para obter resultados positivos neste campo.



PERSONAL
DIURNO — NOCTURNO



REPRESENTANTES: AYMAMI PEIG, LDA. AV. GRÃO VASCO, 45, R C - ESQ. LISBOA

DISTRIBUIDOR CENTRO E SUL - J. C. CRESPO, LDA. RUA DA MADALENA, 197, R C - LISBOA



Milho de característica única — o regadio do regadio alentejano, segundo um alemão e um português que tra-

do Monte dos Alhos que, ainda através da actividade do C.E.A.T.A., se procede a experiências que possam lançar as bases de solução. O regime de criação extensiva não basta. É para a produção intensiva é necessária a aprendizagem de técnicas, a escolha de raças, o aproveitamento ideal, locais de abate próximos, uma rede nacional de frio.

Um ano depois de iniciada a experiência no Monte dos Alhos, em Fevereiro começou a fazer-se o respectivo aproveitamento económico. As experiências incidem em grupos de origens

ovinos carne a- através de (diz-se) side o portador tuguesa. produção

UM C

Com quase 15 e mo- p de p- nicos a- ag ra a- q e tal- ceder o



Um agrónomo (jovem) português trabalhando com máquinas no Monte dos Alhos

o regadio alentejano

genéticas diferentes e, no caso dos bovinos, quando visitámos a herdade havia lá 120 animais para recria e engorda. Objectivo imediato: obter resultados económicos a partir da produção de forragem de regadio; preparar o comportamento de grupos com origens genéticas diferentes; prestar apoio técnico para a divulgação dos resultados obtidos, se forem bons; adaptação das etnias reprodutoras do Alentejo. As experiências com

dos terrenos, as respectivas possibilidades de aproveitamento, as condições do clima, os trabalhos infraestruturais a realizar deveriam fazer parte das previsões, já que se trata de problemas muito concretos. Mesmo que pareça cair no jogo das facilidades — apetece lembrar quão fácil seria concluir, antecipadamente, que as barragens, só, não bastam para resolver qualquer problema.

Com um certo atraso, portanto — e que prejuízo ele pode representar! — um organismo especializado em regadios estuda a melhor maneira de aproveitar os latifúndios alentejanos corroídos pela erosão dos séculos e pelas inadequadas divisões socio-económicas, pelo aproveitamento nulo ou deficiente, pelo devastamento florestal incontrolado agora que a bênção da água os bafejou um tanto ao deus dará. Estuda os terrenos e as suas possibilidades, estuda as culturas adequadas às características do meio, procura encontrar bases para a única saída que a muitos parece possível: a fixação agro-industrial, começando por transformar a cultura extensiva tradicional em cultura intensiva do futuro. O que, na verdade não está previsto, é alterar o velho e básico problema humano do Alentejo. E os senhores da terra estão descapitalizados porque nunca agiram como empresários profissionais. Porque sempre preferiram o critério da rentabilidade imediata, baseados no fatalismo do clima, no conceito dos anos gordos e dos anos magros. E agora, perante uma técnica nova, a cultura de cada hectare custa uma certa importância mínima em mecanização, sistema de rega, trabalho que grande parte deles não pode suportar. Entretanto, outros, talvez mais «profissionais», talvez iludidos, mas com certeza mais endinheirados tentam a sua sorte: ingleses, alemães, americanos, franceses e argelinos.

ATRAS DO NECESSÁRIO

Para solucionar de vez certos problemas, é preciso ter coragem nas opções e mão certa no manuseio da justiça pública. Temos ouvido citar com frequência o exemplo do Plano de Rega da zona de Badajoz: o trigo, cultura extensiva tradicional foi pura e simplesmente banido. Em troca, é necessário saber, evidentemente, o que fazer.

Quanto ao Alentejo, temos de convir que tal certeza não há — ou não havia, pelo menos. Apontase agora o caminho da industrialização. Mas é ainda um apontar de caminho, mais de quinze anos após a construção da primeira barragem... Durante esses quinze anos, não se chegou também a conclusões sobre o tipo de cultura ideal. Como não foi encontrada saída rentável para as espécies cultivadas.

Voltemos ao CEATA: organismo especificamen-

te técnico, procurando na eficiência e nos processos científicos a sua razão de ser, metido na engrenagem difícil que encontrou, procura contribuir para colmatar, em parte, todo este conjunto de lacunas. Tanto em Lisboa como no Monte dos Alhos encontramos um ambiente de trabalho interessado, baseado em jovens técnicos com noção das realidades sem ilusões desnecessárias mas conhecedoras daquilo que podem e devem fazer. Entusiasmo, sim, pela própria existência do organismo que servem pois que este, gozando de prerrogativas especiais dentro do aparelho, permite um dinamismo, permite a prática da investigação, sugere um pioneirismo que num trabalho científico os leva a desdobrar-se em toda a linha, e numa tarefa de informação e divulgação junto dos lavradores e das entidades interessadas que, a breve trecho, estender-se-á a todo o País.

O campo experimental



Converter 37 000 hectares de regadio alentejano: objectivo dos técnicos do C.E.A.T.A.

do Monte dos Alhos funciona como um laboratório técnico e humano servido pelo rigor da organização germânica e pelo entusiasmo de jovens técnicos portugueses. Serve, ao fim e ao cabo, uma estrutura com a qual podemos não concordar, mas o seu labor científico, produzido com honestidade é

útil em qualquer parte, é real.

Que a sua existência e o seu exemplo, os seus estudos de mercado e as suas informações semanais e correctas sirvam e sejam apoiadas por quem o pode fazer. Que o seu trabalho seja completado para não ser perdido. Que o seu cientismo, base de qual-

quer reforma progressiva seja cultivado, igualmente em regime intensivo. Três anos de vida do CEATA, que agora terminam, pouco representam para o organismo. E muito menos para as necessidades do Alentejo. É preciso continuar.

A. P. da S.

Entrevista breve com o eng. Pais de Carvalho

- O que é o C. E. A. T. A.?
- O Centro de Experimentação e de Assistência Técnica à Agricultura (CEATA) é um Organismo da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas que resultou de um acordo entre a República Federal da Alemanha e o Governo da República Portuguesa, com base nas relações amigáveis existentes entre os dois Estados e o seus povos, celebrado no dia 7 de Junho de 1968 pelo prazo de 3 anos prorrogáveis.
- Que relação existe entre a criação deste organismo mútuo e o auxílio financeiro da República Federal para a concretização do Plano de Rega do Alentejo?
- Não existe relação, a não ser como consequência no futuro, a melhoria das relações comerciais entre os dois Países.
- O C. E. A. T. A. pôde, até agora, cumprir cabalmente a sua função?
- Sim. Tanto quanto é possível a um empreendimento desta ordem em tão curto espaço de tempo.
- Porquê?
- Porque a um Organismo que se iniciou desde a base e apenas tem de existência dois anos e oito meses, com uma missão que se pode considerar muito vasta, não se lhe pode exigir mais.
- Quais as missões específicas que competiriam a este Organismo luso-alemão?
- Segundo o acordo o C. E. A. T. A. tem por missão contribuir para a melhoria da produção e comercialização dos produtos agrícolas nas regiões abrangidas pelo Plano de Rega do Alentejo, tendo em vista, em especial, o fomento da Pecuária (produção de forragens e criação e alimentação de gados) e a expansão das culturas frutícolas e hortícolas, englobando os aspectos da sua comercialização nos mercados internos e externos e a divulgação dos resultados obtidos através dos Serviços de Assistência Técnica.
- Qual delas está mais próxima do plano de realização previsto?
- Consideradas nas suas finalidades específicas, a parte de economia.
- Do ponto de vista da assistência técnica e adopção de novos processos de cultura, como tem sido a aceitação havida da parte dos lavradores alentejanos?
- Pode dizer-se que o C. E. A. T. A. tem tido boa aceitação da parte dos agricultores.
- O Plano de Irrigação, de resultados e utilidade reconhecidamente (para muitos observadores) discutíveis, tal como foi concebido e realizado, permite a obtenção de bons resultados no campo de experimentação?
- Independentemente da opinião na pergunta emitida, com certeza que permite, porquanto a transformação do sequeiro em regadio aumentará o produto nacional bruto e como consequência



Eng. Pais de Carvalho

melhoria o nível de vida, além de que nas zonas regadas é possível introduzir novas culturas, estabelecer indústrias de produtos agrícolas, etc.

— Quais os objectivos essenciais que levaram à criação do C. E. A. T. A.?

— A cooperação técnica entre a República Federal da Alemanha e Portugal com vista a fomentar o desenvolvimento técnico e económico dos Perímetros Regados do Alentejo.

— Supomos terminar este ano o contrato em que se baseia a existência do Organismo. Esse contrato é prorrogável ou a experiência ficará por aqui?

— Na verdade o acordo termina neste mês de Junho e poderá ser prorrogável ou não se Portugal e a Alemanha assim o entenderem, o que será objecto de oportuna decisão por parte dos dois Governos.

— Quais os efeitos mais importantes que a acção do C. E. A. T. A. pode vir a ter na economia portuguesa e no âmbito das relações económicas entre os dois países?

— Na economia portuguesa o efeito traduz-se pelo incremento e fomento de culturas rentáveis nos regadios e no âmbito das relações económicas entre os dois países, pela maior abertura do mercado importador alemão aos nossos produtos agrícolas.

— o grande futuro tor-
no, segundo os técnicos
que trabalham no sector

bovinos de raça merino de
carne alemã estão mais
atrasadas. É neste sector
(diz-se há anos...) que re-
side o maior potencial ex-
portador da pecuária por-
tuguesa. Se o regime de
produção intensiva resultar.

UM CERTO ATRASO

Com o Plano de Rega
quase concluído, na sua
fase monumental, bem se
pode pensar que os téc-
nicos do CEATA levam
uma tarefa talvez devesse ante-
ceder o Plano O estudo



Máquinas agrícolas

O Povo contra os serviços florestais

Cont. da pág. 1

ciar dos rendimentos dos seus rebanhos, impedindo-as ao mesmo tempo de se substituírem pelos das matas que já estavam a semear e plantar nos baldios. E se toda a freguesia deseja e reclama que os Serviços Florestais abandonem a sua área, oremos que o Governo não poderá deixar de a atender. Por que outro critério se poderá guiar senão pelo interesse e vontade do povo?

2.2. As obras feitas na área da freguesia limitam-se a um posto de vigia de incêndios, 2 casas para guardas, cerca de 8 quilómetros de estrada, a reparação da estrada das Azeas e da Rompeilha, e algumas pequenas represas das quais parte são utilizadas no Verão pelos guardas para irrigar as terras que cultivam, esvaziando-as conseqüentemente. A Junta de freguesia administra uma área de baldio três vezes menor que os Serviços Florestais e fez em contrapartida todas as

obras que a seguir se mencionam, esolorecendo-se que todos os seus rendimentos provêm das matas existentes no baldio:

2.2.1. Abertura de 40 km de estradas para ligação da sede da freguesia a todas as povoações, e de 80 km de estradas de penetração nos baldios para permitir o acesso de máquinas e viaturas.

2.2.2. Comparticipação da electrificação da freguesia no que gastou mais de 500 contos.

2.2.3. Abastecimento de água para gastos domésticos a todas as povoações da freguesia, tendo já uma povoação água canalizada nos domicílios, no que gastou cerca de 700 contos.

2.2.4. Pagamento de metade do custo da ponte que liga a freguesia das Talhadas à de Destriz no que gastou cerca de 100 contos.

2.2.5. Povoamento e repovoamento do baldio, e sua limpeza de matos para prevenir os fogos, no que foram gastos mais de 300 contos.

2.2.6. Construção da sede

da Junta de Freguesia que custou mais de 100 contos.

2.2.7. Compra e instalação de um relógio de torre para a freguesia que custou cerca de 50 contos.

2.2.8. E diversas outras obras e aquisições tal como a compra de terrenos para escolas primárias, construção de retretes públicas, grandes reparações nas estradas de ligação às povoações, pagamento à Junta Autónoma das Estradas de diversas obras por esta feitas na área da freguesia.

2.3. Todas estas obras custaram mais de 3000 contos. Se a Junta de Freguesia dispusesse de tanto baldio como os Serviços Florestais detém na sua área teria feito em benefício desta freguesia não apenas 3000 contos de obras, mas nove ou dez mil, as quais bem precisas são. Não é pois rica a Junta de Freguesia, mas pobre. Rico é aquele a quem, depois de satisfeitas as suas necessidades normais, tendo em conta o nível médio de vida, ainda so-

bram recursos. Ora a Junta de Freguesia das Talhadas está longe de ter feito todas as obras indispensáveis a esta terra. Falta uma estação de correios e telefones cujas instalações terão que ser feitas pela Junta e custarão cerca de 700 contos. Falta a construção da estrada de ligação a Agueda, e Oliveira de Frades e Vouzela pela encosta sul da Serra de Talhadas, a qual já foi projectada há muitas dezenas de anos e que é essencial para o desenvolvimento da freguesia por a ligar à zona escolar e industrial de Agueda.

Falta a construção da ligação directa a Tondela através do vale do Alfusqueiro, na continuação da estrada que vem de Vale de Cambra e Sever do Vouga.

Faltam instalações onde o povo se possa reunir para organizar e assistir a espectáculos, para em conjunto discutir os seus problemas e deliberar sobre eles.

E muitas coisas que fariam um longo rosário.

E como se poderá dizer rica uma freguesia cujos habitantes têm que emigrar para ganhar a vida?

Mais bem remediada seria ela, se os muitos hectares de baldio nas mãos dos Serviços Florestais estivessem a ser explorados pelos seus habitantes.

E é apenas isso que pedimos: que os baldios hoje administrados pelos Serviços Florestais, cujos rendimentos estão a ser canalizados para fora da freguesia, sejam entregues ao Povo e por este explorados em seu benefício.

2.4. Não é verdade que a delimitação dos baldios desta freguesia, que os Serviços Florestais detém, haja sido feita por acordo. A única porção de baldio que concordamos que haja sido entregue aos Serviços Florestais por acordo é o que vai assinalado a amarelo na carta que acompanha a exposição enviada ao Governo. Tudo o mais foi demarcado unilateralmente pelos Serviços Florestais, sem atender a ninguém, nem à Junta de Freguesia nem ao Povo. E como prova do que dizemos apontamos os seguintes factos:

Numa altura em que o Guarda Florestal José da Costa Pimenta andava a orientar os trabalhos de limpeza do mato junto da povoação das Azeas para proceder depois à sementeira do pinhal mandou deslocar a linha de estrema traçada antes pelo Sr. Eng. Delgado de modo a alargar a área dos Serviços Florestais, conforme presenciaram Herminio Fernandes de Carvalho, Angelo Portela e Alcindo Portela, todos residentes na Vide, desta freguesia.

Além das parcelas de pinhais particulares englobadas pelos Serviços Florestais, conforme se relata nos números 13 e seguintes da exposição, estão as casas dos guardas florestais construídas em terrenos particulares. A de Domínhas nos terrenos de Lucinda Ferreira Duarte, Joaquim Ferreira da Cal, Augusto Nunes Ladeira e Adelino Velga, todos de Domínhas, sendo também particular a água que

é nela utilizada como também se refere na exposição. A de Santa Maria está construída em terreno de herdeiros de José Ferreira, das Azeas, pelo qual continuaram durante muitos anos a pagar contribuição. Como era pois possível que os moradores, e os membros da Junta de Freguesia, que eram também moradores, concordassem com uma demarcação que não respeitava os seus prédios?

Quando o sr. Eng. Delgado andou a pôr estacas para unilateralmente delimitar a área do baldio a administrar pelos Serviços Florestais a ninguém atendeu, nem aos membros da Junta de Freguesia, nem aos moradores interessados. Quando assim delimitou a área junto à povoação das Azeas, não obstante ter sido assestado por vários recedentes, a ninguém atendeu, salvo quando, em determinado ponto, lhe disseram que o terreno que estava a tomar para os Serviços Florestais pertencia à família da sua criada de então, Graciete Ferreira da Silveira. Voltou então atrás e excluiu toda aquela área, deixando-a para os seus donos. Isto foi presenciado por Joaquim Bastos, Bernardino Martins dos Santos, das Azeas e outros. Infelizmente eram poucos naquela terra, e nas outras, os familiares da referida criada.

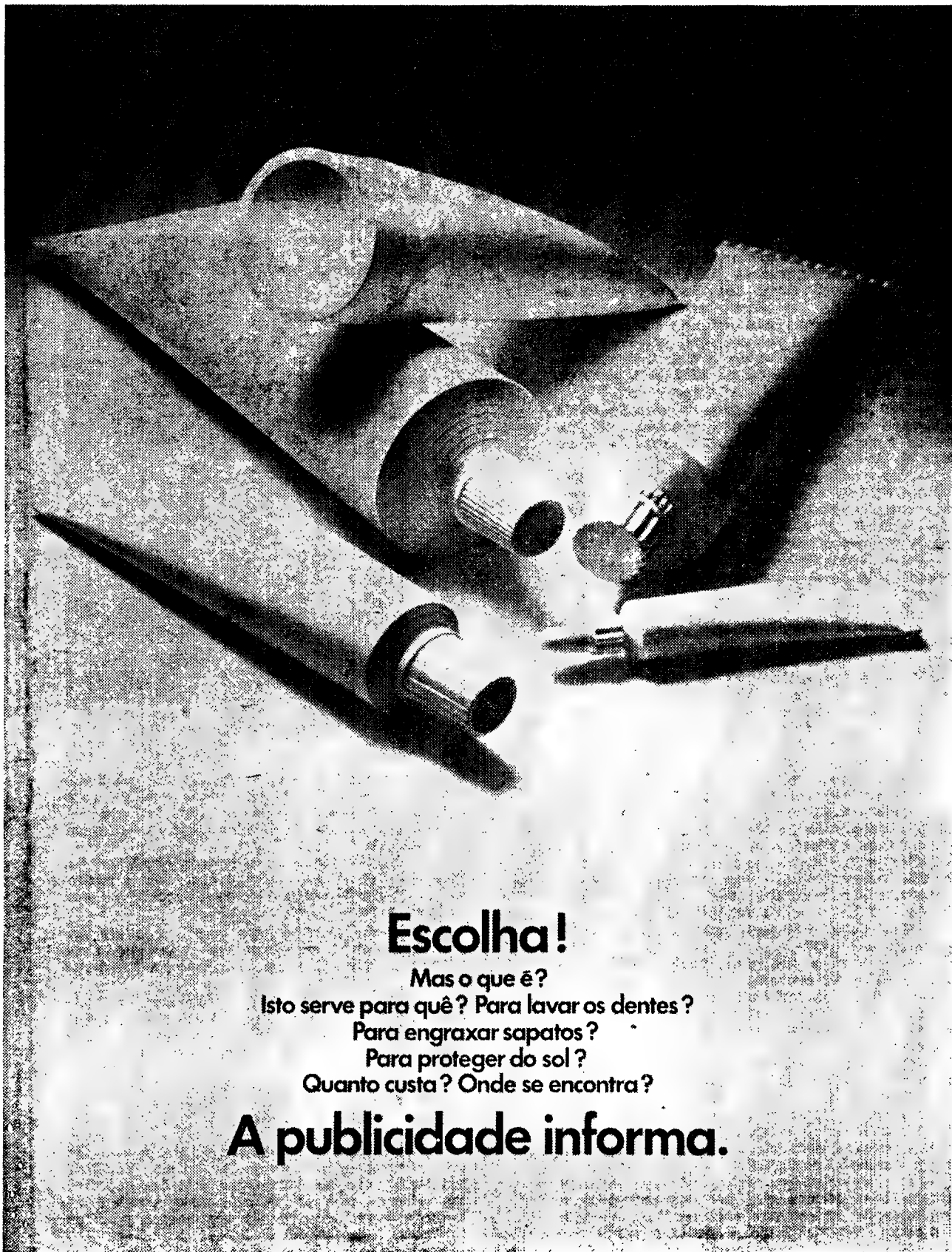
Não é pois verdade que haja qualquer acordo válido quanto à delimitação dos baldios administrados pelos Serviços Florestais. As delimitações foram feitas exclusivamente por estes serviços, da maneira que entenderam, e sem atender a ninguém.

2.5 Mantemos inteiramente todas as afirmações que fazemos na exposição enviada ao Governo.

Com efeito não nos limitamos a generalidades, mas afirmamos factos concretos que estamos prontos a provar perante uma comissão de inquérito que julgemos imparcial.

E podemos acrescentar que ainda neste mês de Mar.

Cont. na pág. 10



Escolha!

Mas o que é?

Isto serve para quê? Para lavar os dentes?

Para engraxar sapatos?

Para proteger do sol?

Quanto custa? Onde se encontra?

A publicidade informa.

LIVROS DE BOLSO

(POR CADA 10 EXEMPLARES OFERECEMOS 1)

BIBLIOTECA POPULAR MINERVA

Seleção das obras mais populares e apreciadas de todos os tempos

VOLUMES PUBLICADOS:

- 1-3 — OS TRÊS MOSQUETEIROS, por Alexandre Dumas
- 4-7 — O CONDE DE MONTE CRISTO, por Alexandre Dumas
- 8-10 — A FERRO E FOGO, por Henryk Sienkiewicz
- 11-18 — OS MISERÁVEIS, por Victor Hugo
- 19 — A TULIPA NEGRA, por Alexandre Dumas
- 20-25 — GUERRA E PAZ, por Leão Tolstói
- 26-27 — NOSSA SENHORA DE PARIS, por Victor Hugo
- 28-29 — SALAMBO, por Gustavo Flaubert
- 30-35 — AS MIL E UMA NOITES (Contos Orientais)
- 36-39 — A TÚNICA, por Lloyd C. Douglas
- 40-43 — O DILÚVIO, por Henryk Sienkiewicz
- 44-46 — RESSURREIÇÃO, por Leão Tolstói
- 47-50 — OS POSSESSORES, por Dostoiévsky
- 51-54 — DOM QUIXOTE DE LA MANCHA, por Miguel de Cervantes
- 55-58 — VINTE ANOS DEPOIS, por Alexandre Dumas
- 59-60 — O NOVENTA E TRÊS, por Victor Hugo
- 61-62 — A MÃO DO FINADO, por Alexandre Dumas
- 63-65 — ANA KARENINA, por Leão Tolstói
- 66-69 — A TORRE DE NESLE, por Michel Zévaco
- 70 — Em Publicação — MADAME SANS-GENE

Cada volume com cerca de 250 págs. e capa ilustrada a 4 cores, 12550



EDITORIAL MINERVA-LISBOA

A venda em todas as Livrarias e Papelerias

FEIRA DO LIVRO — STAND 14

Enviamos o CATÁLOGO pelo correio

espelho da imprensa

«A entrevista concedida ao «Século» por D. António Ribeiro, e que veio a ser publicada no dia imediato ao da sua nomeação para Patriarca de Lisboa, fez-me recordar um pequeno episódio da sessão de encerramento do Concílio. Os jornalistas amontoavam-se numa restrita área da Basílica de S. Pedro. Para observarem o que se passava, empoleiravam-se, naturalmente, em meia dúzia de bancos deixados no local. Tive assim que compartilhar dez centímetros de espaço com Henri Fesquet, aquele antigo seminarista que se celebrou como cronista religioso do «Monde», particularmente devido à reunião conciliar, em que ele de certo modo também participou. No espaço disponível, e que era ocupado rotativamente por cada um de nós, só havia lugar para um dos pés... Subitamente, quando permutava comigo a incómoda posição de imitador de flamingo, Henri Fesquet comentou:

— Na Igreja nunca há facilidades para a Imprensa.

Não se trata, evidentemente, de facilidades materiais para o exercício do jornalismo: a Igreja tem sido muitas vezes acusada — justamente, acho eu — de negar na prática o princípio da liberdade de informação, que todavia lhe deve, como teoria, boa parte da sua presente aceitação universal. Todos os profissionais da informação têm disto experiência: a Igreja é uma das mais inacessíveis fontes de notícia. Há nos meios eclesiais uma tendência exagerada para considerar secretos ou confidenciais os factos da vida da Instituição, especialmente quando respeitam a falhas da humanidade da Igreja ou aquilo que se convencionou

ser o seu prestígio. Até nós, os leigos, esquecemos vezes demais que «nunca se defende eficientemente uma causa com reticências ou com mentiras». Com o cardeal-arcebispo de Toledo ainda agora dizia, a propósito do próximo Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social, «mesmo os factos que, no primeiro momento, podem escandalizar algumas pessoas, perdem a sua força demolidora quando se expõem com lealdade, com prudência e com verdade».

Na entrevista dada ao «Século», o novo Patriarca de Lisboa revelou que a Comissão Episcopal dos Meios de Comunicação Social «tem como tarefa prioritária a estruturação de um Secretariado Nacional das Comunicações Sociais», sendo outro objectivo próximo «a criação do serviço de ajuda e coordenação da Imprensa da Igreja», serviço cujo desenvolvimento «poderá, eventualmente, vir a ser útil à própria Imprensa não confessional, quer na obtenção de notícias eclesiais, quer no tratamento específico de temas religiosos».

Detive-me nesta frase — «obtenção de notícias eclesiais» — por me ter ocorrido o comentário de Fesquet. Mas sugiro a leitura integral das declarações, importantes a mais de um título: revelam facilidade de diagnóstico e portanto conhecimento actualizado dos problemas; sugerem familiaridade com os movimentos de ideias — que é um dos traços característicos da personalidade do novo bispo de Lisboa; revestem a forma de uma exposição objectiva, mais empenhada em proclamar a verdade do que em defender a Igreja apologética-

mente, o que me parece reflectir a «nova mentalidade» eclesial relativamente ao diálogo com a audiência pluralista dos meios de informação. E algumas respostas comprovam que o novo Patriarca de Lisboa não receia encarar frontalmente as realidades. Cito as mais significativas:

«Entre os riscos que se podem apontar aos meios de

Comunicação Social, no nosso País, avulta o perigo — que já é realidade — de se deixarem monopolizar por interesses particularistas, económicos, ideológicos e políticos. Hoje, especialmente, é grande a tentação de vender a liberdade por um prato de lentilhas».

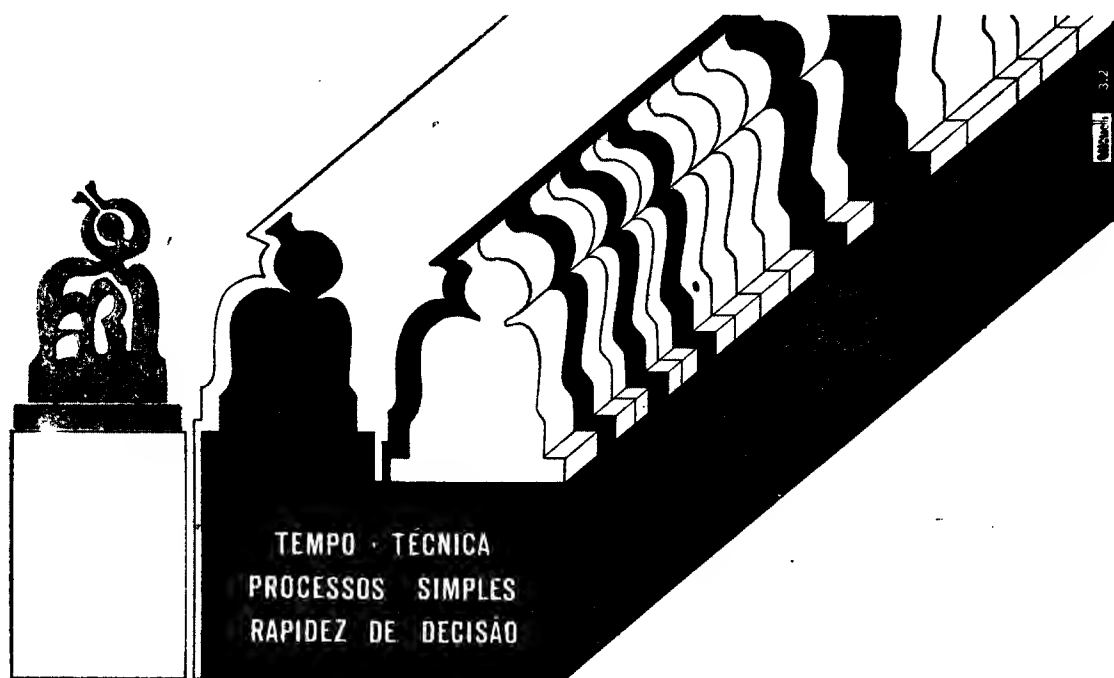
«É sabido que a Igreja em Portugal, também no domínio das Comu-

nicações Sociais, é pobre. (...) Na Imprensa, temos dois diários católicos («Novidades» e «Diário do Minho»), que todos gostaríamos de ver transformados, enriquecidos, melhorados, mais presentes à vida da Igreja e do Mundo».

«Os programas religiosos da Rádio nacional e da TV não são aprovados pela Comissão Episcopal das Co-

municações Sociais, nem as pessoas que os apresentam foram designadas pela mesma Comissão. É desejável que, no futuro, isso venha a acontecer, até porque, aos olhos do grande público, aqueles programas e pessoas são considerados voz e figura da Igreja oficial».

SILVA COSTA
(Voz Portucalense)



UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO AUGUSTINE REIS & CIA. BANQUEIROS

Super e mini-mercados

Surpreendeu-nos a notícia de «O Comércio de Viveres», de que a Câmara Municipal de Lisboa dispensou os supermercados do licenciamento em epígrafe. Na verdade, é preciso dar aos supers todas as facilidades, a bem do público consumidor.

Pretende-se que estes modernos e grandiosos estabelecimentos em cadeia, depois de feita a cobertura do país, terão resolvido o delicado problema do abastecimento público, a contento das camadas mais débeis da população, praticando preços muito mais baixos que os do comércio retalhista. Co ncor dam os plenamente com a doutrina, convencidos de que os seus prosélitos a proclamam de boa-fé.

Os supers, pertença das grandes organizações, podem realmente vender certos produtos a preços mais baixos do que os retalhistas, dado comprarem as quantidades máximas, o

que lhes permite obter os melhores preços.

Mas nós já lemos na Imprensa que os supermercados não estão muito actualizados no tocante às tabelas das carnes verdes (como se diz no Norte). As carnes de bovino. Isto significa que há certas barreiras que nem as grandes organizações podem transpor.

Esta m os sinceramente crentes de que numa situação normal de abastecimentos como a que se verificou na guerra passada, e que Deus queira que jamais se repita, se já existissem aqueles colossos, bem triste teria sido a sorte do consumidor.

Ninguém se convença de que tais estabelecimentos se criam para favorecer as massas. Quando o sistema tiver liquidado os pequenos antagonistas, hão-de tirar o máximo proveito dos seus negócios, porque, para outra coisa não foram montados».

(O Comércio de Viveres)

EXAMES
estão a chegar...
prepare a tempo um bom final com
Dietogene
O ALIMENTO QUE ALIMENTA O ÉXITO
Alimento do estudante durante todo o ano.
Dietogene é INDISPENSÁVEL AGORA.
em embalagens de 30S00 e 100S00
envio pelo correio, à cobrança, se não encontrar
no seu fornecedor habitual

diese • ALIMENTAÇÃO RACIONAL AV. DA REPÚBLICA, 46 LISBOA 1

VULCAIN

**Relógio
suiço de
prestígio
mundial**

*
Evolução Técnica
Antes de posto à venda cada
relógio «VULCAIN» é submetido
a mais de 50 Testes.

O Povo contra os serviços florestais

Cont. da pág. 8

ço de 1971 o guarda da casa de Santa Maria procurou intimidar os operários que a Junta de Freguesia mandara para reparar a estrada de acesso a Arcas, dizendo que os multava por estarem a reparar a estrada. E imedia-

tamente depois de os serviços Florestais requereram ao Tribunal Judicial da Comarca de Águeda o embargo das obras que a Junta de Freguesia mandou fazer. Ora esta estrada é o único caminho de ligação desta povoação à sede de freguesia e foi construída pela

Junta de Freguesia há anos sobre um antiquíssimo caminho onde apenas transitavam carros de vacas. Já nem somos senhores dos nossos caminhos. Até isso os Serviços Florestais pretendem usurpar. E se se estragaram somos proibidos de reparar.

E no mês de Fevereiro de 1971 o guarda de Doninhas tentou impedir uma máquina escavadora de abrir no baldio deste Povo uma estrada de acesso que permita aos seus moradores tirar matos e à Junta de Freguesia proceder à plantação de árvores.

2.6. Não temos estatística das multas aplicadas pelos Serviços Florestais aos moradores desta freguesia. O que sabemos é que foram em número e com gravidade suficiente para obrigar toda a freguesia a desfazer-se do numeroso gado que era nela criado. E uma vez vendido o gado deixou de haver causa para as multas.

2.7. Os fogos a que se refere a exposição é uma questão demasiado sinistra para ser passada em claro. Várias razões apontam e apontavam no sentido de que a sua responsabilidade coube ao pessoal ligado aos Serviços Florestais. Porém quem foram os criminosos não sabemos. O que sabemos é que os fogos na área desta freguesia não causaram prejuízos aos Serviços Florestais, antes lhes facilitaram todos os trabalhos de limpeza de matos e destruíram muitas áreas de pinhal semeado por particulares, sobre as quais estes mantinham as suas reivindicações, que foram tomadas pelos Serviços Florestais. Pelo contrário aos moradores da freguesia causaram os fogos graves prejuízos e chegaram a fazer perigar as casas da Maciã.

Não obstante estes factos ao proceder-se às investigações não foram detidos quais quer funcionários dos Serviços Florestais, mas apenas moradores desta freguesia, dos quais 2 estiveram detidos 1 mês em Coimbra.

2.8. Mantemos a nossa afirmação quanto ao iminente perigo de incêndios nesta freguesia por causa das matas dos Serviços Florestais. Ao contrário do que acontece com as matas da Junta de Freguesia, as dos Serviços Florestais estão cheias de mato alto, e como há poucos acessos e os que há não estão limpos, existe um grave perigo de incêndio. E a publicação do Decreto-Lei n.º 488/70 em nada altera a situação. Só o trabalho concreto e eficiente

resolve situações e problemas, nunca os textos legais por si sós por mais bem intencionados que sejam.

2.9. A Junta de Freguesia das Talhadas é inteiramente alheia à exposição que enviamos ao Governo. É ela que responde pelos seus actos e não nós. Estranhámos, porém, que ela tenha de pedir autorização a quem quer que seja para abrir estradas, repará-las ou plantar matas.

Não desejará o Governo precisamente o nosso progresso e o do País? Que há pois a reprovar a uma Junta de Freguesia que com muito menos rendimento faz muito mais obras do que os Serviços Florestais na nossa freguesia?

E com a nossa concordância e o nosso apoio que a Junta de Freguesia está a proceder à plantação do baldio ainda não arborizado.

E concluímos exactamente como terminámos a exposição enviada a Sua Excelência o Presidente do Conselho de Ministros, pedindo:

a) Que sejam restituídos aos seus legítimos donos todos os bens particulares usurpados pelos Serviços Florestais;

b) Que os Serviços Florestais restituam ao Povo da Freguesia das Talhadas todo o baldio que ocupam, ou pelo menos todo o baldio que excede a zona assinalada a amarelo na carta junta à referida exposição;

c) Que, embora sejam apuradas as responsabilidades dos funcionários dos Serviços Florestais nas injustiças sofridas pelo povo desta freguesia, não sejam estes em nenhum caso perseguidos criminal ou disciplinarmente por julgarmos as suas atitudes mais fruto de deformada preparação profissional para o exercício do ofício de que foram incumbidos, do que resultante de personalidade anti-social.

Talhadas, 20 de Março de 1971.

1971.

José vai embora

Cont. da pág. 5

panha, desde os inícios de 60, o Serviço Escolar de Alimentação e Nutrição, fornece o «complemento alimentar: um quarto de litro de leite todas as manhãs nas escolas. 2 500 000 alunos são actualmente beneficiados... o aumento do consumo e da produção de leite (centrais leiteiras) no país, foi, em dez anos, de 40 para 90 litros por habitante e por ano».

Em Portugal, o consumo diário por pessoa é de 0,03 litros e nalgumas regiões nem atinge este quantitativo. Em Braga, a capitação é de 0,02 litros diários.

José diz que vai embora e que lá fora vai relembrar sabor de leite até enjoar. Há tantos José indo

embora que em 1969, o saldo fisiológico relativamente ao surto emigratório legal foi negativo em todos os distritos com excepção de Portalegre. Nesse ano, no total de 70,165 emigrantes legais, 18 929 (26,9 por cento) tinham menos de 15 anos; 6881 menos de 5 anos, 6244 de 5 a 9 anos e 5804 de 10 a 14 anos.

As crianças também debandam. Em busca de leite? José diz que sim.

José vai embora. Na Terra Prometida há rios de leite. José vai bebê-lo. A gente acredita. Ele vai mandar dizer e a gente faz artigo sobre a fome saciada de José.

HELENA NEVES

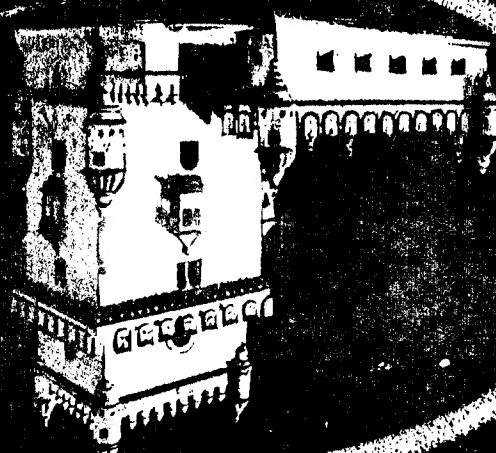
CONSUMOS POR CABEÇA E DIAS EM GRAMAS

	Alem.	França	Grécia	Ingl.	Jugosl.	Suiça	Port.
Calorias	298.6	315.9	290.5	317.7	320.1	299.0	298.1
Proteínas	82.6	101.9	98.9	87.9	92.5	84.1	86.8
Lípidos	188.6	147.1	99.0	148.3	82.9	142.8	82.4

Fonte: Estatísticas da O. C. D. E. 1968-69

NOTAS: Citações de João Cabral de Melo Neto (Poemas), José de Castro, F. Vivanço Bergamin («Programa nacional de educação em alimentação e nutrição em Espanha» — Informação Social — de Junho de 1966), Branco Fernandes (Para uma reforma agrícola em Portugal), Santos Simões (Engrenagens do Ensino), Boletim da Junta de Emigração 1960, Estatísticas da O. C. D. E. 1968-69.

COMPRE... ...RECEBENDO DINHEIRO!



VIRE LISBOA
DE CIMA
PARA BAIXO
QUE NÃO
ENCONTRARÁ NADA
QUE SE COMPARE
A ESTA

FANTÁSTICA NOTÍCIA!

Damos autênticas notas de Banco e pomos à sua disposição as melhores marcas de

FRIGORÍFICOS • MÁQ. DE LAVAR ROUPA E LOUÇA • TELEVISORES • FOGÕES • ESQUENTADORES • ETC.

compre melhor nas lojas

Dardo

BOAS MARCAS. MENORES PREÇOS. MAIORES FACILIDADES

ainda
**E LEVE PARA CASA
UMA NOTA DE 1000,00**

LOJAS DARDO:

Av. da Liberdade, 131 • Rua S. Bento, 55 • Av. Almirante Reis, 124
P. de Londres, 7 • Rua D. Estefania, 193 • Rua 1ª de Maio, 146 - A
R. Gonçalves Crespo, 26 - A

O Sindicato dos Regentes Agrícolas e a reforma do ensino

Da direcção do Sindicato dos Regentes Agrícolas, recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte texto:

«A direcção deste sindicato tomou conhecimento pela leitura do Diário de Lisboa, de 8 de Maio corrente, de um documento que é titulado de «Proposta para a Reforma do Estatuto do Pessoal Docente Eventual e

Provisório» do ensino secundário.

Como desconhece a quem dirigir um comentário que se lhe oferece fazer sobre determinado passo do texto, ousa pedir a V. Ex.^a o favor de o registar nas colunas do Diário de Lisboa se entender conveniente essa via de comunicação, ou tão-somente determinar que seja encaminhado para a comissão da qual proveio o referido documento.

Desde já a direcção deste sindicato acentua que não a move qualquer outra intenção que não seja a de apontar omissão lamentável no seguinte passo da referida proposta:

«Sejam equiparados a bacharéis os habilitados com o terceiro ano dos cursos de Agronomia, Arquitectura, Direito, Economia e Finanças, Engenharia, Medicina, Veterinária, Farmácia e I. N. E. F. e os diplomados pelos Institutos Comerciais e Industriais sem estágio».

É convicção da direcção deste sindicato que a omissão notada só se explica por ausência na comissão redactora da proposta de qualquer diplomado pelas Escolas de Regentes Agrícolas que exerça funções docentes no ensino secundário.

Interessa, portanto, verificar que os diplomados por estas escolas, desde que satisfaçam determinadas exigências legais, são também professores do ensino secundário, não se vendo motivo para serem omitidos.

Com efeito, no art.º 67.º do Decreto n.º 41362, de 21/11/57, dispõe-se que:

«1. O provimento dos lugares de professor adjunto dos grupos A e B é também feito mediante concurso de provas, aberto nos termos do n.º 1 do art.º 55.»

2. Podem ser admitidos ao concurso os candidatos que, não tendo mais de 40 anos no termo do prazo, provem:

a) Ser regente agrícola e possuir habilitação do curso complementar para ingresso no Instituto Superior de Agronomia ou equivalente;

b) Possuir a habilitação

completa da secção pedagógica das Faculdades de Letras;

c) Ter estagiado, ou prestado serviço, durante o mínimo de dois anos, nas estações experimentais ou nos trabalhos de campo dos serviços agrícolas ou zootécnicos oficiais, ou ainda como regente de trabalho ou de internato num estabelecimento de ensino agrícola oficial».

O n.º 1 do art.º 50.º do mesmo decreto estabelece os grupos de disciplinas que compete aos professores adjuntos ministrar:

«Grupo A: Ciências da Natureza; Operações Culturais; Horticultura e Jardinagem;

Grupo B: Matemática, Desenho, Agrimensura e Escrita Agrícola».

Que o estatuto do professor adjunto, excluídas as diferenças quanto aos grupos de disciplinas e vencimentos, é idêntica ao do professor efectivo decorre da leitura do n.º 2 do art.º 51.º do citado diploma legal:

«Os professores efectivos e adjuntos exercem o magistério de qualquer dos grupos a que se refere o art.º anterior e a orientação dos correspondentes trabalhos práticos, segundo a distribuição fixada no mesmo artigo».

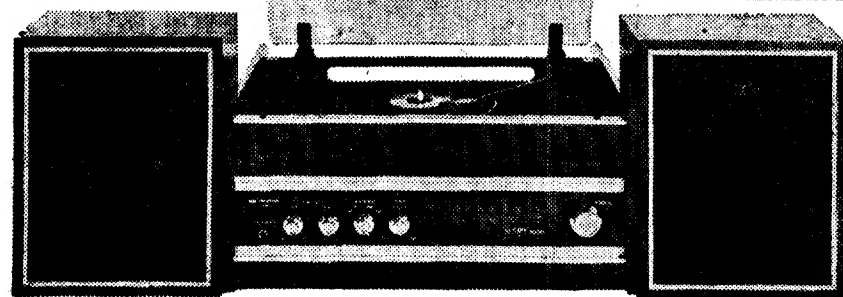
Sobre o grau de ensino ministrado nos estabelecimentos escolares a que se reporta o Decreto n.º 41362, diz o n.º 1 do art.º 1.º: «As escolas práticas de agricultura, como estabelecimentos de ensino técnico profissional, têm por fim facultar (...) habilitação geral e técnica, de grau secundário...»

Pelo exposto, parece claramente concluir-se não haver justificação para que os diplomados pelas Escolas de Regentes Agrícolas não sejam citados a par dos diplomados por outros ramos do actual ensino médio, quando se pretende obter determinados benefícios, como é objectivo da «Proposta para a Reforma do Estatuto do Pessoal Docente Eventual e Provisório do Ensino Secundário».

FUJI Stereo-Alta Fidelidade



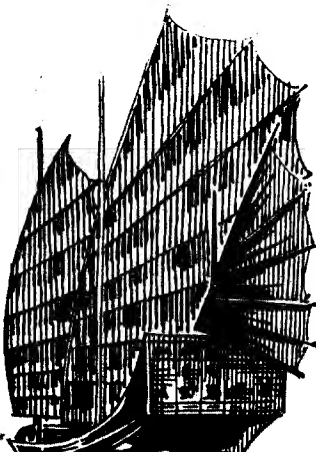
Modelo CBT



Modelo BT

• Luz avisadora para emissões em stereo • Gira-discos incorporado
• Potências de saída: 2x5W e 2x10W • Ondas Médias, FM e FM-Stereo
• Frequências de resposta: 60-16.000Hz e 20-35.000Hz • Colunas separadas

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS **SABEL** Rua D. Estefânia, 98 - LISBOA • Rua de Sta. Catarina, 1209 - PORTO



FASCINANTE ORIENTE

PARTIDA: 27 de Julho / 31 de Agosto

TUDO INCLUIDO
38.500,00
Tarifa económica IT

VISITANDO
**BANGKOK
MANILA
TÓQUIO
HAKONE
KYOTO
HONG-KONG
MACAU
SINGAPURA**

VIAGENS A CRÉDITO

Consulte o seu agente de viagens ou

SABENA

BEIJIAN WORLD AIRLINES

Quem enviar para:
Nome:
Morada:
O meu Agente de Viagem:
Recibo a enviar para:
SABENA, Av. de Liberdade 1209 - LISBOA

CURIA

ESTANCIA TERMAL E DE REPOUSO (aberto de 1 de Junho a 30 de Outubro).

INDICADA NO TRATAMENTO DA LITIASE RENAL, REUMATISMO GOTOSO, HIPERTENSÃO ARTERIAL E ARTRITISMO

ZONAS DE TURISMO PRIVILEGIADA

HOTÉIS E PENSÕES DE TODAS AS CATEGORIAS

PISCINAS — CAMPOS DE TÊNIS E OUTROS DIVERTIMENTOS

Informações: JUNTA DE TURISMO CURIA
Telefone 031 52248

CRONOGRÁFO

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

Esija a marca CAUNY
gravada na coroa e na
parte exterior da caixa



Incabloc Resistente
100% Impermeável



O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

«A mortalidade infantil é uma questão política»

Entrevista conduzida por HELENA NEVES

É deveras preocupante o problema da alimentação infantil. Porque a questão está longe de nos ser estranha, decidimos ouvir o dr. Abílio Mendes, médico que ao assunto dedica particular atenção, inclusive através de um programa didático na Televisão.

— Geralmente os termos subalimentação, subnutrição e mal-nutrição andam confundidos. Poderia esboçar-nos a distinção fundamental entre estes termos?

— Numa definição puramente lógica, podemos definir subalimentação como o estado dos indivíduos que comem menos que o normal, abaixo da média, subnutrição, que pode resultar de subalimentação ou de doenças da assimilação, quando o indivíduo não aproveita o que come.

Finalmente a mal-nutrição, tal como é definida pelo higienista Rosenan, é um termo amplo abrangendo qualquer desvio acentuado do estado de nutrição. Toda a fome de proteínas, vitaminas e minerais constitui mal-nutrição. Nesse sentido, sofrem de mal-nutrição tanto o indivíduo que come só nabos («Estrada do tabaco»), o que lhe provoca carencia de proteínas, como os indivíduos que se atocham de proteínas. Podemos depa- rar com uma pessoa gorda e mal-nutrida.

A mal-nutrição deriva, portanto, não somente de deficits económicos, fraco poder de aquisição, mas de deficits culturais, vícios tradicionais de alimentação. Quer dizer, não só a fome global como a hiperalimentação, não só a magreza como a obesidade cabem dentro deste termo.

— Então, dado o aspecto de erro educativo que pode provocar mal-nutrição, esta não se pode considerar específica dos países subdesenvolvidos ou das camadas pobres dos países desenvolvidos?

— Evidentemente que a mal-nutrição existe como problema mesmo nos países desenvolvidos. Se encararmos os tipos mais acentuados de mal-nutrição, sobretudo aqueles que ocupam frequentemente os títulos de caixa alta dos jornais, isto é, a chamada fome de proteínas, não creio que constituam problema tão alarmante como no chamado Terceiro Mundo. Todavia, a noção de países desenvolvidos, industrializados, é muito vaga. Sabemos que em países como a França, os E. U. A., etc., existem grandes desníveis económicos entre as várias camadas sociais. Assim, é de crer que em certas re-

giões ou em certos agregados populacionais o problema possa subsistir sob formas menos aparatosas. O Comité Internacional Child Health da Academia Americana de Pediatria foi bem claro num relatório publicado na Revista de Pediatria de Janeiro de 1969: «a mal-nutrição não está limitada aos países em desenvolvimento, grupos étnicos particulares ou a climas tropicais. Também se encontra nos E. U. A. se bem que com menor frequência e sob formas menos alarmantes».

— A criança será a principal vítima da mal-nutrição?

— Não duvido. O Comité Internacional Child Health calculava para 1969, em 216 milhões, o número de crianças vítimas de mal-nutrição grave.

Destes, alguns morrerão. Os sobreviventes, mesmo que atinjam condições de saúde perfeita, na sua maioria, ficam diminuídos nas suas capacidades mentais. Estudos feitos em crianças

desnutridas provaram que estas tinham, por via de regra, um quociente de inteligência inferior ao normal, mesmo depois de corrigidas as deficiências de nutrição. Tal como diz o Prof. Josué de Castro, o subdesenvolvimento é um ciclo infernal que se auto-perpetua. Penso que um dos caminhos — e note bem que digo um dos caminhos e não o caminho, é precisamente uma adequada protecção à infância.

— Como se revela a mal-nutrição em Portugal?

— Portugal parece-me ser um país onde coexistem problemas dos países desenvolvidos e problemas do Terceiro Mundo. Muito embora estejam descritos casos de carencia proteica gravíssima do tipo Kwashiorkor, não me parece que este tipo seja frequente entre nós. Todavia quem trabalha em dispensários facilmente reconhecerá a grande frequência das formas menos aparatosas mas que a longo prazo se revestem de gravidade idêntica. Sobretudo,

porque, sendo menos evidente, apenas são percebidas na sua verdadeira dimensão por um número relativamente restrito.

Por outro lado, temos que subdividir o problema em dois aspectos. Em primeiro, temos a mal-nutrição provocada pura e simplesmente por falta de capacidade económica de adquirir os alimentos adequados. Quanto a este aspecto devo salientar que o pediatra Nelson dá como necessidades médias, para a criança entre 1 ano e 9 anos de idade, cerca de 2,5 gramas de proteínas por quilo de peso corporal. Assim uma criança de 5 anos, que terá cerca de 18 quilos, necessitará de 45 gramas de proteínas por dia. Ora, segundo as tabelas de Rosenan, 100 gramas de carne de primeira fornecem cerca de 18,8 gramas de proteínas, os ovos frescos 12,8, o peixe 19 — note-se que é apenas a parte comestível e eu não sei as reduções sofridas pelo peso dos alimentos após as operações culinárias — ao invés, o pão e o arroz fornecem 7,5 a 8,5 e a batata 2. Não me parece muito difícil prever que a alimentação da generalidade das nossas crianças deve ser carente em proteínas.

— Seria interessante focar também o problema educativo da mal-nutrição.

— Pois é, em segundo lugar, temos esse tipo de mal-nutrição derivada da ignorância dos preceitos dietéticos. Esta ignorância afecta mesmo aqueles sectores de população com poder económico para adquirir bons produtos alimentares. Assim, há a tendência para ceder aos caprichos da criança permitindo-lhe dietas irracionais. Há a tendência para «enfardar», é o termo, a criança de farinhas e açúcares, criando bebés falsamente gordos, de aparência próspera, inchados devido à retenção de água produzida, pela alimentação à base de hidratos de carbono, e que «mirram» de modo assustador perante uma doença relativamente bem suportada por uma criança de alimentação correcta. É evidente que a camada de população economicamente débil é também aquela que, por falta de preparação, mais dificilmente entende ou adere aos conselhos do puericultor. De resto, há

uma resistência psicológica em muitas mães que as leva a não entender o que se lhes diz. Desesperam-se, revoltam-se quando lhes chamamos a atenção para os erros alimentares para com o filho, como se, em lugar de lhes estarmos a indicar o caminho certo, as censurássemos. Estes problemas da alimentação adquirem uma importância muito particular na infância porque é nessa idade que se estrutura e alicerçam os órgãos e as funções do ser humano. A criança está em permanente construção e são os alimentos ingeridos que lhe fornecem a matéria-prima. Não são necessários conhecimentos muito profundos para compreender que o produto final será de qualidade inferior caso a matéria-prima seja deficiente ou mal desecada...

— Os lactários e dispensários materno-infantis, não terão de prestar uma função importante de esclarecimento?

— Sim, temos de valorizar o papel desempenhado pelos lactários e pelos dispensários espalhados pelo país. Estes, porém, criam uma situação análoga, se bem que menos intensa à que origina o Kwashiorkor, na África. A criança africana, amamentada ao peito, recebe da mãe a ração proteica de que necessita. Com o aparecimento de novo filho porém, dá-se o desmame e a criança passa a comer menos proteínas, surgindo a situação de carencia. Forçando um pouco a comparação, quem trabalha nos organismos citados, não pode deixar de sentir que a criança aí reduzir substancialmente a quantidade de proteínas na sua alimentação, ao atingir a idade em que as normas de puericultura exigem alimentos variados. Correndo o risco de fazer espírito em coisas demasiado sérias, quase me atrevo a propor que em vez de infantários se criem bifários.

— Em que medida a deficiente cobertura sanitária, a escassez de profissionais de saúde qualificados, influenciam a taxa elevada de mortalidade infantil?

— Seria demasiado simples atribuir a mortalidade infantil às deficiências de cobertura sanitária. O problema da mortalidade infantil não é um problema médico, é um problema político. Envolve para o solucionar o concurso de vários departamentos de actividade de uma Nação. Mesmo dentro do campo da saúde, o papel do pediatra é relativamente restrito. O saneamento dos lugares de habitação, a higiene alimen-

tar e a higiene pura e simples, a prevenção de doenças infecciosas, a assistência às grávidas, a própria vigilância da saúde do adulto influem na mortalidade infantil. Por outro lado, no campo da puericultura, o papel da enfermeira puericultora, da visitadora sanitária, da educadora de infância é tanto ou mais importante que a do pediatra.

E que dizer das condições económicas?

E que dizer desses gavetões acanhados, onde as crianças se amontoam, e a que pomposamente se chamam apartamentos de renda limitada?

E que dizer das zonas industriais, intensamente poluídas, carentes de relvados e de árvores?

A mortalidade infantil resulta em missono de factores que requerem do esforço colectivo de uma Nação para ser combatidos.

— A acção do médico tornar-se-á então particularmente difícil, e até pouco eficaz, pois o contexto que o rodeia ultrapassa a sua acção, não é verdade?

— Efectivamente, no simples aspecto de tratamento, que me interessa fazer um diagnóstico correcto, prescrever uma terapêutica adequada se a criança não recebe a medicação porque os pais não podem comprar os remédios?

Como médico, interessa-me pouco saber se os medicamentos são mais caros em Portugal do que noutros países. Nós não fazemos malabarismos com estatísticas.

Limitamo-nos a verificar, por exemplo, nos serviços de emergência que, muitas vezes, somos obrigados a internar crianças que se poderiam tratar em casa, apenas para assegurarmos que a medicação é cumprida.

Noutros casos damos amostras para ensaio clínico que ficam assim transformadas em amostras para socorro social, muito embora isso prejudique as farmácias.

O médico ao exercer os seus actos meramente profissionais, como técnico verifica que eles não surtem efeito por razões que ultrapassam o simples acto clínico e então numa primeira fase, invade-o o espanto, o desespero, a impotência. E surge o problema: para quê ou como tratar uma criança, cujo destino é, muitas vezes, saltar de doença para doença, até uma situação irresolúvel? Como a criança tem mesmo de ser tratada, por imposições humanas e deontológicas, nós, médicos, somos obrigados a concluir que a nossa acção não pode ficar confinada ao acto de diagnosticar e preservar.



1969: 216 milhões de crianças vítimas de mal-nutrição grave



MESA REDONDA

«A mortalidade infantil é uma questão política»

Entrevista conduzida por HELENA NEVES

É deveras preocupante o problema da alimentação infantil. Porque a questão está longe de nos ser estranha, decidimos ouvir o dr. Abílio Mendes, médico que ao assunto dedica particular atenção, inclusive através de um programa didático na Televisão.

— Geralmente os termos subalimentação, subnutrição e mal-nutrição andam confundidos. Poderia esboçar-nos a distinção fundamental entre estes termos?

— Numa definição puramente lógica, podemos definir subalimentação como o estado dos indivíduos que comem menos que o normal, abaixo da média, subnutrição, que pode resultar de subalimentação ou de doenças da assimilação, quando o indivíduo não aproveita o que come.

Finalmente a mal-nutrição, tal como é definida pelo higienista Rosenan, é um termo amplo abrangendo qualquer desvio acentuado do estado de nutrição. Toda a fome de proteínas, vitaminas e minerais constitui mal-nutrição. Nesse sentido, sofrem de mal-nutrição tanto o indivíduo que come só nabos («Estrada do tabaco»), o que lhe provoca carência de proteínas, como os indivíduos que se atacam de proteínas. Podemos depa-
rar com uma pessoa gorda e mal-nutrida.

A mal-nutrição deriva, portanto, não somente de déficits económicos, fraco poder de aquisição, mas de déficits culturais, vícios tradicionais de alimentação. Quer dizer, não só a fome global como a hiperalimentação, não só a magreza como a obesidade cabem dentro deste termo.

— Então, dado o aspecto de erro educativo que pode provocar mal-nutrição, esta não se pode considerar específica dos países subdesenvolvidos ou das camadas pobres dos países desenvolvidos?

— Evidentemente que a mal-nutrição existe como problema mesmo nos países desenvolvidos. Se encararmos os tipos mais acentuados de mal-nutrição, sobretudo aqueles que ocupam frequentemente os títulos de caixa alta dos jornais, isto é, a chamada fome de proteínas, não creio que constituam problema tão alarmante como no chamado Terceiro Mundo. Todavia, a noção de países desenvolvidos, industrializados, é muito vaga. Sabemos que em países como a França, os E. U. A., etc., existem grandes desníveis económicos entre as várias camadas sociais. Assim, é de crer que em certas re-

giões ou em certos agregados populacionais o problema possa subsistir sob formas menos aparatosas. O Comité Internacional Child Health da Academia Americana de Pediatria foi bem claro num relatório publicado na Revista de Pediatria de Janeiro de 1969: «a mal-nutrição não está limitada aos países em desenvolvimento, grupos étnicos particulares ou a climas tropicais. Também se encontra nos E. U. A. se bem que com menor frequência e sob formas menos alarmantes».

— A criança será a principal vítima da mal-nutrição?

— Não duvido. O Comité Internacional Child Health calculava para 1969, em 216 milhões, o número de crianças vítimas de mal-nutrição grave.

Destes, alguns morrerão. Os sobreviventes, mesmo que atinjam condições de saúde perfeita, na sua maioria, ficam diminuídos nas suas capacidades mentais. Estudos feitos em crianças

desnutridas provaram que estas tinham, por via de regra, um quociente de inteligência inferior ao normal, mesmo depois de corrigidas as deficiências de nutrição. Tal como diz o Prof. Josué de Castro, o subdesenvolvimento é um ciclo infernal que se auto-perpetua. Penso que um dos caminhos — e note bem que digo um dos caminhos e não o caminho, é precisamente uma adequada protecção à infância.

— Como se revela a mal-nutrição em Portugal?

— Portugal parece-me ser um país onde coexistem problemas dos países desenvolvidos e problemas do Terceiro Mundo. Muito embora estejam descritos casos de carência proteica gravíssima do tipo Kwashiorkor, não me parece que este tipo seja frequente entre nós. Todavia quem trabalha em dispensários facilmente reconhece a grande frequência das formas menos aparatosas mas que a longo prazo se revestem de gravidade idêntica. Sobretudo,



porque, sendo menos evidente, apenas são percebidas na sua verdadeira dimensão por um número relativamente restrito.

Por outro lado, temos que subdividir o problema em dois aspectos. Em primeiro, temos a mal-nutrição provocada pura e simplesmente por falta de capacidade económica de adquirir os alimentos adequados. Quanto a este aspecto devo salientar que o pediatra Nelson dá como necessidades médias, para a criança entre 1 ano e 9 anos de idade, cerca de 2,5 gramas de proteínas por quilo de peso corporal. Assim uma criança de 5 anos, que terá cerca de 18 quilos, necessitará de 45 gramas de proteínas por dia. Ora, segundo as tabelas de Rosenan, 100 gramas de carne de primeira fornecem cerca de 18,8 gramas de proteínas, os ovos frescos 12,8, o peixe 19 — note-se que é apenas a parte comestível e eu não sei as reduções sofridas pelo peso dos alimentos após as operações culinárias — ao invés, o pão e o arroz fornecem 7,5 e 8,5 e a batata 2. Não me parece muito difícil prever que a alimentação da generalidade das nossas crianças deve ser carente em proteínas.

— Seria interessante focar também o problema educativo da mal-nutrição.

— Pois é, em segundo lugar, temos esse tipo de mal-nutrição derivada da ignorância dos preceitos dietéticos. Esta ignorância afecta mesmo aqueles sectores de população com poder económico para adquirir bons produtos alimentares. Assim, há a tendência para ceder aos caprichos da criança permitindo-lhe dietas irracionais. Há a tendência para «enfadar», é o termo, a criança de farrinhas e agoradas, criando bebés falsamente gordos, de aparência próspera, inchados devido à retenção de água produzida, pela alimentação à base de hidratos de carbono, e que «mirram» de modo assustador perante uma doença relativamente bem suportada por uma criança de alimentação correcta. É evidente que a camada de população economicamente débil é também aquela que, por falta de preparação, mais dificilmente entende ou adere aos conselhos do puericultor. De resto, há

uma resistência psicológica em muitas mães que as leva a não entender o que se lhes diz. Desesperam-se, revoltam-se quando lhes chamamos a atenção para os erros alimentares para com o filho, como se, em lugar de lhes estarmos a indicar o caminho certo, as censurássemos. Estes problemas da alimentação adquirem uma importância muito particular na infância porque é nessa idade que se estrutura e alicerçam os órgãos e as funções do ser humano. A criança está em permanente construção e são os alimentos ingeridos que lhe fornecem a matéria-prima. Não são necessários conhecimentos muito profundos para compreender que o produto final será de qualidade inferior caso a matéria-prima seja deficiente ou mal dosada...

— Os lactários e dispensários materno-infantis, não terão de prestar uma função importante de esclarecimento?

— Sim, temos de valorizar o papel desempenhado pelos lactários e pelos dispensários espalhados pelo país. Estes, porém, criam uma situação análoga, se bem que menos intensa à que origina o Kwashiorkor, na África. A criança africana, amamentada ao peito, recebe da mãe a ração proteica de que necessita. Com o aparecimento de novo filho porém, dá-se o desmame e a criança passa a comer menos proteínas, surgindo a situação de carência. Forçando um pouco a comparação, quem trabalha nos organismos citados, não pode deixar de sentir que a criança aí reduz substancialmente a quantidade de proteínas na sua alimentação, ao atingir a idade em que as normas de puericultura exigem alimentos variados. Correndo o risco de fazer espírito em coisas demasiado sérias, quase me atrevo a propor que em vez de infantários se criem bifários.

— Em que medida a deficiente cobertura sanitária, a escassez de profissionais de saúde qualificados, influenciam a taxa elevada de mortalidade infantil?

— Seria demasiado simples atribuir a mortalidade infantil às deficiências de cobertura sanitária. O problema da mortalidade infantil não é um problema médico. É um problema político. Envolve para o solucionar o concurso de vários departamentos de actividade de uma Nação. Mesmo dentro do campo da saúde, o papel do pediatra é relativamente restrito. O saneamento dos lugares de habitação, a higiene alimen-

tar e a higiene pura e simples, a prevenção de doenças infecciosas, a assistência às grávidas, a própria vigilância da saúde do adulto influem na mortalidade infantil. Por outro lado, no campo da puericultura, o papel da enfermeira puericultora, da visitadora sanitária, da educadora de infância é tanto ou mais importante que a do pediatra.

E que dizer das condições económicas?

E que dizer desses gavetões acanhados, onde as crianças se amontoam, e a que pomposamente se chamam apartamentos de renda limitada?

E que dizer das zonas industriais, intensamente poluídas, carentes de relvados e de árvores?

A mortalidade infantil resulta em missão de fautores que requerem do esforço colectivo de uma Nação para ser combatidos.

— A acção do médico tornar-se-á então particularmente difícil, e até pouco eficaz, pois o contexto que o rodeia ultrapassa a sua acção, não é verdade?

— Efectivamente, no simples aspecto de tratamento, que me interessa fazer um diagnóstico correcto, prescrever uma terapêutica adequada se a criança não recebe a medicação porque os pais não podem comprar os remédios?

Como médico, interessame pouco saber se os medicamentos são mais caros em Portugal do que noutros países. Nós não fazemos malabarismos com estatísticas.

Limitamo-nos a verificar, por exemplo, nos serviços de emergência que, muitas vezes, somos obrigados a internar crianças que se podem tratar em casa, apenas para assegurarmos que a medicação é cumprida.

Noutros casos damos amostras para ensaio clínico que ficam assim transformadas em amostras para socorro social, muito embora isso prejudique as farmácias.

O médico ao exercer os seus actos meramente profissionais, como técnico verifica que eles não surtem efeito por razões que ultrapassam o simples acto clínico e então numa primeira fase, invade-o o espanto, o desespero, a impotência. E surge o problema: para quê ou como tratar uma criança, cujo destino é, muitas vezes, saltar de doença para doença, até uma situação irreversível? Como a criança tem mesmo de ser tratada, por imposições humanas e deontológicas, nós, médicos, somos obrigados a concluir que a nossa acção não pode ficar confinada ao acto de diagnosticar e prescrever.



1969: 216 milhões de crianças vítimas de mal-nutrição grave



MESA REDONDA